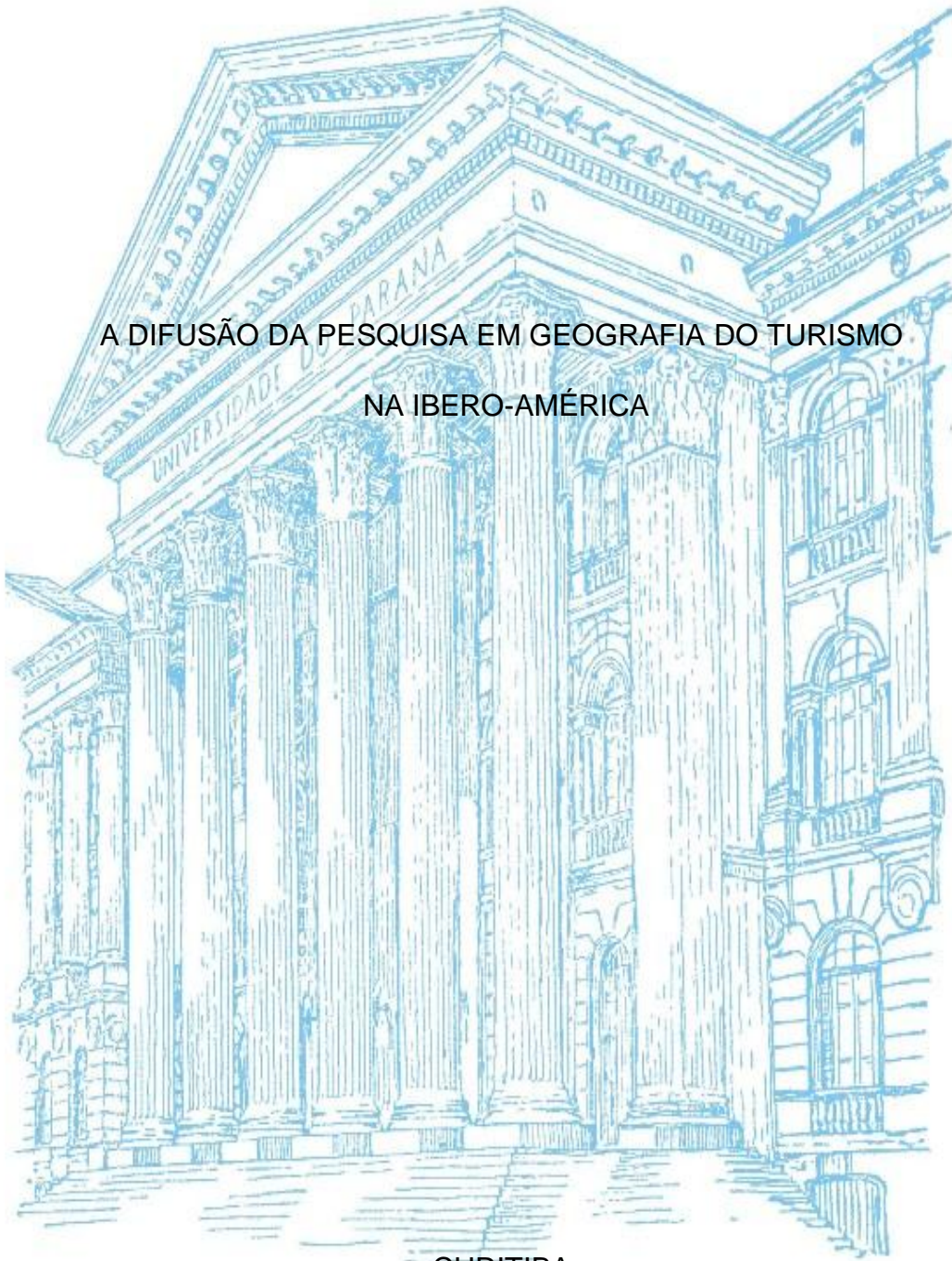


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VALÉRIA DE MEIRA ALBACH

A DIFUSÃO DA PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO
NA IBERO-AMÉRICA



CURITIBA

2015

VALÉRIA DE MEIRA ALBACH

A DIFUSÃO DA PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO
NA IBERO-AMÉRICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de Doutorado, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Geografia.

Linha de Pesquisa: Produção e Transformação do Espaço Urbano e Regional.

Orientador: Prof. Dr. José Manoel Gonçalves Gândara

CURITIBA

2015

A325d

Albach, Valéria de Meira

A difusão da pesquisa em Geografia do Turismo na Ibero-América/ Valéria de Meira Albach. – Curitiba, 2015.

342 f. : il. color. ; 30 cm.

Tese - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-graduação em Geografia, 2015.

Orientador: José Manoel Gonçalves Gândara .

Bibliografia: p. 260-284.

1. Geografia - Turismo. 2. Turismo - America Latina. 3. Comunicação científica. 4. Bibliometria. 5. Literatura científica. I. Universidade Federal do Paraná. II. Gândara, José Manoel Gonçalves. III. Título.

CDD: 910.4



PARECER

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geografia reuniram-se para a arguição da Tese de Doutorado, apresentada pelo (a) candidato (a) VALÉRIA DE MEIRA ALBACH intitulada "A DIFUSÃO DA PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO NA IBERO-AMÉRICA", para obtenção do grau de Doutora em Geografia, do Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná Área de Concentração Espaço, Sociedade e Ambiente, Linha de Pesquisa Produção e Transformação do Espaço Urbano e Regional.

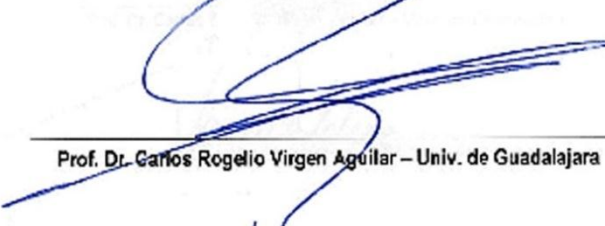
Após haver analisado o referido trabalho e arguido o (a) candidato (a), são de parecer pela APROVAÇÃO da Tese.

Curitiba, 15 de outubro de 2015.

Nome e Assinatura da Banca Examinadora:


Prof. Dr. José Manoel G. Gândara - orientador


Prof. Dr. Gemma Canoves Vallente - Univ. de Barcelona


Prof. Dr. Carlos Rogelio Virgen Aguilar - Univ. de Guadalajara


Prof. Dr. Vander Valduga - PPGTUR/UFPR


Prof. Dr. Miguel Bahl - PPGGEO/UFPR

Ao Zé!

AGRADECIMENTOS

Com gratidão e alegria, agradeço:

Especialmente ao professor doutor José Manoel Gonçalves Gândara, o Zé, pela oportunidade de ser sua orientanda desde 2008. Nos momentos de descobertas e nos de dificuldades, sempre houve o incentivo e a confiança no meu desenvolvimento como pesquisadora. Muito ainda está por vir e espero poder contar com seu aconselhamento sensato e de visão global. Minha profunda admiração e respeito por sua trajetória acadêmica internacional, pela alta difusão das suas abordagens e de seus orientandos que compõem arcabouço relevante aos estudos no Turismo e na Geografia

À coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR, Prof^a Dr^a Olga Firkowski, no período de desenvolvimento da tese, pela compreensão sobre os prazos necessários ao desenvolvimento da tese. Bem como à secretária do Programa: Adriana e Zen, muito obrigada.

Aos professores doutores dessa caminhada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR, em especial Miguel Bahl, Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira, Luis Lopes Diniz Filho, Gislene Santos e Vander Valduga.

Ao meu marido, amor, amigo, parceiro, sócio, designer, Fernando Cecchetti, por todo o apoio e compreensão no desenvolvimento da tese, por tudo o que deixamos de fazer “por causa do doutorado” e por tudo o que fizemos “por causa do doutorado”.

Aos meus sempre professores que se tornaram importantes em diversos aspectos pessoais, acadêmicos e profissionais: Zulmeia Pinheiro, Eliane Ferretti, Alexsandro Pereira, Simone Villanueva, Erika Lotz, Rubens Kassar e Clezio Amorim.

À Família Albach: mãe, pai, Dulce, Igor, Saulo, Tat, Pedro, Sérgio, João Pedro, pelo apoio, amor e compreensão pela ausência.

Aos familiares de Ponta Grossa, que me apoiaram na ida à UEPG, em especial: Inaí, Divaldo, tia Ruth, Antenor, tio Ney, Karin, Neymar, e Irajá.

À contribuição filosófica e do método de Priscilla Cella. À experiência acadêmica e carinho nos momentos de desespero de Claudia De Stefani, Graziela Horodisky e

Mirna Medeiros. À contribuição matemática de Nicole Kiuteuca. À psicologia de Leticia Pellegrin: “é só uma tese”. Aos amigos com que compartilhei a docência no Turismo, em especial: Raquel Pazini, Grazielle Ueno, Daniele Saucedo, Juliana Medaglia, Carlos Eduardo da Silveira, Renata Custódio, Douglas Brunetta, Dario Paixão, Nicolás Ramirez, André Berberi, Waldir Prochnow, Carolina Haro e Luz Maria Romero. Às palavras de incentivo e energia positiva de Cintia Zampieri, Mônia Santistevan, Ana Biselli, Mauricio Sirena, Sidney Erthal, Larissa Carneiro Bomm, Alexandra Campos de Araújo, Beatriz Santa Rita e Soraia Giordani.

Aos parceiros de aulas, orientações, discussões, apoio e espelho nos anos de PPGeografia UFPR: Eduardo Hack, Luciane Scheuer, Vinicius Bonelli, Simone Villanueva, Rúbia Tramontin, Leonardo Ravaglia, Graziela Horodisky, Diogo Lurdes, Franciele Manosso, Thays Domaresky Ruiz, Camila Bizinelli, Rubens e Marino Lacay.

À Luz Maria e Mariel Rubim, pelo carinho e traduções dos resumos.

À Cleo Fritoli, pela revisão a jato, muito obrigada.

Aos professores, alunos e secretaria do DETUR UEPG, pelo apoio e compreensão em conviver com uma colega e professora atarefada em meio ao estágio probatório, viagens entre Curitiba e Ponta Grossa, e atividades do doutorado.

À equipe de projetos de Turismo do Sebrae-PR, pela compreensão da ausência em atividades de consultoria: gestores Aldo Carvalho, Nádia Joboji, Patrícia Albanez e queridos colegas consultores.

A todos os meus ex-alunos que, em doze anos de docência, permitiram que eu estivesse onde mais gosto: na sala de aula, aprendendo diariamente.

1603 Roma

As Quatro Partes do Mundo

Publica-se em Roma uma edição ilustrada e ampliada da Iconologia de Cesar Ripa.

O dicionário de imagens simbólicas mostra o mundo tal como é visto na margem do Mediterrâneo.

Em cima da Europa, a rainha, com seus emblemas de poder. A sustentam cavalos e lanças. Com uma das mãos sustenta a coluna do templo; na outra, ostenta o cetro. Leva uma coroa na cabeça e outras coroas jazem aos seus pés, entre mitras e livros e pincéis, cítaras e harpas. Junto ao corno da abundância, repousam o compasso e a águia.

Embaixo, à direita, a Ásia. Oferece café, pimenta, incenso. É adornada por grinalda de flores e frutas. Um camelo, deitado, espera.

Ao lado, a África é uma morena mourisca, com uma cabeça de elefante no alto. Mostra no peito um colar de coral. Está rodeada pelo leão, a serpente, o escorpião e as espigas.

Abaixo de todos, América, a mulher de rosto espantoso de olhar. Usa plumas sobre a pele cor de oliva, nua. Aos pés, tem uma cabeça humana recém-cortada. Está armada de arco e flecha.

Mercedes López Baralt, 1979 em Eduardo Galeano, 1985

Os nascimentos

(Los nacimientos – Memoria del Fuego)

RESUMO

A Geografia do Turismo é uma subdisciplina em desenvolvimento, conjuga pesquisadores de diversas áreas, e vem apresentando contribuições importantes ao estudo do fenômeno turístico levando em consideração suas dimensões espaciais. Compreender as características do que é pesquisado e difundido sobre a temática permite avanços. O acesso *online free* e a crescente difusão da informação científica mudou a forma de fazer pesquisa. Esta investigação não visou compreender a Geografia do Turismo como um todo, mas sim aquela difundida por meio de artigos científicos disponíveis em determinadas bases de dados. O objetivo geral desta tese foi reconhecer a difusão da pesquisa em Geografia do Turismo na Ibero-América traçando seu panorama. Como paradigma metodológico tem-se as análises da Geografia contemporânea, do Turismo e do campo da Ciência da Informação com viés estruturalista. Caracteriza-se como uma investigação exploratória, intra e interdisciplinar, que torna o problema de pesquisa mais explícito. Utiliza-se de técnicas como a bibliometria, a revisão bibliográfica sistemática e a revisão integrativa de literatura com abordagem quantitativa e qualitativa. Neste contexto, com estudo bibliométrico, foi possível chegar a 177 artigos científicos produzidos entre 1990 e início de 2014, para verificação de sua relevância acadêmica, produtividade e aspectos estruturais. Sobre as palavras-chave mais utilizadas foram classificados seis aspectos da Geografia do Turismo: os geográficos, os de pesquisa e ensino, os socioambientais, os socioculturais, os socioeconômicos e os de planejamento e gestão. Essa classificação forneceu a estrutura para uma revisão bibliográfica sistemática que apresentou as principais discussões dos autores da amostra sobre os aspectos classificados. A revisão integrativa serviu para encontrar evidências entre a bibliografia e a empiria, neste caso foram analisadas as características dos países ibero-americanos sobre a pesquisa em Geografia do Turismo. Entende-se que a bibliometria, a revisão sistemática e a integrativa, quando utilizadas em conjunto, oferecem evidências suficientes para compreensão das informações sobre a difusão da pesquisa em Geografia do Turismo na Ibero-América. A difusão da pesquisa em Geografia do Turismo é baixa dentro da região e internacionalmente, mas existe corpo teórico e de pesquisadores para ampliação. Os países que se destacaram foram: o Brasil, principalmente com relação às categorias de análise geográfica e o fenômeno turístico; a Espanha, com destaque para aspectos de planejamento e gestão para o turismo nos territórios, além de aspectos socioculturais; e o México, principalmente em estudos socioeconômicos e socioambientais. A pesquisa sobre Geografia do Turismo na Ibero-América iniciou-se tardiamente e, apesar dos avanços, desenvolve poucos temas que refletem os processos de globalização e o turismo, como, por exemplo, a mobilidade e o impacto de novas tecnologias.

Palavras-chave: Geografia do Turismo. Difusão da pesquisa. Bibliometria. Revisão Bibliográfica Sistemática. Revisão Integrativa de Literatura. Ibero-América.

RESUMEN

La Geografía del Turismo es una subdisciplina en desarrollo, compuesta por investigadores de diversas áreas, y está presentando contribuciones importantes al estudio del fenómeno turístico llevando en consideración sus dimensiones espaciales. Comprender las características de lo que es investigado y difundido sobre la temática permite que sean realizados avances. El acceso *online free* y la creciente difusión de la información científica mudó la forma de realizar investigación. Esta investigación no buscó comprender la Geografía del Turismo como un todo, y sí aquella difundida por medio de artículos científicos disponibles en determinadas bases de datos. El objetivo general de esta tesis fue analizar la difusión de la investigación en Geografía del Turismo en Ibero-América trazando su panorama. Como paradigma metodológico se cuenta con el análisis de la geografía contemporánea, Turismo y campo de la Ciencia Información con sesgo estructuralista. Se caracteriza como una investigación exploratoria, intra e interdisciplinar, que deja el problema de pesquisa más explícito. Se utilizan técnicas como la bibliometría, la revisión bibliográfica sistemática y la revisión integrativa de literatura con abordaje cuantitativo y cualitativo. En este contexto, con estudio bibliométrico, fue posible alcanzar 177 artículos científicos, entre 1990 e inicio de 2014, para verificación de su relevancia académica, productividad y aspectos estructurales. Sobre las palabras-clave más utilizadas fueron clasificados seis aspectos de la Geografía del Turismo: los geográficos, los de investigación y enseñanza, los socioambientales, los socioculturales, los socioeconómicos y los de planificación y gestión. Esa clasificación proporcionó la estructura para una revisión bibliográfica sistemática que presentó las principales discusiones de los autores de la muestra sobre los aspectos clasificados. La revisión integrativa sirvió para encontrar evidencias entre la bibliografía y la empiría, en este caso fueron analizadas las características de los países ibero-americanos sobre la investigación en Geografía del Turismo. Comprende la bibliometría, la revisión sistemática e integrativa cuando utilizadas en conjunto, ofrecen evidencias suficientes para comprensión de la información sobre la difusión de la investigación en Geografía del Turismo en Ibero-América. La difusión de la investigación en Geografía del Turismo es baja dentro de la región e internacionalmente, sin embargo existe cuerpo teórico y de investigadores para ampliación. Los países que se destacaron fueron: Brasil, principalmente en relación a las categorías de análisis geográfica y el fenómeno turístico; España con destaque para aspectos de planificación y gestión para el turismo en los territorios, además de aspectos socioculturales; y México principalmente en estudios socioeconómicos y socioambientales. La investigación sobre Geografía del Turismo en Ibero-América se inició tardíamente y, a pesar de los avances, desarrolla pocos temas que reflejan los procesos de globalización y el turismo, como por ejemplo, la movilidad y el impacto de nuevas tecnologías.

Palabras-clave: Geografía del Turismo; Difusión de la Investigación; Bibliometría; Revisión Bibliográfica Sistemática; Revisión Integrativa de Literatura; Ibero-América.

ABSTRACT

The Geography of Tourism is a sub-discipline, currently under development, consisting of researchers from several fields, and it has shown important contributions to the study of the tourism phenomenon regarding its spatial dimensions. Understanding the characteristics of what is researched and disseminated on the subject allows further progress to be made. Free online access and the increasing dissemination of scientific information has changed the ways of doing research. This investigation did not aim to understand the Geography of Tourism as a whole, but that disseminated throughout scientific articles available in certain databases. The overall goal of this thesis was to analyze the diffusion of research in Geography of Tourism in Ibero-America, tracing its panorama. As methodological paradigm, there are the analysis of contemporary Geography, Tourism and field of Information Science with structuralist bias. It is characterized as an exploratory, intra- and interdisciplinary, investigation, which makes the research problem more explicit. It uses techniques such as bibliometrics, systematic literature review and integrative literature review with quantitative and qualitative approach. In this context, along with bibliometrics study, it was possible to reach 177 scientific papers between 1990 and early 2014, in order to verify its academic relevance, productivity and structural aspects. On the most used keywords there were six classified aspects of Geography of Tourism: geographical, research and education, environmental, socio-cultural, socio-economic and planning and management. This classification provided the framework for a systematic literature review that pointed to the main discussions of the authors of the sample on the classified issues. The integrative review helped to find evidence between bibliographical and empirical, in this case were analyzed the characteristics of Ibero-American countries about the research on Geography of Tourism. It is understood that Bibliometrics, the systematic and integrative review, when used together, provide enough evidence for understanding the information on dissemination of research on Geography of Tourism in Ibero-America. The dissemination of research of Geography of Tourism is low within the region and internationally, but there is theoretical body and researchers for expansion. The countries that stood out were: Brazil, especially regarding the categories of geographic analysis and tourism phenomenon; Spain, highlighting aspects of planning and management for tourism in the territories, as well as socio-cultural aspects; and Mexico, mainly in socio-economic and environmental studies. Research on Geography of Tourism in Ibero-America got off to a belated start and, despite advances, develops few themes reflecting the processes of globalization and tourism, such as, mobility and the impact of new technologies.

Keywords: Geography of Tourism; Dissemination of research; Bibliometrics; Systematic literature review; Integrative literature review; Ibero-America.

LISTA DE FIGURAS E MAPAS

FIGURA 1 - FLUXOGRAMA METODOLÓGICO DA TESE	52
FIGURA 2 – ESQUEMA - NÚMEROS RESULTANTES DA PESQUISA BIBLIOMÉTRICA...	93
FIGURA 3 - SISTEMA TURÍSTICO EM GEOGRAFIA DO TURISMO VERA <i>et al.</i>	126
FIGURA 4 - NUVEM DE TERMOS GEO	128
FIGURA 5 - TEORIA DOS LUGARES CENTRAIS, de CHRISTALLER	133
FIGURA 6 - MODELO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DE MIOSSEC	134
FIGURA 7 - - MODELO CICLO DE VIDA DE UMA ÁREA TURÍSTICA – BUTLER, 1980....	136
FIGURA 8 - RELAÇÕES ENTRE OS ELEMENTOS DO ESPAÇO TURÍSTICO.....	138
FIGURA 9 – EXTENSÃO DA MOBILIDADE NO TEMPO E NO ESPAÇO.....	139
FIGURA 10 - TRAJETÓRIAS DA MOBILIDADE E DO TURISMO: DESAFIOS PARA A SUTENTABILIDADE.....	140
FIGURA 11 - NUVEM DE TERMOS PES.....	148
FIGURA 12 - ESQUEMA DE COMPREENSÃO DO TURISMO RURAL.....	162
FIGURA 13 - NUVEM DE TERMOS AMB	166
FIGURA 14 - NUVEM DE TERMOS SCT.....	179
FIGURA 15 - NUVEM DE TERMOS ECN.....	191
FIGURA 16 - DIMENSÕES E ELEMENTOS DOS DESTINOS TURÍSTICOS.....	198
FIGURA 17 – VISÃO CONCEITUAL INTEGRADORA DE DESTINO TURÍSTICO, DE PEARCE	199
FIGURA 18 - NUVEM DE TERMOS PLG.....	207
MAPA 1- REPRESENTAÇÃO DOS PAÍSES DA COMUNIDADE IBERO-AMERICANA DE NAÇÕES (2014).....	48
MAPA 2 - PAÍSES DAS INSTITUIÇÕES DOS AUTORES COM MAIOR INCIDÊNCIA	72

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DA AMOSTRA POR ANO	54
GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO DE INSTITUIÇÕES IBERO-AMERICANAS POR PAÍSES	65
GRÁFICO 3 – ASPECTOS PESQUISADOS NO BRASIL	211
GRÁFICO 4 – DISTRIBUIÇÃO DOS ASPECTOS PESQUISADOS NO BRASIL POR ANOS	212
GRÁFICO 5 - REVISTAS BRASILEIRAS COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS	213
GRÁFICO 6 - ASPECTOS METODOLÓGICOS – BRASIL.....	221
GRÁFICO 7 – ASPECTOS PESQUISADOS NA ESPANHA.....	223
GRÁFICO 8 - DISTRIBUIÇÃO DOS ASPECTOS PESQUISADOS NA ESPANHA POR ANOS	224
GRÁFICO 9 - REVISTAS ESPANHOLAS COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS	225
GRÁFICO 10 – ASPECTOS METODOLÓGICOS - ESPANHA	230
GRÁFICO 11 – ASPECTOS PESQUISADOS NO MÉXICO	232
GRÁFICO 12 - DISTRIBUIÇÃO DOS ASPECTOS PESQUISADOS NO MÉXICO POR ANOS	232
GRÁFICO 13 - REVISTAS MEXICANA COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS	233
GRÁFICO 14 - ASPECTOS METODOLÓGICOS - MÉXICO	237
GRÁFICO 15 – ASPECTOS PESQUISADOS NOS DE MAIS PAÍSES.....	239
GRÁFICO 16 - DISTRIBUIÇÃO DOS ASPECTOS PESQUISADOS NOS DE MAIS PAÍSES POR ANOS.....	239
GRÁFICO 17 – REVISTA DE OUTROS PAÍSES COM COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS	241
GRÁFICO 18 - ASPECTOS METODOLÓGICOS – DE MAIS PAÍSES	246

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - ESTUDOS COM BIBLIOMETRIA E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA.....	34
QUADRO 2 - PRINCIPAIS RESULTADOS DOS ESTUDOS BIBLIOMÉTRICOS.....	35
QUADRO 3 - ITENS DA PESQUISA BIBLIOMÉTRICA.....	36
QUADRO 4 - ESTRUTURA DO ESTUDO DE CASO.....	37
QUADRO 5 - REVISÃO SISTEMÁTICA E INTEGRATIVA.....	39
QUADRO 6 - CARACTERÍSTICAS DAS REVISTAS DA AMOSTRA.....	60
QUADRO 7 - INSTITUIÇÕES QUE PESQUISARAM TERRITÓRIOS DE OUTRAS REGIÕES E PAÍSES.....	86
QUADRO 8 – ALGUNS APONTAMENTOS DA EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO.....	100
QUADRO 9 – TEMAS E AUTORES REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA GEO.....	107
QUADRO 10 - TEMAS E AUTORES DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA PES.....	130
QUADRO 11 - TEMAS E AUTORES DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA AMB.....	151
QUADRO 12 - DIMENSÕES DO ECODESENVOLVIMENTO, PARA SACHS.....	152
QUADRO 13 - TEMAS E AUTORES DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA SCT.....	168
QUADRO 14 - TEMAS E AUTORES DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA ECN.....	181
QUADRO 15 - 5 CAPITAIS EM BOISIER.....	190
QUADRO 16 - TEMAS E AUTORES DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA PLG.....	193

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – DEMANDA TURÍSTICA INTERNACIONAL IBERO-AMERICANA.....	50
TABELA 2 – DEMANDA TURÍSTICA INTERNACIONAL: SELEÇÃO DE PAÍSES MAIS EXPRESSIVOS NA TESE	50
TABELA 3 - INCIDÊNCIA DAS REVISTAS NA AMOSTRA PESQUISADA.....	60
TABELA 4 - INSTITUIÇÕES COM MAIOR INCIDÊNCIA NO PORTFÓLIO DE PESQUISA..	66
TABELA 5 - COOPERAÇÕES ENTRE INSTITUIÇÕES	69
TABELA 6 - UNIVERSIDADES QUE MAIS COOPERARAM NOS ARTIGOS DO PORTFÓLIO	70
TABELA 7 – AUTORES MAIS PRODUCENTES.....	74
TABELA 8 - NÚMERO DE AUTORES POR ARTIGO	76
TABELA 9 – ARTIGOS DO PORTFÓLIO MAIS CITADOS NO GOOGLE ACADÊMICO	78
TABELA 10 – ARTIGOS MAIS CITADOS DE “GEOGRAPHY AND TOURISM” NO GOOGLE ACADÊMICO	80
TABELA 11 - LOCALIZAÇÃO DAS PESQUISAS	83
TABELA 12 – ESCALA DOS ESTUDOS.....	84
TABELA 13 - ESCALAS NA ESCALA LOCAL	84
TABELA 14 - ESCALAS NA ESCALA REGIONAL.....	85
TABELA 15 - PALAVRAS-CHAVE COM MAIOR INCIDÊNCIA	89
TABELA 16 - QUANTIDADE DE PALAVRAS-CHAVE POR ARTIGO.....	91
TABELA 17 – PALAVRAS-CHAVE: BRASIL.....	210
TABELA 18- UNIVERSIDADES BRASILEIRAS COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS	214
TABELA 19 – AUTORES BRASILEIROS COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS	215
TABELA 20 – PALAVRAS-CHAVE ESPANHA	223
TABELA 21 – UNIVERSIDADES ESPANHOLAS COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS	226
TABELA 22 – AUTORES ESPANHÓIS COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS	227
TABELA 23 - PALAVRAS-CHAVE MÉXICO	231
TABELA 24 – UNIVERSIDADES MEXICANAS COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS	234
TABELA 25 – AUTORES MEXICANOS COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS	235
TABELA 26 – PALAVRAS-CHAVE DEMAIS PAÍSES.....	238
TABELA 27 – UNIVERSIDADES DOS DEMAIS PAÍSES E ASPECTOS PESQUISA.....	242
TABELA 28 – AUTORES DOS DEMAIS PAÍSES COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS	243

LISTA DE SIGLAS

AGE	Associação de Geógrafos Espanhóis
ANPTUR	Associação Nacional de Pesquisadores em Turismo
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDTE	Centro de Documentação Turística da Espanha
CEPAL	Comissão Econômica para América Latina e Caribe
CIET	Centro de Investigações e Estudos Turísticos
CIMe	Conselho Insular de Menorca
CIRET	International Center for Research and Study Tourism
CLACSO	Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CUFSA	Centro Universitário Fundação Santo André
Divisão de Ambiente	Divisão de Ambiente do Município de Carrizal
EMBRATUR	Instituto Brasileiro de Turismo
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FI	Fator de Impacto
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFC	Instituto de Filosofia de Cuba
Ipiranga	Faculdades Integradas Ipiranga – Pará
IPN	Instituto Politécnico Nacional Cinvestav - Mérida
ISULPAR	Instituto Superior do Litoral do Paraná
LUZ	Universidade de Zulia
OMT	Organização Mundial do Turismo
PUC-MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
SBecotur	Sociedade Brasileira de Ecoturismo
SJR	<i>SCImago Ranking Journal</i>
UA	Universidade de Alicante
UAB	Universidade Autônoma de Barcelona
UACH	Universidade Austral do Chile
UAEH	Universidade Autônoma do Estado de Hidalgo
UAEM	Universidade Autônoma do Estado do México
UAGro	Universidade Autônoma de Guerrero
UAL	Universidade de Almeria
UAM	Universidade Autônoma de Madrid
UAM Iztapalapa	Universidade Autônoma Metropolitana - Unidade Iztapalapa
UASLP	Universidade Autônoma de San Luis Potosí
UB	Universidade de Barcelona
UBA	Universidade de Buenos Aires
UC (Espanha)	Universidade de Cantabria
UC (Portugal)	Universidade de Coimbra
UC-Ch	Pontifícia Universidade Católica do Chile
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco
UCLM	Universidade de Castilla-La Mancha
UCLV	Universidade Central de Las Villas
UCM	Universidade Complutense de Madri

UCN	Universidade Católica del Norte
UCR	Universidade de Costa Rica
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UCV	Universidade Central de Venezuela
UDC (Brasil)	Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
UDC (Espanha)	Universidade da Coruña
UdeC	Universidade de Concepción
UDG	Universidade de Guadalajara
UdL	Universidade de Lleida
UÉ	Universidade de Évora
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UEMS	Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UESC (Santa Cruz)	Universidade Estadual de Santa Cruz
UESC (SC)	Universidade Estadual de Santa Catarina
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSE	Universidade Federal de Sergipe
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UGI	União Internacional de Geógrafos
UGI	União Geográfica Internacional
UGR	Universidade de Granada
UH	Universidade de Havana
UHU	Universidade de Huelva
UIB	Universidade das Ilhas Baleares
UJF	Universidade Joseph Fourier
UJI	Universidade Jaume I
ULA	Universidade de Los Andes
ULL	Universidade de La Laguna

ULPGC	Universidade de Las Palmas de Gran Canaria
UM	Universidade de Murcia
UMA	Universidade de Málaga
UN	Universidade Nacional da Colômbia
UNAM	Universidade Nacional Autônoma do México
UNCo	Universidade Nacional de Comahue
UNED Espanha	Universidade Nacional de Educação a Distância
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura
UNESP PP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
UNICA	Universidade Católica Cecília Acosta
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICENTRO	Universidade do Centro-Oeste do Paraná
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá
UNINTER	Centro Universitário Uninter
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa
UNISANTOS	Universidade Católica de Santos
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul
UNIVALI	Universidade do Vale do Itajaí
UNIZAR	Universidade de Zaragoza
UNRN	Universidade Nacional de Rio Negro
UNS	Universidade Nacional del Sur
UPR-Rio Piedras	Universidade de Porto Rico - Rio Piedras
UPV	Universidade do País Basco
UQROO	Universidade de Quintana Roo
US	Universidade de Sevilla
USAL	Universidade de Salamanca
USAL	Universidade de Salvador
USC	Universidade de Santiago de Compostela
USP	Universidade de São Paulo
UV	Universidade de Valência
UVA	Universidade de Valladolid
Uvigo	Universidade de Vigo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 METODOLOGIA DA PESQUISA: DA CONSTRUÇÃO DA ABORDAGEM AO RECORTE ESPACIAL	27
2.1 ABORDAGEM QUANTITATIVA E A BIBLIOMETRIA	30
2.2 APOIO METODOLÓGICO PARA A PESQUISA BIBLIOMÉTRICA.....	31
2.3 ABORDAGEM QUALITATIVA.....	37
2.3.1 Revisão Bibliográfica Sistemática e Revisão Integrativa	38
2.4 BUSCA DE INFORMAÇÕES.....	41
2.5 RELEVÂNCIA ACADÊMICA.....	43
2.6 RECORTE DE PESQUISA: A IBERO-AMÉRICA.....	46
2.7 FLUXOGRAMA METODOLÓGICO DA TESE	51
3 ESTUDO BIBLIOMÉTRICO: DIFUSÃO DA PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO NA IBERO-AMÉRICA	53
3.1 RESULTADOS E ANÁLISES BIBLIOMÉTRICAS DA PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO NA IBERO-AMÉRICA	53
3.1.1 Evolução temporal.....	54
3.1.2 Revistas (Periódicos científicos)	55
3.1.3 Instituições	64
3.1.3.1 Cooperações entre instituições e autores.....	69
3.1.3.2 Países das instituições dos autores	71
3.1.4 Autores	73
3.1.4.1 Citações Google Acadêmico	77
3.1.5 Escala geográfica de análise.....	82
3.1.5.1 Escalas de análise e cooperações	86
3.1.6 Aspectos metodológicos	87
3.1.7 Palavras-chave	89
3.1.8 Números da revisão bibliométrica.....	93
4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA: ABORDAGENS DAS PESQUISAS EM GEOGRAFIA DO TURISMO NA IBERO-AMÉRICA	95
4.1 PONTO DE PARTIDA: A GEOGRAFIA E O TURISMO	97
4.2. ASPECTOS GEOGRÁFICOS DO TURISMO (GEO) - GEOGRAFIA DO TURISMO E CATEGORIAS DE ANÁLISE	106
4.2.1 Nuvem de termos GEO.....	127

4.2.2 Síntese sobre aspectos geográficos do Turismo.....	129
4.3 ASPECTOS DE PESQUISA E ENSINO EM GEOGRAFIA DO TURISMO (PES)	130
4.3.1 Nuvem de termos PES.....	147
4.3.2 Síntese sobre aspectos de pesquisa e ensino em Geografia do Turismo	149
4.4 ASPECTOS SOCIOAMBIENTAIS DA GEOGRAFIA DO TURISMO (AMB)	149
4.4.1 Nuvem de termos AMB	165
4.4.2. Síntese sobre aspectos socioambientais da Geografia do Turismo	167
4.5 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DA GEOGRAFIA DO TURISMO (SCT)	167
4.5.1 Nuvem de termos SCT.....	178
4.5.2 Síntese sobre os aspectos socioculturais da Geografia do Turismo	180
4.6 ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DA GEOGRAFIA DO TURISMO (ECN).....	181
4.6.1 Nuvem de termos ECN	190
4.6.2 Síntese sobre os aspectos socioeconômicos do Turismo	192
4.7 ASPECTOS DE PLANEJAMENTO E GESTÃO EM GEOGRAFIA DO TURISMO (PLG)	192
4.7.3 Nuvem de termos PLG.....	206
4.6.4 Síntese sobre os aspectos de planejamento e gestão em Geografia do Turismo	208
5.REVISÃO INTEGRATIVA: DIFUSÃO DA PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO NOS PAÍSES DA IBERO-AMÉRICA.....	209
5.1 A PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO NO BRASIL	209
5.2 A PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO NA ESPANHA.....	222
5.3 A PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO NO MÉXICO.....	231
5.4 A PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO NOS DEMAIS PAÍSES DA IBERO- AMÉRICA.....	238
6 CONCLUSÃO	248
REFERÊNCIAS.....	257
APÊNDICES.....	282
APÊNDICE 1 – INCIDÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES NO PORTFÓLIO DE PESQUISA	283
APÊNDICE 2 – INCIDÊNCIA DOS AUTORES NO PORTFÓLIO DE PESQUISA	286
APÊNDICE 3 – INCIDÊNCIA DAS PALAVRAS-CHAVE EM ORDEM ALFABÉTICA	292
APÊNDICE 4 – INCIDÊNCIA DAS REVISTAS NO PORTFÓLIO DA PESQUISA	297
APÊNDICE 5 – LOCAIS EFETIVAMENTE PESQUISADOS.....	299
APÊNDICE 6 – PALAVRAS-CHAVE RELATIVAS A LOCAIS PESQUISADOS.....	303
APÊNDICE 7 - EVIDÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA GEOGRAFIA DO TURISMO NO BRASIL	305
APÊNDICE 8 – DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS ASPECTOS DE PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO POR ANOS	318

APÊNDICE 9- EVIDÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA GEOGRAFIA DO TURISMO NA ESPANHA.....	319
APÊNDICE 10 - EVIDÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA GEOGRAFIA DO TURISMO NO MÉXICO	330
APÊNDICE 11- EVIDÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA GEOGRAFIA TURISMO NOS DEMAIS PAÍSES DA IBERO-AMÉRICA	334

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa em Geografia do Turismo é um campo em desenvolvimento (HIERNAUX, 2007; HALL e PAGE; 2009, VERA REBOLLO *et al.*, 2011), apesar de origens que remetem ao final do século XIX; na Ibero-América¹ os estudos se difundem e ganham projeção a partir da década de 1990. Diversas publicações em revistas científicas e eventos acadêmicos evidenciam as discussões e ampliam as possibilidades de descobertas nesta temática.

A Geografia, no seu campo científico, apresenta abordagens cada vez mais diversificadas. Na opinião de diversos autores, como Milton Santos (1998), Roberto Lobato Corrêa (2003, 2005) e Paul Claval (2004), a Geografia, como ciência, vem estabelecendo suas categorias de análise, ou, até mesmo, desconstruindo-as. A interdisciplinaridade acompanha “o conhecimento geográfico desde sua origem como disciplina, expressando sua preocupação com a busca da compreensão da relação da sociedade com a natureza” (CAPES², 2013). Além da compreensão sociedade/natureza, há a concepção “do papel do espaço no funcionamento dos grupos humanos” (CLAVAL, 2004, p.11).

O Turismo, como área do conhecimento, vem crescendo como campo multi e interdisciplinar dentro das Ciências Sociais (BOSQUE MAUREL, 2000; CROCIA, 2002; AHAS *et al.* 2007; CORRA-MARFIL; CÀNOVES VALIENTE, 2013, dentre outros). Como fenômeno social, econômico, cultural e ambiental, o Turismo busca também estabelecer consensos teóricos com caráter científico, para ser fortalecido como campo do saber. Em nível mundial, esse campo vem apresentando expressividade em numerosas revistas científicas, programas de pós-graduação com produção de dissertações e teses, eventos científicos e centros de pesquisa (ALBACETE; FUENTES; SANTOS e REJOWSKI, 2013). E o desenvolvimento da pesquisa em Turismo possui suporte, também na

¹A Ibero-América é uma região geográfica que compreende os três países da Península Ibérica (Portugal, Espanha e Andorra) e os da América Latina hispanófono e lusófono.

² Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Ministério da Educação – Brasil.

Geografia (HIERNAUX, 2007; ALBACH, 2010; CORRAL-MARFIL; CÀNOVES VALIENTE, 2013).

A Geografia do Turismo vem aos poucos construindo um ambiente contributivo, relevante e crescente de pesquisa (BOSQUE MAUREL, 2000; CROCIA, 2002; AHAS *et al.*, 2007; HALL e PAGE, 2009; HALL, 2011 e outros). Para Cazes (1996), é no espaço que se pode entender a Geografia do Turismo, na distribuição da atividade turística no espaço, na produção dos “espaços turísticos” e na articulação espacial do sistema turístico com o sistema local.

Para Hall e Page (2009), a relação da Geografia com o Turismo se dá no espaço, no território e na paisagem, na utilização e produção deles. A atividade turística que se desenvolve na época pós-guerra, e com maior intensidade recentemente, chama a atenção dos geógrafos como objeto de estudo, pois há comercialização da alteridade cultural e territorial. E fatores como a terceirização econômica, a revolução digital e a melhoria dos meios de transporte vêm permitindo a internacionalização do turismo e aumentando suas interfaces na pesquisa (HALL e PAGE, 2009).

O início dos anos de 1990 é considerado por Milton Santos (1998) como o começo do período científico-técnico e informacional, em que se encontra o crescimento hegemônico e veloz das novas tecnologias da informação. O advento da internet mudou a forma como se produz, se difunde e se socializa conhecimento. Há o aumento de acesso a dados e informações atingindo de formas distintas as mais diferentes temáticas do saber. Neste contexto, a difusão do conhecimento em periódicos científicos *online* amplia seu alcance, e pode servir de base para pesquisas. Cabe ressaltar que, mesmo impactando de forma diferente as grandes áreas do conhecimento, buscar informações nas revistas científicas é prática cada vez mais comum.

A área que orienta as classificações e mensurações de impacto de publicações internacionalmente é a das Ciências Biológicas e de Saúde, cujas descobertas podem atingir níveis globais e causar mudanças nas políticas públicas e na vida cotidiana rapidamente. Já nas Ciências Humanas, na qual pode estar localizada a Geografia (CAPES), a divulgação de resultados de pesquisa por meio de livros é tão importante quanto em periódicos bem

indexados (MARQUES, 2013). Nas Ciências Sociais Aplicadas, em que se localiza o Turismo, encontram-se essencialmente os temas contemporâneos, sendo importante visualizar tendências que atinjam as práticas sociais. Assim, as publicações em periódicos podem ofertar orientações de desenvolvimento dos estudos e práticas da Geografia do Turismo.

Os artigos científicos são o ponto de partida para a construção desta tese, tendo como recorte o que é difundido dentro da região Ibero-América. A Ciência da Informação oferece alguns direcionamentos para a construção de análises com técnicas de bibliometria e na revisão sistemática de bibliografia (RBS).

Sobre tais considerações, pode-se observar que a expansão das estratégias da Ciência da Informação com bases online como repositórios institucionais, acadêmicos e alternativos com maior refinamento de técnicas de busca, bem como softwares diversos como os de gerenciamento de referências, favorecem o acesso à informação e a organização das mesmas, necessitando dos pesquisadores melhores técnicas para encontrar dados e informações e aproveitamento para construção do conhecimento.

A tradição da pesquisa em Geografia do Turismo, com destaque para a que incide e se processa nos países latino-americanos, tem viés crítico focado nos impactos negativos dessa atividade capitalista. A característica da pesquisa é de pouca aplicação prática. O fenômeno turístico é complexo, de alcance global e polos ambíguos, causando não só impactos negativos, mas também benefícios econômicos, ambientais, sociais, culturais e políticos. Britton (1991) já afirmava a necessidade dos geógrafos de compreender que o Turismo é uma importante fonte de acumulação capitalista. Em dissertação de Albach (2010), verificou-se a necessidade de um novo discurso do Turismo dentro da Geografia com críticas propositivas para a atividade.

A perspectiva de análise na presente tese é de uma pesquisadora brasileira com formação de graduação na área do Turismo e mestrado em Geografia, que parte da percepção de que a Geografia do Turismo não se aprofunda nem na Geografia, nem no Turismo. Quando discutida a pertinência do conceito de espaço turístico para a área, Telles e Valduga (2014 p. 5) expõem

que “...a preocupação em discutir a relação interdisciplinar entre Geografia e Turismo, dada a relativa consagração epistemológica da mesma, evidencia a importância de uma categoria de análise não menos consagrada em níveis didáticos e de pesquisa”. E complementam que a consagração do espaço turístico não pode ser reconhecida sem compreender a diferença de natureza ontológica e conceptiva entre a Geografia e o Turismo. Tal apontamento ajuda a esclarecer como a produção dessa área acaba por contribuir mais para os estudos do Turismo do que para a Geografia.

Os artigos científicos escolhidos para compor a discussão central da tese estão redigidos em português e espanhol, pois são as línguas nativas e predominantes na Ibero-América. A complementação de fontes se dá em materiais de língua inglesa, a principal na comunidade internacional acadêmica (HALL, 2013). Tal restrição idiomática não ignora a importância das produções em Geografia do Turismo difundidas em outras línguas, como em francês e em alemão, mas se reconhece o baixo impacto internacional dessas produções. As traduções são limitantes na compreensão das discussões, certas vezes apontam caminhos distintos dos pretendidos pelos autores. Neste estudo procurou-se, mesmo com a técnica de tradução livre em paráfrases e citações diretas, respeitar o sentido das ideias.

Assim, percebe-se que as produções em espanhol e em português não favorecem a relevância acadêmica, a presença em bases online de pesquisas internacionais é baixa. A difusão se dá em bases de países que compartilham as mesmas línguas.

O recorte espacial do projeto de pesquisa se deu com a Geografia do Turismo na América Latina, mas logo foi observado, com a busca por produções acadêmicas, não ser possível uma compreensão latino-americana sem influência dos países do continente europeu falantes da língua espanhola e portuguesa — Espanha e Portugal. Assim, a Ibero-América se entende na comunidade científica tendo suas bases online de difusão das pesquisas, e que apoiaram a construção desta tese.

O recorte temporal surge com o processo investigatório da produção acadêmica de contribuição à Geografia do Turismo. Com a técnica empregada,

tem-se a análise a partir da década de 1990, pois é quando se inicia a utilização da internet como mecanismo de busca de conhecimento.

Procura-se apresentar aos pesquisadores da área ampla revisão bibliográfica de apoio a futuras investigações. As informações organizadas sobre a produtividade acadêmica ligada às referências bibliográficas em periódicos, instituições, autores, temáticas, dentre outros aspectos da Geografia do Turismo na Ibero-América, favorece, como em Picazo Peral e Moreno Gil (2013), para: aplicações em pesquisas acadêmicas; avaliação pelas instituições da produção de seu pessoal; observação do posicionamento regional e até mesmo global dos aspectos elencados; argumento político como, por exemplo, solicitação de financiamento e apoio a projetos na área; melhor decisão para publicação de novas investigações; disseminação de resultados de pesquisa; e como guia para estudantes em busca de capacitação.

A pesquisa não se consolida sem o contexto, cuja compreensão é importante para a evolução da ciência, que ganha em consistência na medida da realização de estudos que lhe conferem volume e relevância. Assim, esta pesquisa veio elucidar a seguinte questão-problema: Como ocorre a difusão da pesquisa acadêmica em Geografia do Turismo na Ibero-América?

Como objetivo geral tem-se: reconhecer a difusão da pesquisa em Geografia do Turismo na Ibero-América traçando seu panorama. Especificamente, objetiva-se: organizar revisão bibliométrica que suporte análise da estrutura da pesquisa em Geografia do Turismo na Ibero-América; classificar a produção acadêmica sobre o tema de pesquisa; estabelecer Revisão Bibliográfica Sistemática sobre as abordagens da Geografia do Turismo na Ibero-América; e identificar por meio da Revisão Integrativa da literatura as características da pesquisa em Geografia do Turismo nos países ibero-americanos.

A difusão da pesquisa acadêmica em Geografia do Turismo na Ibero-América é baixa e conjuga pesquisadores de várias áreas que abordam temáticas múltiplas, que são mais valorizadas dentro dos estudos do Turismo do que na ciência geográfica. Os países ibero-americanos que mais difundem

pesquisas sobre Geografia do Turismo são o Brasil, a Espanha e o México, e a língua valorizada é o espanhol.

A partir desta introdução, no segundo capítulo apresentam-se as características metodológicas desta pesquisa que se apoia em análises da Geografia contemporânea, do Turismo e do campo da Ciência da Informação, com viés estruturalista. Ressalta os elementos da investigação exploratória intra e interdisciplinar, que vem tornar o problema de pesquisa mais explícito. No terceiro capítulo, o estudo bibliométrico de caráter quantitativo, que oferta base para compreensão da relevância acadêmica da Geografia do Turismo na Ibero-América e composição de classificação para revisão bibliográfica. No quarto capítulo, tem-se a revisão bibliográfica sistemática sobre o tema, com caráter explicativo e descritivo dos aspectos classificados e pesquisados na Geografia do Turismo — ou de contribuição a ela — na Ibero-América. No quinto capítulo, a revisão integrativa traz a relação entre a revisão bibliográfica sistemática e a bibliometria, com destaque para a relação de aspectos classificados e das evidências (resultados de pesquisas). E as considerações finais.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA: DA CONSTRUÇÃO DA ABORDAGEM AO RECORTE ESPACIAL

O proceder da ciência para chegar ao conhecimento é que a diferencia “não só do senso comum, mas também das demais modalidades de expressão da subjetividade humana, como a filosofia, a arte, a religião” (SEVERINO, 2007, p. 102). Os procedimentos devem ser lógicos, com as técnicas permitindo acesso “às relações causais constantes entre os fenômenos” (SEVERINO, 2007, p. 102).

Podem existir “várias leis referentes a vários setores de fenômenos”, e elas, por sua vez, podem ser unificadas em uma teoria. Severino (2007) ainda esclarece que várias teorias poderiam se resumir numa única teoria/lei que explicasse todo o funcionamento do universo: tal seria o sistema, que não foi estabelecido ainda, mas que é desejado pelos cientistas.

Entendendo, como Japiassu (1976), a disciplina como “ciência”, e a disciplinaridade como exploração do universo desta ciência, a Geografia do Turismo é ao mesmo tempo intradisciplinar e interdisciplinar, porventura transdisciplinar, vista sua complexidade.

Intradisciplinar, pois a Geografia do Turismo pode ser considerada uma subdisciplina da Geografia, seu desenvolvimento pode contribuir com a disciplina Geografia e por outro lado pode se distanciar da essência geográfica, criando seu universo dentro de outro contexto disciplinar, caracterizando-se como uma especialização.

Interdisciplinar porque o Turismo vem tomando forma de disciplina³ e é o objeto central da Geografia do Turismo. Assim, o Turismo é fundamentalmente tema de ligação entre as disciplinas Geografia e Turismo, e de outras tantas disciplinas afins que possuem relações de dependência, variando somente a perspectiva de análise para articulação e coerência de todo o conhecimento.

³ Observa-se que não há necessidade de se tornar disciplina para que se desenvolvam estudos na área, mas a herança de construção científica cartesiana acaba por exigir essa demanda para o reconhecimento no campo científico.

Compreende-se a interdisciplinaridade como em Leis (2005, p. 5), que afirma que ela não possui apenas única conceituação e:

Num sentido profundo, a interdisciplinaridade é sempre uma reação alternativa à abordagem disciplinar normalizada (seja no ensino ou na pesquisa) dos diversos objetos de estudo. Existem sempre, portanto, várias reações interdisciplinares possíveis para um mesmo desafio do conhecimento.

Para entendimento e visualização da produção acadêmica ibero-americana da Geografia do Turismo tem-se como apoio o método estruturalista⁴, pautado nas técnicas da bibliometria e das revisões de literatura de caráter sistemático e integrativo, bem como no recorte espacial e temporal dos dados coletados. A análise aqui proposta procura descrever as propriedades relacionais destes elementos dentro da pesquisa de Geografia do Turismo por meio da produção acadêmica difundida, principalmente, em periódicos científicos.

Caruso apresenta uma abordagem sobre o estruturalismo:

Hoje se entende por estrutura o modo em que as partes de um todo da classe que seja – uma substância mineral, um mecanismo, um corpo vivo, um discurso – se conectam entre si. Para descobri-la, é preciso fazer uma análise interna da totalidade, distinguindo os elementos e o sistema de suas relações. Assim aparece a estrutura como o esqueleto do objeto submetido a consideração, sua armadura, o que permite distinguir entre o essencial e o acessório, o conjunto de suas linhas de força e, às vezes, o mecanismo de seu funcionamento próprio⁵. (CARUSO, 1969, p. 11).

Barthès (1967, p. 58 e 59) esclarece que:

⁴O termo estruturalismo esteve presente originalmente no livro *Cours de linguistique générale* (Curso de linguística geral), de Ferdinand de Saussure (1916). Pode-se afirmar que ele é o “pai do estruturalismo.

⁵ Tradução livre. *Hoy se entiende por estructura el modo en que las partes de un todo de la clase que sea - una sustancia mineral, un mecanismo, un cuerpo vivo, un discurso - se conectan entre sí. Para descubrirla, es preciso hacer un análisis interno de la totalidad, distinguiendo los elementos y el sistema de sus relaciones. Entonces aparece la estructura como el esqueleto del objeto sometido a consideración, su armadura, lo que permite distinguir entre lo esencial y lo accesorio, el conjunto de sus líneas de fuerza y, a veces, el mecanismo de su funcionamiento propio* (CARUSO, 1969, p. 11).

O fim de toda atividade estruturalista, seja ela reflexiva ou poética, é de reconstruir um "objeto", de maneira a manifestar nesta reconstrução as regras funcionais (as "funções") deste objeto. A estrutura é então de fato um *simulacro* do objeto, mas um simulacro dirigido, interessado, uma vez que o objeto imitado faz parecer qualquer coisa que permanecia invisível ou, se se preferir, ininteligível no objeto natural.

O estruturalismo foi escolhido por mostrar-se um método mais adequado para análise do conjunto das relações advindas da coleta dos dados e informações, que demonstra a concordância e subordinação destes dentro da ciência geográfica e do fenômeno turístico. O que segue, em termos metodológicos, é a "operacionalização do método" na construção das abordagens da tese.

O viés estruturalista pode ainda possibilitar a descrição da produção acadêmica, dentro do recorte aqui proposto, viabilizando maior objetividade ao estudo dentro da Geografia do Turismo, e também de áreas correlatas que possam utilizar as mesmas bases de dados e de referências.

Desconsidera-se a falta de historicidade presente na abordagem estruturalista do início do século XX, compreendendo que na atualidade a hibridação de paradigmas metodológicos faz-se presente, por ter havido tempo de se criticar as aplicações dos mesmos e de se repensar novas formas de produção de conhecimento. "Esta é a razão de se falar, na contemporaneidade, de um pluralismo epistemológico, ou seja, há várias possibilidades de se entender a relação sujeito/objeto quando da experiência do conhecimento, configurando-se várias perspectivas epistemológicas" (SEVERINO, 2007, p. 112). Portanto, o contexto espacial-temporal da produção acadêmica em Geografia do Turismo é considerado na presente tese, até mesmo por essa relação ser fundamental na pesquisa em Geografia.

Conforme os pesquisadores foram entendendo quão complexo é o ser humano, viram que a metodologia de um método só era insuficiente para esse estudo, constatação que se evidencia na ciência geográfica e será discutida posteriormente.

2.1 ABORDAGEM QUANTITATIVA E A BIBLIOMETRIA

A origem do método científico se deu na configuração experimental-matemática, perspectiva de caráter positivista que oferece uma forma de compreensão, mas que não favorece a compreensão do mundo humano e sim de parâmetros e critérios do mundo físico (SEVERINO, 2007). Aqui, vale a abordagem quantitativa para se compreender a produção acadêmica posta sobre a Geografia do Turismo na Ibero-América e a abordagem qualitativa para concepção analítica.

A técnica de caráter quantitativo empregada é a bibliometria, uma ferramenta estatística utilizada na gestão da informação e do conhecimento, nos sistemas de informação. Tal técnica busca analisar quantitativamente a produção científica (ALVARENGA, 1998) considerando os elementos textuais, contextuais e paratextuais referentes à produção; características de produtividade dos autores; citações dos mesmos autores; e referências utilizadas. O amplo emprego da bibliometria se dá na Ciência da Informação na construção de banco de dados e também na composição de indicadores.

Moreno Gil e Picazo Peral (2012) afirmam que Pritchard (1969) foi o pioneiro na utilização e divulgação do termo bibliometria, definindo-o como o processo de quantificação da comunicação escrita por meio da aplicação de métodos estatísticos e matemáticos. Esta técnica vem obtendo expressiva aceitação nas pesquisas de diversas áreas, sendo mais comum nas Ciências da Saúde, como anteriormente mencionado. Moreno Gil e Picazo Peral (2012) destacam que no Turismo seu uso vem sendo generalizado na avaliação de revistas e produções científicas (artigos, dissertações, teses, livros, dentre outros).

A bibliometria é válida para o conhecimento quantitativo da produção científica, conforme destacaram Mugnaini, Januzzi e Quoniam (2004, p. 125): “os indicadores bibliométricos são úteis e importantes para se entender o ciclo de gestação, reprodução e disseminação da ciência e o aprimoramento da política científica e tecnológica”. É possível se obter métricas de produtividade e métricas de impacto ou uma combinação entre elas.

A ciência da informação apoia-se diretamente nos sistemas de informação, e a técnica da bibliometria é apoiada com softwares de cunho estatístico. Como não se pretendeu utilizar o aspecto somente quantitativo, optou-se por realizar o tratamento de dado a dado no editor de planilha *Microsoft Excel* para acompanhar cada informação gerada e não processada em software. Mas valeu-se de ferramenta de gestão de referências, no caso a escolhida foi a *Zotero*.

As críticas à bibliometria se dão por suas características limitantes, uma vez que busca analisar somente a quantidade, e não se preocupa com a qualidade da produção científica. Portanto, para percepção qualitativa, foram estabelecidas complementações como as revisões bibliográficas sistemática e integrativa.

2.2 APOIO METODOLÓGICO PARA A PESQUISA BIBLIOMÉTRICA

Como apoio metodológico às investigações que abraçam as áreas deste estudo apresentam-se referências considerando que no Turismo existem estudos bibliométricos relativos à produção acadêmica desde 1987, segundo Palmer, Sese e Montano (2005). Estes autores verificaram que Grazer e Sti em 1987 analisaram a produção acadêmica sobre Turismo de 1980 a 1985 com 922 artigos presentes em revistas anglo-saxônicas de Marketing; também Reid e Andereck em 1989 analisaram a produção em Turismo de 1978 a 1987 com 659 artigos das revistas *Annals of Tourism Research*, *Journal of Travel Research* e *Tourism Management*. Outros estudos em revistas publicadas em língua inglesa foram realizados ainda nos anos de 1990, mas nos anos 2000 estudos bibliométricos se ampliaram em periódicos com línguas distintas. Na área da Geografia não foram encontradas informações sobre a origem de estudos bibliométricos aplicados.

Valendo-se de técnicas de busca em bases de informações científicas foi possível organizar um quadro com oito estudos que aplicaram técnicas de bibliometria nas áreas de Geografia e de Turismo e que servem como suporte à tese, organizados no Quadro 1:

AUTORES / ANO	TEMA DE ESTUDO	CRITÉRIO DE PESQUISA	AMOSTRA	ESCALA TEMPORAL	BASES OU TÉCNICAS
DURÀ GUIMERÀ, OLIVERA GONZÁLEZ e VILLANUEVA MARGALEF (2007)	Produção da revista Documents d'Anàlisi Geogràfica	Apenas a produção da revista Documents d'Anàlisi Geogràfica	Volumes 1 a 49 404 artigos	1982 a 2007	- Revista Documents d'Anàlisi Geogràfica - Cálculos com lei de Lotka para relação entre autores e artigos
ALBACETE SAEZ E FUENTES FUENTES (2011)	Pesquisa em Turismo nas Universidades Espanholas	Revistas de turismo de língua inglesa mais relevantes segundo a literatura e foi verificado o Fator de Impacto	31 revistas 228 artigos em que um dos autores é de universidad e espanhola	1998 a primeiro semestre de 2009	- Bases de dados: ABI/INFORM Global, Business Source Premier, ISI Web of Knowledge e SCOPUS. - Para fator de impacto na SCOPUS - que foi a base mais relevante - utilizou-se o Trend Line (total de citações recebidas no ano dividido pelo total de artigos publicados) e na base ISI utilizou JCR – Journal Citation Reports Social Sciences (Fator de Impacto)
PARK <i>et al.</i> (2011)	Pesquisa em turismo e hospitalidade	Seis periódicos considerados mais influentes em literatura	2834 artigos	2000 a 2009	- Periódicos selecionados - Página de internet dos programas e departamentos de Turismo e Hospitalidade dos autores - Contagem fracionada
CASALS <i>et al.</i> (2012)	Produção da revista de Geografia Scripta Nova	Artigos de números correntes e extraordinários da revista	17 volumes 1720 artigos	1997 a 2012	- Contagem simples

continua

continuação

AUTORES / ANO	TEMA DE ESTUDO	CRITÉRIO DE PESQUISA	AMOSTRA	ESCALA TEMPORAL	BASES OU TÉCNICAS
MORENO GIL E PICALZO PERAL (2012) PICALZO PERAL e MORENO GIL (2012) PICALZO PERAL, MORENO GIL e LEÓN GONZÁLEZ (2012) PICALZO PERAL e MORENO GIL (2013) PICALZO PERAL, MORENO GIL e SANTANA (2015)	Pesquisa em Turismo na Espanha Pesquisa em Turismo na Argentina e Chile Pesquisa em Turismo no Brasil Pesquisa em Turismo na Ibero-América Pesquisa em Turismo em Portugal	Declarado subjetivo. Publicações mais relevantes dentro da literatura, da expertise dos autores e publicações disponíveis no recorte temporal escolhido.	31 revistas 2020 artigos de instituições ibero-americanas	2006 a 2011	- Sites das revistas - Bases SCOPUS, EBSCO, Elsevier e Dialnet. - Google Acadêmico e SCOPUS para impacto das citações. - Representatividade de instituições e autores, combinação entre: “ <i>The instance counting method</i> ”/ e “ <i>Fractional scoring method</i> ” - SJR (SCImago Journal Rank para observar rankings de pesquisas.
SANTOS, REJOWSKI (2013)	Pesquisa em Turismo nos periódicos brasileiros	Publicações presentes no site Publicações de Turismo	20 revistas 2126 artigos	1990 a 2012	- Site Publicações de Turismo (SANTOS, 2011) - Nível de integração entre os periódicos - Índice de correlação de Pearson
CEBRIÁN ABELLÁN (2013)	Revistas espanholas de Geografia e a pesquisa tendo a Ibero-América como área temática e territorial de interesse	Revistas espanholas de Geografia	51 revistas 1084 artigos	2000 a 2012	- Revisão sistemática da bibliografia - Revistas de Geografia presentes no <i>in-recs (Índice de impacto de las revistas españolas de Ciencias Sociales)</i> - Não se compromete em esclarecer técnicas.

continua

continuação

AUTORES / ANO	TEMA DE ESTUDO	CRITÉRIO DE PESQUISA	AMOSTRA	ESCALA TEMPORAL	BASES OU TÉCNICAS
CORRAL-MARFIL E SAN EUGENIO VELA (2013)	Pesquisa espanhola sobre Geografia do Turismo	Atas de 13 Colóquios de Turismo, Ócio e Recreação, da Associação de Geógrafos Espanhóis	553 contribuições	1990-2012	- Gestor de referências Refworks - SPSS - <i>instance counting method</i> para ranking de produtividade
CORRAL MARFIL (2013)	Pesquisa em Turismo	17 Atas	572 contribuições	1994-2012	-ISOC, ICYT, SCOPUS, CAB Direct (CABI) - JCR (fator de impacto)
CORRAL MARFIL E CÀNOVES VALIENTE, (2013)	Pesquisa em Turismo da Catalunha	Produção catalã sobre turismo nas bases de pesquisa	429 artigos	2006 a 2011	

QUADRO 1 - ESTUDOS COM BIBLIOMETRIA E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA
Fonte: Organização pela autora (2015).

Os principais resultados de cada estudo foram sistematizados nos tópicos presentes no Quadro 2:

Abordagens de	Principais resultados
DURÀ GUIMERA, OLIVERA GONZÁLEZ e VILLANUEVA MARGALEF (2007)	Evolução temporal dos artigos. Procedência dos autores. Número de autores por artigo. Indicador de produtividade. Instituições mais representativas. Temáticas mais representativas. Gênero da abordagem. Área das abordagens. Línguas mais representativas.
PARK <i>et al.</i> (2011)	Classificação geral da produtividade em hospitalidade e turismo. Categorização por temas (relacionando periódico, autores e instituições).
CASALS <i>et al.</i> (2012)	Procedências dos autores. Formação acadêmica dos autores. Processo de avaliação dos artigos. Palavras-chave mais utilizadas. Outras evidências qualitativas.

Continua

continuação

Abordagens de	Principais resultados
PICAZO PERAL e MORENO GIL (2013) MORENO GIL E PICAZO PERAL (2012) PICAZO PERAL e MORENO GIL (2012) PICAZO PERAL, MORENO GIL e LEÓN GONZÁLEZ (2012) PICAZO PERAL e MORENO GIL (2013) PICAZO PERAL, MORENO GIL e SANTANA (2015)	Ranking de instituições e autores. Âmbito geográfico das pesquisas. Número de coautores por trabalhos. Publicações onde estes autores difundem suas pesquisas. Trabalhos mais citados. Evolução temporal.
ALBACETE SAEZ E FUENTES FUENTES (2011)	Universidades mais produtivas. Investigadores que mais publicaram. Tópicos mais trabalhados pelos pesquisadores espanhóis. Áreas do conhecimento encontradas (39).
SANTOS, REJOWSKI (2013)	Evolução temporal dos artigos. Número de trabalhos publicados. Sistema de autoria - autores mais profícuos. Temáticas com base nas palavras-chave mais recorrentes. Dimensões (estatísticas descritivas) de artigos, títulos e resumos. Nível de integração entre os periódicos.
CEBRIÁN ABELLÁN (2013)	Ano de publicação. Autor/autores. Título. Âmbito regional e país de análise. Área temática: Ramo da Geografia.
CORRAL-MARFIL E SAN EUGENIO VELA (2013) e CORRAL MARFIL (2013) CORRAL MARFIL E CÀNOVES VALIENTE (2013)	Evolução temporal. Idiomas dos artigos. Centros de pesquisa (Países e Instituições). Autores. Territórios pesquisados. Temas pesquisados. Metodologias. Revistas (caracterização).

QUADRO 2 - PRINCIPAIS RESULTADOS DOS ESTUDOS BIBLIOMÉTRICOS

Fonte: Organização pela autora (2015).

Após a pesquisa sobre artigos da Geografia do Turismo em bases de dados online, chegou-se a 2126 títulos. Sobre esses foi realizada uma filtragem retirando títulos de livros, resenhas, resumos e comentários sobre eventos, além de assuntos não relativos à temática (por meio da leitura dos resumos). Assim, foi construído um portfólio de pesquisa (planilha) com 177 artigos científicos e

documentos especiais (em formato de artigos), que compõem a amostra desta pesquisa. No portfólio consta a partir dos títulos: o ano da publicação, as revistas, as instituições dos autores (nomes e siglas), os países das instituições, os autores com nome completo e nome na citação, o número de citações no Google Acadêmico, a escala geográfica, a metodologia, as palavras-chave, a quantidade de palavras-chave por artigo e a quantidade de autores por artigo.

O Quadro 3 com a organização do estudo bibliométrico da tese é o seguinte:

Item do portfólio	Apresentação na pesquisa bibliométrica
Anos	Evolução temporal dentro dos limites da pesquisa Relação dos anos com aspectos da Geografia do Turismo
Revistas	Linha do tempo das revistas Local de edição Qualis Capes Fator de Impacto Classificação das revistas por áreas e âmbitos geográficos Incidência das revistas na amostra
Instituições	Produtividade das instituições Cooperações entre instituições Países das instituições
Autores	Sexo dos autores Quantidade de autores por artigo Produtividade dos autores Pesquisadores maduros e emergentes Dimensionamento de coautorias Número médio de autores por artigo
Número de citações do artigo no Google Acadêmico	Busca de abordagens mais citadas
Escala geográfica	Localização das pesquisas Escala de estudo
Metodologia	Características gerais Idiomas dos artigos
Palavras-chave	<i>Ranking</i> das palavras-chave Identificação de temas e termos Categorização das palavras-chave Quantidade de palavras-chave por artigo

QUADRO 3 - ITENS DA PESQUISA BIBLIOMÉTRICA

Fonte: A autora (2015).

Com o estudo bibliométrico foi possível classificar aspectos da pesquisa em Geografia do Turismo e orientar a construção de revisão bibliográfica sistemática e integrativa.

2.3 ABORDAGEM QUALITATIVA

Na abordagem qualitativa encontram-se diferentes metodologias que facilitam a exploração e explicação dos objetos de pesquisa. Aqui se destacam duas técnicas: o estudo de caso exploratório e a análise de conteúdo, ambas para compreensão da produção acadêmica sobre Geografia do Turismo com caráter descritivo e analítico.

Escolheu-se a seguinte estrutura, apresentada por Gil (2007), para realização de estudo de caso no Quadro 4:

Estrutura de estudo de caso em Gil	Estrutura do estudo de caso na tese
Problema de pesquisa	Como ocorre a difusão da pesquisa acadêmica em Geografia do Turismo na Ibero-América?
Unidade caso	Produção de pesquisa em Geografia do Turismo na Ibero-América
Número de casos	Partindo de um universo de 2126 para se chegar em 177 artigos científicos
Protocolo (visão global do projeto, literatura, campo, questões, estrutura para relatório)	<ul style="list-style-type: none"> • Construção de portfólio de pesquisa com diferentes dados e informações • Artigos científicos e bibliografia referenciada nos mesmos • Campo <i>online</i> com consulta em bases de informações científicas • Questões e estruturas da bibliometria, revisão bibliográfica (RBS) sistemática e integrativa • Estrutura de tese
Coleta de dados	Bases de informações científicas
Avaliação e análise de dados	Bibliometria, revisão bibliográfica sistemática e integrativa e análise de conteúdo
Relatório	Tese

QUADRO 4 - ESTRUTURA DO ESTUDO DE CASO

Fonte: GIL (2007) e a autora.

Para a análise do caso foi realizada a organização das informações bibliométricas ligadas a técnicas de revisão bibliográfica, que levaram à classificação de aspectos que, integrados, permitem chegar aos resultados sobre a difusão da pesquisa no recorte espacial proposto.

2.3.1 Revisão Bibliográfica Sistemática e Revisão Integrativa

A revisão de literatura é fundamental para qualquer pesquisa e os resultados delas, principalmente em trabalhos de pós-graduação *stricto sensu*, devem ressaltar a contribuição teórica do trabalho.

A Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS) ou *Systematic Literature Review* (SLR) é uma técnica para localizar e sintetizar a literatura, tem caráter metódico, transparente e pode ser replicável (COOK; MULROW; HAYNES, 1997). A pesquisa bibliográfica realizada de forma sistemática permite que outros pesquisadores façam uso dos resultados com maior confiabilidade, pois não é tendenciosa e pode haver destaque para a relevância acadêmica.

Na revisão sistemática têm-se as informações provenientes de diferentes fontes sobre um determinado tema, resumo das evidências apresentadas por cada fonte e identificação de temas que necessitam maior atenção em estudos futuros (SAMPAIO; MANCINI, 2007).

Em busca no Portal de Periódicos da CAPES com os termos (descritores) [*“revisão sistemática” AND “geografia”*] e [*“systematic review” AND “geography”*] não foi encontrado trabalho em destaque com essa aplicação na área de Geografia ou de Turismo. Por mais que alguns autores utilizem a técnica, não a explicitam em suas metodologias.

Outra técnica de revisão de literatura proposta é a Revisão Integrativa, que resume o passado da literatura empírica ou teórica, para fornecer uma compreensão mais abrangente de um fenômeno particular (BROOME, 2000).

No Quadro 5 é possível observar as características da revisão bibliográfica sistemática e da revisão bibliográfica integrativa:

Revisão sistemática	Revisão integrativa
<ol style="list-style-type: none"> 1. Construção do protocolo 2. A pergunta de pesquisa é criada 3. A busca dos estudos com critérios de inclusão de referências 4. Seleção dos estudos com critérios de exclusão 5. Avaliação crítica dos estudos 6. Coleta de dados 7. Síntese dos dados <p>GALVÃO, SAWADA, TREVIZAN (2004)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Identificação do tema ou questionamento da revisão integrativa 2. Amostragem ou busca na literatura, artigos, pesquisas, teses, dissertações, etc. 3. Categorização dos estudos (identificação do estudo, introdução e objetivos, metodologia, resultados, fatos relacionados ao diagnóstico, conclusões) – força das evidências 4. Avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa 5. Interpretação dos resultados/evidências 6. Síntese do conhecimento evidenciado nos artigos analisados ou apresentação da revisão integrativa <p>SOUZA, SILVA, CARVALHO (2010)</p>

QUADRO 5 - REVISÃO SISTEMÁTICA E INTEGRATIVA

Fonte: GALVÃO, SAWADA, TREVIZAN (2004); SOUZA, SILVA, CARVALHO (2010).

O capítulo quatro está dedicado à revisão bibliográfica sistemática. Verificando principalmente as temáticas pesquisadas em Geografia do Turismo na Ibero-América (como questionamento para compor o protocolo), optou-se pelo caráter mais explicativo e descritivo e não tão crítico da abordagem, deixando as observações para a revisão integrativa, na sequência.

O portfólio de pesquisa foi criado com técnicas de bibliometria, incluindo e excluindo estudos que apareceram em busca abrangente. Com a leitura dos artigos foi possível compor um referencial teórico complementado, principalmente, pelas fontes neles citadas (o que pode ser chamado de “bola de neve”).

A revisão integrativa é apresentada como uma complementação à revisão sistemática e ao estudo bibliométrico, tendo como maior foco a apresentação de evidências dos artigos pesquisados. Nos estudos da área da saúde, por exemplo, após as evidências teóricas serem sintetizadas há a relação

com os casos práticos de tratamentos de pacientes⁶. Aqui, a relação de “campo” se dá com as características de pesquisa em Geografia do Turismo nos países da Ibero-América.

A utilização conjunta de bibliometria, revisão bibliográfica sistemática e revisão integrativa pode se aproximar do que Reina *et. al.* (2014) chamam de *revisão sistêmica*, em que compreendem a pesquisa em bases de artigos *online*, análise bibliométrica dos artigos relevantes no contexto e revisão sistemática segundo critérios associados ao tema ou com base em resultados de trabalhos existentes. A diferença de aplicação na tese, das revisões sistêmicas ou sistemáticas, se dá no número de artigos utilizados.

Comumente utilizam-se poucos artigos, somente os expressivamente relevantes, considerando os mais citados em periódicos de alto impacto. O pequeno número permite a compreensão quantitativa de autorias e coautorias, no que pode ser entendido por “quem cita quem?”, relacionando as listas de referências bibliográficas.

Na Geografia do Turismo na Ibero-América, o impacto das publicações não confere a relevância das produções, portanto, trabalhou-se com 177 artigos e a compreensão de autores mais citados e em quais temáticas se deu em observação qualitativa (na já mencionada “bola de neve”). O uso de técnica qualitativa para compreensão das referências ocorreu porque foram encontradas listas de referências extensas, chegando até a 40 títulos num único artigo, o que acaba por inviabilizar o cruzamento entre referências, mesmo que em um *software*. O que também corrobora a afirmação de Hall (2007) de que não há autor fundamental em Geografia do Turismo; portanto, as publicações se baseiam em vasta bibliografia para compor estudos.

⁶ Exemplo: *Portal Saúde baseada em evidências* – Ministério da Saúde - Brasil fornece “acesso rápido ao conhecimento científico por meio de publicações atuais e sistematicamente revisadas. As informações, providas de evidências científicas, são utilizadas para apoiar a prática clínica, como também a tomada de decisão para a gestão em saúde e qualificação do cuidado, auxiliando assim os profissionais da saúde” (periódicos (<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/periodicos>))

2.4 BUSCA DE INFORMAÇÕES

Os dados são simples observações sobre o estado do mundo, são facilmente estruturados, frequentemente quantificados e de simples transferência. A informação é composta de dados dotados de relevância e propósito, requer unidade de análise e exige consenso em relação ao significado e necessitam da mediação humana. Já o conhecimento é a informação valiosa da mente humana, inclui: reflexão, síntese, contexto, é de difícil estruturação, frequentemente tácito e de difícil transferência (DAVENPORT; PRUSAK, 1998). A presente tese tem como referência esse trinômio: dados - informação - conhecimento na sua constituição.

Para a bibliometria e revisão de literatura sistemática e integrativa procedeu-se a busca dos artigos analisados em bases de informação científica *online*. O período foi de outubro de 2011 até março de 2014, pois em abril houve a banca de qualificação da tese e se fez necessário concluir a busca dos artigos para sistematizá-los. As leituras foram sendo realizadas por todo o período de doutoramento.

Dentre tantas opções, valorizou-se o acesso aos artigos científicos por três caminhos: compreensão internacional no Portal Periódicos Capes, compreensão ibero-americana na Redalyc - *Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal*, e compreensão brasileira na base Publicações de Turismo.

O primeiro ambiente de busca é um portal com 130 bases referenciais com 33.756 periódicos indexados das mais diferentes áreas do conhecimento (CAPES, 2013). Para acesso à versão completa dos artigos é necessário entrar nas bases específicas que são de livre acesso ou não. No caso das restritas o artigo completo ou é liberado com senha das instituições de ensino cadastradas ou por pagamento.

As universidades brasileiras conveniadas possuem neste portal livre acesso às publicações. Valorizaram-se bases como *SCOPUS* (a maior base de dados de resumos), da editora Elsevier e *Web of Science*, da editora *Thomson Reuters*, que é referência importante, principalmente na avaliação de impacto

das publicações mundiais. A base SCOPUS é uma referência nos estudos do Turismo e da Geografia (XIAO SMITH, 2006; HALL, 2011), mas pouco se aplica à realidade da Ibero-América, pois na base artigos em língua inglesa se destacam.

Como segunda base para entendimento do recorte ibero-americano escolheu-se a *Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal* (Redalyc) que disponibiliza livre e rápido acesso aos artigos em versão integral. Complementou-se com estudos brasileiros que cercam a realidade da pesquisadora com consulta na base Publicações de Turismo.

O Redalyc, que também está presente no Portal Periódicos Capes com a restrição geográfica - América Latina, Portugal e Espanha - disponibiliza 1020 revistas científicas indexadas totalizando 381.552 artigos (REDALYC, 2015). É uma plataforma de serviços e informação científica com acesso aberto em nível internacional sobre a ciência na Ibero-América. Dentro das ciências sociais são 518 revistas com 164.308 artigos, nestas encontram-se mencionadas as áreas da Geografia e de Estudos do Turismo (REDALYC, 2013).

A terceira base, Publicações de Turismo, disponibiliza mais de 1700 livros e 30 periódicos brasileiros indexados (PUBLICAÇÕES DE TURISMO, 2015).

Em todas as bases foi utilizado o seguinte descritor: “geography” AND “tourism”, “geografía” AND “turismo” e “geografia” AND “turismo”; como se pode perceber a pesquisa se deu nas línguas inglesa, espanhola e portuguesa. Alguns artigos em inglês selecionados apoiaram o referencial teórico conforme sua pertinência, mas sem critério estatístico. Os artigos em português e espanhol compõem o portfólio de pesquisa.

Cabe fazer uma pequena observação sobre o acesso pago por artigos científicos, pois é tema atual quando se discute a difusão do conhecimento acadêmico. Há questionamentos sobre esses pagamentos, por exemplo, pela Universidade Harvard, que realizou manifestação contra essa política de custo da difusão científica (CASALS *et al.*, 2012). Na tese utilizaram-se artigos de bases pagas para acesso via universidades brasileiras: Universidade Federal do

Paraná e Universidade Estadual de Ponta Grossa, artigos de outras bases não pagas por essas instituições foram desconsiderados. .

O Google Acadêmico com recursos úteis aos pesquisadores, até mesmo rankings com seu índice de produtividade, está contribuindo para modificar a situação das bases de pesquisas (CASALS *et al.*, 2012). Por enquanto, permite livre acesso às publicações que indexa e seu uso foi valorizado nesta pesquisa para se obter número de citações por artigos, acesso a artigos, composição de citações e informações de autores:

Google Acadêmico está contribuindo para modificar a situação. Permite que se tenha uma visibilidade de todas as revistas científicas, independentemente de estarem incluídas em bases de dados. Podem incorporar-se ferramentas de medida de consulta dos artigos de uma revista, o que leva a surpresas quanto a visibilidade da informação científica. Está colocando em questão o domínio das editoras científicas, assim como das grandes revistas agora consideradas as mais importantes⁷ (CASALS *et al.*, 2012).

A popularização do Google Acadêmico é reconhecida também por diversos estudos relacionados à área de pesquisa, como em Buhalis e Law, (2008) e Xiao e Smith (2006).

Há inúmeras formas de se realizar a busca por dados e informações científicas, a forma é de decisão do pesquisador. Pretendeu-se organizar uma busca coerente de fontes para compor a investigação.

2.5 RELEVÂNCIA ACADÊMICA

A relevância acadêmica das produções é bastante polêmica. É expressivo o número de artigos internacionais preocupados com os rankings que supostamente atestam a qualidade das publicações. Mesmo não representando

7

Google Acadêmico está contribuyendo a modificar la situación. Permite tener una idea de la visibilidad de todas las revistas científicas, independientemente de si están incluidas en bases de datos. Pueden incorporarse herramientas de medida de la consulta de los artículos de una revista, lo que lleva a sorpresas en cuanto a la visibilidad de la información científica. Está poniendo en cuestión el dominio de las editoriales científicas, así como de las grandes revistas hasta ahora consideradas las más importantes

uma verdade absoluta, a utilização de índices de avaliação de qualidade e produtividade se prolifera e acaba por pautar tomadas de decisões.

Santos e Rejowski (2013) ressaltam o Fator de Impacto (FI) - Journal Citation Reports (JCR), da editora Thomson Reuters — principal índice internacional de relevância de periódicos científicos — e o relacionam com a área do turismo brasileiro onde nenhum periódico foi indexado. Fato que não difere nas publicações ibero-americanas de Turismo. Na Geografia, poucas foram classificadas.

Outros índices formulados por editoras influenciam as publicações, como o índice h “que é definido pelo maior número ‘h’ de artigos científicos desse pesquisador que têm pelo menos o mesmo número ‘h’ de citações cada um” (MARQUES, 2013); o índice i10 que é um desdobramento do índice h e se refere ao número de artigos que tenham 10 ou mais citações, e tantos outros.

Santos e Rejowski (2013) também enfatizam que nenhum periódico de turismo brasileiro está no SciELO – *Scientific Electronic Library Online*, principal indexador de periódicos científicos do país, nem em sistemas de arquivamento *online* de periódicos acadêmicos, como *Science Direct* e *Sage Publications*.

Jamal, Smith e Watson (2008) analisaram criticamente *rankings* de revistas e citações em estudos de Turismo. Comentam que se deve ter cuidado ao usar fatores de impacto e métricas de produtividade. Os sistemas não são globais, assim, são em grande parte imperfeitos e as aplicações inconsistentes e feitas para atender diferentes necessidades. A consulta de *rankings* será realizada para argumentação sobre aspectos da difusão de pesquisas nos países ibero-americanos por meio do *SCImago Journal & Country Rank* (SJR), portal de acesso livre que inclui revistas e indicadores científicos organizados a partir das informações contidas na base de dados *SCOPUS*. As áreas de pesquisa são: “*geography, planning and development*” e “*tourism, leisure and hospitality management*”.

Diante do contexto apresentado, será mencionado, apenas para caracterização de cenário dos periódicos ibero-americanos de Geografia, a classificação Qualis da CAPES, já que o Fator de Impacto (JCR) existe em apenas duas revistas da amostra. O Qualis é imperfeito, assim como os demais

sistemas de avaliação e classificação acadêmica, mas interfere na produção acadêmica da maioria dos interessados pela temática desta tese que se desenvolve em instituição de ensino brasileira. Destaca-se, assim, o que é o Qualis:

Qualis é o conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de graduação. Tal processo foi concebido para atender as necessidades específicas do sistema de avaliação e é baseado nas informações fornecidas por meio do mecanismo Coleta de Dados. Como resultado, disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção. (WEBQUALIS, 2013)

A classificação dos periódicos é realizada por áreas de avaliação e costuma ser atualizada em média a cada 2 anos. A intenção é verificar a qualidade de seus veículos de divulgação. Os veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade sendo o A1, o mais elevado; seguido de A2; B1; B2; B3; B4; B5; e C, com peso zero.

O mesmo periódico, ao ser classificado em duas ou mais áreas diferentes, pode receber distintas avaliações. Cada área verifica a pertinência do conteúdo aos seus temas de pesquisa.

Compete ao Conselho Técnico-científico da Educação Superior da Capes estabelecer os critérios para classificação das produções intelectuais. Observa-se que nas ciências “duras” discute-se a métrica dessas classificações enquanto nas ciências humanas ainda não há consenso para esse tipo de avaliação. Assim, a Capes vem permitindo que cada área estabeleça seus critérios de acordo com sua realidade.

Por opção, não foram eliminados do portfólio de pesquisa artigos que não possuem Qualis ou possuem baixa pontuação para se traçar um panorama não tendencioso em relação às produções. O critério de relevância para incluir os artigos no portfólio foi: ser uma abordagem da Geografia do Turismo (na consideração da autora) ou de direta contribuição à mesma (realizada por geógrafo, ou em departamento de Geografia, ou sobre categorias de análise em Geografia com bibliografia aderente à área). Considerou-se o que Gibson (2008)

e Hall (2011) constataram em abordagem sobre a produção internacional na área, pois parte dos autores por eles selecionados não se posicionariam como geógrafos do Turismo, o que não inviabiliza que a abordagem seja de contribuição à Geografia do Turismo.

2.6 RECORTE DE PESQUISA: A IBERO-AMÉRICA

A Ibero-América é conformada como uma região que aproxima as realidades da América com a Península Ibérica devido às questões históricas, culturais e geográficas. Em relação ao desenvolvimento científico, percebe-se que a característica idiomática é o elemento cultural mais forte.

A integração ibero-americana vem evoluindo, graças aos esforços de intelectuais e políticos que, de forma muitas vezes anônima, acreditam que a união integral ibero-americana é o resultado de uma história comum e secular, que converge pelo legado ético e cultural a um “destino pujante e admirável” (BENI, 2003, p. 87).

Assim, é possível observar diversas formas de colaboração empresa-universidade⁸, entre universidades e eventos acadêmicos ibero-americanos que são facilitados pelos idiomas espanhol e português.

⁸ Exemplos:

A RedEmprendia é uma rede universitária ibero-americana que tem por objetivo incentivar a transferência de conhecimento, o desenvolvimento tecnológico e o empreendedorismo responsável. É constituída por 24 universidades ibero-americanas de 7 países (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Espanha, México e Portugal), a Uniersia, rede universitária composta por 1290 universidades de língua espanhola e portuguesa, bem como o Banco Santander, através da sua Divisão Global Santander Universidades.

Fundação Carolina, que desde 2000 fomenta relações culturais e de cooperação em educação e ciência entre a Espanha e os países da Comunidade Ibero-americana de Nações.

A Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID) é uma Agência Estatal de Espanha, criada em novembro de 1988 como órgão de gestão da política espanhola de cooperação internacional para o desenvolvimento. A Agência é responsável pela concepção, implantação e gestão dos projetos e programas de cooperação para o desenvolvimento e ação humanitária, diretamente por meio de recursos próprios, ou através da colaboração com outras instituições nacionais e internacionais e organizações não governamentais, com outras agências e organismos bi e multilaterais, especialmente no seio da União Europeia e do sistema das Nações Unidas. <http://www.aecid.es/EN>

A Ibero-América pode ser compreendida pela Comunidade Ibero-Americana de Nações onde se encontram os seguintes países:

- América do Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.
- América Central: Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua e Panamá.
- Caribe: Cuba e República Dominicana.
- México.
- Península Ibérica: Portugal, Espanha e Andorra.

Existe um projeto de incorporação de nações africanas e asiáticas que foram colônias espanholas ou portuguesas. Belize se encontra como observador. Na Figura 1 a representação dos países ibero-americanos:

Intercampus - Programa de cooperação inter-universitária criado em 1994 pelo Instituto de Cooperação Latino-Americana da Agência Espanhola de Cooperação Internacional com a intenção de superar a concepção clássica de subsídios e bolsas de estudo para os alunos, para fazer avançar a ideia de formação de um espaço ibero-americano de integração entre estudantes, professores e gestores universitários, com o objetivo de formar um tecido cultural, econômico e social comum.

A Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM) é uma rede de universidades públicas, autônomas e privadas da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, criada em 1991, que devido as suas similaridades partilham suas vocações, seu caráter público, suas semelhanças nas estruturas acadêmicas e nos níveis equivalentes de serviços.
<http://grupomontevideo.org/sitio/>

O Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO) é uma organização internacional não governamental com estatuto associativo na UNESCO, criado em 1967. Atualmente, reúne 432 institutos de pesquisa e pós-graduação na área de ciências sociais e humanas em 26 países da América Latina, mais Estados Unidos, Canadá, Alemanha, Espanha, França e Portugal. <http://www.clacso.org.ar/>

O Programa Ciencia y Tecnología para el Desarrollo (CYTED), criado em 1984 e implementado por meio do chamado ACORDO MARCO, é um programa ibero-americano de cooperação multilateral científica e tecnológica voltado à inovação, do qual o organismo signatário brasileiro é representado pelo CNPq. <http://www.cytmed.org>



MAPA 1- REPRESENTAÇÃO DOS PAÍSES DA COMUNIDADE IBERO-AMERICANA DE NAÇÕES (2014)

Fonte: PAULA, 2015.

Além da cooperação educacional e científica entre os países, interessa para o desenvolvimento da tese a relação desses países com o turismo, pois acredita-se que países mais turísticos são também mais pesquisados na Geografia do Turismo. A exemplo de Rodrigues (1997) e Hiernaux (2007), que atrelaram o crescimento exponencial do turismo ao aumento das pesquisas na área. Idem a Picazo Peral e Moreno Gil (2013), que afirmam que o conhecimento turístico cresce assim como o volume de turistas na Ibero-América.

A atividade turística, como um fator de desenvolvimento econômico, ganha destaque na maioria das cidades, pela injeção de capital e a perspectiva desenvolvimentista dentro dos locais onde se insere (RIVERA; UPCHURCH, 2008). No âmbito ibero-americano, a Declaração de Bávaro (TRESSERRAS, 20_) salienta que se reconhece o turismo como um recurso essencial para o desenvolvimento econômico, social e cultural das economias da comunidade

ibero-americana, devido a sua capacidade comprovada de criação de empregos, geração de renda, aproveitamento racional de recursos não renováveis, contribuição para a promoção da paz e da cultura a partir de uma perspectiva mundial, bem como o impulso do desenvolvimento regional e do conhecimento mútuo entre os povos pertencentes à aliança conhecida como Ibero-América.

De acordo com Picazo Peral e Moreno Gil (2013), a Ibero-América desempenha um papel relevante dentro do contexto turístico mundial, entretanto estudos que comprovem essa importância são considerados escassos no mundo acadêmico, para que haja uma melhor compreensão da importância dessa aliança para atividade, bem como para o desenvolvimento econômico dos países que dela fazem parte. Em 1997, Rodrigues afirmava que a produção geográfica especializada no Turismo era escassa na América Latina, com poucos geógrafos dedicados ao tema.

O turismo, na conjuntura ibero-americana, é considerado um fator-chave dentro da perspectiva do desenvolvimento econômico dos 22 países que a compõem, de acordo com Picazo Peral e Moreno Gil (2013). Particularmente, a Espanha, o México, o Brasil e a República Dominicana são considerados os destinos ibero-americanos com maior destaque dentro do cenário turístico da Organização Mundial do Turismo (2010).

Lozoya (2010), abordando a cooperação ibero-americana, destaca que sua instituição se encontra em uma etapa de reordenação que facilita a existência de uma gestão mais eficaz, com resultados visíveis e ótima utilização dos recursos. Dentre os elementos mais importantes, no contexto dessa nova aproximação de cooperação da região, destaca os processos de ações sinérgicas que permitam o máximo de aproveitamento dos diferentes esforços oriundos da combinação efetiva dos recursos e da máxima produtividade da gestão.

Dados da demanda turística internacional servem para, possivelmente, relacionar as características das pesquisas com a expressividade do turismo nos territórios, a saber nas Tabelas 1 e 2:

TABELA 1 – DEMANDA TURÍSTICA INTERNACIONAL IBERO-AMERICANA⁹

REGIÕES	2011	2012	2013	2014
América do Sul	25.120.000	26.693.000	27.083.000	28.551.000
América Central	8.255.000	8.860.000	9.087.000	9.592.000
Caribe	18.832.000	20.571.000	21.145.000	22.446.000
Espanha	56.177.000	57.464.000	60.661.000	64.995.000
Portugal	7.264.000	7.503.000	8.097.000	9.323.000

Fonte: OMT (2015) e BANCO MUNDIAL (2014).

A demanda internacional dos países com maior expressividade na produção acadêmica em Geografia e Turismo pode ser observada na Tabela 2:

TABELA 2 – DEMANDA TURÍSTICA INTERNACIONAL: SELEÇÃO DE PAÍSES MAIS EXPRESSIVOS NA TESE

PAÍSES	2011	2012	2013	2014
Brasil	5.433.000	5.677.000	5.813.000	-
México	23.403.000	23.403.000	24.151.000	29.091.000
Argentina	5.705.000	5.587.000	5.571.000	5.935.000
Chile	3.137.000	3.554.000	3.576.000	3.673.000

9

Os países considerados nestas estatísticas foram:

América do Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai, Venezuela.

América Central: Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá.

Caribe: Aruba, Bahamas, Barbados, Bermudas, Cuba, Curaçao, Dominica, Granada, Haiti, Ilhas Caimán, Ilhas Turcas e Caicos, Ilhas Virgens (U.S.A.), Jamaica, Porto Rico, República Dominicana, São Cristovão e Neves, São Vicente e Granadinas, Santa Lucia, São Tomé e Príncipe, San Maarten (Holanda), Trinidad e Tobago.

continuação

PAÍSES	2011	2012	2013	2014
Cuba	2.688.000	2.815.000	2.829.000	2.970.000
Costa Rica	2.192.000	2.343.000	2.428.000	2.527.000
Colômbia	2.042.000	2.175.000	2.288.000	2.565.000
Espanha	56.177.000	57.464.000	60.661.000	64.995.000
Venezuela	595.000	988.000	986.000	-

Fonte: organizado sobre OMT (2015) e BANCO MUNDIAL (2014).

Com a caracterização metodológica da investigação, é possível apresentar um fluxograma que sintetiza as principais etapas da pesquisa.

2.7 FLUXOGRAMA METODOLÓGICO DA TESE

O fluxograma sintetiza as etapas de construção da pesquisa na Figura 1, a partir das bases de pesquisa aplicando o descritivo de busca “geografia AND turismo” chegou-se a 2.126 artigos. Foram filtrado os artigos em língua espanhola e portuguesa na construção do portfólio de pesquisa com 177 artigos. Sobre eles aplicou-se técnica de bibliometria com diversos itens e foi gerada uma classificação de aspectos. Sobre os mesmos 177 artigos e dentro da classificação proposta foi realizada a Revisão Bibliográfica Sistemática. Da união da Bibliometria e da Revisão Bibliográfica Sistemática chegou-se a Revisão Integrativa por países da Ibero-América, e por fim as considerações.

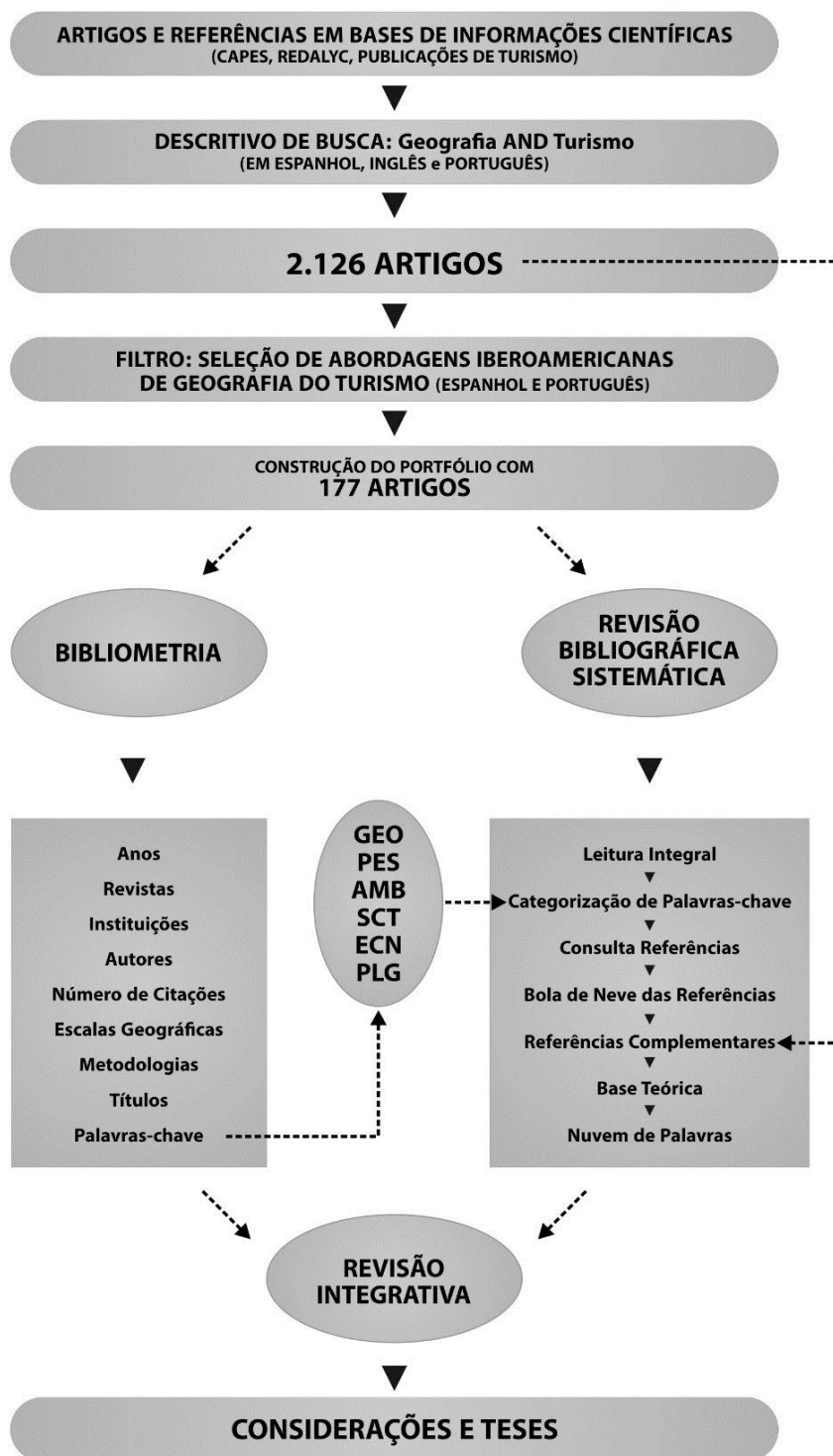


FIGURA 1 - FLUXOGRAMA METODOLÓGICO DA TESE

Fonte: a autora, 2015.

Na sequência, o estudo bibliométrico com as informações e métricas do portfólio com 177 artigos científicos relacionados à Geografia do Turismo na Ibero-América.

3 ESTUDO BIBLIOMÉTRICO: DIFUSÃO DA PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO NA IBERO-AMÉRICA

Os estudos de difusão da pesquisa com recorte ibero-americano são escassos, conforme Severt *et al.* (2009), Picazo Peral e Moreno Gil (2013). Para esses autores, outras regiões acabam interessando mais à comunidade científica, como os Estados Unidos, a Europa e a Ásia. Ainda há uma percepção negativa entre os editores e revisores de revistas sobre a produção realizada na América Latina. A conceituação teórica das pesquisas é considerada deficiente, bem como existem barreiras idiomáticas.

Na Geografia do Turismo há poucas sistematizações em estudos bibliométricos que tragam panoramas de base quantitativa. Visando à revisão bibliográfica que será organizada sobre os resultados bibliométricos, optou-se por trabalhar com maior profundidade sobre um recorte de artigos (177) que podem traduzir a realidade da pesquisa em Geografia do Turismo na Ibero-América. Os principais resultados são apresentados nas seções que seguem.

3.1 RESULTADOS E ANÁLISES BIBLIOMÉTRICAS DA PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO NA IBERO-AMÉRICA

Os resultados foram organizados em diferentes tabelas, quadros e gráficos apresentados junto aos textos, as listagens completas do portfólio de pesquisa elaborado, que registram as memórias de cálculos, encontram-se nos apêndices.

Para as análises, os estudos de difusão da pesquisa nas áreas de Geografia, Turismo e Geografia do Turismo em diferentes recortes espaciais¹⁰ também servem de apoio.

¹⁰ Estudos apresentados em quadro no capítulo 2, seção 2.2.

3.1.1 Evolução temporal

A verificação da evolução temporal da amostra, mesmo tendo como recurso a pesquisa randômica (aleatória), e sem recorte temporal inicial definido, foi sistematizada com o intuito de chegar a alguma evidência.

A evolução temporal é validada com maior assertividade em estudos com universo amostral totalizante, como o caso de Santos e Rejowski (2013), que tiveram como objeto de pesquisa todos os periódicos brasileiros de Turismo entre 1990 e 2012; ou em Corral Marfil e Eugenio Vela (2013), cujo objeto foi toda a produção de 13 colóquios do Grupo de Trabalho de Geografia do Turismo, Ócio e Recreação, da Associação de Geógrafos Espanhóis (AGE). Foi considerado que na Geografia do Turismo na Ibero-América não seria possível localizar um universo amostral específico que trouxesse informações relevantes para o panorama construído nesta investigação, portanto poderiam aparecer artigos de qualquer ano na pesquisa.

No gráfico abaixo pode-se observar a linha temporal da produção da amostra.

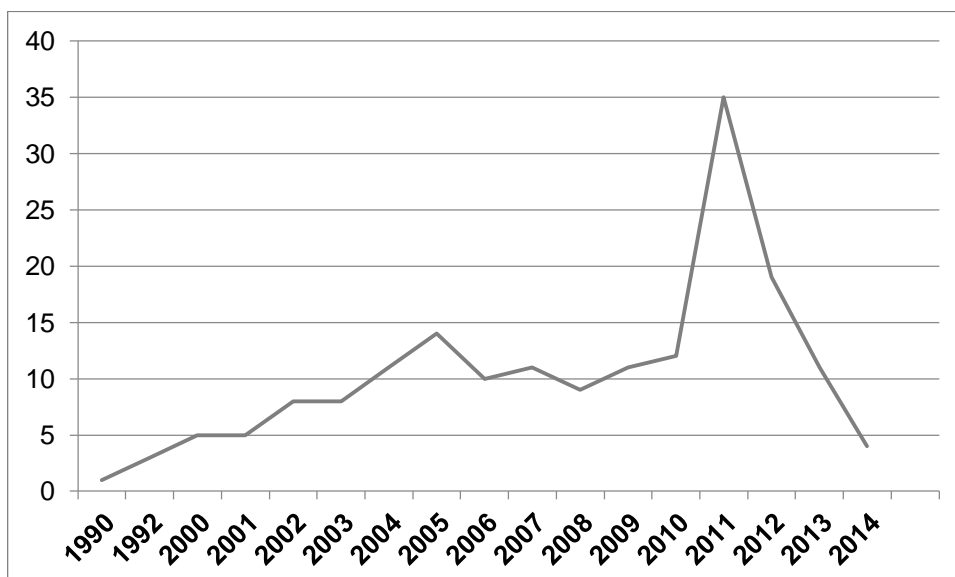


GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DA AMOSTRA POR ANO
Fonte: a autora (2015).

Assim, o início da amostra se deu na década de 1990, mas com pouca representatividade. Considera-se que a utilização de publicações *online* é baixa antes desse período, haja vista que a popularização da internet estava no início. No caso da difusão do conhecimento científico, a internet se torna uma ferramenta de expressivo poder e de relações quase imediatas na disseminação da pesquisa científica (CEBRIÁN ABELLÁN, 2013).

A partir dos anos 2000 a representatividade dos periódicos *online* aumentou e na amostra destaca-se o ano de 2011 com maior número de publicações. O ano de 2011 surgiu com a maior produtividade na pesquisa de Picazo Peral e Moreno Gil (2013), sobre produção científica de Turismo na Ibero-América.

3.1.2 Revistas (Periódicos científicos)

As revistas da amostra iniciaram suas edições entre 1939 e 2013, mas na amostra estão publicações a partir de 1990, como anteriormente mencionado. Foi considerado o acesso integral e *online* de artigos científicos e documentos especiais, mesmo que a revista tenha parado de publicar novas edições. Santos e Rejowski (2013) comentam que o encerramento das revistas dificulta a compreensão do que é pesquisado nas áreas.

Para caracterização dos periódicos que compuseram a amostra de pesquisa foi construído o Quadro 15, contemplando os títulos das revistas, o ano de início das atividades, as instituições responsáveis pela edição com a respectiva cidade de origem, além da classificação de aspectos de qualidade, optando-se pelo índice brasileiro Qualis, da Capes. Buscou-se também o Fator de Impacto (JCR), da editora *Thomson Reuters*, que foi encontrado apenas em duas revistas da área de Geografia: *Scripta Nova* e *Revista de Geografía Norte Grande*, refletindo a baixa representatividade das publicações nas bases de dados com alcance internacional.

O Qualis foi escolhido por impactar diretamente os leitores deste trabalho em língua portuguesa e realizado no Brasil. Entende-se que o alcance da publicação está diretamente relacionado à língua do leitor. Das 46 revistas

pesquisadas, o Qualis de 9 não foi encontrado, as demais estão classificadas entre A1 e B3, considerando prioritariamente as áreas de Geografia; Administração, Ciências Contábeis e Turismo; Planejamento Urbano e Regional/Demografia e a área Interdisciplinar. Acredita-se que essas áreas possuem maior aderência com a temática da Geografia do Turismo.

As revistas, buscando maior difusão de suas publicações, não costumam restringir áreas do conhecimento, mas, considerando suas origens institucionais, pode-se considerar que das 46 revistas da amostra 34,78% (16) são de Turismo (TUR), 34,78% (16) de Geografia (GEO), 19,57% (9) das Ciências Sociais e Humanas (CISH), 4,35% (2) das Ciências Ambientais (AMB) e outras como Planejamento Urbano (PLAN), Economia (ECN) e Interdisciplinar (INTER) representam 6,52% (3).

Revista	Início	Edição	Cidade/País	Clas.	Qualis Capes 2013
Revista Mexicana de Sociología	1939	UNAM	México D.F./México	CISH	A1 Sociologia
Papeles de Geografía	1968	UM	Murcia/Espanha	GEO	não encontrado
Investigaciones Geográficas	1969	UNAM	Cidade do México/México	GEO	A2 Geografia, B1 interdisciplinar
Cuadernos Geográficos	1971	UGR	Granada/Espanha	GEO	não encontrado
Revista de Geografía Norte Grande	1974	UC_Ch	Santiago/Chile	GEO	B1 Geografia, B2 Interdisciplinar
Cuadernos de Geografía - Revista Colombiana de Geografía	1979	UM	Botogá/Colômbia	GEO	B1 Geografia, B1 Planejamento Urbano, B2 Interdisciplinar
Documents d'anàlisi geogràfica	1982	UAB	Girona/Espanha	GEO	A2 Planejamento Urbano, B1 Geografia
Investigaciones Geográficas	1983	UA	Alicante/Espanha	GEO	não encontrado continua

continuação

Revista	Início	Edição	Cidade/País	Clas.	Qualis Capes 2013
Turismo em Análise	1990	USP	São Paulo/Brasil	TUR	B2 Turismo, B2 Interdisciplinar, B3 Geografia, B3 Planejamento Urbano
Estudios y Perspectivas en Turismo / Inicia como Revista Lationamericana de Turismo	1991	CIET	Buenos Aires/ Argentina	TUR	B1 Geografia, B1 Turismo, B1 Planejamento Urbano, B1 Interdisciplinar
Alteridades	1991	UAM Iztapalapa	Iztapalapa/México	CISH	B2 Interdisciplinar
Reflexiones	1992	UCR	San José/Costa Rica	CISH	não encontrado
Revista Galega de Economía	1992	USC	Santiago de Compostela/Espanha	ECN	B1 Turismo, B1 Interdisciplinar
Cadernos Pagu	1993	UNICAMP	Campinas/Brasil	CISH	A1 Interdisciplinar, A2 Planejamento Urbano
Geoenseñanza	1996	ULA	Mérida/Venezuela	GEO	não encontrado
Revista Ra'e Ga - O Espaço Geográfico em Análise	1997	UFPR	Curitiba/Brasil	GEO	B5 Ciências Agrárias
Economía, Sociedad y Territorio	1997	El Colegio Mexiquense A.C.	Toluca/México	GEO	B1 Geografia, B1 Planejamento Urbano, B1 Interdisciplinar
Scripta Nova	1997	UB	Barcelona/Espanha	GEO	A1 Geografia, A2 Turismo, A2 Planejamento Urbano, A2 Interdisciplinar
Terra. Nueva Etapa	1997	UCV	Caracas/Venezuela	GEO	não encontrado
Acta Scientiarum. Human and Social Sciences	1998	UEM	Maringá/Brasil	CISH	B1 Geografia, B1 Planejamento Urbano, B1 Interdisciplinar, B2 Turismo
Cuadernos de Turismo	1998	UM	Murcia/Espanha	TUR	B3 Interdisciplinar

continua

continuação

Revista	Início	Edição	Cidade/País	Clas.	Qualis Capes 2013
Turismo Visão e Ação	1999	UNIVALI	Balneário Camboriú/Brasil	TUR	B2 Turismo, B2 Interdisciplinar, B5 Planejamento Urbano
Diálogos Revista Electrónica de Historia	1999	UCR	San Jose/Costa Rica	CISH	B1 Geografia, B2 Interdisciplinar
Revista Geográfica Venezolana	1999	ULA	Mérida/Venezuela	GEO	B1 Geografia, B2 Interdisciplinar
RIPS. Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas	1999	USC	Santiago de Compostela/Espanha	CIS	B3 Interdisciplinar
El Periplo Sustentable	2000	UAEM	Toluca/México	TUR	B1 Interdisciplinar, B3 Geografia, B4 Planejamento Urbano
InterSedes: Revista de las Sedes Regionales	2000	UCR	Guanacaste, Limón, Turrialba, San Ramón e Puntarenas/Costa Rica	INTER	não encontrado
Revista de Artes y Humanidades	2000	ÚNICA	Maracaibo/Venezuela	CISH	não encontrado
Caderno Virtual de Turismo	2001	UFRJ	Rio de Janeiro/Brasil	TUR	B1 Turismo, B1 Interdisciplinar, B1 Planejamento Urbano, B3 Geografia
Mercator	2002	UFC	Fortaleza/Brasil	GEO	A1 Geografia, B1 Turismo, B1 Planejamento, B1 Interdisciplinar
PASOS—Revista de Turismo y Patrimonio Cultural	2003	ULL	La Laguna/Espanha	TUR	B1 Turismo, B1 Geografia, B1 Planejamento Urbano, B1 Interdisciplinar
Patrimônio: Lazer e Turismo.	2003	UNISANTOS	Santos/Brasil	TUR	B5 Turismo continua

continuação

Revista	Início	Edição	Cidade/País	Clas.	Qualis Capes 2013
Revista Hospitalidade	2004	Anhembi Morumbi	São Paulo/Brasil	TUR	B3 Turismo, B3 Interdisciplinar, B5 Geografia
Ambiência	2005	UNICENTRO	Guarapuava/Brasil	AMB	B1 Ciências Ambientais, B2 Geografia, B3 Interdisciplinar
GeoTextos	2005	UFBA	Salvador/Brasil	GEO	B1 Geografia, B2 Interdisciplinar
Quivera	2006	UAEM	Toluca/Espanha	PLAN	B1 Planejamento Urbano
Gestión Turística	2006	UACH	Valdivia/Chile	TUR	B4 Geografia, B4 Planejamento Urbano, B4 Interdisciplinar
Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo	2006	FGV e EMBRATUR	Rio de Janeiro/Brasil	TUR	B2 Planejamento Urbano, B4 Geografia, B4 Turismo, B4 Interdisciplinar
Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo	2007	ANPTUR	São Paulo/Brasil	TUR	B1 Turismo, B1 Planejamento Urbano, B1 Interdisciplinar, B3 Geografia
Revista Brasileira de Ecoturismo	2008	SBEcotur	São Paulo/Brasil	TUR	B1 Planejamento Urbano, B2 Turismo, B2 Interdisciplinar, B4 Geografia
Turismo e Sociedade	2008	UFPR	Curitiba/Brasil	TUR	B1 Planejamento Urbano, B3 Turismo, B3 Interdisciplinar, B5 Geografia
Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas	2008	Sociedade Brasileira de Espeleologia	Campinas/Brasil	AMB	B4 Geografia, B4 Interdisciplinar
Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade	2009	UCS	Caxias do Sul/Brasil	TUR	B3 Turismo, B3 Interdisciplinar, B5 Geografia

continua

continuação

Revista	Início	Edição	Cidade/País	Clas.	Qualis Capes 2013
Brazilian Geographical Journal	2010	UFU	Ituiutaba/Brasil	GEO	B2 Geografia, B3 Interdisciplinar
Anais Brasileiros de Estudos Turísticos	2011	UFJF	Juiz de Fora/Brasil	TUR	não encontrado
Revista de Ciencias Sociales (Cr)	2013	UCR	San Jose/Costa Rica	CISH	B3 Interdisciplinar

QUADRO 6 - CARACTERÍSTICAS DAS REVISTAS DA AMOSTRA

Fonte: organizado pela autora (2014).

Das 47 revistas da amostra, 42,55% são brasileiras (20), 21,28% (10) espanholas, 12,77% mexicanas (6), 8,51% venezuelanas (4), 6,38% costarriquenhas (3), 4,26% chilenas (2), 2,13% argentinas (1) e 2,13% colombianas (1).

A dificuldade de publicar em revistas de impacto faz com que aumentem o número de periódicos ligados a programas de pós-graduação ibero-americanos, haja vista a necessidade de espaço para publicação pelos pesquisadores. Estes periódicos, como já mencionado, não alcançam resultados, ou possuem resultados baixos, nos índices de avaliação internacionais. Esse fato, como exposto na introdução da tese, permeia toda a área de Ciências Sociais e de Humanas, pois o investimento primordial em pesquisa se dá na área de Saúde e Ciências Naturais. As descobertas em Ciências Sociais e Humanidades acabam gerando pouca inovação e impacto em políticas públicas. Mesmo assim, os índices e indicadores de impacto bibliométrico são comuns a todas as áreas do conhecimento.

Na Tabela 3 pode-se verificar a incidência das revistas na amostra dos 177 artigos:

TABELA 3 - INCIDÊNCIA DAS REVISTAS NA AMOSTRA PESQUISADA

Revistas	Incidência
Cuadernos de Turismo	39
Estudios y Perspectivas en Turismo	18
Caderno Virtual de Turismo	12
PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural	10

continua

continuação

Revistas	Incidência
Investigaciones Geográficas - MEX	9
Cuadernos Geográficos	8
Ra'e Ga – O Espaço Geográfico em Análise	7
Investigaciones Geográficas - ESP	6
Turismo Visão e Ação	6
El Periplo Sustentable	5
Revista Brasileira de Ecoturismo	5
Turismo em Análise	5
Economía, Sociedad y Territorio	4
Papeles de Geografía	4
Mercator	3
Revista de Geografía Norte Grande	2
Revista Rosa dos Ventos	2
Scripta Nova	2
Turismo e Sociedade	2
Acta Scientiarum. Human and Social Sciences	1
Alteridades	1
Ambiência	1
Anais Brasileiros de Estudos Turísticos	1
Brazilian Geographical Journal	1
Cadernos Pagu	1
Cuadernos de Geografía - Revista Colombiana de Geografía	1
Diálogos Revista Electrónica de Historia	1
Documents d'Anàlisi Geogràfica	1
Geoenseñanza	1
GeoTextos	1
Gestión Turística	1
InterSedes: Revista de las Sedes Regionales	1
Patrimônio: Lazer e Turismo	1
Periplo Sustentable	1
Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas	1
Quivera	1
Reflexiones	1
Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo	1
Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo	1
Revista de Artes y Humanidades ÚNICA	1
Revista de Ciencias Sociales	1
Revista Galega de Economía	1
Revista Geográfica Venezolana	1
Revista Hospitalidade	1
Revista Mexicana de Sociología	1
RIPS. Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas	1
Terra Nueva Etapa	1
47 revistas	177

Fonte: a autora (2015).

A indexação das revistas nas bases escolhidas para buscas definiu suas presenças e limitou a pesquisa, por opção do pesquisador. Assim, a marcante presença da *Cuadernos de Turismo* se dá pela indexação na Redalyc. De toda forma, ressalta-se que a revista *Cuadernos de Turismo*, da Universidade de Murcia, iniciou suas atividades em 1998, sendo a primeira revista universitária da área na Espanha. Em 2010 ocupou o oitavo lugar nas publicações de Geografia na Espanha e em 2011, o quinto lugar num total de 48 revistas, segundo dados do índice IN-RECS que mede a influência e impacto das revistas espanholas de Ciências Sociais. A revista possui expressividade na área de Economia, estando entre as 18 principais de 136 analisadas no índice bibliométrico citado (MICROCIENCIA, 2012).

A Redalyc indexa seis revistas na área de Turismo: *Caderno Virtual de Turismo*, *Cuadernos de Turismo*, *El Periplo Sustentable*, *Estudios y Perspectivas en Turismo*¹¹, *Gestión Turística* e *Pasos - Revista de Turismo e Patrimonio Cultural* (com 2072 artigos, 198 revistas, em março de 2015).

Na área de Geografia aparecem *Boletim Goiano de Geografia*, *Cuadernos Geográficos*, *Geoenseñanza*, *Investigaciones Geográficas* (Esp.), *Investigaciones Geográficas* (Mex.), *Papeles de Geografía*, *Revista de Geografía Norte Grande*, *Revista Geográfica Venezolana*, *Sociedade e Natureza* e *Terra Nueva Etapa* (3728 artigos, 282 revistas em março de 2015).

Também, as revistas brasileiras que aparecem na amostra estão presentes na base nacional de dados *Publicações de Turismo*.

A presença de periódicos ibero-americanos nas maiores bases de dados como SCOPUS, *Web of Science* e EBSCO é pequena, a consulta geral foi feita pelo Portal de Periódicos CAPES. As principais das áreas de Geografia do Turismo na Ibero-América estão no portfólio de pesquisa elaborado.

Em artigo sobre o estudo do turismo na Ibero-América, Picazo Peral e Moreno Gil (2013) destacaram as revistas brasileiras *Caderno Virtual de Turismo*, *Turismo Visão e Ação* e *Turismo em Análise* com maior número de artigos publicados nessa área do conhecimento. Em análise de Santos e

¹¹ Periódico que encerrou suas publicações em 2015 e em 2016 será *Estudios y Realidades*.

Rejowski (2013), o destaque é para as mesmas revistas, apenas em ordem diferente. Estas revistas brasileiras reúnem quase a metade dos artigos publicados sobre Turismo de 1990 a 2012, de um total de 2126 analisados. Na amostra pesquisada, em relação à Geografia do Turismo, elas foram consideradas importantes fontes de pesquisa.

Das revistas espanholas, Picazo Peral e Moreno Gil (2013) destacam com maior número de artigos: *Pasos, Cuadernos de Turismo e Estudios Turísticos*. Observa-se que esta última não apareceu na busca de artigos sobre Geografia do Turismo. Das revistas latinas destacam-se a *Estudios y Perspectivas em Turismo*, líder de publicações de toda a Ibero-América na área do Turismo, a *Gestión Turística* e a *El Periplo Sustentable*.

Picazo Peral e Moreno Gil (2013) destacam que revistas internacionais com alguma publicação de autores ibero-americanos no Turismo, principalmente espanhóis, estão em maior número na *Tourism Management, Tourism Economics* e *Annals of Tourism Research*.

As revistas de Geografia espanholas possuem em alguns casos, segundo Cebrián Alberían (2013), uma orientação disciplinar, sobretudo as que estão dentro de associações, sociedades, departamentos, centros de pesquisa e faculdades. Em outras situações são revistas dirigidas a âmbitos temáticos ou territoriais concretos com ótica interdisciplinar, mas com influência na área da Geografia. O autor destaca algumas revistas da temática do turismo como a *Estudios Turísticos* e a *Cuadernos de Turismo*. Pelo critério das bases de pesquisa, não apareceram artigos da *Estudios Turísticos* e houve o predomínio da *Cuadernos de Turismo*, constatando-se que a condição de indexação das revistas influencia na difusão dos resultados de pesquisa.

Cebrián Abellán (2013) comenta que a pesquisa sobre Ibero-América divulgada nas revistas espanholas de Geografia (em 1084 artigos) está internacionalizada nos periódicos *Mapping, Biblio3W (Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales)* e *Ciudad y Territorio - Estudios e Territoriales* com mais de 100 artigos em cada. Observa-se que destas, nenhuma entrou na amostragem com estudos de Geografia do Turismo.

Na sequência de revistas geográficas espanholas de importância, Cebrián Abellán (2013) cita números de artigos: *Scripta Nova* (74), *Cuadernos de Geografía* (58), *Estudios Geográficos* (46), *Geofocus* (43), *Anales de Geografía de la Universidad Complutense* (41), *Cuadernos de Turismo* (37), *Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles* (25) e *Migraciones & Exilios* (27). Esses dados acabam por reforçar a importância da revista *Cuadernos de Turismo* dentro da pesquisa em Geografia do Turismo. Também, a valorização do Fator de Impacto (JCR) que indexa, por exemplo, a *Scripta Nova*, que traz alguns estudos sobre Geografia do Turismo. Esta revista se destaca pela quantidade de edições e relacionamento com a Ibero-América, principalmente com o Brasil, pois permite publicação em língua portuguesa e valoriza edições regionais.

Santos e Rejowski (2013) referem que os critérios editoriais das revistas brasileiras podem ser mais bem elaborados, essa opinião pode-se estender às revistas ibero-americanas.

3.1.3 Instituições

Para o estudo bibliométrico das instituições da amostra foram consideradas as que o autor atribuiu maior titulação no momento da publicação, no caso dos autores não docentes. Para os docentes foi considerada a instituição de atuação no momento da publicação, por se constatar que é a instituição que favorece seu ambiente para pesquisa.

Outras 4 (quatro) instituições das 103 distintas encontradas no portfólio elaborado não são de ensino. São elas: o Arquivo Nacional de Cuba, com 2 autores, e com 1 autor a Turespaña, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Divisão de Meio Ambiente, de prefeitura venezuelana, além de uma instituição não ibero-americana, sendo francesa.

O gráfico abaixo apresenta a distribuição das instituições por países.

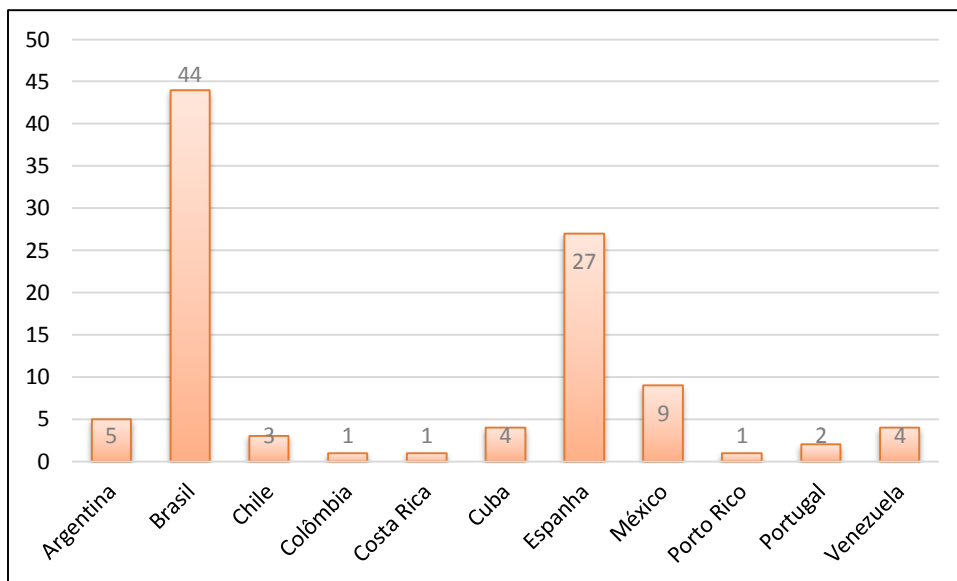


GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO DE INSTITUIÇÕES IBERO-AMERICANAS POR PAÍSES
 FONTE: a autora (2015).

As instituições brasileiras se destacam em quantidade por possuírem expressivo número de Programas de Pós-Graduação, principalmente em Geografia, como apontado por Albach (2010). A Espanha também se destaca devido à tradição na pesquisa em Geografia do Turismo. Cabe ressaltar que não foram consideradas circunstâncias do ambiente de cada instituição, como o número total de pesquisadores, existência de pessoal de apoio, fundos para pesquisa, estratégias, dentre outros, apenas a incidência na amostra de acordo com as publicações.

Na Tabela 4 apresentam-se as instituições com maior incidência no portfólio (48 instituições) num total de 103. Para atestar a representatividade foi contabilizada “uma” instituição cada vez que um autor apareceu no portfólio, sendo 210 incidências.

TABELA 4 - INSTITUIÇÕES COM MAIOR INCIDÊNCIA NO PORTFÓLIO DE PESQUISA

Sigla Instituição	País	Incidência	% em 210
UNAM	México	13	6,19%
UFPR	Brasil	11	5,24%
USP	Brasil	8	3,81%
UCM	Espanha	5	2,38%
UB	Espanha	5	2,38%
UCLM	Espanha	5	2,38%
UM	Espanha	5	2,38%
UFC	Brasil	5	2,38%
UAM	Espanha	4	1,90%
UAEM	México	4	1,90%
UA	Espanha	4	1,90%
USC	Espanha	4	1,90%
UNIVALI	Brasil	4	1,90%
UAB	Espanha	3	1,43%
UAM Iztapalapa	México	3	1,43%
UCR	Costa Rica	3	1,43%
UV	Espanha	3	1,43%
UNICAMP	Brasil	3	1,43%
UFPE	Brasil	3	1,43%
UFRGS	Brasil	3	1,43%
UNCo	Argentina	3	1,43%
UDC	Brasil	2	0,95%
CIMe	Espanha	2	0,95%
PUC-MG	Brasil	2	0,95%
UACH	Chile	2	0,95%
UASLP	México	2	0,95%
UIB	Espanha	2	0,95%
UC	Portugal	2	0,95%
UÉ	Portugal	2	0,95%
UH	Cuba	2	0,95%
UHU	Espanha	2	0,95%
ULA	Venezuela	2	0,95%
UMA	Espanha	2	0,95%
UQROO	México	2	0,95%
USAL	Espanha	2	0,95%
US	Espanha	2	0,95%
UPV	Espanha	2	0,95%
UEM	Brasil	2	0,95%
UEPG	Brasil	2	0,95%
UECE	Brasil	2	0,95%
UERJ	Brasil	2	0,95%
UFBA	Brasil	2	0,95%
UFMG	Brasil	2	0,95%
UFMS	Brasil	2	0,95%
UFPI	Brasil	2	0,95%
UFRN	Brasil	2	0,95%
UFF	Brasil	2	0,95%
UNS	Argentina	2	0,95%

Obs.: As demais instituições apareceram uma vez, ver no **Apêndice 1**, que apresenta as instituições, incidência e a relação de cada universidade com os aspectos pesquisados.

Fonte: a autora, 2015.

Mesmo com a hegemonia de instituições brasileiras (19 de 48) e espanholas (16 de 48) na amostra, o México se destaca com a instituição mais produtora, no caso a UNAM. Encontram-se pesquisadores com projetos de pesquisas contundentes, principalmente relacionando a Geografia Econômica e a Geografia do Turismo, e de caráter interdisciplinar que investigam o potencial, os impactos e expansão da atividade turística no país. A instituição edita a revista *Investigaciones Geográficas*, uma das mais antigas do portfólio de pesquisa e com boa indexação internacional.

A segunda instituição mais produtora da amostra é a UFPR, que tem professores da área do Turismo atuando em Programa de Pós-Graduação em Geografia (ALBACH, 2010). Esse relacionamento de áreas impacta diretamente nas publicações realizadas.

A terceira instituição, a Universidade de São Paulo (USP), tem 2 programas de Pós-Graduação em Geografia do Brasil: Geografia Física e Geografia Humana, que, juntos, concentram a maior produção de dissertações e teses da área no Brasil.

Castro (2006) evidencia que a análise da trajetória da pesquisa brasileira na abordagem geográfica do turismo anterior a 1999 permite considerar a USP e a UFRJ como instituições precursoras da produção do conhecimento na abordagem geográfica do Turismo. Albach (2010) confirma que a USP continua em expressivo destaque, enquanto a UFRJ tem uma estrutura e produção mais tímidas em relação aos estudos do Turismo. No Brasil, em 2015, encontram-se 58 programas de pós-graduação em Geografia (CAPES, 2015).

As instituições espanholas são representativas pela tradição dos estudos em Geografia do Turismo em diversas comunidades espanholas com programas de Pós-Graduação em Geografia. Cebrián Abellán (2013) informa que de 1970 a 2010 tem-se o aumento de universidades no país, sendo que em 2012 havia vinte e seis instituições de ensino superior com cursos de graduação e pós-graduação em Geografia.

Na sequência de instituições com maior produção destaca-se a Universidade Complutense de Madri, que contou com o professor emérito

Joaquim Bosque Maurel no Departamento de Geografia Humana que, dentre tantos temas com maior peso na Geografia Econômica, contribuiu com os estudos de turismo e patrimônio. Recentemente, as produções relativas à Geografia do Turismo também são provenientes do Departamento de Análise Geográfica Regional e Geografia Física, da Faculdade de Geografia e História dessa instituição. Bem como na Universidade de Barcelona, que possui departamento de análise regional com variados projetos de pesquisa na área e pesquisadores experientes, o que se estende para outras instituições. A Universidade de Murcia, por editar a revista com maior incidência na amostra (*Cuadernos de Turismo*) se destaca, essa publicação é derivada da *Escuela Universitaria de Turismo de Murcia*; também, o departamento de Geografia edita a *Papeles de Geografía*, a segunda mais antiga no portfólio de pesquisa.

Autores provenientes das instituições são representativos nas revistas das mesmas, situação verificada em parte da amostra. Tal fato se dá pela necessidade de os pesquisadores terem bons índices de produtividade para ascensão acadêmica e de carreira dentro das universidades. Pode-se observar que a valorização das revistas em indicadores de qualidade se dá pela presença de pesquisadores de programas de pós-graduação das revistas, por exemplo, no Qualis da Capes.

Picazo Peral e Moreno Gil (2013) constataram essa relação de autores (docentes e discentes) dentro dos periódicos de suas universidades em alguns casos nas publicações de Turismo: Universidade Estadual de Santa Cruz, com a revista *Cultur* (não representativa nessa amostra); a Universidade Autônoma do México, com a *El Periplo Sustentable*; a Universidade de São Paulo, com a *Turismo Visão e Ação*; a *Pasos*, da Universidade de La Laguna; a *Turismo Visão e Ação*, da Univali; a *Turismo e Sociedade*, da Universidade Federal do Paraná, e a *Cuadernos de Turismo*, da Universidade de Murcia. Essa relação direta dos autores provenientes das instituições com as revistas das mesmas instituições pode ser observada na maior parte da amostra.

Picazo Peral e Moreno Gil (2013) citam que na publicação sobre turismo em revistas internacionais (em língua inglesa), as instituições que se destacam são as universidades das Ilhas Baleares, de Alicante, de Las Palmas e de Valência, sendo que 70% da produção da primeira universidade citada está em

revistas consideradas pela pesquisa como internacionais. Albacete Saez e Fuentes Fuentes (2010) destacam também no Turismo: Ilhas Baleares, Las Palmas de Gran Canaria e Alicante.

Não aparecer em destaque no *ranking* não está diretamente relacionado com a qualidade da instituição, pode ser que esta não privilegie a pesquisa, mas tenha boa atuação no ensino e na extensão.

3.1.3.1 Cooperações entre instituições e autores

Não há expressiva representatividade das publicações realizadas com autores de diferentes instituições, nos 177 artigos do portfólio de pesquisa encontraram-se 30 cooperações, ou 17%. Assim, não ficam evidentes redes de pesquisa regionais ou internacionais no estudo da temática.

Na Tabela 5 a listagem das cooperações entre instituições devido às produções de seus autores:

TABELA 5 - COOPERAÇÕES ENTRE INSTITUIÇÕES

Cooperações	Países	Instituições	Quant. Países
FESP/USP/Anhembi Morumbi	Brasil/Brasil/Brasil	3	1
FGV/USP	Brasil/Brasil	2	1
ISULPAR/UFPR	Brasil/Brasil	2	1
PUC-MG/UNESP PP	Brasil/Brasil	2	1
TURESPAÑA/UV	Espanha/Espanha	2	1
UAB/USC	Espanha/Espanha	2	1
UACH/UJF	Chile/França	2	2
UC/UE	Portugal/Portugal	2	1
UC/UE	Portugal/Portugal	2	1
UC/USAL	Espanha/Espanha	2	1
UCLV/UQROO	Cuba/México	2	2
UCM/IPN	Espanha/México	2	2
UCV/Divisão de Ambiente	Venezuela/Venezuela	2	1
UdeC/UACH	Chile/Chile	2	1
UEMS/UFPR	Brasil/Brasil	2	1
UEPG/UFPR	Brasil/Brasil	2	1
UEPG/UFPR/UDC	Brasil/Brasil/Brasil	3	1
UFMS/UNIFAP	Brasil/Brasil	2	1

Continua

continuação

Cooperações	Países	Instituições	Quant. Países
UFPR/UNIVALI	Brasil/Brasil	2	1
UH/Arquivo Nacional de Cuba	Cuba/Cuba	2	1
UNAM/IFC	México/Cuba	2	2
UNAM/UASLP	México/México	2	1
UNICENTRO/USP	Brasil/Brasil	2	1
UNINTER/UFPR/UDC	Brasil/Brasil/Brasil	3	1
UNIOESTE/UFPR	Brasil/Brasil	2	1
UNRN/UNCo	Argentina/Argentina	2	1
UQROO/UNAM	México/México	2	1
USC/Uvigo	Espanha/Espanha	2	1
USP/UCS	Brasil/Brasil	2	1
UV/UJI	Espanha/Espanha	2	1
Total	30 cooperações	Máximo 3 instit.	Máximo 2 países

Fonte: a autora, 2015.

O que se observa são as parcerias entre autores do mesmo país, mais do que cooperações institucionais ou em escalas maiores. Um exemplo são as contribuições entre autores, como orientadores e orientados, em que a pesquisa se realiza em um mesmo programa de pós-graduação, mas há docentes em outras instituições, e houve menção dessas em seus artigos. Das universidades que mais cooperam (Tabela 6), duas tem relacionamentos internacionais e são mexicanas (UNAM e UQROO), nas demais se reforçam as parcerias nacionais:

TABELA 6 - UNIVERSIDADES QUE MAIS COOPERARAM NOS ARTIGOS DO PORTFÓLIO

Cooperada	País	Incidência
UFPR	Brasil	7
USP	Brasil	4
UNAM	México	3
UDC	Brasil	2
UEPG	Brasil	2
UACH	Chile	2
USC	Espanha	2
UV	Espanha	2
UQROO	México	2
UC	Portugal	2
UÉ	Portugal	2

Fonte: a autora (2015).

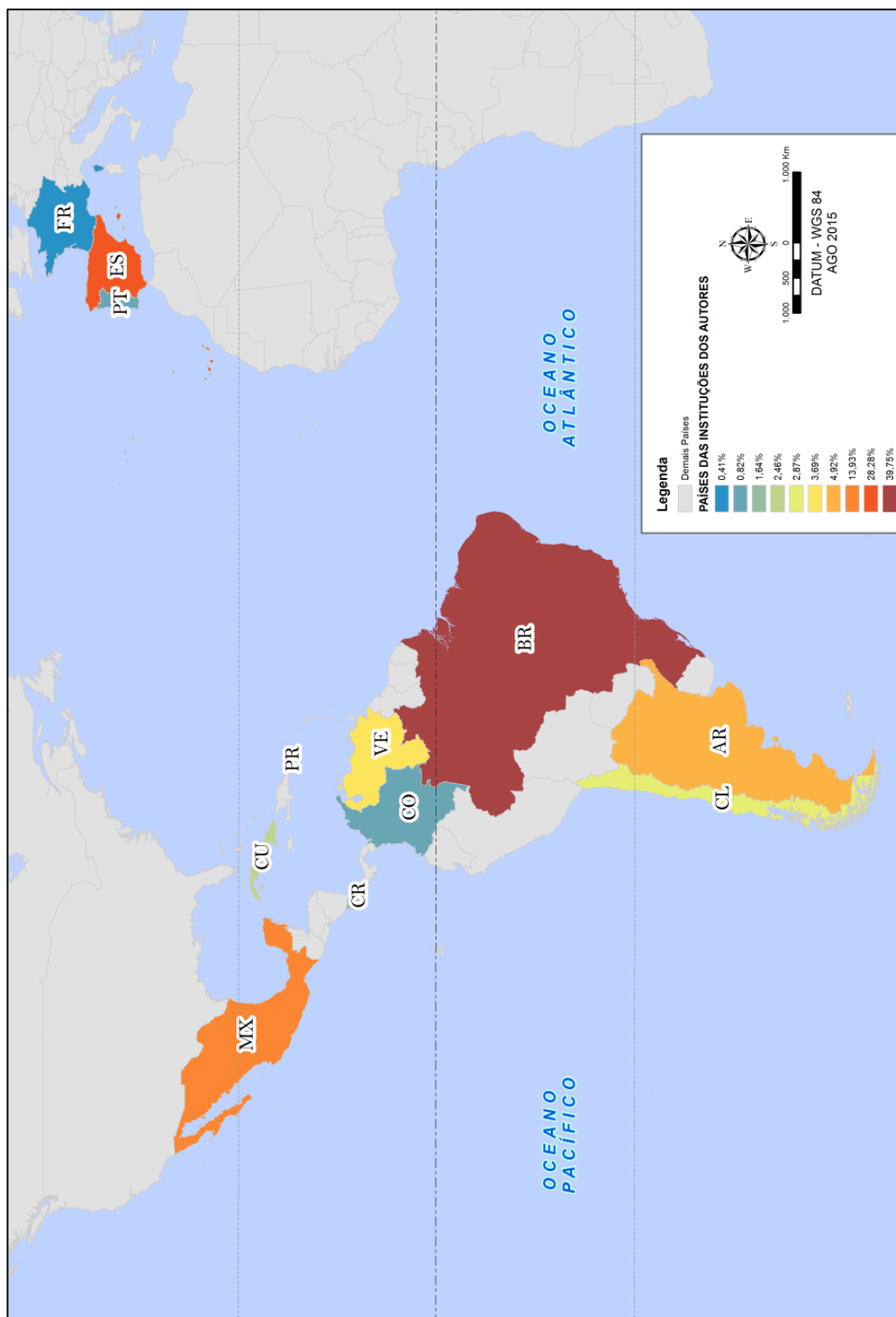
A baixa cooperação científica confere, dentre outras evidências que vêm sendo apresentadas no capítulo, a dificuldade de estabelecimento da Geografia do Turismo como área de pesquisa.

Um excelente exemplo de cooperação nacional e que reflete na pesquisa ibero-americana em Geografia do Turismo, foi a publicação do livro *Análisis Territorial del Turismo* (1997), de professores de quatro instituições distintas: Vera Rebollo, da Universidade de Alicante, López Palomeque, da Universidade de Barcelona, Marchena Gómez, da Universidade de Sevilha, e Antón Clavé, da Universidade Rovira i Virgili. Adianta-se que essa é a publicação mais citada na amostra da pesquisa.

A cooperação pode contribuir para maior difusão das pesquisas, tanto em revistas dentro da Ibero-América quanto internacionais. Dentre tantas oportunidades, as coautorias interinstitucionais, que serão comentadas posteriormente, contribuem para a diminuição de custos das pesquisas e também dos custos da difusão, em traduções, por exemplo.

3.1.3.2 Países das instituições dos autores

Sintetizando as instituições dos autores já apresentadas por países, tem-se no mapa a presença predominante do Brasil, com 37,75% (97 artigos publicados), da Espanha, com 28,28% (69 artigos publicados), e do México, com 13,93% (34 artigos publicados).



MAPA 2 - PAÍSES DAS INSTITUIÇÕES DOS AUTORES COM MAIOR INCIDÊNCIA
 Fonte: a autora, com elaboração de mapa por PAULA, M. (2015).

O destaque de produtividade do Brasil e da Espanha na produção acadêmica em Geografia do Turismo na Ibero-América é correspondente ao que

Picazo Peral e Moreno Gil (2013) encontraram na pesquisa iberoamericana sobre a produção científica em Turismo, atestando que, mesmo a amostra desta pesquisa sendo menor e com buscas aleatórias, pode-se confirmar a hegemonia desses 2 países.

Os países que os seguem são a Argentina (12 artigos), e a Venezuela (9 artigos). Destaca-se a baixa representatividade de Portugal, o que não significa que o país não desenvolva pesquisas em Geografia do Turismo, apenas que os canais de divulgação são diferentes.

Para se ter um comparativo, Bonastra *et al.* (2013) observaram na área de Geografia na revista *Scripta Nova* o predomínio de autores da Espanha nos números correntes da revista e nos números extraordinários; autores do Brasil são maioria. Depois aparecem autores da Argentina e do México, e a presença de autores de outros países é baixa.

3.1.4 Autores

Na amostra da pesquisa, a autoria se mostra significativamente heterogênea, assim como outros itens pesquisados, sendo que 36 dos 244 autores publicaram 2 artigos ou mais.

Como observação e embasamento para futuros debates sobre pesquisa e gênero, destacou-se o sexo dos autores, sendo 63,12% (154) do sexo masculino e 36,88% (90) do sexo feminino. Corral Marfil e San Eugenio Vela (2013), em estudo sobre a Geografia do Turismo na Espanha, obtiveram resultados semelhantes com 64,1% de autores do sexo masculino e 35,9% do sexo feminino.

Na Tabela 7, os autores mais produtores na amostra de pesquisa:

TABELA 7 – AUTORES MAIS PRODUCENTES

Autores	Instituição	País	Artigos
Álvaro Sánchez Crispin	UNAM	México	8
Enrique Propin Frejomil	UNAM	México	8
Christian Dennys Monteiro de Oliveira	UFC	Brasil	4
José Manoel Gonçalves Gândara	UFPR	Brasil	4
Álvaro López López	UNAM	México	3
Antonio Carlos Castrogiovanni	UFRGS	Brasil	3
Emilio M. Obiol Menero	UV	Espanha	3
Francisco Feo Parrondo	UAM	Espanha	3
Letícia Bartoszeck Nietzsche	UFPR	Brasil	3
Maria Dolores Ponce Sánchez	UM	Espanha	3
Wilson Martins Lopes Junior	UFF/UNICAMP	Brasil	3
Daniela Sottili Garcia	UEMS	Brasil	2
Eduardo Hack Neto	UNIVALI/UDC	Brasil	2
Fernanda Cravidão	UC	Portugal	2
Francesc Xavier Roig i Munar	CIMe	Espanha	2
Francisco Javier Jover Martí	UCLM	Espanha	2
Gemma Cànoves	UAB	Espanha	2
Josildete Pereira de Oliveira	UNIVALI	Brasil	2
Lucia Cuesta	UAB	Espanha	2
Ludger Brenner	UAM Iztapalapa	México	2
Luis Herrera	UAB	Espanha	2
Margarita Barretto	UNICAMP/UFSC	Brasil	2
Maria Cruz Porcal Gonzalo	UPV	Espanha	2
Maria del Pilar Leal Londoño	UB	Espanha	2
Maria Noémi Marujo	UÉ	Portugal	2
Miguel Bahl	UFPR	Brasil	2
Miguel Panadero Moya	UCLM	Espanha	2
Nilson Crocia de Barros	UFPE	Brasil	2
Olga Tulik	USP	Brasil	2
Óscar Reyes Pérez	UALSP	México	2
Paulo dos Santos Pires	UNIVALI	Brasil	2
Ricardo Gomes Ramos	UFPI	Brasil	2
Valente Vázquez Solís	UNAM/UASLP	México	2
Valeria Paul Carril	USC	Espanha	2
Wilza Gomes Reis Lopes	UFPI	Brasil	2

Nota: e outros 208 autores com um artigo que estão no **Apêndice 2** na tabela completa com a incidência de artigos dos autores e aspectos de pesquisa.

Fonte: elaboração própria.

O grande número de autores com pequena produção mostra, como em Santos e Rejowski (2013), que, em algum momento, o autor pode ter deixado a pesquisa da temática, no caso a Geografia com o Turismo, ou do Turismo com

a Geografia. Observa-se que tal situação dificulta a caracterização de autores da área da Geografia do Turismo, e, por outro lado, atesta a multidisciplinaridade dos autores. Também, o autor pode ter escolhido diferentes ambientes para publicação, como revistas internacionais e não de alcance ibero-americano, seguindo a tendência da internacionalização das investigações.

Observando as características dos autores mais produtores é possível organizar uma classificação simplista em 2 grupos. No primeiro grupo estão os pesquisadores maduros como nominam Santos e Rejowski (2013), que possuem expressão e reconhecimento junto à comunidade científica. No segundo grupo, os pesquisadores emergentes, como definem Picazo Peral e Moreno Gil (2013), geralmente eles possuem doutorado recente. Na amostra definida percebe-se que dos 35 pesquisadores mais produtores, 82,86% podem ser considerados maduros (doutores e pós-doutores com produções ao longo dos anos) e 17,14% emergentes, com doutorados recentes e alguns ainda não doutores no momento das publicações. Optou-se aqui por não comentar a característica de cada autor, pois julga-se que a importância deles se dá nas discussões que serão trabalhadas na revisão bibliográfica sistemática, e na revisão integrativa se relacionam outras características das autorias.

O número médio de autores por artigo é 1,7, como pode ser observado na Tabela 8. No estudo na área do Turismo de Santos e Rejowski (2013) o número médio foi 1,9. No estudo de Corral Marfil e San Eugenio Vela (2013) na Geografia do Turismo foi 1,69 o número médio de autores por contribuição. Picazo Peral e Moreno Gil (2013) verificaram que na pesquisa ibero-americana em turismo 33% dos autores publicaram sozinhos, 38% em 2, 22% em 3 e 7% em 4 ou mais, o que na opinião dos autores aponta a baixa expressividade de grupos de pesquisa na área.

TABELA 8 - NÚMERO DE AUTORES POR ARTIGO

Nº de autores por artigo	Incidência	Porcentagem
1	94	53,11%
2	57	32,20%
3	15	8,48%
4	8	4,52%
5	2	1,13%
6	1	0,56%
Total	177	100,00%

Fonte: a autora (2015).

O trabalho em equipe — coautorias — para a construção de pesquisas que se consolidam em artigos científicos é uma característica do conhecimento produzido recentemente nas disciplinas na ciência moderna, importância apresentada e valorizada por Corral Marfil e Cànoves Valiente (2014). Mesmo assim, a maior parte da amostra pesquisada se caracteriza por produção de um autor (53%), que geralmente são produtos de suas dissertações, teses ou ensaios que compuseram capítulos de livros. Percebe-se que na Espanha se preferenciou a publicação independente. 2 autores por artigo representaram 32%. Percebe-se que a partir de três há limitações de aceite de publicações em alguns periódicos. Também, não interessa a alguns autores perderem sua representatividade nas citações, haja vista que as normas científicas aceitam até 3 sobrenomes da descrição textual, mas acima de 2 autores costuma-se utilizar a expressão *et al.* (e outros).

Há formas de se valorizar as coautorias em estudos bibliométricos. Corral Marfil e San Eugenio Vela (2014) usam o método de contagem de casos (*instance counting method*) utilizado em *rankings* de produtividade para analisar as coautorias. Consideram que a contribuição de 3 autores a 3 organizações vale um ponto para cada organização e um ponto para cada autor. Isso aumenta o peso de trabalhos de múltiplos autores e reduz o peso dos trabalhos escritos por um autor, como afirmam Park *et al.* (2011).

A colaboração científica em Ciências Sociais é menor que nas Ciências Naturais e Experimentais, talvez por não serem necessários tantos recursos financeiros para as pesquisas. Destaca-se que os motivos de cooperação são: melhorar o conhecimento com especialistas, otimizar recursos e equipamentos,

obter prestígio, ganhar produtividade, progredir mais rapidamente na carreira científica, detectar erros de forma mais eficaz, aprender, reduzir o isolamento, dentre outros. (BEAVER, 2001; CORRAL MARFIL; CÀNOVES VALIENTE, 2014).

Neste estudo, dos 11 artigos produzidos por 4 ou mais autores destacam-se os estudos regionais em 4 deles, principalmente na revista *Economía, Sociedad y Territorio*. Os estudos regionais são complexos e a diversidade de olhares e competências tende a aprimorá-los, também se caracterizam como temas de grupos de pesquisas aqui identificados no México e na Espanha. 2 são estudos de paisagens que se encaixam na justificativa dos estudos regionais.

Por um lado, valoriza-se a coautoria para se observar, principalmente, grupos ou redes de pesquisas, por outro, em estudos bibliométricos verifica-se a contagem fracionada para composição do *ranking* de autorias. Nessa, o peso de um único autor tem maior valor na contagem.

Por exemplo, em Santos e Rejowski (2013) os autores Dóris Ruschmann, Rivanda Meira Teixeira e José Manoel Gândara aparecem como autores mais produtores, na contagem simples; utilizando-se a contagem fracionada, o autor em destaque passa a ser Mário Beni, que publica mais sozinho do que em cooperações. Nesta abordagem considerou-se apenas a contagem simples para o *ranking* de autores dentro da amostra, valorizando a necessidade das coautorias dentro dos padrões impostos de avaliação de produtividade acadêmica e recursos destinados às pesquisas na área. Também, por não ser possível mensurar a qualidade das abordagens relacionando a presença de maior ou menor número de autores.

3.1.4.1 Citações Google Acadêmico

Verificar as citações dos autores é de utilidade e considerado por Law, Lering e Buhalis (2010) como fator-chave no desenvolvimento e na evolução do conhecimento. Foi observado em quatro anos de pesquisas para a construção dessa abordagem, que novos índices e recursos foram sendo aplicados no

Google Acadêmico, como a área do perfil do pesquisador, em que é possível ele cadastrar seus dados e incluir seus artigos. Nas buscas, toda a comunidade pode acessar os dados, os artigos, e verificar as citações e os índices h e i10, bem como os coautores ligados a um pesquisador. Mesmo assim, o sistema é imperfeito com inconstâncias na apresentação dos resultados.

A Tabela 9 traz a listagem do número de citações com consulta em dezembro de 2014:

TABELA 9 – ARTIGOS DO PORTFÓLIO MAIS CITADOS NO GOOGLE ACADÊMICO

Citado por/dez 2014	Título
43	HIERNAUX NICOLAS, D. La promoción inmobiliaria y el turismo residencial: el caso mexicano. Scripta Nova. Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales , Barcelona, v. 9, n. 194, p. 05, 2005
36	PISCITELLI, A. Viagens e sexo on-line. Cadernos Pagu , Brasil, v. 25, p. 281–326, 2005.
24	CORIOLOANO, L. N. A exclusão e a inclusão social e o turismo. PASOS. Revista de Turismo y Patrimônio Cultural , Santa Cruz de Tenerife, v. 3, n. 2, p. 295–304, 2005
23	CÁNOVES, G.; VILLARINO, M.; HERRERA, L.; CUESTA, L. Turismo rural en Cataluña y Galicia: algunos problemas sin resolver. Cuadernos Geográficos , Granada, v. 34, n. 1, p. 111-128, 2004
21	OBIOL MENERO, E. M. Marcas turísticas y territorio. Un análisis geográfico del turismo valenciano. Cuadernos de Turismo , Murcia, n. 9, p. 85–101, 2002
21	GARCÍA ZARZA, E. El Turismo Cultural en Castilla y León: el caso singular de “Las Edades del Hombre”. Cuadernos de Turismo , Murcia, n. 10, p. 23–68, 2002.
21	DELGADO VIÑAS, C.; GIL DE ARRIBA, C.; HORTELANO MÍNGUEZ, L. A.; PLAZA GUTIÉRREZ, J. I. Turismo y desarrollo local en algunas comarcas de la montaña cantábrica: recursos y planificación. Cuadernos de Turismo , Murcia, n. 12, p. 7–34, 2003.
20	ROIG I MUNAR, F. X. Análisis de la relación entre capacidad de carga física y capacidad de carga perceptual en playas naturales de la Isla de Menorca. Investigaciones geográficas (Esp) , Alicante, n. 31, p. 107-118, 2003.
20	APARICIO GUERRERO, A. E. El turismo rural: una de las alternativas al desarrollo rural en la Serranía de Cuenca. Cuadernos de Turismo , Murcia, n. 13, p. 73–90, 2004.
20	MASCARENHAS, G. Cenários contemporâneos da urbanização turística. Caderno Virtual de Turismo , Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 1–11, 2004.
19	FEO PARRONDO, F. Los campos de golf en España y sus repercusiones en el sector turístico. Cuadernos de Turismo , Murcia, enero-junio, n. 7, 2001.
19	CASTROGIOVANNI, A. C. Lugar, no-lugar y entre-lugar: Los ángulos del espacio turístico. Estudios y perspectivas en turismo , Buenos Aires, v. 16, n. 1, p. 5–25, 2007
19	BRENNER, L. Aceptación de políticas de conservación ambiental: el caso de la Reserva de la Biosfera Mariposa Monarca. Economía, Sociedad y Territorio , Toluca, v. 9, n. 30, p. 259-295, 2009.
17	TULIK, O. Turismo e repercussões no espaço geográfico. Turismo em Análise , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 63-77, 1990.
17	NAVARRO FLORIA, P.; VEJSBERG, L. El proyecto turístico barilocheño antes de Bustillo: entre la pre historia del Parque Nacional Nahuel Huapi y el desarrollo local. Estudios y perspectivas en turismo , v. 18, n. 4, p. 414–433, 2009.

continua

continuação

Citado por/dez 2014	Título
17	BRENNER, L. Gobernanza ambiental, actores sociales y conflictos en las Áreas Naturales Protegidas mexicanas. Revista mexicana de sociología , v. 72, n. 2, p. 283–310, 2010.
16	PROPIN-FREJOMIL, E.; LÓPEZ-LÓPEZ, Á.; SÁNCHEZ-CRISPÍN, A. Territorios preferenciales de los grupos hoteleros internacionales en América Latina y el Caribe, a principios del siglo XXI. Investigaciones geográficas , n. 53, p. 122–140, 2004
16	SANTOS PAVÓN, E. L.; FERNÁNDEZ TABALES, A. El litoral turístico español en la encrucijada: entre la renovación y el continuismo. Cuadernos de turismo , v. 25, p. 185–206, 2010.
15	CÓRDOBA Y ORDÓÑEZ, J.; GARCÍA DE FUENTES, A. Turismo, globalización y medio ambiente en el Caribe mexicano. Investigaciones Geográficas , Boletín del Instituto de Geografía, UNAM, n. 52, 2003.
15	PORCAL GONZALO, M. C. Turismo cultural, turismo religioso y peregrinaciones en Navarra. Las Javieradas como caso de estudio. Cuadernos de Turismo , v. 18, p. 103 – 134, 2006

Fonte: a autora (2014).

Dos 177 artigos, 60 não foram citados, desde os mais recentes que ainda não tiveram tempo para tanto, até antigos, demonstrando a baixa difusão. Mesmo os mais citados são pouco representativos se comparados ao número de citações de uma mesma abordagem em outras áreas do conhecimento.

Deve-se relembrar a afirmação de Hall (2007) de que não há autor fundamental em Geografia do Turismo, assim, a dispersão e a heterogeneidade dos autores citados são evidentes.

O pesquisador Daniel Hiernaux Nicolás tem o artigo mais citado da amostra, o que reforça a importância desse autor na Geografia do Turismo na Ibero-América, principalmente no México, seu país de origem. Esse resultado valoriza a técnica da pesquisa em bases *online* e de conferências de citações no *Google Acadêmico*, pois qualitativamente pode-se perceber que Hiernaux é referência constante dentro da amostra.

Os demais autores mais citados se caracterizam como pesquisadores maduros e percebem-se algumas situações para o posicionamento no *ranking* e difusão das abordagens: a tradição do autor em uma comunidade acadêmica; o impacto e relevância das revistas em que estão as discussões; o tempo de exposição dos artigos nas bases de pesquisa, assim artigos antigos podem ser

mais citados que artigos recentes; as redes de difusão das pesquisas criadas pelos autores, como, por exemplo, docentes que indicam suas produções para pesquisas discentes dentro de seus ambientes; temas inéditos e/ou pouco explorados no contexto teórico ou do destino turístico; o título atraente que causa curiosidade; dentre outras possibilidades.

O artigo mais recente que surge é de 2010, pode-se considerar que há demora para consolidação de citação na área.

Cabe complementar com uma listagem dos 15 artigos mais citados, também em consulta ao *Google Acadêmico*, realizada em referências de amostragem dentro do periódico CAPES, em dezembro de 2014, com o descritor em inglês “*geography AND tourism*” (Tabela 10):

TABELA 10 – ARTIGOS MAIS CITADOS DE “GEOGRAPHY AND TOURISM” NO GOOGLE ACADÊMICO

Citado por/dez 2014	Referência da publicação
112	PEARCE, D. G. Towards a geography of tourism. Annals of Tourism Research , v. 6, n. 3, p. 245–272, 1979.
Palavras-chave	<i>Geography, spacial processes, demand, supply, flows, resorts, impact, models</i> Geografia, processos espaciais, demanda, oferta, fluxos, resorts (regiões), impacto, modelos
109	PAPATHEODOROU, A. Exploring the evolution of tourism resorts. Annals of Tourism Research , v. 31, n. 1, p. 219–237, 2004.
Palavras-chave	<i>Economic geography, market structure, spatial scale, evolution, tourism flows</i> Geografia Econômica, estrutura de Mercado, escala espacial, evolução, fluxos turísticos
92	MITCHELL, L. S.; MURPHY, P. E. Geography and tourism. Annals of Tourism Research , v. 18, n. 1, p. 57–70, 1991.
Palavras-chave	<i>Geography, environment, region, spatial, evolution</i> Geografia, meio ambiente, região, espaço, evolução
92	WARSZYŃSKA, J. Geography of tourism in Poland. GeoJournal , v. 9, n. 1, 1984.
Palavras-chave	Notas de pesquisa sem palavras-chave
82	AHAS, R. et al. Evaluating passive mobile positioning data for tourism surveys: An Estonian case study. Tourism Management , v. 29, n. 3, p. 469–486, 2008.
Palavras-chave	<i>Mobile positioning; Tourism; Geography; Space–time behaviour; Social positioning method; Estonia; Surveillance</i> Posicionamento, turismo, geografia, tempo-espaço, comportamento, método de posicionamento social, Estônia, monitoramento

continua

continuação

Citado por/dez 2014	Referência da publicação
82	HALL, C. M. Reconsidering the geography of tourism and contemporary mobility. Geographical Research , v. 43, n. 2, p. 125–139, 2005.
Palavras-chave	<i>accessibility; time-budget; discipline; time-geography; spatial interaction; second homes; sustainability</i> acessibilidade, tempo-orçamento, disciplina, time-geografia, interações espaciais, segundas residências, sustentabilidade
73	ASHWORTH, G.; PAGE, S. J. Urban tourism research: Recent progress and current paradoxes. Tourism Management , v. 32, n. 1, p. 1–15, 2011.
Palavras-chave	<i>Urban tourism, urban studies, urban sociology, urban geography, globalization</i> Turismo urbano, estudos urbanos, sociologia urbana, geografia urbana, globalização
73	CHANG, T. C. Singapore's Little India: A tourist attraction as a contested landscape. Urban Studies , v. 37, n. 2, p. 343–366, 2000.
Palavras-chave	Não apresenta palavras-chave
71	CHANG, T. C.; YEOH, B. S. "New Asia–Singapore": communicating local cultures through global tourism. Geoforum , v. 30, n. 2, p. 101–115, 1999.
Palavras-chave	<i>Singapore; Tourism; Local; Global; Culture; Urban</i> Singapura, turismo, local, global, cultura, urbano
70	HUANG, Y.; BIAN, L. A Bayesian network and analytic hierarchy process based personalized recommendations for tourist attractions over the Internet. Expert Systems with Applications , v. 36, n. 1, p. 933–943, 2009.
Palavras-chave	<i>Personalized recommendation; Tourist attractions; Ontology; Bayesian network; Analytic hierarchy process</i> Recomendações personalizadas, atrações turísticas, Ontologia, rede Bayesiana, Análise hierárquica
67	AHAS, R. et al. Seasonal tourism spaces in Estonia: Case study with mobile positioning data. Tourism Management , v. 28, n. 3, p. 898–910, 2007.
Palavras-chave	<i>Tourism geography; Seasonality; Mobile positioning; Roaming; Seasonal tourism; Estonia; Human geography</i> Geografia do Turismo, sazonalidade, posicionamento móvel, roaming, turismo sazonal, Estônia, Geografia Humana
62	HALL, C. M.; PAGE, S. J. Progress in Tourism Management: From the geography of tourism to geographies of tourism—A review. Tourism Management , v. 30, n. 1, p. 3–16, 2009.
Palavras-chave	<i>Geography, space, place, environment, mobilities</i> Geografia, espaço, lugar, meio ambiente, mobilidade
62	SMITH, S. L. Regional analysis of tourism resources. Annals of tourism research , v. 14, n. 2, p. 254–273, 1987.
Palavras-chave	Notas de pesquisa sem palavras-chave

continua

continuação

Citado por/dez 2014	Referência da publicação
38	HIERNAUX NICOLAS, D. La promoción inmobiliaria y el turismo residencial: el caso mexicano. Scripta Nova. Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona , v. 9, n. 194, p. 05, 2005.
Palavras-chave	<i>Turismo, segundas residencias, promoción inmobiliaria, geografía del turismo</i> Turismo, segundas residências, promoção imobiliária, Geografia do Turismo
29	MITCHELL, L. S. Tourism research in the United States: a geographic perspective. GeoJournal , v. 9, n. 1, p. 5–15, 1984.
Palavras-chave	Notas de pesquisa sem palavras-chave

Obs. Palavras-chave em português - tradução nossa.

Fonte: a autora, 2015.

Apenas o autor Hiernaux-Nicolas, da Ibero-América, aparece nessa lista com o descritor em língua inglesa, atestando a difusão de suas investigações na área. Estas discussões serviram para orientação da análise das abordagens, não foram necessariamente citadas.

Interessante notar, que artigo muito citado em Geografia do Turismo, como o "*Sustainable tourism: A state of the art review*." Publicado em 1999 na revista *Tourism Geographies* não apareceu no ranking e possui aproximadamente 550 citações. O livro de Butler, de 2006, sobre o o TALC (*The tourism área life cycle*) - *The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources* possui aproximadamente 3900 citações de acordo com consulta no Google Acadêmico em 2015.

3.1.5 Escala geográfica de análise

As palavras-chave ligadas à localização foram classificadas separadamente e estiveram presentes em 84 artigos. Mas, por 150 artigos explicitarem a localização geográfica de suas pesquisas, qualitativamente aproveitando a leitura dos artigos, foi destacada a localização das pesquisas, que pode ser observada em listagem completa no Apêndice 5 e em uma reunião por países e regiões na Tabela 11.

TABELA 11 - LOCALIZAÇÃO DAS PESQUISAS

Localização das pesquisas	Quantidade	% em 177
Espanha	50	28,25%
Brasil	48	27,12%
Sem localização geográfica	27	15,25%
México	20	11,30%
Argentina	6	3,39%
Chile	3	1,69%
Costa Rica	3	1,69%
Venezuela	3	1,69%
Cuba	2	1,13%
Alemanha e Espanha	1	0,56%
América Latina e Caribe	1	0,56%
Antártica	1	0,56%
Brasil-Bolívia	1	0,56%
Brasil-Paraguai-Argentina	1	0,56%
Colômbia	1	0,56%
El Salvador	1	0,56%
Eslovênia	1	0,56%
Espanha e Portugal	1	0,56%
Guatemala	1	0,56%
Mesoamérica	1	0,56%
México e Cuba	1	0,56%
Mundial (internet)	1	0,56%
Porto Rico	1	0,56%
Portugal	1	0,56%
Total de artigos	177	100%

Fonte: a autora (2015)

A predominância dos estudos com localização geográfica, na amostra 84,75%, é correspondente a outros estudos da área. Em Corral Marfil e San Eugenio Vela (2013) chegou-se a 92,7% dos estudos aplicados a algum território.

Assim como nos países das instituições dos autores, os estudos de caso ocorreram com predominância no Brasil, Espanha e no México, com predominância de territórios turísticos espanhóis. Encontrou-se um paralelo entre o volume de produção e instituição com o âmbito espacial dos estudos de caso. Mesma situação que Cebrián Abellán (2013) na Geografia na Espanha, com estudos regionais e comarcais ou locais em maior parte da produção.

Classificando os estudos em escala global, escala nacional, escala regional e escala local foi observado que a escala local de análise fica mais evidente, como em Picazo Peral e Moreno Gil (2013), a saber na Tabela 12:

TABELA 12 – ESCALA DOS ESTUDOS

Escala dos estudos	Quantidade
Global	1
Nacional	16
Regional	64
Local	69
Total	150

Fonte: a autora, 2015.

Na escala local (Tabela 13), os estudos urbanos são predominantes, até mesmo nos estudos que relacionam o litoral com as áreas urbanas na preocupação com o ordenamento territorial.

TABELA 13 - ESCALAS NA ESCALA LOCAL

Escala Local	Quantidade
Urbano	25
Litoral	22
Natural	12
Rural	8
Outros	2
Total	69

Fonte: a autora, 2015.

Pela característica criticista de boa parte das abordagens, o olhar do pesquisador em Geografia do Turismo se dá principalmente para os impactos territoriais do turismo, que ficam mais evidentes no urbano. Por outro lado, no ambiente natural se discutem formas alternativas de turismo, como o turismo rural e o ecoturismo. O espaço insular possui destaque, talvez pela fragilidade de seu ordenamento territorial e expressiva busca pelos turistas, o que favorece os estudos da Geografia do Turismo. Também, o território espanhol, o brasileiro e do Caribe possuem diversas ilhas que apresentam fluxos turísticos.

Na escala regional (Tabela 14) a proporção com a escala local é parecida.

TABELA 14 - ESCALAS NA ESCALA REGIONAL

Escala Regional	Quantidade
n/a	21
Litoral	14
Urbano	12
Rural	11
Natural	6
Total	64

Obs.: n/a (não se aplica) se refere a estudos regionais com características de escalas diversas

Fonte: a autora, 2015.

Nas revistas de Geografia espanholas, Cebrián Abellán (2013) constatou que a maior parte dos artigos classificados por âmbitos regionais estão nos que possuem vinculação histórica e cultural com a Espanha como: o Cone Sul, o México e América Central e o Caribe. O Brasil e a Guiana aparecem em quarto lugar nos estudos de Geografia publicados em revistas espanholas. É modesta a presença de estudos sobre os países Andinos (Bolívia, Peru, Equador, Colômbia e Venezuela). Mas quando o autor analisa a distribuição por países percebe que 75% dos estudos sobre Ibero-América nas revistas espanholas estão em temáticas e territórios da Argentina, do Brasil, de Cuba e do México. Na Geografia do Turismo esse relacionamento mostrou-se mais restrito.

Mas a escala regional da Geografia do Turismo ibero-americana ganha importância, há tradição de estudos regionais em Geografia, também as comunidades espanholas (que foram caracterizadas como regiões) apareceram como objeto de diversos estudos. No Brasil o Programa de Regionalização do Turismo, vigente desde 2004 aproximadamente, acaba por influenciar os estudos regionais, com destaque para abordagens sobre o nordeste brasileiro. No México, estudos regionais, principalmente relacionados à região da Riviera Maia, no estado de Quintana Roo, que abriga um dos principais destinos turísticos do país, Cancun.

Nos estudos de litoral, destacam-se as comunidades espanholas da Catalunha, Canárias e Andaluzia, o caribe mexicano, como já mencionado, e o

nordeste brasileiro. Estudos urbanos em regiões de grandes cidades como Buenos Aires, São Paulo, Cidade do México, Rio de Janeiro, Valência, Barcelona e Madri. Os estudos regionais naturais apresentam abordagens de corredores para o ecoturismo em corredores ecológicos e Reservas da Biosfera.

3.1.5.1 Escalas de análise e cooperações

Uma relação possível é em relação aos territórios pesquisados pelas instituições. Verificou-se que de 150 estudos de caso, 88,66% (133) foram elaborados nos próprios países em que estão localizadas. A exceção se deu em 11,34% (17), como no Quadro 7.

Sigla Instit. dos Autores	Países das Instituições	País/Região pesquisada
UNICAMP	Brasil	Global
FGV/USP	Brasil/Brasil	Antártica
PUC-MG/UNESP PP	Brasil/Brasil	Eslovênia
UFMS/UNIFAP	Brasil/Brasil	Brasil/Bolívia
UNIOESTE/UFPR	Brasil/Brasil	Brasil/Argentina/Paraguai
UACH/UJF	Chile/França	Chile
UAB	Espanha	França
UB	Espanha	Alemanha/Espanha
UCLM	Espanha	América Latina
UCLM	Espanha	El Salvador
UCM	Espanha	México
UCM	Espanha	México
UHU	Espanha	Espanha/Portugal
UCM/IPN	Espanha/México	México
UNAM	México	América Latina e Caribe
UNAM	México	Guatemala
UNAM/IFC	México/Cuba	México

QUADRO 7 - INSTITUIÇÕES QUE PESQUISARAM TERRITÓRIOS DE OUTRAS REGIÕES E PAÍSES

Fonte: a autora, 2015.

A maior facilidade de pesquisa se dá próxima à realidade do pesquisador, sem dúvida. Mas observa-se que, pelo tema central desses estudos ser o Turismo (ou o espaço turístico), há necessidade de compreensão da demanda, e/ou das relações externas que influenciam um território turístico.

A cooperação científica, de caráter internacional, poderia contribuir para o aumento dessa compreensão, e já foi observado que na Ibero-América ela é baixa. Pode-se considerar que a maior evidência das instituições que buscam pesquisar outros países e regiões se dá nas pesquisas da UNAM, que se estendem, principalmente do México para a América Central, em estudos com perspectiva econômica sobre a distribuição geográfica de equipamentos e serviços e análises de potencial turístico. Tais investigações não deixam de ser de interesse do país de origem (o México), pois foram realizadas em regiões próximas e, assim, pode-se compreender territórios para formatação de turismo regional, bem como compreender a competitividade do país por meio das condições estruturais e de demanda potencial.

No Brasil, estudos em regiões fronteiriças contribuem para o entendimento da realidade e possibilidades de ampliação do Turismo nessas regiões. Pois, num país de grandes dimensões territoriais com muitas fronteiras, percebe-se que em poucas delas se desenvolve o turismo. Questões relativas à segurança são predominantes e estão à frente das turísticas. Algumas investigações brasileiras extrapolaram a Ibero-América com destinos peculiares ao turista brasileiro, como a Antártica e a Eslovênia.

A Espanha apresenta abordagens relacionadas a países hispânicos, antigas colônias. A decorrência de intercâmbio de pesquisadores pode ser uma justificativa. Também se relaciona com Portugal e com a Alemanha, para o que contribuem a proximidade territorial e as facilidades da União Europeia.

3.1.6 Aspectos metodológicos

Aspectos metodológicos já foram comentados neste capítulo e serão reforçados no capítulo 5 e nas considerações. Aqui, cabem algumas informações e uma classificação.

Alguns periódicos solicitam a seção de metodologia, como no caso do *El Periplo Sustentable*, mas a metodologia não está explícita em parte dos textos.

Corral Marfil (2013), por exemplo, classificou a metodologia das publicações dos Colóquios analisados em: quantitativo, qualitativo, triangular,

revisão, comentário e não disponível. Para não haver interpretações dos métodos e técnicas empregados, apenas se considerou a abordagem dos resultados das discussões em uma classificação: estudos bibliográficos/teóricos, análises (de caráter qualitativo), diagnósticos (com avaliações e análises que se valem também de caráter quantitativo) e propostas para os territórios turísticos.

Assim, foram 22,03% (39) estudos bibliográficos, com caráter de análise teórica e revisões de literatura, 44,07% (78) de análises, 22,60% (40) diagnósticos e 11,30% (20) proposições para territórios turísticos.

Observa-se que poucos estudos teóricos propõem alguma metodologia ou inovação em Geografia do Turismo, conformando-se como revisões de literaturas.

Pode-se ressaltar que na maior parte das produções da área não se menciona claramente qual o método (no sentido de orientação do pensamento) utilizado, até mesmo pelo hibridismo possível e difícil de ser nominado. Não há essa preocupação; quando há, as palavras-chave acabam por destacar, sendo tratada como um diferencial do pesquisador. Geralmente, ocorre em artigos resultados de dissertações e teses, em que as longas discussões possibilitam descrever o método, e no artigo surge um recorte com a aplicação.

As análises apresentadas se apoiam nas mais diversas técnicas: documental, entrevistas, questionários, relatos (discursos), cartografia, imagens, georreferenciamento etc. Podem chegar em recomendações e apontamentos para futuras investigações.

Apenas autores brasileiros publicaram em língua diferente da sua origem, dos 71 artigos 13 foram traduzidos para o espanhol. Os demais países ibero-americanos não publicaram em revistas brasileiras.

Tendo em vista a internacionalização das pesquisas, Picazo Peral e Moreno Gil (2013) verificaram que se publica mais em inglês na Espanha do que no Brasil. Fato que pode explicar que num esforço de tradução é preferencial traduzir para o inglês do que para o português, por exemplo.

As publicações ibero-americanas em revistas de língua inglesa aumentam desde 2006, mas ainda são reduzidas, segundo Picazo Peral e Moreno Gil (2013) em estudo sobre turismo.

Vale ressaltar que algumas revistas ibero-americanas aceitam artigos tanto em espanhol quanto em português, principalmente as revistas brasileiras.

3.1.7 Palavras-chave

As palavras-chave foram escolhidas como elemento central nesse estudo bibliométrico e apoiaram a revisão bibliográfica integrativa. No portfólio de pesquisa foram encontradas 419 palavras-chave diferentes (excluindo as que mencionam localização), o termo “turismo” foi o mais evidente, até mesmo por ser o descritor de busca junto ao termo “geografia”. Alguns termos foram agrupados com o mesmo sentido no singular ou no plural, assim como em Santos e Rejowski (2013), na Tabela 15.

TABELA 15 - PALAVRAS-CHAVE COM MAIOR INCIDÊNCIA

Palavras-chave	Incidência	Palavras-chave	Incidência
turismo	70	atrativo turístico	2
geografia do turismo	17	bibliografia	2
geografia	12	cartografia turística	2
sustentabilidade	10	comunicação	2
desenvolvimento local	9	comunidade	2
lugar	7	corredor turístico	2
patrimônio	7	desenvolvimento	2
território	7	destino turístico	2
turismo rural	7	doutorado	2
meio ambiente	6	empresas	2
cultura	5	ensino universitário	2
espaço	5	espaço geográfico	2
gastronomia	5	espaço urbano	2
globalização	5	espaço vivido	2
paisagem	5	estratégias	2
patrimônio cultural	5	festas	2
planejamento	5	geografia cultural	2
turismo cultural	5	grandes cidades	2
ambiente	4	história da geografia	2
desenvolvimento sustentável	4	imagem turística	2
desenvolvimento turístico	4	imagens	2

Continua

continuação

Palavras-chave	Incidência	Palavras-chave	Incidência
ecoturismo	4	impacto do turismo	2
espaço turístico	4	percepção ambiental	2
competitividade	3	planejamento do turismo	2
complexidade	3	potencial turístico	2
desenvolvimento rural	3	região	2
gestão	3	regionalização	2
litoral	3	segunda residência	2
ordenamento territorial	3	turismo alternativo	2
planejamento turístico	3	turismo científico	2
promoção	3	turismo educativo	2
turistificação	3	turismo gastronômico	2
áreas naturais protegidas	2	turismo sustentável	2

Obs.: As demais palavras-chave aparecem apenas uma vez e encontram-se disponíveis para consulta no Apêndice 3. As palavras relativas a lugares pesquisados encontra-se no Apêndice 6.

Fonte: a autora (2015).

A dispersão das palavras-chave empregadas nos artigos pesquisados na relação da Geografia com o Turismo é confirmada, como apresentado por Rejowski e Kobashi (2011) e Santos e Rejowski (2013) em pesquisas na área do Turismo. As temáticas são diversas e acredita-se que a tendência é a continuidade de sua ampliação, por se considerar fenômenos da atualidade para destacar suas investigações e devido ao caráter interdisciplinar inerente. Também se observa que não há unidade nas terminologias, mesmo dentro de uma mesma língua, no caso na língua portuguesa e na língua espanhola.

Em pesquisa na Geografia, Casals *et al.* (2012) também observaram a dispersão das palavras-chave e destacaram os dez termos agrupados mais presentes: geografia, história, cidade, urbanismo, imigração, espaço, plano, desenvolvimento, política e revista. Quase 60% dos termos apareceram apenas uma vez, reforçando a diversidade temática (Casals *et al.*, 2012). No presente estudo sobre Geografia do Turismo, 84% dos termos são mencionados apenas uma vez. Dos termos da área da Geografia apenas “imigração” não surgiu nas palavras-chave, já o termo “migração” foi mencionado.

As palavras-chave são úteis para classificações dos aspectos pesquisados, pois refletem o que foi abordado em cada artigo. Ou podem refletir

de que forma o pesquisador quer ser reconhecido no cenário acadêmico. Alguns autores reforçam em todas as suas publicações alguma palavra-chave que caracterize sua área de pesquisa. Foi o caso de “Geografia do Turismo”, em certos artigos onde era palavra-chave nem sempre houve alguma definição teórica sobre ela ou explicação do autor sobre seu posicionamento, apenas foi localizada dentro da área.

As palavras da Tabela 15 serviram de referência para uma classificação dos aspectos da pesquisa em Geografia do Turismo que serão apresentados na revisão bibliográfica sistemática, no próximo capítulo.

Com as palavras-chave é possível também verificar a quantidade de palavras por artigo (Tabela 16), que reflete a característica de revistas e autores, bem como amplia ou reduz as possibilidades de busca pela abordagem nos sistemas de informação.

TABELA 16 - QUANTIDADE DE PALAVRAS-CHAVE POR ARTIGO

Palavras-chave por artigo	Quantidade	Porcentagem
0	2	1,13%
3	47	26,55%
4	49	27,68%
5	53	29,94%
6	13	7,34%
7	9	5,08%
8	2	1,13%
9	1	0,56%
10	1	0,56%
total	177	100%

Fonte: a autora (2015).

Santos e Rejowski (2013) no seu universo de pesquisa verificaram que foram mencionados 3 a 5 termos em 91% dos artigos, sendo 3 em 41% e quatro em 31%. 8 ou mais em casos classificados como incomuns. Realidade similar foi encontrada nesta pesquisa.

A dispersão das palavras-chave e a ausência de termos comuns aos pesquisadores de uma área podem ser dirimidas com a elaboração de tesouros.

O tesouro funciona como um dicionário de ideias afins para contribuir com a utilização dos melhores termos que compõem uma certa disciplina.

No Turismo é possível encontrar alguns tesouros elaborados, como é o caso do Centro de Documentação Turística da Espanha (CDTE)¹², ligado ao Instituto de Turismo da Espanha, que divulga um tesouro construído com base na experiência do organismo, ofertando um catálogo de termos relacionados ao Turismo. O tesouro está organizado de forma hierárquica e com termos equivalentes em espanhol, inglês e francês. O Centro Internacional de Pesquisa e Estudo em Turismo (CIRET) também organizou um tesouro com termos da área do Turismo e nomes de países (nomeado de índice geográfico) com equivalências em francês e inglês. Rejowski e Kobashi (2011) criaram proposta preliminar de doze termos genéricos (temas primários) para apoiar a construção de um tesouro brasileiro de Turismo.

Na Geografia não foi localizado um tesouro que englobe toda a sua complexidade, comumente encontram-se relacionados à Geografia tesouros de topônimos (nomes geográficos) político-administrativos, inclusive com traduções em diversos idiomas.

O tesouro da UNESCO¹³ possui uma temática de Geografia e Oceanografia. Como termos específicos em Geografia tem-se: Biogeografia, dados geográficos, exploração geográfica, Geografia física, Geografia Humana e Geografia Regional e há uma temática separada para a Geomorfologia. Os termos possuem tradução em espanhol, inglês, francês e russo.

A União Europeia elaborou um tesouro multilíngue e multidisciplinar¹⁴ para apoiar as terminologias oficiais utilizadas principalmente no ambiente político. Em Geografia encontram-se os nomes das nações, regiões dos países

¹²<<http://www.iet.tourspain.es/en-EN/documentacionturistica/publicacionescdte/tesouro/Paginas/default.aspx>>

¹³<<http://skos.um.es/unescothes/C01672/html>>

¹⁴<<http://eurovoc.europa.eu/drupal/?q=pt>>

da UE, os blocos econômicos, dentre outras relações político-econômico-administrativas.

A Geografia do Turismo, até mesmo pela característica subdisciplinar, não possui um tesouro, mas observa-se que seria uma forma de valorizar o uso das palavras-chave que desencadeiam a facilitação da difusão das investigações.

3.1.8 Números da revisão bibliométrica

Para facilitar a compreensão e sintetizar pontos da análise bibliométrica, na Figura 2 está um esquema com os itens pesquisados e suas incidências.

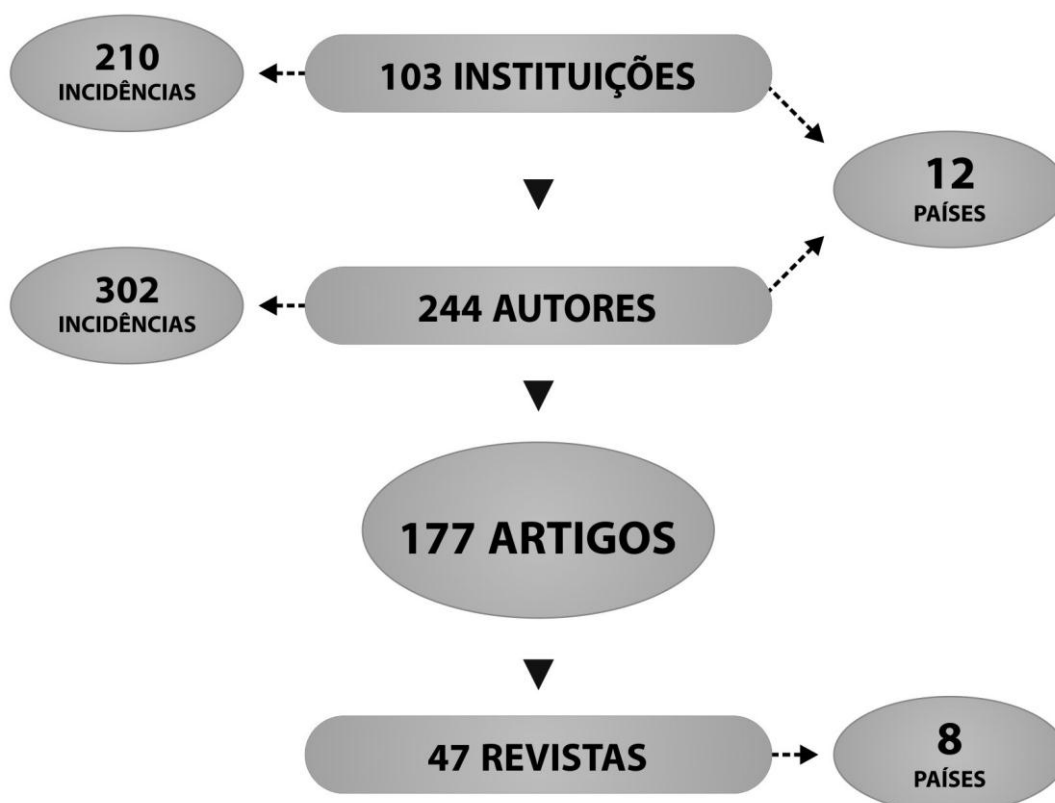


FIGURA 2 – ESQUEMA - NÚMEROS RESULTANTES DA PESQUISA BIBLIOMÉTRICA

Fonte: a autora, 2015.

No centro da figura os 177 artigos que compuseram o portfólio da pesquisa, a partir dos dados desses foram constatadas 103 instituições com 210 incidências, pois foi contada a instituição por autor individualmente (por exemplo,

artigos com 4 autores contabilizaram 4 incidências, para a mesma universidade ou para universidades diferentes, devido aos casos de colaboração). Assim, estiveram presentes 244 autores que incidiram 302 vezes no portfólio (por exemplo: 2 autores possuem 8 artigos cada). Também, 12 países de instituições dos autores estiveram presentes na amostra. Os 177 artigos foram publicados em 47 revistas diferentes, que foram editadas em 8 países.

Como anteriormente mencionado, no próximo capítulo há possibilidade de verificar a classificação realizada com as palavras-chave para construção de revisão bibliográfica.

4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA: ABORDAGENS DAS PESQUISAS EM GEOGRAFIA DO TURISMO NA IBERO-AMÉRICA

A presente revisão bibliográfica sistemática tem como objetivo desenvolver as temáticas e identificar as referências dos 177 artigos da amostra de pesquisa, com algumas complementações de autores de base dos assuntos utilizados por pesquisadores ibero-americanos da temática. A organização desta revisão se deu pelo estudo bibliométrico do capítulo anterior.

Parte-se da premissa que “Os geógrafos devem abordar os problemas do turismo em sua vertente espacial, e especificar a escala de análise mais adequada ao fenômeno que se estuda”¹⁵ (VERA *et al.*, 2011, p. 66, tradução nossa). Na pesquisa científica, verificando cada escala, costuma-se direcionar o recorte para um aspecto; nesse sentido, constrói-se uma classificação. Entende-se que a Geografia do Turismo é maior do que sua produção difundida em artigos científicos. Há discussão nos livros, nos eventos acadêmicos, nas aulas nos cursos de Geografia e de Turismo, na atuação dos geógrafos do turismo em ambientes de planejamento da atividade, e, no presente recorte, o olhar está direcionado aos artigos científicos produzidos por pesquisadores ibero-americanos da área.

Para classificar os aspectos nos artigos pesquisados foram consideradas as palavras-chave presentes. Langridge (1977) aponta 3 pontos fundamentais em uma classificação:

- a) a classificação transforma impressões sensoriais isoladas e incoerentes em objetos reconhecíveis e padrões recorríveis;
- b) toda classificação está relacionada a um propósito;
- c) os mesmos objetos podem ser classificados de maneiras diferentes dependendo do propósito a que se destinam.

As palavras-chave que aparecem em 175 artigos (já que 2 não as mencionam), foram analisadas no contexto dos artigos e classificadas em 6 aspectos que reforçam suas características gerais e conduzem às temáticas. Considerou-se o significado do termo empregado na abordagem de cada autor,

15

Los geógrafos han de abordar los problemas del turismo en su vertiente espacial, y concretar la escala de análisis más adecuada al fenómeno que se estudie.

pois a mesma palavra pode ter múltiplos significados, mesmo dentro do recorte Geografia e Turismo.

Os termos geografia e turismo não são bons descritores de busca, por exemplo, na utilização de um *software* para compor estudos bibliométricos. A semântica dos termos pode levar a desvios de interpretação. Ambos os termos (geografia e turismo) significam o nome de suas disciplinas, mas também servem na descrição de locais de estudo, atividades econômicas ou de lazer, e até como termo genérico, o que dificulta a busca por palavras-chave nas bases científicas. Por esse motivo, foi feita a filtragem dos artigos que apareceram na amostra e empregavam os termos geografia e turismo, mas não se relacionavam aos estudos que poderiam se encaixar em uma Geografia do Turismo.

Para organização da revisão bibliográfica sistemática parte-se da Geografia e do Turismo para serem trabalhados os seis aspectos da produção científica em Geografia do Turismo: os aspectos geográficos do Turismo (GEO), quando mencionadas e analisadas as categorias de análise geográficas como principal condutor para o desenvolvimento de uma abordagem; os aspectos de pesquisa e ensino em Geografia do Turismo (PES), que evidenciam a característica metodológica da presente discussão; os aspectos socioambientais do Turismo (AMB), os aspectos socioculturais do Turismo (SCT) e os aspectos socioeconômicos do Turismo (ECN), pois parte-se de aspectos considerados geográficos até se chegar nos turísticos e apoia-se a classificação nos pilares da sustentabilidade que permeiam as reflexões da produção científica na área e servem aos aspectos de planejamento e gestão do Turismo (PLG), que são de caráter aplicado. Importante ressaltar que tal classificação se deu com a análise das palavras-chave dos 177 artigos da amostra, verificando como o termo foi empregado nas abordagens¹⁶.

As palavras-chave mencionadas mais de duas vezes em cada aspecto ficam em destaque em nuvens de termos de Freinberg ¹⁷ apresentadas ao final de cada seção de aspectos, junto às reflexões.

¹⁶

O termo Turismo, que aparece 70 vezes, foi considerado neutro.

¹⁷

Em: www.wordle.net

Essas palavras destacadas mais de duas vezes no portfólio são as orientadoras da revisão bibliográfica sistemática que visa apontar: os temas contemporâneos recorrentes dentro da amostra de artigos; os autores da Ibero-América identificados; e os autores que foram mais citados pelos ibero-americanos, e que assim servem de referência geral para as discussões das temáticas. Nos quadros estão todos os autores da amostra referentes ao tema e no texto a maioria, para não estender tanto as abordagens.

Cabe ressaltar que os autores podem ser incluídos em diferentes aspectos, pois há abordagens múltiplas. E autores-base estarão no quadro sistemático conforme consulta às referências dos artigos, mas suas discussões não foram utilizadas completamente na revisão pela extensão dos temas e variedade de referências.

Desta forma, tem-se o seguinte fluxo de raciocínio para a organização da revisão bibliográfica sistemática dos artigos produzidos em Geografia do Turismo na Ibero-América: GEO (a base de pensamento), PES (o método), AMB (a base sociofísica), SCT (a base sociocultural), ECN (a base econômica) e PLG (a aplicação).

A partir da Geografia e do Turismo apresentam-se as principais categorias de análises geográficas e seu relacionamento com o Turismo.

4.1 PONTO DE PARTIDA: A GEOGRAFIA E O TURISMO

Discussões contemporâneas sobre a Geografia e o Turismo servem como base para essa revisão de literatura. Assim, parte-se de aproximadamente 30 anos atrás, quando a Geografia foi marcada por discussão sobre a ideia de crise (econômica, política, social e da ciência) (CLAVAL, 2011).

A Geografia Moderna é considerada a união de uma tradição matemático-geográfica, atribuída a Ptolomeu, e uma tradição histórico-descritiva, devida a Estrabão, que, durante o século XIX, para compor a imagem de cada região, recorreu a diferentes elementos econômicos, etnográficos, históricos e ambientais (CLAVAL, 2004).

A ciência moderna pode ser considerada como uma vertente positivista, em que se tem saber sistemático, precisão, linguagem e lógica positiva e uma vertente normativa que segue determinadas regras e condutas. Diante deste contexto, a Geografia Moderna é considerada uma amálgama das escolas e pensadores pelas quais passou. Sua gênese ocorre no período de 150 anos que se estende a partir de 1750, mas é fruto, primordialmente, do século XIX, influenciada principalmente pelos alemães Kant, Humbolt, Ritter e Ratzel. Seu discurso possui elementos que permeiam a “escola alemã”, a “escola francesa” e a “escola anglo-saxônica” de Geografia (GOMES, 2005).

Para Kant, por cerca de 40 anos (de 1756 a 1796) o conhecimento era dado pelos sentidos, sendo, portanto, empírico. Esta influência possibilita que o pensamento científico seja julgado como uma conduta lógica, ou seja, mantém uma posição objetiva e racionalista. Assim, caberia à Geografia a sistematização no plano do espaço, e à História, no plano do tempo (GOMES, 2005).

É nesta esfera que a Geografia ganha *status* de ciência (CLAVAL, 2011). Quando deixou de ser uma “ciência alemã”, já na virada do século XIX, encontrou suas bases epistemológicas, teóricas e metodológicas prontas. Ressalta-se que neste mesmo momento, enquanto a Geografia, sob a ótica capitalista, era responsável pela unidade alemã, para França e Inglaterra seu papel era de viabilizar a expansão colonial. Nota-se aí que existia falta de uma política colonial da Alemanha e o atropelamento de uma política espacial doméstica, e, portanto, estes fatores geram “duas geografias”.

A Geografia francesa ganhará o mundo, com respeito de Ratzel. O “determinismo geográfico” cairá ante o “possibilismo geográfico”, pois demonstra que, com o suporte da História e da Etnografia, existe uma relação recíproca entre o homem e o meio, e, neste sentido, a necessidade humana coloca este ser com amplas possibilidades de dominar este meio (CAMARGO, 2005).

Destaca-se que, em meados do século XX, a “escola anglo-saxônica” fora representada por Sauer, Hartshorne e Schaefer, que definem o fim de uma época, a da Geografia Clássica. O culturalismo de Sauer reforçava a crítica ao positivismo determinista, afirmando que toda ciência só adquire uma identidade através da escolha de um objeto e de um método. Hartshorne, caracterizado por

seus métodos regionais, trazia em suas obras uma crítica à dicotomia entre a Geografia geral e regional e a físico-humana (MOREIRA, 1999).

A “revolução quantitativa e teórica” da Geografia, em contrapartida à “velha geografia” (de origem europeia), procurava a mundialização do capital, por meio do capitalismo americano, personificado através das empresas multinacionais. Confere-se a esta escola o salto epistemológico da Geografia (CAMARGO, 2005).

Esta transformação de entendimento dos conceitos de paisagem faz com que a costumeira descrição (morfológica) passe à matematização, com rigorosas tipologias de padrões espaciais. Deste modo, a revolução matemática favorece a revolução da tecnologia, que, por consequência, coloca os computadores dotados de um poder sobre a natureza, pois esta, diferentemente das formas tradicionais com que era demonstrada, passa a ser controlada de uma forma mais sofisticada, através da “geografia político-estatística”.

A Nova Geografia, marcada pela expansão do sistema capitalista, surgida no pós-guerra, diante do progresso técnico, retrata a difusão de novas culturas, industrialização, urbanização, entre outras relações espaciais. É a partir da década de 1970 que novas correntes surgem como crítica ao modelo neopositivista do espaço, destacando-se a corrente da Geografia Humanista e a Geografia Crítica.

Neste quadro tem-se um resumo da evolução do pensamento geográfico:

Escola geográfica	Características	Alguns pensadores
ESCOLA ALEMÃ – 1750	Influência positivista. “Geografia político-estadista”. “Geografia pura”. “Geografia física”. “Geografia-história”. “Determinismo Geográfico”. “Teoria do Espaço Vital”. Geografia clássica.	Kant (1724-1804) Humbolt (1769–1859) Ritter (1779-1856) Ratzel (1844–1904)

continua

continuação

Escola geográfica	Características	Alguns pensadores
ESCOLA FRANCESA	Funcionalismo. Caráter “utilitário”, informativo e descritivo por consequência das guerras. “Teoria do possibilismo geográfico”. Geografia clássica.	Paul Vidal de La Blache (1845–1918)
ESCOLA ANGLO-SAXÔNICA	Crítica ao positivismo. Crítica à dicotomia entre a Geografia geral e regional e a físico-humana. Revolução quantitativa e teórica. Salto epistemológico da Geografia.	Sauer (1889–1975) Hartshorne (1899-1992) Schaefer (1904-1953)
NOVA GEOGRAFIA	Difusão de novas culturas, industrialização, urbanização, entre outras relações espaciais. Geografia Humanista e Geografia Crítica.	Diversos

QUADRO 8 – ALGUNS APONTAMENTOS DA EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

Fonte: A autora (2015), com base em Gomes (2005), Camargo (2005), Claval (2004).

Com a época que pode ser chamada de pós-moderna (HARVEY, 1994) surgem novas e variadas temáticas, como a saúde, a religião e o turismo.

Como em outros ramos da Geografia, o estudo espacial do Turismo foi passando progressivamente por um tratamento descritivo e outro explicativo, passa de uma fase ideográfica à outra que coloca em destaque a busca de leis gerais para estabelecer uma teoria do espaço turístico, como se pode observar nesta classificação de Vera Rebollo *et al.* (1997):

- Geografia Clássica: desde o naturalismo ou determinismo até o possibilismo historicista francês e a tradição corológica alemã, o objeto de estudo centra-se nas influências que os fatores físicos e antropogeográficos têm sobre o aparecimento e desenvolvimento do turismo.
- Geografia Neopositivista: busca as regularidades existentes e a distribuição de fenômenos espaciais, sendo que o Turismo e a recreação foram campo de provas para o neopositivismo, com a teoria dos espaços centrais. Pode-se dizer que nesta Geografia neopositivista começou a

teorização a partir dos anos de 1970 do ócio e do turismo e sua produção econômica e na organização do espaço.

- Nova Geografia (Geografia Radical (Crítica), Geografia Humanista, Nova Geografia Regional etc.): renega o pensamento positivista (reducionista e formal) que vem considerar os comportamentos espaciais como a expressão concreta das necessidades reais de determinados grupos humanos no campo do ócio. Mas a Geografia Humanista (anos de 1980) não se destacou na sistematização teórica do espaço turístico. A nova dinâmica da sociedade pós-industrial afeta os novos comportamentos turísticos.
- Geografia Pós-moderna: influi no pensamento de planejamento e apreensão e estudo do fenômeno turístico, e acaba por influenciar os fundamentos da Geografia do Turismo e sua perspectiva evolução.

As primeiras explicações teóricas sobre o que é o Turismo vieram dos estudiosos da economia, trazendo suas observações para a atividade. Beni (2003, p. 34) cita uma abordagem de 1910 de Hermann von Schullern, na Áustria: “Turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado”.

Com o passar do tempo a visão holística sobre o assunto começou a ser construída. Na Suíça, Hunziker e Krapt (1942 *apud* BENI, 2003, p. 36), apontam que “Turismo é o conjunto das relações e dos fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência fora do seu local de domicílio, sempre que ditos deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa”.

Jafari, traduzido por Beni (2003, p. 36), entende que “o turismo é o estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físico, econômico e sociocultural da área receptora”.

Para fins de controle da atividade e embasamento para a classificação de dados estatísticos surgiram as definições técnicas, como a da Organização

Mundial do Turismo (OMT), de 1994 (2003, p. 20) definindo que “Turismo são as atividades de pessoas que viajam para lugares afastados de seu ambiente usual, ou que neles permaneçam por não mais de um ano consecutivo, a lazer, a negócios ou por outros motivos”.

Cooper, Hall e Trigo (2011) em abordagem do Turismo como serviço, evidenciam que há necessidade de se entender a produção e o consumo do fenômeno turístico, visto que uma de suas características mais importantes é o consumo da experiência acontecer fora do ambiente regular do consumidor:

o turismo é formado por um complexo conjunto de infraestrutura e de recursos físicos que tem um impacto significativo sobre os lugares onde estão situados. No entanto, o que é comprado pelo turista é a experiência proporcionada por essa infraestrutura e conjunto de recursos e não a infraestrutura em si (COOPER, HALL E TRIGO, 2011, p. 4)

É possível observar que esse fenômeno ocorre em distintos campos de estudo e é verificado em vários contextos da realidade social. O turismo tem caráter eminentemente moderno (URRY, 1996; ANDRADE, 1998) e capitalista (BRITTON, 1991; TRIGO, 1998). Seu surgimento se deu com o desenvolvimento das tecnologias, do transporte das guerras e principalmente da necessidade do ser humano, frente ao processo de industrialização, em desfrutar do lazer (TRIGO, 1998).

No que tange a sua natureza, sua historicidade, o turismo, em seu princípio, era entendido apenas como viagem por simples prazer. Da Antiguidade até o século XIX identificavam-se viagens para comércio, cura, religião, dentre outras motivações (TRIGO, 1998).

Para Urry (1996), a Revolução Industrial introduziu, na sociedade, uma forma diferenciada de entender o fator tempo. E este fator que no passado se confundia com o viver do homem, na Era Moderna assume formas diferentes para atividades igualmente diferentes. Assim, compreender o significado do lazer e do turismo, enquanto fenômenos, significa entender como e porquê a sociedade contemporânea está e onde ela está.

Já na sociedade industrial, o tempo, possui valor singular, principalmente pelo seu fator de escassez para o homem urbano. Desse modo, torna-se um

bem valorizado, fundamentalmente na sociedade que é escrava de horários e compromissos, que, sempre agendados, visam à constante otimização do tempo (DE MASI, 2000). Até a Revolução Industrial, o tempo de que dispunha a maioria das pessoas se diluía entre o conjunto de atividades diárias, as festas e os jogos tradicionais (URRY, 1996).

Esta revolução, somada às conquistas sociais dos trabalhadores, colocaram em marcha novos processos de produção. As indústrias atraíram para perto de si a mão de obra de que necessitavam. As vilas e as cidades incharam, e tenderam a tomar formas de megalópoles. A excessiva concentração urbana passou a constituir um sério problema para seus habitantes, afetados pela poluição sonora, visual, do ar e das águas. O homem urbano da Era Moderna encontra-se ameaçado pelas pressões da vida urbana e seus estados físico e psíquico foram atingidos duramente. Para reverter esta situação, uma das válvulas de escape encontradas foi o lazer. Portanto, a necessidade do lazer cresce com a urbanização e a industrialização (YOUELL, 2002; TRIGO, 1998).

Na medida em que o homem passa a viver nas cidades densamente povoadas, mais ele se ressentia da necessidade de um tempo livre para colocar corpo e mente novamente em ordem. A obtenção de um tempo livre maior passou a ser aspiração abraçada pelos trabalhadores do mundo inteiro (TRIGO, 1998). Com isso, iniciou-se uma luta pela diminuição da jornada semanal do trabalho. Esta conquista, inclusive, tem sido responsável pelo Turismo de massa de fins de semana, em geral via transporte rodoviário de curta distância e hospedagem baseada em residências secundárias.

Posteriormente, os trabalhadores, através dos sindicatos, concentraram as lutas na redução da idade para a aposentadoria e em melhores salários, condições necessárias para, se possível, poderem desfrutar melhor o tempo livre (TRIGO, 1998).

O tempo livre é um direito conquistado, embora nem todos os trabalhadores tenham as mesmas oportunidades para aplicá-lo à prática do lazer diário, semanal e anual. Através da “fuga” semanal e anual procura-se viver novas experiências, conhecer novas formas de vida, novas culturas e povos, descobrir um mundo diferente daquele em que se é forçoso viver.

O progresso tecnológico ocorrido no transporte aéreo após a 2ª Guerra Mundial (ACERENZA, 1991) resultou em um aumento de segurança, velocidade e capacidade dos aviões. Isto fez com que áreas antes tidas como remotas se tornassem acessíveis. Este progresso será acentuado pela crescente demanda por viagens aéreas, principalmente pelo aumento da renda *per capita* nos países desenvolvidos, assim como o crescente interesse por conhecer outras regiões, a negócios ou por prazer. O progresso registrado pelo transporte aéreo no decorrer nas décadas de 1970 e 1980 foi tanto que causa o efeito da expansão do turismo (TRIGO, 1998), pois este é inseparável e dependente do ato de viajar, o que ocasionou seu efeito massivo (ACERENZA, 1991).

Pode-se conceber o Turismo existindo sem atrações organizadas, sem centros de diversões ou até mesmo sem hotéis, pelo menos para alguns amantes da natureza e refugiados da cidade. Ainda, considera-se que este fenômeno definitivamente é uma atividade que tem lugar dentro do tempo livre e contribui para a melhora da qualidade de vida da população, uma vez que procura satisfazer necessidades mínimas de subsistência, propiciando melhores condições de saúde, moradia e educação (BENI, 2003).

A natureza da discussão sobre o Turismo necessita da contextualização do lazer e do tempo livre na sociedade, e a partir desta pode-se formular teorias sobre o Turismo.

Panosso Netto (2005) organiza as teorias em “fase pré-paradigmática” (sem formação de escolas do pensamento turístico, mas de apoio a novas pesquisas), “fase paradigma – sistema de turismo” (por meio da teoria dos sistemas explica a dinâmica do turismo), e “fase novas abordagens” (visa superar a fase paradigma, reformulando a teoria dos sistemas aplicada ao turismo ou por meio de recolocar o homem no centro da discussão do turismo), além dos períodos de transição entre estas fases.

Panosso Netto (2005) cita que a primeira é representada por Fuster (1971) e Jafar Jafari e Bret Ritchie (1981); a transição, por autores da Teoria Geral dos Sistemas, por Cuervo (1967) e Wahab (1977). A segunda fase, por Leiper (1979), Sessa (1985), Beni (tese de doutorado em 1988 publicada em livro em 1998), Boullón (1995) e Getz (1986). A transição para novas abordagens

por Martinez (2004), Krippendorf (1994) e Molina (1991), e a consolidação das novas considerações por Jafari (1995) e Tribe (1997).

Cada teoria possui conceitos e definições distintos de Turismo e, em alguns casos, complementares, além de princípios de análises e discussões. É válido ressaltar que a conceituação do Turismo e o enfoque das teorias variam notadamente de acordo com as disciplinas em que os autores se relacionam. Há teorias econômicas, sociológicas, geográficas ou até mesmo de aspectos legais com caracteres disciplinares, interdisciplinares e até transdisciplinares (BENI, 2003).

Ruschmann (2003, p. 10) afirma em relação ao planejamento do turismo que este "é fundamental e indispensável para o desenvolvimento turístico equilibrado e em harmonia com os recursos físicos, culturais e sociais das regiões receptoras, evitando, assim, que o turismo destrua as bases que o fazem existir". Sendo assim, a natureza é o alicerce para o desenvolvimento desta atividade socioeconômica. Sem a compreensão íntima da relação Natureza — Turismo existem riscos a sua continuidade.

O Turismo aparece como temática em evolução, e encontra na Geografia oportunidade para aprimorar sua compreensão. Dentre diversas rotulagens, a Geografia do Turismo surge para ser pensada dentro de uma ciência que historicamente liga-se a estudos do meio físico, e quando há um olhar para a sociedade evidenciam-se os movimentos sociais e as minorias. O Turismo é caracterizado como atividade da elite, das classes privilegiadas. Em contraposição a este pensamento, os especialistas evidenciam a importância do lazer e do turismo para todos os cidadãos, pois se pode viajar para perto de casa retornando no mesmo dia em uma excursão planejada, assim como se pode viajar realizando uma volta ao mundo. Os deslocamentos que fazem parte do fenômeno turístico são os mais variados e requerem aprimoramento investigativo, formando fluxos também de consequências variadas, e essas características de análise encaixam-se na ciência geográfica.

A revisão bibliográfica dos aspectos classificados como GEO é discutida nos itens a seguir para embasar a compreensão dos demais aspectos

classificados, haja vista que a origem de todos se dá nas categorias de análise em Geografia e na Geografia do Turismo.

4.2. ASPECTOS GEOGRÁFICOS DO TURISMO (GEO) - GEOGRAFIA DO TURISMO E CATEGORIAS DE ANÁLISE

Inicia-se o aspecto GEO com o Quadro 9 que mostra a organização sistemática de temas e autores dos aspectos geográficos do Turismo.

Temas	Autores ibero-americanos no portfólio
<p>Geografia do Turismo Espaço Espaço turístico Espaço geográfico Espaço vivido Espaço urbano Território territorial) (Ordenamento) Lugar Paisagem Região Regionalização</p>	<p>ALBACH, GÂNDARA, HACK NETO e VIEIRA (2012) / ARAUJO e PEREIRA (2011) / BABINGER (2012)/ BARRADO TIMÓN (2001) / BOSQUE MAUREL (2000) / BRAGA (2011) / BRINCKMANN, BRINCKMANN e MUELLER (2010) / CÂNOVES, HERRERA e CUESTA (2005)/ CARVALHO e GUZMÁN (2011)/CASTROGIOVANNI (2005, 2007) /CÓRDOBA Y ORDÓÑEZ e GARCÍA DE FUENTES (2003) / COSTA (2006)/ CRAVIDÃO e MARUJO (2013)/ CROCIA (2002, 2005)/ CROCIA (2002, 2005) / CURY e FRAGA (2013)/ DE OLIVEIRA, TRICÁRIO, PIRES e TOMASULO (2012) / DINIZ e VERSIANI (2006) /FIGUEIREDO, COSTA e PAULA (2011) / GARCÍA MANRIQUE (2000)/ GARCÍA PASCUAL (2004) / GIL, OLIVA e SILVA (2009) / GOMES e OLIVEIRA (2013) / GOMES RAMOS, REIS LOPES (2012,2013), STORINO HOLDERBAUM, OLAGUE DE LA CRUZ e SILVA LEMOS (2012) / GONÇALVES (2013) / GONZÁLEZ HERRERA e PALAFOX MUÑOZ (2006)/ GONZALO PERCAL (2011) / GUILLAUMON (2011)/ HIERNAUX-NICOLAS (2005) / IRMA e CERES (2006) / KIYOTANI e LIMA (2012) / LAGUNAS ARIAS (2006) / LOIS GONZÁLEZ e LOPEZ (2012)/ LONDOÑO (2011)/ LÓPES BONILLA e LÓPES BONILLA (2007)/ LÓPES CUQUEJO (2002) / LÓPES JÚNIOR (2011, 2013, 2014)/ LOPEZ PALOMEQUE (2004)/ MARIANI (2002)/ MARÍN HERNÁNDEZ e VIALES HURTADO (2012)/ MÁRQUEZ DOMINGUEZ (2000)/ MASCARENHAS (2004)/ MONTAÑO ARANGO, CORONA ARMENTA, GARNICA GONZÁLEZ, NICCOLAS MORALES, MARTÍNEZ CASTELÁN e ORTEGA REYES (2012)/ MONTEIRO OLIVEIRA (2007)/ MUÑOZ, PÉREZ, SANHUEZ, URRUTIA e ROVIRA (2006)/MURTA, ARAÚJO, CAMPOS e GONTIJO.(2009)/ NEVES (2009)/ NITSCHKE (2011, 2013)/ OBIOL MENERO (2002)/OBIOL MENERO e CANÓS BELTRÁN (2001)/ OLIVEIRA NETO e GARCIA (2006)/OTERO URIETA (2007)/PACHECO e OLIVEIRA (2011) / STIGLIANO, RIBEIRO e CÉSAR (2011)/ PADILLA Y SOTELO e LUNA MOLINER (2003)/ PANADERO MOYA, GARCÍA GONZÁLEZ e PANADERO ALARCÓN (2011)/ PANADERO MOYA, GARCÍA GONZÁLEZ e PANADERO ALARCÓN (2011)/PANADERO MOYA, NAVARRETE LÓPEZ e JOVER MARTÍ (2002) / PENTEADO (1992)/PILLÉT CAPDEPÓN (2014)/PIRES (2011) /PONCE SÁNCHEZ (2004) / GARCÍA PASCUAL (2004)/PROPIN FREJOMIL, LÓPEZ LÓPEZ e SÁNCHEZ CRISPÍN (2004)/PUCHE RUIZ e OBIOL MENERO (2011)/RAMOS e LOPES (2012, 2013)/ REYES PÉREZ, VÁZQUEZ SOLÍS, REYES HERNÁNDEZ, NICOLÁS CARETTA e RIVERA GONZÁLEZ (2012) /RINCÓN (2008) NAVARRO FLORIA e VEJSBERG (2009) /RULLAN (2010) /SAMARCCHI (2001)/ SÁNCHEZ CRISPÍN, LÓPEZ LÓPEZ e PROPIN FREJOMIL (2005)/ SÁNCHEZ CRISPÍN, MOLLINEDO BELTRÁN e PROPIN FREJOMIL (2012)/ SANTOS (2008)/SANTOS e VILAR (2013)/ SCHROEDER e FORMIGA (2011), CARVALHO e GUZMÁN (2011) /SILVA e FONSECA (2010)/ SIMANCAS CRUZ (2011) /SOLLER e CASTROGIOVANNI (2014)/SOLLER e CASTROGIOVANNI (2014) /SOUZA (2012) / RAMOS e LOPES (2012) /TRAMONTIN e GÂNDARA (2010) /TULIK (1990, 1992) /VÁZQUEZ SOLÍS e PROPIN FREJOMIL (2004)/ VERA REBOLLO (2000)</p>

continua

continuação

Algumas referências-base:

BOSQUE MAUREL (1971, 1981, 1995, 1998) / VERA REBOLLO (1992, 1997, 2001, 2005, 2010) / RODRIGUES (1991, 1992, 1997, 2001, 2003, 2006) / PUCHE (2001, 2002) / SALINAS (2002, 2003) / PEARCE (1981, 1988, 1990, 1991, 1988, 2001,2002, 2003) / HALL e PAGE (2000, 2001, 2002, 2012) / HALL (2000, 2001, 2003) / HALL e LEW (2009) / HIERNAUX NICOLÁS (1989, 1996, 2002, 2006,2007, 2008) / SANTOS (1997, 1998, 2004, 2008) / TUAN (1980, 1983) / BOULLÓN (1985, 1990, 1991, 2002, 2003) / LEFEBVRE (1975, 1991, 1999) / VERA REBOLLO (1992, 1997, 2001, 2005, 2010) / KNAFOU (1996, 1999) / LUCHIARI (1998) / BARRADO TIMÓN (2001) / YÁZIGI (1996, 2000, 2001, 2002) / TUAN (1980, 1983) / AUGÉ (1994, 1996) / BHABHA (1998) / BOULLÓN (1985, 1990, 1991, 2002, 2003) / PIRES (1993, 2003, 2007) / BERQUE (1997, 1998) / HARVEY (1994) / LYNCH (1997) / SAUER (1998) / IVARS BAIDAL (1997, 2000, 2002, 2003) / CALLE VAQUERO (2000) / VASCONI (1996) / ANTÓN CLAVE (1997) / VALENZUELA RUBIO (1999) / LÓPES PALOMEQUE (1998) / CLAVAL (1987, 2004) / CORIOLANO (2005) / LUCHIARI (1998) / CRUZ (2007) / HARVEY (1994) / SAUER (1998) / CORREA (1998)

QUADRO 9 – TEMAS E AUTORES REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA GEO

Fonte: elaboração própria.

Hiernaux Nicolás (2007) situa a Geografia do Turismo desde os anos de 1930 até a atualidade em alguns períodos e correntes: por volta da Segunda Guerra Mundial até os anos de 1970 com o desenvolvimento da atividade turística; a partir do turismo de massas e a intenção de consolidação da Geografia do Turismo; as intenções neopositivistas da Geografia do Turismo; a análise tradicional do Turismo e a produção profissional da Geografia do Turismo (Geografia Aplicada); a Geografia Crítica do Turismo e a virada cultural dos estudos do Turismo.

Rodrigues (1997), diante das discussões sobre espaço provenientes de diferentes vertentes das Ciências Sociais e discussões rumo à transdisciplinaridade, não vê sentido em utilizar o rótulo Geografia do Turismo. Com base em Milton Santos, afirma que a forma de pensar o espaço dispensa adjetivações. Nesta abordagem, a intenção da utilização do termo é localizar a área de estudo dentre tantas que a Geografia vem assumindo, como a Geografia Econômica, a Geografia das Religiões, a Geografia da Saúde, valorizando as características disciplinares e interdisciplinares postas na contemporaneidade.

Para Hall (2005, 2013), a Geografia do Turismo tem uma significativa contribuição para o estudo do Turismo, mas ainda é geralmente percebida como marginal à Geografia. A Geografia do Turismo desenvolve o estudo do Turismo dentro dos conceitos, quadros, orientações e locais da disciplina de Geografia e campos do conhecimento geográfico que a acompanham.

Existe o consenso de que a Geografia do Turismo não pode ser meramente descritiva e preocupada com a localização de atrativos turísticos,

nem tampouco apenas suporte para decisões econômicas (VERA REBOLLO *et al.*, 1997; BARRADO TIMÓN, 2001). São necessários o pensamento abrangente e a análise do espaço turístico.

Para situar os estudos de Geografia e de Turismo, esclarecem-se os seguintes termos:

- Geografia Turística: termo da parte técnica do Turismo, seu estudo faz-se necessário para o ambiente operacional e não para discussões no ambiente acadêmico e científico. Esta geografia turística é informativa por meio de descrições visando mapear os espaços turísticos no mundo, tendo bases na geografia geral. Serve aos propósitos descritivos e localizacionais úteis às práticas cotidianas do mercado turístico.
- Geografia do Recreacional – Geografia do Ócio: Geografia Recreacional é termo comum de disciplina nos Estados Unidos da América. Publicações desse enfoque são destaque nos periódicos: *Journal of Leisure Research e Leisure Scienses* (GOLDNER; RITCHIE; MCINTOSH, 2002). Hall e Page (2009) evidenciam o termo Geografia do Turismo e da Recreação separando as análises do trabalho e as viagens a negócios, e dentro do lazer o turismo e a recreação. Nos anos de 1970 e 1980 há o desenvolvimento de uma chamada Geografia do Ócio e do Turismo, principalmente na Espanha, com especial foco na recreação fundamentada nos espaços rural e natural (VERA *et al.*, 1997).
- Geografia do Turismo: na Geografia do Turismo é possível estabelecer as mais diversas relações entre Geografia e Turismo, permitindo a interdisciplinaridade nos estudos. Pode haver evidência nas abordagens de categorias de análise geográfica, como o espaço.

Hall (2005) preocupa-se com a teorização e esclarecimentos históricos sobre a Geografia do Turismo, considerando-a marginalizada na Geografia. Comenta que a utilização do termo é polêmica e, dependendo das opiniões pessoais e correntes filosóficas, os pesquisadores se posicionam em relação ao termo, sendo comum a utilização de expressões como abordagens geográficas do turismo ou estudos do turismo dentro de uma perspectiva geográfica (ou outras possibilidades de tradução).

Hall (2005) visualiza que os estudos em Geografia do Turismo, embora resumidos a espaço, lugar e ambiente, possuem alcances mais amplos e refletem as variedades do conhecimento geográfico. O autor explica que é complicado resumir o que é um estudo geográfico, haja vista que envolve as ciências biológicas, as ciências sociais e comportamentais, bem como as ciências humanas.

A Geografia do Turismo vem passando por uma mudança geracional desde 2005, com a aposentadoria de pesquisadores doutores da década de 1970, e, nessa mudança, muito do que foi produzido deixou de ser aproveitado de forma significativa pelos novos investigadores. Esses pesquisadores que estão se aposentando podem não ser a primeira geração de geógrafos do Turismo, mas foram os que conseguiram internacionalizar discussões publicando em inglês, a língua dominante da comunidade internacional acadêmica. Já no Turismo, observa-se a primeira geração de pesquisadores com publicação internacionalizada e que realizam, também, estudos geográficos do Turismo (HALL, 2013).

A relação da Geografia com o Turismo é abordada por diversas vertentes, o que enriquece o debate proposto.

Gibson (2008) observa que, se for realizada uma avaliação das contribuições da Geografia do Turismo como subdisciplina, é possível afirmar que existe grande variedade de temas de estudo, que vão desde a análise de fluxos de turistas em nível internacional, até a análise de imaginários espaciais e sua relação com o marketing turístico.

Para Vera Rebollo *et al.* (1997), o desenvolvimento de propostas metodológicas para o estudo geográfico do ócio, e particularmente do Turismo, foi acontecendo ao mesmo tempo que o desenvolvimento dos paradigmas de disciplinas como: antropogeografia, geografia fisionômica, geografia morfogênica, geográfica-paisagística, socialdistancial e espacial.

Para Pearce (2003), o Turismo é a extremidade de um amplo aspecto do lazer. Ele buscou olhar o sistema como um todo, acreditando que a pesquisa geográfica pode contribuir ao planejamento, desenvolvimento e gerenciamento

da relação: origem – ligação – destino. Pearce preocupou-se com modelos que pudessem esclarecer essa relação no espaço turístico.

Mitchell e Murphy (1991) apresentam o caminhar geográfico até chegar às perspectivas regionais e na geografia sistemática, que se preocupa em examinar sistemas individuais ou tópicos no caso do turismo, recreação e lazer (após 1940 – 1970). Mitchell possui outras publicações anteriores sobre o estudo da Geografia do Turismo com destaque para a produção nos Estados Unidos da América.

Mitchell e Murphy (1991) definem como objeto de estudo da Geografia do Turismo as inter-relações que se criam entre os turistas, a população local e as atividades realizadas, tendo-se como referência o espaço. Nesse contexto, os estudos pertinentes à Geografia do Turismo abordariam aspectos ambientais, regionais e evolutivos do espaço.

Rodrigues (2001, p. 95) destaca que “a Geografia do Turismo serve para alimentar e irrigar a reflexão na Geografia”. O contrário também é válido – é necessário aprofundar-se na reflexão geográfica para entender o fenômeno no turismo, contemplando sua natureza complexa e multifacetada, percorrendo os campos ecológico, sociológico, antropológico, psicológico, cultural, político, jurídico, ideológico, com significativas incidências espaciais. Mesmo já tendo utilizado o termo em 2006, Rodrigues acredita que insistir em uma Geografia do Turismo é retroceder, já que o conhecimento é transdisciplinar.

Rodrigues (1997) aborda que o Turismo na sua complexidade possui tríplice aspecto com incidências territoriais: áreas de dispersão (emissoras), áreas de deslocamento e áreas de atração (receptoras). Nestas áreas se produz, se reformula e se consome o espaço turístico. Sammarchi (2001, p. 129), em opinião semelhante, afirma que a Geografia do Turismo estuda o espaço distinguindo o espaço emissor, o espaço receptor e o espaço de trânsito.

Para Coriolano e Mello e Silva (2005, p. 21) “a Geografia é a ciência do espaço e o Turismo concretiza-se nos espaços geográficos”. Por meio dela, é possível compreender as singularidades dos lugares onde se habita e onde se faz turismo, saber o que diferencia e aproxima os seres humanos, entender as

formas de relações socioespaciais, ou como diferentes sociedades interagem com a natureza nessa construção.

Para estes autores, “a incumbência da Geografia do Turismo é ler o mundo, explicar e interpretá-lo, para entender a mobilidade dos fluxos turísticos” (CORIOLANO; MELLO E SILVA, 2005, p. 22).

Não é raro encontrar menções de que a Geografia do Turismo é recente, como em Irma e Ceres (2006), que nominam a Geografia do Ócio e a da Recreação como sinônimo.

Mitchell e Murphy (1991) defendem que há uma abordagem geográfica que entende o turismo como uma espécie de " diálogo geográfico " entre a região de origem e a região ou local de recebimento. Consideram que os estudos na área do turismo vêm incluindo o espaço como uma dimensão constituída e constituinte do fenômeno do turismo, e que também há estudo geográfico dos turistas mostrando como eles ajudam a produzir o espaço. Para os autores, a geografia do turismo é vista como inovação dentro da geografia e o diálogo entre as duas áreas é frutífero. O debate é amplo e no decorrer da abordagem outras temáticas surgirão.

Para Richard Hartshorne (GOMES, 2005), o espaço geográfico era uma construção intelectual, não existindo de fato na sociedade. É uma concepção da forma como a realidade é observada pela sociedade, à medida que essa sociedade apreende como acontece sua própria espacialização.

Milton Santos (1998) entende que o espaço geográfico é um conjunto de sistemas de objetos e ações e que pode ser lido por quatro dimensões: forma, função, estrutura e processo, todos interligados e que necessitam, além do olhar do observador, de um resgate histórico que aprofunde e possa configurar a análise. Para ele o espaço é como um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento.

As relações da Geografia com o Turismo acontecem no espaço, a teoria de análise do espaço vem principalmente da ciência Geografia.

O turismo vale-se das características do espaço geográfico (urbano ou rural) para seu desenvolvimento, e pode contribuir para a (re)produção deste espaço, de acordo com as especificidades da atividade turística praticada. O

espaço geográfico, para ser um espaço turístico, pode considerar as informações de outras ciências (Economia, História, Sociologia, Antropologia etc.) para “delimitar” e caracterizar as atividades turísticas que são ou que serão implantadas.

Para Rodrigues (1997), o Turismo é complexo e na definição do espaço turístico devem ser observadas, principalmente, as áreas de dispersão (emissoras), áreas de deslocamento e áreas de atração (receptoras), pois são nelas que se manifesta materialmente o espaço turístico. Rodrigues embasa-se em Milton Santos para definir o espaço turístico com fundamentação no estudo do espaço geográfico. Assim, os elementos que compõem o espaço são: os seres humanos/sociedade, as firmas, as instituições, o meio ecológico e as infraestruturas. Vale ressaltar que estes se relacionam e se confundem, sendo importante estudá-los em um sentido de totalidade.

Rodrigues (1997) defende que o espaço turístico, como todo espaço geográfico, não pode ser concebido por fronteiras euclidianas (exatas e precisas), mesmo porque existem elementos externos, como a demanda.

Mas em Boullón o espaço turístico pode ser definido por critérios mais objetivos que subjetivos (2002, p. 79):

O espaço turístico é consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos que, não devemos esquecer, são a matéria-prima do Turismo. Este elemento do patrimônio turístico, mais o empreendimento e a infraestrutura turística, são suficientes para definir o espaço turístico de qualquer país.

Conceito bastante utilizado pelos autores ibero-americanos, mas que reduz as possibilidades de análise sobre os atores envolvidos no processo turístico (moradores, turistas, poder público, etc.).

Para Rodrigues os estudos “clássicos” em Geografia do Turismo têm valorizado a categoria função nas abordagens de planejamento turístico e ordenamento territorial do turismo. A função pode ser decomposta para se observar o espaço turístico: oferta, demanda, transporte, infraestrutura, serviços, gestão, marketing – quando captada num tempo determinado. O enfoque economicista e estatístico se destaca com “estudos de oferta e demanda, tempo de permanência, tempo de deslocamento, rede de circulação interna e externa,

ampliação de serviços, densidade de ocupação, dentre outros” (RODRIGUES, 1997, p. 49). A autora orienta que seria interessante desenvolver mais estudos que investigassem o impacto do turismo nas comunidades e os custos sociais de obras e de serviços públicos que afetam às populações locais.

Como os elementos do espaço turístico são diversos, os instrumentos para seu planejamento devem contemplar todos com visão holística e sistêmica, em um processo que recebe influências internas e externas para se apresentar como fenômeno turístico.

Beni (2003) destaca estas ligações na interpretação do Sistema do Turismo (SISTUR), apoiado na Teoria Geral dos Sistemas e em economistas clássicos, apresentando suas variadas relações para a compreensão do turismo. O autor faz esta divisão em 3: relações ambientais (subsistemas ecológico, social, econômico e cultural), estruturais (subsistemas superestrutura jurídico-administrativa e da infraestrutura base para o desenvolvimento da atividade) e operacionais (subsistemas que envolvem o mercado).

A teoria dos sistemas é útil para a compreensão do turismo como fenômeno complexo e não como fenômeno sistêmico somente. A ideia de mecanismo com entradas e saídas de “energias” que o movem serve para perceber que o espaço turístico é bastante dinâmico, e que cabem leituras específicas das realidades observadas.

Toda organização espacial engloba um ou vários processos: o processo de migração, o processo de implantação de indústrias, de urbanização, enfim, o processo de transformação, que faz do espaço um organismo vivo, onde o tempo deixa suas marcas e permite, assim, uma análise histórica.

Todo processo pressupõe a noção de dinâmica, movimento, que é inerente ao estudo do espaço geográfico. O turismo produz novas configurações espaciais e novas formas de sociabilidade que devem ser consideradas no âmbito do planejamento dessa atividade (CARVALHO; GUZMÁN, 2011).

Penteado (1992) afirmou que o turismo é um fenômeno geosocial-cultural-econômico e sua análise interessa a diferentes especialistas. O autor usou, em artigo presente nesta amostra, o que chama de método geográfico de

síntese, colocando o turismo no espaço terrestre (terras emersas). Abordou os macroespaços dentro dos estudos geográficos antigos (Umbgrove, Diccarco, discípulo de Aristóteles, chegando em Köppen), que criam as macropaisagens que estão na atmosfera, litosfera, hidrosfera e biosfera. Neste contexto, surge o turismo como atividade humana devido à evolução da ciência e da tecnologia, aos novos sistemas de trabalho e hábitos de economia das classes trabalhadoras. O autor reforça a necessidade do planejamento e da organização espacial para o turismo e o reconhece como atividade menos danosa ao meio ambiente do que atividades extrativistas, por exemplo.

García Manrique (2000) menciona que os espaços para o turismo podem ser os compartilhados, como espaços turísticos integrados ou os espaços autossuficientes, hiperespecializados. O autor destaca que esses espaços foram deslocados do planejamento urbano e quando evidenciado expressivo crescimento, como no caso dos balneários espanhóis, necessitam ser integrados. Em sua abordagem, García Manrique quer reconhecer um juízo de qualidade para os espaços de ócio da costa da Andaluzia.

A categoria espaço é utilizada para discutir os mais diferentes temas, como, por exemplo, a fronteira. Figueiredo *et al.* (2011) destacam que os elementos do espaço turístico fronteiro são apresentados em sua relação complexa e utilizam-se da teoria do espaço geográfico de Milton Santos para distinguir os homens, as firmas, as instituições, o meio ecológico e as infraestruturas do espaço turístico de fronteira. Existe potencial turístico que carece de planejamento integrado e redes de cooperação socioeconômicas.

Para Castrogiovanni (2007), o espaço do turismo deve ser compreendido pelo olhar geográfico e da comunicação. Devido à complexidade, o fenômeno turístico possui aspectos histórico-geográficos, econômicos, psicológicos, sociológicos, antropológicos, comunicacionais, culturais, ecológicos, políticos e estéticos. O autor afirma ainda, 3 pontos que levam à reflexão: existe um espaço turístico sem geografia; o espaço turístico pede compreensão multidisciplinar; e o espaço turístico é um fenômeno complexo que apresenta dimensão geográfica.

Como categoria central de análise na relação Geografia e Turismo, o espaço possui diversas e diferentes abordagens, que serão apresentadas nessa revisão sistemática ligadas a outros aspectos categorizados.

Além dos termos espaço geográfico e espaço turístico, na amostra da revisão sistemática aqui organizada os termos “espaços urbanos” e “espaço vivido” foram os mais presentes.

Lefebvre considera que sociedades dos grandes centros urbanos caminham para o que ele denomina sociedade urbana. Esta surge da industrialização que domina e absorve a produção agrícola e ao mesmo tempo se distancia do mundo rural: “o tecido urbano prolifera, estende-se, corrói os resíduos da vida agrária” (LEFEBVRE, 1999, p. 17).

O autor distingue a cidade do urbano porque considera que a forma urbana, enquanto simultaneidade, não pode limitar-se ao espaço da cidade. Assim, o urbano passa a integrar o cotidiano enquanto categoria social que explicita, de forma mais acabada, o sentido da reprodução das relações sociais de produção. A cotidianidade é “lugar social de uma exploração refinada e de uma passividade cuidadosamente controlada” (LEFEBVRE, 1999, p. 129). Ideologias práticas, parciais e redutoras são observadas no que o autor chama de ciência política, das relações de ideologia e poder. Mesmo diante de conflitos e problemas do espaço urbano é nele que a maioria dos indivíduos imprime seus desejos (LEFEBVRE, 1999, p. 134).

Assim, o espaço natural que antes era predominante na visão da sociedade rompe-se e se torna subordinado. “...o caráter social do espaço começa a tomar importância visivelmente (...), portanto a legibilidade das relações sociais inerentes. A análise dessas relações, ao contrário, torna-se difícil, a ponto que se chega a avizinhar de um paradoxo” (LEFEBVRE, 2000, p. 100).

Esta sociedade urbana submeteu-se ao “paraíso artificial”, expressão utilizada por Baudelaire quando assiste à transformação de Paris pelo urbanismo de Haussmann. O paraíso artificial suplanta, na nostalgia, os paraísos ditos naturais, “se a natureza fornece alguns elementos desses paraísos, vinhos e drogas, tecidos e metais, desejo carnal e violência, sua retomada muda o seu

sentido” (LEFEBVRE, 1999a, p. 103), pois “A cidade destronou a natureza” (LEFEBVRE, 1999, p. 102).

As análises de Lefebvre levam a considerar que o espaço urbano com seus contrastes, suas liberdades e suas fatalidades é repressivo, tem propiciado o escapismo do urbano e, conseqüentemente, o uso e o consumo dos espaços turísticos (ALBACH *et al.*, 2012).

Lopes Júnior (2014, p. 169) considera que “no espaço urbano, as questões referentes ao consumo do espaço pelo turismo são mais explícitas, devido à alta concentração dos elementos necessários para esta atividade, como a infraestrutura de suporte”.

Contudo, diante do processo de urbanização das cidades, no qual a cidade concentra não só a população, mas os instrumentos de produção, o capital, as necessidades, os prazeres, surge como consequência ao ser humano contemporâneo um modo de vida estressante e doentio. Ele busca então como alternativa o retorno a vivências lúdicas, ou naturais, para escapar do espaço urbano (ALBACH *et al.*, 2012).

Albach *et al.* (2012) afirmam que, o turismo visto como um fenômeno social, introduz no espaço objetos definidos com a possibilidade de permitir o desenvolvimento de uma atividade. Estes objetos podem ser absorvidos pelo e para o turismo, alterando muitas vezes seu significado para atender uma nova demanda de uso turístico.

Esta dinâmica de produção do espaço turístico promove sua valorização, com a incorporação de novos espaços e o abandono de outros, e tem incorporado paralelamente um modismo de consumo. Assim, os espaços passam a ter uma importância significativa no âmbito do turismo, fortalecendo principalmente segmentos do turismo direcionados a atividades nos mesmos. Criam-se também outros espaços turísticos, que podem estar localizados tanto em áreas urbanas como em áreas naturais que venham atender expectativas de um cidadão dotado de um modo de produção, fruto de uma sociedade capitalista.

Sendo assim, o uso dos espaços turísticos pode ter tanto a função de valorização cultural, pelas práticas sociais do turismo, quanto por uma divisão social e territorial do trabalho, porém o que ainda prevalece e determina o

consumo destes espaços é a preferência dos fluxos turísticos dominantes, caracterizados por diferentes tipos de capitais, informações e pessoas.

Fratucci (2009) reflete que “o Turismo não é sujeito dos processos de turistificação. Ele é consequência da interação de diversos agentes sociais (turistas, poder público, trabalhadores, população residente)”.

Oliveira Neto e Garcia (2006) avaliaram como as cidades contribuem para o desenvolvimento da atividade turística e para a construção de um imaginário pelos turistas, os elementos existentes no espaço urbano e a imagem turística divulgada.

Na amostra pesquisada, Nitsche (2011, 2013) utilizou o conceito de espaço vivido. Percebe-se que outros autores o discutem relacionando com o turismo sem necessariamente se valer do termo. Mas consideram, como Nitsche (2011, 2013), que para a comunidade ser beneficiada com a atividade turística necessita gerenciar seu espaço de vivência. “Por isso a importância deflagrada de conhecer este espaço vivido, onde se enfatiza a constituição da comunidade e a sua relação com o lugar” (NITSCHKE, 2013, p. 716).

Nitsche (2011) apresentou as autorias que se relacionam com os estudos de mundo vivido e espaço vivido: Eduard Relph (1979), David Lowenthal (1982), Yi-Fu Tuan (1980; 1983), Anne Buttimer (1982), que se apoiam na fenomenologia, e a linha francesa do espaço vivido (*espace vécu*), que não se vale da fenomenologia.

Para Nitsche (2011, p. 37),

uma ciência preocupada com o espaço vivido das pessoas tende a colocar o homem no centro das pesquisas, procurando entender a sua visão sobre o mundo através da relação que estabelece com o seu espaço de vivência, onde se inclui o conceito de lugar, repleto de significados, incluindo os sentimentos topofílicos ou topofóbicos.

A categoria espaço, por sua importância, foi discutida em diversas abordagens do portfólio que estarão presentes em outras seções sobre os aspectos pesquisados em Geografia do Turismo na Ibero-América, assim como o território.

O território, tradicionalmente entendido nas relações entre espaço e poder desenvolvidas pelos Estados — Estados nacionais (GOMES, 2005). O caráter espacial da atividade turística manifesta-se no território.

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de *terreo-territor* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo — especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”.

Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. Lefebvre distingue apropriação de dominação (“possessão”, propriedade”), o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do “vivido”, do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca.(...)Podemos então afirmar que o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, “desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’” (HAESBAERT, 2004, p. 95-96).

O geógrafo francês Knafou (1999) define diferentes relações com o turismo e o território: na primeira possibilidade o autor argumenta que apesar da “turistificação” de uma parte do espaço mundial, com o progresso nos transportes e o aumento das facilidades de acesso, ainda existem muitos territórios sem turismo; a segunda possibilidade consiste na existência de um turismo que não é resultado da iniciativa de turistas, mas de operadores voltados para o mercado, não sendo suficiente para caracterizar um território turístico por não ocorrer uma real apropriação do espaço pelos turistas, consistindo, então, em lugares de passagem, onde o turista só faz uma incursão; a terceira e última possibilidade de relação entre turismo e território corresponde à existência do território turístico, territórios criados pelos turistas, mais ou menos retomados pelos planejadores e operadores da atividade turística. Knafou permite, com suas reflexões, também ampliar as discussões dessa Geografia que tem dificuldades em ter um nome.

O território no sentido turístico se aplica a um conjunto amplo de elementos e referências espaciais. No território turístico pode ser observado o mercado para ser utilizado para as atividades turísticas.

Um território turístico quando demarcado deve ser percebido como um conjunto espacial que requer administração unitária, incluindo a parte que compete ao poder público (VERA REBOLLO *et al.*, 2011).

Schroeder e Formiga (2011, p. 93) consideram “o território como uma construção social, produto das inter-relações entre atores locais e agentes de desenvolvimento. Sua natureza vai além da condição de suporte geográfico de recursos e atividades econômicas”.

O território adquire assim a função de "integrador versátil", é capaz de ligar culturas da sociedade local com as mudanças no contexto econômico global. As dimensões sociais, econômicas e territoriais são parte da competitividade dos destinos turísticos. O autor enfatiza a oportunidade integrativa dos setores sociais menos favorecidos com o turismo, e que a universidade pode contribuir com esse processo (OTERO URIETA, 2007).

Certa seletividade espacial orienta a eleição, pelo turismo, de determinados pontos do território, em cada momento histórico (CRUZ, 2000, p. 18). As discussões sobre território permeiam os aspectos políticos e de planejamento do uso territorial para o turismo. O ordenamento territorial é fundamental para um adequado desenvolvimento. Algumas discussões no portfólio podem ser assim sintetizadas: Obiol Menero (2002) relaciona as marcas turísticas com os recursos territoriais; Lópes Cuquejo (2002) verifica um território deslocado do turismo em sua análise; García Pascual (2004) aponta os problemas do desequilíbrio territorial causado pelo turismo de sol e praia; Lopez Palomeque (2004) verifica a política de turismo deslocada do território; Mascarenhas (2004) vê uma nova ordem territorial se formando por meio do turismo e das segundas residências.

Fratucci (2000) observa as redes que se formam no território turístico:

... podemos afirmar que, sob a ótica do seu processo e da sua organização, o turismo estabelece uma rede composta por destinos turísticos e por centros emissores (nós), localizados em pontos diferentes do espaço que, por suas características funcionais, mantêm entre si certa ligação de comando. Existe, pois, uma organização que mantêm um nível de gerenciamento (por extensão, de poder) sobre eles, interligando-os por meio de objetivos comuns. O ponto/nó emissor precisa do ponto/nó receptor (destino turístico) para satisfazer as demandas dos turistas e para informá-los e transportá-los são necessários aos “dutos” (materiais e imateriais) que os unem, formando uma rede complexa.

Dentro desta perspectiva, no território têm-se os lugares de origem e de chegada dos turistas; a maioria dos atrativos turísticos; os equipamentos urbano-regionais; a infraestrutura e os turistas e residentes (MARIANI, 2002).

Para Tuan (1983, p. 6), a ideia de lugar está atrelada ao que é conhecido e transmite segurança, diferenciando-se do espaço, ligado a um conceito mais abstrato, ou seja, o “que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. A geografia atual conceitua lugar como o espaço ao qual foi designado um sentido ou conjunto de sentidos (NAVARRO FLORIA e VEJSBERG, 2009).

Urry (1996) comenta que os lugares são escolhidos para serem contemplados porque existe uma expectativa criada pela imagem promovida pelos meios de comunicação e que nem sempre refletem a realidade. Nesta linha de raciocínio, Marujo e Cravidão (2012) estudaram o lugar, entendendo que ele faz parte da essência do ser humano, envolve tanto elementos físicos quanto culturais e ambos são importantes para os turistas compreenderem o lugar.

O autor Castrogiovanni é o expoente da amostra na discussão da relação da categoria lugar com o turismo, principalmente em abordagem de 2007 com discussão na teoria da Complexidade, de Morin, sobre lugar, não-lugar e entre-lugar no turismo (CASTROGIOVANNI, 2007). Para o autor, cada lugar turístico tem uma paisagem diferente e também sua própria alma turística.

Castrogiovanni entende a formação do espaço turístico como um fenômeno complexo (na teoria da Complexidade, de Morin) que apresenta dimensão geográfica. E considera que na viagem estão o lugar, o não-lugar e o entre-lugar:

O Entre-Lugar permite que se vislumbre as histórias nacionalistas e antinacionalistas. Ao se explorar esse terceiro espaço pode-se evitar a política da polaridade e se emerge como um outro de si mesmo. Nesse caso, o entre-lugar permite o turista a ver seu próprio espetáculo, onde o deslocamento se dá para que o turista seja visto e veja o outro. (CASTROGIOVANNI, 2007¹⁸).

Yázigi (2002) afirma que a globalização é ambígua em relação aos lugares, por um lado pode ameaçá-los, mas por outro traz novas relações de

¹⁸ O número de página não está marcado no artigo.

força. Comenta que o multiculturalismo pode fazer com que um mesmo lugar assuma diferentes variedades espaciais.

Marianni (2002, p. 39), em seu estudo de percepção do lugar, concluiu:

...percebemos que os lugares são, portanto, espaços experienciados. É o sentimento de lugar que se relaciona às motivações dos turistas para procurarem Bonito, pois, ao entrarem em contato com esse espaço turístico, pela sua percepção, os turistas lhe atribuem valor de acordo com suas necessidades, interesses, desejos, sonhos, propósitos e aspirações. É esse espaço, carregado de significados, que passa a ser percebido, então, como “lugar”.

Rangel Gonçalves (2013, p. 31), em seu artigo sobre a chegada do turismo no Morro da Conceição, Rio de Janeiro, apontou que com a compreensão de lugar pode-se “procurar nos dramas, alegrias, entusiasmos e decepções ocorridos no mundo vivido, a essência das relações do homem com o espaço, traduzindo assim a alma dos lugares”.

Este choque de territorialidades em microescala não pode passar despercebido de nossa análise. Em uma escala que mistura conceitos, sob a luz do sol a escadaria é um espaço para uns e um lugar para outros, enquanto que nas noites de samba, a escadaria tem seu sentido metamorfoseado, pois se transforma em lugar para uns e espaço para outros. O fenômeno da centralidade assume nuances no referido ponto geográfico, pleno de simbolismo e memória arraigada (RANGEL GONÇALVES, 2013, p. 32).

Diversas aplicações da categoria lugar e o turismo são apresentadas na seção sobre aspectos socioculturais da Geografia do Turismo, assim como a paisagem.

Para Pires (2001, p. 235), autor brasileiro com destaque na amostra, “a paisagem, como expressão espacial e visual do ambiente, sintetiza todas as dimensões implicadas na sua formação e transformação, seja por força da própria natureza, seja pelas interferências humanas”.

Pires menciona que a verdadeira essência do turismo é a motivação de viajar para lugares (destinos) diferentes do local de residência, para romper a rotina, e a paisagem é o elemento que melhor indica ao turista essa tão sonhada mudança de lugar.

A paisagem e o turismo são realidades que se inter-relacionam. A paisagem é um fator de vital importância ao turismo e possui peso considerável na oferta turística. Segundo Oliveira (2002), é nela que as pessoas se deslocam, agregam valores sociais, ambientais, econômicos, afetivos e simbólicos.

A conceituação de paisagem pode ser diferenciada conforme os interesses impostos no projeto turístico. Mas comumente há 3 dimensões (PIRES, 2011): a dimensão estética ou visual, que se relaciona com a reação sensitiva e intuitiva e a percepção de cada ser humano diante da expressão visual da paisagem; a dimensão cultural: conforme cada cultura, a paisagem poderá estar “carregada” de valores emocionais que vão além de qualquer conceito de beleza estética ou da utilização ecológica equilibrada; e a dimensão ecológica (ou ecológico-geográfica): é a resposta visual da evolução dos elementos físicos e biológicos que compõem a paisagem.

Pires (2011) apresentou marco teórico, com síntese de ideias em modelos sobre paisagem considerando sua aplicação no planejamento turístico. Destacou a utilidade da avaliação da paisagem para identificação de potencial turístico e refletiu que não há método universal para avaliação da paisagem. Pérez *et al.* (2006) também valorizaram um diagnóstico da paisagem que permite criação de um método para valoração de paisagens da água que pode contribuir com a gestão. Entendem a paisagem com quatro dimensões: espacial-estética, social, ambiental e territorial, diferentes das apontadas por Pires.

O uso do conceito de paisagem na amostra se dá em relação às características naturais ou culturais. Por exemplo, no trabalho de Costa (2006) pode-se observar a paisagem cultural e o turismo, quando ele aborda a cidade turística que tem impregnação na paisagem de elementos “malditos”, isto é:

“os bordeis, casas de strip-tease, pontos de drogas, becos escuros, etc.”. A matriz desta paisagem é justamente a própria reprodução destas marcas através dos olhares dos residentes, uma vez que estas paisagens malditas são os agentes das mudanças na percepção destes novos espaços segregados em termos de representação. Esta mudança matriz é a produção da generalidade e durabilidade destas representações) (COSTA, 2006, p 96).

Neves (2009) também destacou a importância do conceito de paisagem para a valorização do patrimônio histórico, afirmando que o poder público precisa conhecer as possibilidades patrimoniais do município estudado.

Unindo paisagem e cultura, a paisagem passa “a ser vista como um modo especial de compor, estruturar e dar significado a um mundo externo, cuja história tem que ser entendida em relação à apropriação material da terra” (STIGLIANO; RIBEIRO; CÉSAR, 2011, p. 639).

A interpretação da paisagem através de questionamentos como estruturação e apresentação dos elementos do espaço também possibilitam aos indivíduos o estímulo para uma análise detalhada dessa paisagem (HACK NETO., 2012).

Com a percepção cognitiva do espaço a compreensão torna-se mais abrangente a partir da abordagem das percepções. As atitudes adotadas no turismo se traduzem na percepção, podendo refletir interesses e valores atribuídos ao turismo decorrentes da visão de mundo individualizada (HACK NETO., 2012).

Kiyotani e Lima (2012, p. 143) apontam que:

A percepção da paisagem adotada pelos geógrafos inicialmente, se voltava mais à descrição da fisionomia do lugar: morfologia, hidrografia, vegetação, etc., sendo observados apenas os elementos físicos da paisagem. Com o tempo se agregou a esta percepção, um olhar menos radical, onde a paisagem revela não só as formas físicas naturais, mas também formas de produção socioculturais. Atualmente o conceito de paisagem reúne dois aspectos: o antrópico e o físico, e suas interações constantes.

Pillét Capdepón (2014, p. 299) destaca a importância da paisagem na nova Geografia Cultural, que tanto influenciou as abordagens do portfólio:

A contribuição fenomenológica para a análise da relação entre o sujeito e a paisagem, desenvolveu um novo campo de estudo com foco na percepção e valorização do território cultural. A visão, o olhar, tem um papel de liderança. A paisagem cultural é transformada em expressão geográfica, em um processo cumulativo de eventos históricos e imaginários. Esse caráter subjetivo se conecta com a cultura, com a geografia cultural, a partir do qual não se preocupa somente com a paisagem observada, mas também o que tem se refletido em vários textos da literatura, a partir de suas várias manifestações. Algumas como resultado da descrição, outras da ficção, e uma terceira parte do simbolismo, que é o mesmo das viagens da literatura, romances e poesia, respectivamente.

No portfólio, outros estudos se destacam, como Panadero Moya, García González e Panadero Alarcón (2011), que apontam que as características biogeográficas e culturais facilitam o desenvolvimento de uma rota turística paisagística, essa rota pode ser entendida como uma região turística, até mesmo pela visão do senso comum.

Haesbaert (2010) considera que a região é uma “categoria-chave” da ciência geográfica que foi projetada pela modernidade e, que assim como esta, sofreu os abalos e as rupturas paradigmáticas em seu conteúdo. Recentemente, a região e a Geografia passaram por mudanças conceituais e metodológicas significativas atreladas à renovação no pensamento científico e social contemporâneos, inseridos no processo de globalização. Para Haesbaert, não se pode conceber a região por meio de um recorte empírico, como uma espécie de categoria do real (como se a própria Geografia pudesse ser reduzida a uma ciência empírica, definida por um objeto concreto).

Gomes (2000, p. 73) aponta que é necessário se ter uma definição de região, pois precisa se levar em conta que essa já interfere na política de base territorial, “como fundamento político, de controle e gestão de um território”.

Assim, na visão de Haesbaert (2010), os princípios da homogeneidade, da coesão e da integração regional podem ser vislumbrados através de uma abordagem regional a partir dos processos de desarticulação espacial.

Ele parte do pressuposto de que toda espacialidade envolve dimensões (sempre imbricadas) como a econômica, a política, a cultural, a social (em sentido mais estrito) e a ambiental, propondo então trabalhar com a regionalização a partir da imbricação, ou melhor, da desarticulação das seguintes dinâmicas ou processos espaciais e/ou territoriais mais gerais, cada um deles focado prioritariamente em uma determinada dimensão do espaço que seriam:

- a) funcionalização;
- b) controle ou dominação territorial;
- c) simbolização e/ou identificação espaço-territorial;
- d) precarização e contenção territorial, em perspectiva mais estritamente social;

e) exclusão territorial – sentido que envolve, sobretudo aqui, questões ditas ambientais.

Na visão do autor, a complexidade seria avaliada a partir da intensidade – quantitativa – e da multiplicidade – qualitativa – da articulação regional, tanto no sentido econômico-funcional quanto simbólico-cultural, reconhecendo ao mesmo tempo a densidade das redes de circulação econômica e de poder e aquelas dos distintos grupos culturais ali conjugados.

Mas não é dessa forma que Haesbaert a constrói que a região é tratada nos estudos de Geografia e Turismo. Monteiro de Oliveira (2007, p. 43) já ressaltou que “lugares e regiões turísticas são usados no senso comum, de maneira “geograficamente insustentável”.

A preocupação está em regionalizar de maneira categorizante, e as características naturais e culturais prévias apresentadas por uma região ou de uma localidade acabam mesmo por influenciar as decisões dos agentes privados e públicos de nelas investir no turismo. A crítica recorrente na construção e desenvolvimento de regiões de turismo é que nem sempre se pesquisa a existência de identidade e consciência regional (GIL; OLIVA e SILVA, 2009).

Crocia (2002) valoriza em seus ensaios duas dimensões da Geografia do Turismo: a análise do espaço que o turismo cria/produz e a dificuldade em se estabelecer regiões turísticas. Ele destaca as novas relações no espaço a partir da relação centro-periferia, pois o turismo cria nódulos (centros) em áreas em que outras atividades econômicas não se estabeleceriam e com isso há deslocamento de infraestrutura, de novas redes, valorização de espaços antes não amplamente percebidos (tanto para proteção da natureza quanto para o mercado imobiliário). Também discute o conceito de região turística frente às redes de transportes (infraestrutura aeroportuária) e ao uso da internet formando novos fluxos.

Para Vera Rebollo *et al.* (2011, p. 428), uma região turística é “uma área com características mais ou menos homogêneas, com certa densidade e frequência turística e, sobretudo, com uma imagem que a caracterize e

identifique, e que normalmente se distribua em uma escala interestadual”¹⁹. Os autores ressaltam que se utilizam escalas das mais distintas para se compreender uma região turística.

É comum que as regiões administrativas se tornem regiões turísticas, por diversas razões: facilidade de organização, atuação e planejamento, questões de operação como obter estatísticas, pela imagem e promoção (VERA REBOLLO *et al.*, 2011). Pode-se observar essa relação na Espanha, no México, dentre outros exemplos.

Outras abordagens do portfólio destacam análises regionais, como em Vásquez Solís e Propin Frejomil (2004) e Reyes Peres *et al.* (2012), que apresentam averiguação de potencial turístico regional; Oliveira (2007), entendendo o turismo geoeducativo como forma de integração regional; Montaña Arango *et al.* (2012), que propõem forma de *cluster* regional; Gomes Ramos e Reis Lopes (2012, 2013), que valorizam corredor turístico para integração regional.

Caminhando para fechamento da seção sobre os aspectos geográficos do Turismo, em Vera *et al.* (1997 e 2011) pode-se perceber a união dos elementos inicialmente apresentados, no sistema de turismo com base geográfica de análise (Figura 3):

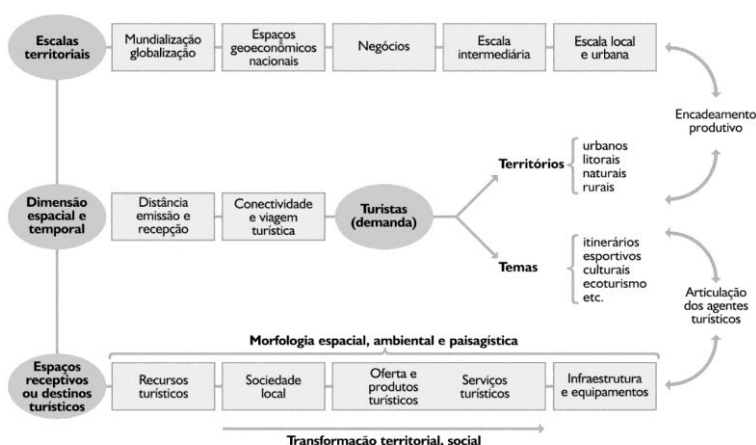


FIGURA 3 - SISTEMA TURÍSTICO EM GEOGRAFIA DO TURISMO VERA *et al.*

Fonte: Vera Rebollo *et al.* (1997 e 2011) – tradução nossa.

¹⁹ ...región turística responde a una área de características más o menos homogéneas, com certa densidade de frecuentación turística y, sobre todo, com uma imagen que la caracteriza e identifica, y que normalmente se dibuja em uma escala interestatal.

A dimensão espacial deve estar presente nas discussões da Geografia do Turismo, as demais categorias são privilegiadas conforme a visão do autor/pesquisador. No sistema de Vera Rebollo, na Figura 4, destaca-se a escala do território e é destinado à análise regional (integral/de sistema), visão que se salienta no planejamento e gestão do turismo. A influência da Geografia Cultural nos estudos de Geografia do Turismo aponta para a valorização da paisagem e do lugar e mudanças na compreensão do sistema turístico.

Finalizando, junto às nuvens de termos são apresentados apontamentos da pesquisadora sintetizando as considerações mediante o que foi abordado nos artigos do portfólio de pesquisa sobre Geografia do Turismo na Ibero-América.

4.2.1 Nuvem de termos GEO

A nuvem de termos destaca as categorias da Geografia e a relação com o Turismo, para o que se convencionou utilizar a sigla GEO. Vale observar que a proporção (tamanho) das palavras nas nuvens é relativa a cada aspecto pesquisado.

Destacaram-se a Geografia do Turismo, como elemento de busca e tema geral da abordagem, também as categorias de análise da Geografia com destaque para o território (onde o turismo ocorre), o lugar e a paisagem. Derivações das categorias que interessaram ao estudo sobre Geografia e Turismo são evidenciadas, como ordenamento territorial, regionalização, espaço urbano e paisagem cultural. A Geografia Cultural possui destaque e será discutida nos aspectos sócio-culturais do Turismo. Na Figura 4, as palavras que foram classificadas como GEO mediante significado do termo dentro dos artigos do portfólio de pesquisa.

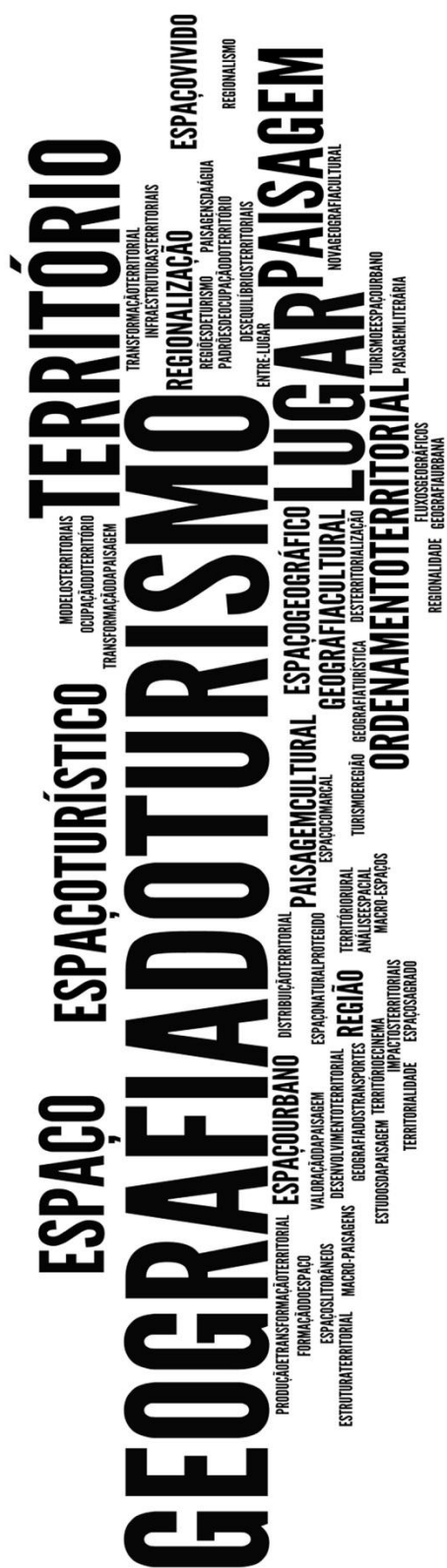


FIGURA 4 - NUVEM DE TERMOS GEO
 Fonte: a autora (2015)

Finalizando essa abordagem, segue síntese opinativa.

4.2.2 Síntese sobre aspectos geográficos do Turismo

A perspectiva para o estudo do Turismo dentro da Geografia está fundamentalmente nas diferenças espaciais: no espaço geográfico as transformações que o fenômeno turístico provoca; no lugar, o espaço cotidiano, que tem significados e representações para visitantes (turistas) e visitados (população local); na paisagem, o espaço que pode ser visto e sentido; no território, o espaço de poder onde estão as estruturas e as disputas que envolvem o fenômeno turístico, e a prática; na região, o espaço diferenciado que pode existir dependendo da necessidade escalar, na política para justificar que ações regionais são maiores que as locais; para o turista, em valorizá-la até mesmo como *status*, pois conhecer uma região é maior do que conhecer um local; para o morador, em determinar a sua região que pode ter menor escala física, mas detém maior significado, dentre outras possibilidades.

Nesse conjunto de categorias está o espaço turístico com inter-relações diversas. Destaca-se que o tempo é importante para as análises sob qualquer prisma no espaço geográfico e turístico. O entendimento do turismo como fenômeno pode explicitar essa importância, pois em certos intervalos acontece ou deixa de acontecer, em maiores ou menores proporções dentro dos territórios (ações para a atividade turística), em distâncias mais curtas ou longas (deslocamentos), por um número maior ou menor de turistas (demanda), incluindo (por exemplo, valorização cultural, proteção ao patrimônio, alternativas de renda e ocupação) ou excluindo (por exemplo, especulação imobiliária, variações cambiais, desastres naturais, legislação ambiental quando restritiva). É importante entender a relação da Geografia com a História, pois o turismo não acontece simplesmente, ele é fruto de processos ao longo do tempo e o entendimento desses processos pode trazer até mesmo compreensões espaço-temporais futuras.

O estudo do Turismo sob a perspectiva da Geografia pode ser entendido como a Geografia do Turismo. A terminologia acaba não sendo tão importante quanto à produção do conhecimento relacionada à área.

4.3 ASPECTOS DE PESQUISA E ENSINO EM GEOGRAFIA DO TURISMO (PES)

Nestes aspectos são evidenciadas as palavras-chave relacionadas à pesquisa e ensino da Geografia do Turismo (na Geografia e no Turismo). Como anteriormente mencionado, aspectos metodológicos quando utilizados como palavras-chave acabam por caracterizar um diferencial do pesquisador. Nesses casos o método ou técnica empregada pode ser relevante para difundir, ou pelo menos causar curiosidade sobre as abordagens do autor, até mesmo mais do que a própria análise do objeto de estudo.

Também se destaca a importância da Educação na formação do geógrafo (cursos de licenciatura), que favorece a discussão sobre ensino em Geografia e Turismo, ou até mesmo das possibilidades do turismo científico. A cartografia, como instrumento de apoio, é geralmente utilizada nos estudos geográficos e, assim, está presente na Geografia do Turismo. Pela limitação de páginas em artigos científicos, a representação cartográfica tende a ser suprimida, mas foi considerada sua utilização nos apontamentos metodológicos. Alguns poucos estudos colocam a cartografia em destaque na relação com o Turismo. O Quadro 10 traz esses temas com seus autores:

Temas	Autores Ibero-americanos do portfólio
História da Geografia (caso: desenvolvimento na Espanha) Complexidade Bibliografia (Modelos) Ensino da Geografia do Turismo, Geografia Turística, Ensino do Turismo e relação com Geografia Cartografia Turística	ALMIRÓN, TRONCOSO e LOIS (2007) /BARRADO TIMÓN (2001)/BOSQUE MAUREL (2000)/CASTROGIOVANNI (2005, 2007)/CRAVIDÃO e MARUJO (2013)/CROCIA (2005)/DINIZ e VERSIANI (2006)/DINIZ e VERSIANI (2006)/ GARCÍA MANRIQUE (2000) IRMA e CERES (2006) / OLIVEIRA (2007)/ JUAN PÉREZ, MONROY GAYTÁN, GUTIÉRREZ CEDILLO, NÉMIGA e BALDERAS (2009)/LACOSTA ARAGÜES (2004)/ LÓPEZ JÚNIOR (2011)/ LÓPEZ LÚQUEZ, BLANCHARD e SÁNCHEZ (2006)/ MARTÍNEZ PUCHE (2008)/MONTAÑO ARANGO, CORONA ARMENTA, GARNICA GONZÁLEZ, NICCOLAS MORALES, MARTÍNEZ CASTELÁN e ORTEGA REYES (2012)/MOREALES MAYOBRE (2005)/OLIVEIRA (2007, 2008)/PARDO ABAD (2011)/ RAMOS e LOPES (2012)/ BARRETTO (1992)/ RULLAN (2010)/SÁNCHEZ CRISPÍN, MOLLINEDO BELTRÁN e PROPIN FREJOMIL (2012)/SOUZA (2012)/VÁZQUEZ SOLÍS e PROPIN FREJOMIL (2004)
Algumas referências-base: CHRISTALLER (1933, 1964) / LUIS GÓMEZ (1985) / LOZATO GIOTART (1993) / ZIMMERER (1994) / BUTLER (1980, 2011) / LÓPEZ PALOMEQUE (1999) / BOSQUE MAUREL (2000) / VERA REBOLLO, LÓPEZ PALOMEQUE, MARCHENA GÓMEZ, ANTON CLAVÉ (1997 e 2001) / BOULLÓN (2002) / WILLIAMS (2002, 2013) / PEARCE (2003) / SÁNCHEZ CRISPÍN e PROPIN FREJOMIL (2003, 2005) / CASTROGIOVANNI (2005, 2007) / HALL (2005) / HIERNAUX-NICOLAS (2004, 2005, 2006) / MORIN (2007) / BOSQUE MAUREL (2000) / BARRADO TIMÓN (2001) / RODRIGUES (2002) / CASTRO (2006) / BONFIM (2007) / TRAVASSOS e BATELLA (2010) / BRAGA (2011) / BURDA e MARTINELLI (2012) / REYES PÉREZ, VÁZQUEZ SOLÍS, REYES HERNÁNDEZ, NICOLÁS CARETTA e RIVERA GONZÁLEZ (2012) / FAYOS SOLÁ e BUENO (2001) Bases cartográficas e iconográficas dos objetos de estudo.	

QUADRO 10 - TEMAS E AUTORES DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA PES

Fonte: elaboração própria (2015).

Os paradigmas metodológicos para o estudo em Geografia do Turismo são diversos, apoiados principalmente nas Ciências Sociais e nas Ciências Humanas, bem como as técnicas de pesquisa. Alguns estudos partem de contexto da evolução da Geografia como ciência para mostrar onde o Turismo se insere (BOSQUE MAUREL, 2000), como para desenvolver proposta para planejamento turístico (GARCÍA MANRIQUE, 2000).

Observa-se que a teoria da Complexidade, cujo expoente é Edgar Morin, vem sendo utilizada como método para as discussões. Na amostra, por exemplo, Castrogiovanni (2005, 2007 e 2014) e Oliveira (2007 e 2008) posicionam-se na Complexidade para discutir o lugar do turismo e o espaço de festas religiosas.

Observa-se que o termo “complexo” ou “complexidade”, algumas vezes é utilizado de forma genérica para atestar que há diversas relações a serem descobertas no contexto espacial para se compreender o Turismo por meio de análise geográfica. Também possui relação com a análise sistêmica, discutida principalmente nos aspectos socioambientais. Morin ofereceu bases para o pensamento complexo e vem ampliando suas discussões, desde então, em uma série de obras. Para Morin, o desafio do pensamento complexo não está em como o pensamento simples atinge a completude, mas em estabelecer articulação das diversas áreas do saber em pesquisas e disciplinas (MORIN, 2007). Mesmo sendo Morin o expoente nos estudos de complexidade que chegam à Geografia do Turismo, a origem pode ter se dado em Weaver (1948). Outros tantos autores desenvolvem o pensamento complexo, como Capra e Demo, exemplificando.

Os trabalhos influenciados pela Geografia Crítica e pelo materialismo histórico-dialético não costumam deixar o posicionamento filosófico destacado teoricamente em suas abordagens. Há uma incorporação do discurso do método que não necessita ser explicitada teoricamente (por exemplo em HIERNAUX NICOLÁS, 2005; CORIOLANO, 2005; BEDIM, 2007; BRENNER, 2009 e 2010, e outros).

A bibliografia dos estudos é vasta e está relacionada à diversas áreas do conhecimento, portanto há dificuldade em se determinar referências específicas para certos temas. A construção de modelos de análise do espaço

turístico acaba tornando os autores reconhecidos por suas colaborações. Eses modelos são utilizados nas publicações como base para as análises, para críticas, estudos aplicados ou avançados (VERA REBOLLO, 2000; CROCIA, 2002, 2005; RAMOS; LOPES, 2012, 2013; MONTAÑO ARANGO *et al.*, 2012). Pelo caráter neopositivista de boa parte dos modelos, observa-se que foram sendo abandonados nas discussões (PEARCE, 2003). Servem mais como referência histórica do pensamento em Geografia do Turismo.

É o caso da Teoria dos Lugares Centrais, de Walter Christaller, um geógrafo alemão. Christaller buscou compreender a ordem que comandava a distribuição e organização de centros urbanos no espaço. A teoria sugere que existam leis que controlam o número, o tamanho e o espaçamento entre centros urbanos. Neste sentido, Christaller defendia que centros urbanos de tamanho e natureza similares são equidistantes entre si, rodeados por centros secundários, com seus centros urbanos satélites.

Em artigo de 1964:

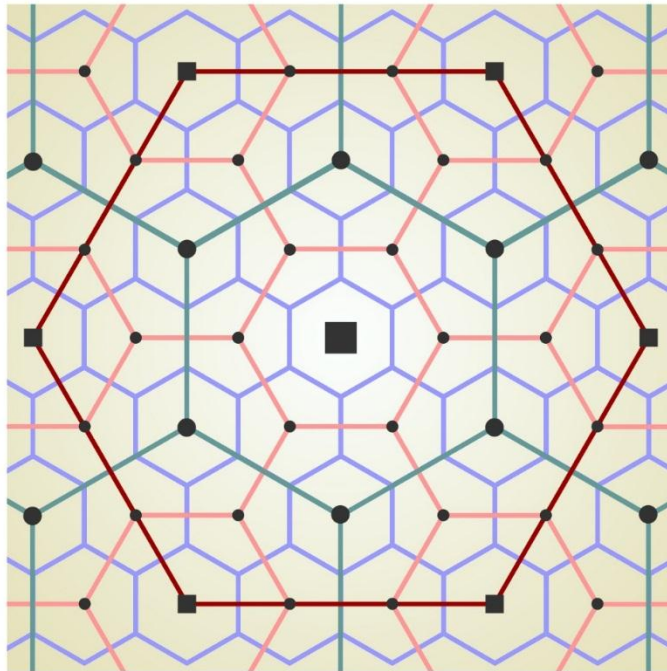
... Christaller (1964) procura estabelecer uma comparação entre a atividade do turismo e as demais atividades econômicas desenvolvidas pelo homem. Segundo o autor, o turismo aparece como atividade exercida na “periferia” das grandes aglomerações, afastada dos “locais centrais” e dos complexos industriais, sendo sua exploração comparável à das minas, por seus atrativos se situarem em locais específicos. Segundo ele, os habitantes das grandes cidades procuram em número cada vez maior as regiões afastadas, como local de repouso, havendo uma relação direta entre o tamanho da população de uma cidade e sua emissão de turistas rumo a locais afastados (DINIZ; VERSIANI, 2006).

Diniz e Versiani (2006) comentam que Christaller, como geógrafo, surpreende pelo seu pioneirismo quanto a certos conceitos que só recentemente foram contemplados pelo estudo do Turismo, destacando-se, entre eles, as mudanças de paradigma relativas à atratividade exercida pelas paisagens ao longo do tempo e o ciclo de vida de uma destinação turística.

A Teoria dos Lugares Centrais, desenvolvida pelo geógrafo alemão Walter Christaller, na primeira metade do Século XX, e acrescida de importante contribuição por parte de August Lösch, avançou diversos conceitos, dos quais alguns são aplicáveis à análise do produto turístico atual. Dentre essas noções, destacam-se a hierarquia urbana e a atratividade de bens e serviços. Desta forma, os locais turísticos espalhados por todo o mundo apresentam níveis hierárquicos distintos,

dependendo da complexidade e sofisticação de seus atrativos e equipamentos. Esses itens, por sua vez, têm poder de atração distintos, já que o apelo exercido por um local sobre o imaginário das pessoas está relacionado tanto à raridade dos seus atrativos, quanto às motivações. (DINIZ; VERSIANI, 2006).

A Figura 5 representa um esquema da teoria dos Lugares Centrais:



Lugares centrais	Límites das suas áreas de influência
■ A	—
■ B	—
● C	—
• D	—

FIGURA 5 - TEORIA DOS LUGARES CENTRAIS, de CHRISTALLER
Fonte: adaptação do Google Images (2015).

Pearce, em 1994, em obra traduzida para o português em 2003, dedicou-se a compilar diversos modelos para compreensão dos espaços turísticos que servem de referência aos estudos em Geografia do Turismo, além da compilação de modelos de Vera *et al.* (1997, 2001).

Pearce (2003) destacou, dentre outros, o enclave turístico em economia periférica, em Britton; as posições psicográficas de destinos turísticos, de Plog; o modelo de Iso-Ahola de motivação sociopsicológica do turista; o modelo de

Lundgren para expansão urbana e para as regiões de segundas residências; além de outros aplicados para representação espaço-temporal, distribuição de oferta, demanda e fluxos turísticos. O enfoque de aplicação de Pearce se dá em espaços insulares.

O modelo de Miossec, de 1976 e 1977, é também valorizado por Pearce (2003) como neopositivista e utilizado como apoio referencial para o desenvolvimento de novos modelos. Miossec representou os aspectos do processo de desenvolvimento e das mudanças no comportamento do turista, demonstrando a evolução da estrutura das regiões turísticas no tempo e no espaço. Destacou mudanças ocorridas durante a implantação de instalações (*resorts* e redes de transporte) no comportamento dos turistas, nas empresas locais e na população da região receptora. A Figura 6 apresenta o modelo:

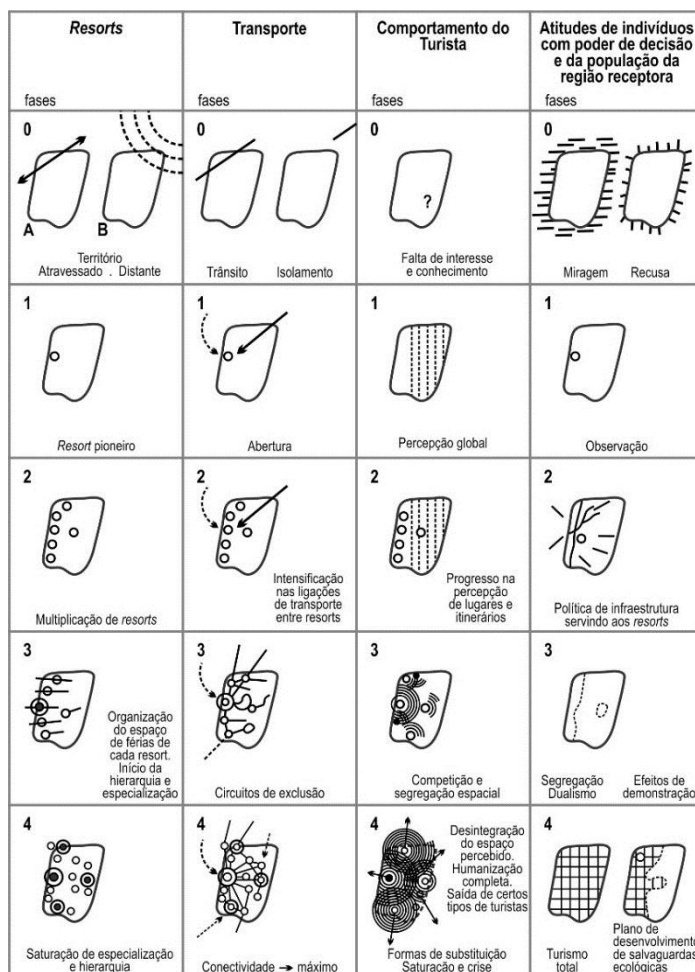


FIGURA 6 - MODELO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DE MIOSSEC
Fonte: redesenhado sobre PEARCE (tradução de Saulo Krieger), 2003.

Pearce (2003, p. 51 e 52) demonstra:

Nas fases iniciais (0 e 1), a região é isolada, há pouco ou nenhum desenvolvimento, os turistas têm apenas uma vaga idéia sobre o destino, enquanto os residentes locais tendem a desenvolver uma visão polarizada do que o turismo pode trazer. O sucesso dos resorts pioneiros leva a um maior desenvolvimento (fase 2). À medida que a indústria do turismo se expande, um sistema hierárquico de resorts e redes de transporte cada vez mais complexo evolui enquanto mudanças nas atitudes locais podem levar a uma completa aceitação do turismo, à adoção de controles de planejamento ou mesmo à rejeição do turismo (fases 3 e 4). Ao mesmo tempo, os turistas têm se tornado mais conscientes sobre aquilo que a região com um todo pode oferecer se houver alguma especialização espacial.

Complementando o modelo de Miossec, por exemplo, os modelos de Oppermann, de 1992 e 1993, combinam elementos da estrutura espacial de forma mais ampla, com algumas considerações sobre o papel e o comportamento de diferentes grupos de turistas. Oppermann focaliza especificamente o espaço turístico dos países em desenvolvimento, reconhece (fase 0) a influência das estruturas pré-turísticas (diferentemente do modelo de Miossec, o turismo não se desenvolve em um vácuo) e realça os padrões espaciais divergentes dos setores informal e formal (PEARCE, 2003).

Na década de 1980 surge o modelo mais utilizado na análise dos destinos turísticos (e espaço turístico) no Turismo e na Geografia de Turismo,, o chamado Modelo de Butler). Esse adaptou os modelos de ciclo de vida do produto para o turismo e consolidou o ciclo de vida da área turística (*tourism area life cycle* – TALC) (BUTLER, 1980). Este modelo de ciclo de vida em um destino turístico estabelece a relação do número de turistas *versus* tempo (Figura 7):

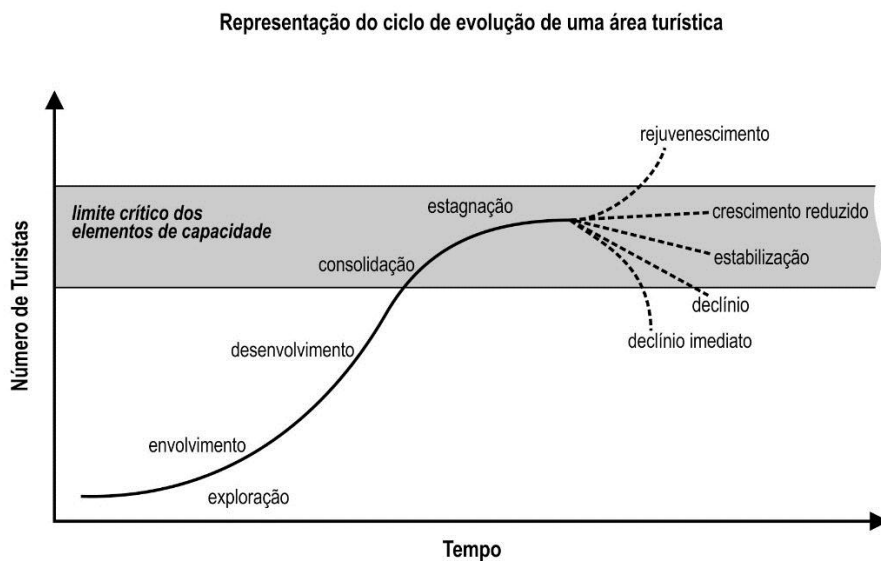


FIGURA 7 - -- MODELO CICLO DE VIDA DE UMA ÁREA TURÍSTICA – BUTLER, 1980
 Fonte: adaptado de Butler, 1980.

A aplicação em estudos é recorrente, bem como as críticas e contribuições ao modelo.

Crocia (2005), por exemplo, apresenta pontos fortes do ciclo (TALC) que vem até de uma concepção aristotélica com a ideia filosófica da vida, de uma “metáfora biológica” favorecendo uma compreensão da dimensão ontológica das destinações turísticas. Mas também reforça as críticas a Butler, pois os primeiros estágios (que são 6 – exploração, envolvimento, desenvolvimento, consolidação, estagnação e declínio ou rejuvenescimento) em localidades antes isoladas não são aplicáveis, bem como há uma visão fatalista do destino sendo um “vilão arquetípico” – um fenômeno tido como inevitável na modernidade. Também que neste modelo monofuncional fatores externos são pouco considerados, que não há pontos de passagens entre uma fase e outra e isso ocorre na prática²⁰. Mesmo diante destas considerações, aplicando o modelo de Butler, Crocia (2005) verificou que a ampla disponibilidade de capital natural, em região litorânea brasileira, ofereceu sobrevida à destinação turística retardando sua

²⁰ Para tal argumentação, Crocia (2005) se apoia em uma série de autores: Pearce (1997), Crang (2001), Duncan e Ley (1982), Noronha (1979), Agrawal (1997), Cooper (1994), Choy (1992) e outros.

estagnação ou declínio, ao mesmo tempo em que apresentou predação do sistema natural.

Também a partir do modelo de Butler, Ivars Baidal *et al.* (2013) verificaram a trajetória do turismo de massa e chegaram à conclusão de que o modelo não consegue explicar a complexidade do destino turístico e a sua interação com o mercado. E ainda pode-se observar que alguns destinos iniciam a atividade na fase declínio, pois há problemas de infraestrutura.

Papatheodorou (2003) propôs um novo modelo teórico em que as alterações endógenas no ciclo de vida levam ao dualismo no mercado e nas estruturas espaciais: poderosos conglomerados compartilham os mercados com a concorrência e os principais destinos turísticos dividem os espaços de turismo com destinos periféricos.

Butler (2006) fez algumas novas reflexões sobre o modelo de 1980, salientando que os destinos são afetados por fatores externos (atitudes, tecnologia, política e economia), que muitas vezes são os que "geram as dinâmicas", bem como por fatores internos (hábitos, preferências e investimentos), que às vezes "geram inércia". São os atores internos que produzem efeitos locais (renovação, desenvolvimento regional, eventos/promoções), enquanto atores externos (política, mídia, economia, alterações climáticas) produzem os efeitos globais. Boullón, na década de 1990, apresentou uma teoria para o planejamento do espaço turístico com influência nas publicações ibero-americanas (Figura 8) em Geografia do Turismo, apesar da sua formação como arquiteto.

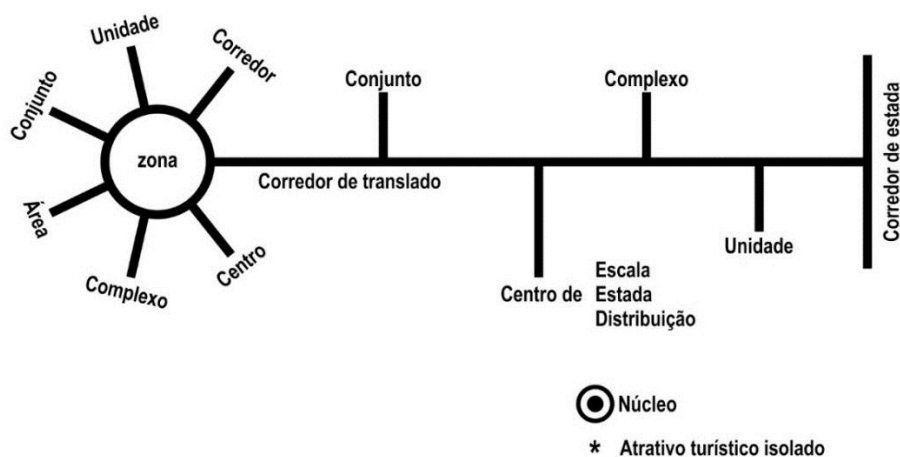


FIGURA 8 - RELAÇÕES ENTRE OS ELEMENTOS DO ESPAÇO TURÍSTICO
Fonte: BOULLÓN (2002).

A definição de centro turístico pode ser a maior contribuição de Boullón para o entendimento do espaço turístico, ou território turístico pelo ponto de vista da Geografia, já que o espaço de Boullón é cartesiano. O autor compreende que para o desenvolvimento de uma zona turística (a maior unidade territorial do espaço turístico de um país) ela deverá ter 2 ou mais centros turísticos (aglomerado urbano/de serviços que pode ser de escala, de estada ou de distribuição) localizados num raio de influência de duas horas de distância-tempo. Os atrativos turísticos não possuindo os centros turísticos nesse raio são isolados em núcleos (BOULLÓN, 2002).

Ramos e Lopes, W. (2012, 2013) utilizaram a compreensão de zoneamento (organização territorial) turístico proposta por Boullón para compreensão da região turística objeto de estudo, um corredor turístico. Os resultados servem de suporte para possíveis intervenções na região. A oferta da região está desarticulada necessitando de roteiros, promoção e comercialização.

Outros modelos de discussão de ordenamento territorial no turismo, por exemplo, são discutidos nos artigos do portfólio de pesquisa. Entre os autores ibero-americanos, Souza (2012), com base em Milton Santos, fez a proposta de um esquema metodológico, como um roteiro, para a compreensão do turismo rural no contexto cidade-campo e urbanização. Observa-se que diversos modelos, principalmente nos estudos que servem ao planejamento e à gestão,

possuem influência da Economia e rumam para a sustentabilidade (como SANCHEZ CRISPÍN *et al.*, 2012; RULLAN, 2010; MONTAÑO-ARANGO *et al.*, 2012).

Na década de 2000, observando os efeitos da globalização, alguns autores, como Hall e Williams (2002), Hall (2005) e Hiernaux (2004), trouxeram para a Geografia do Turismo a ampliação das discussões de modelos dos espaços e fluxos no turismo, tratando da mobilidade. O uso das segundas residências frente aos meios de hospedagem em viagens de curta ou de longa permanência, ou as migrações diárias e até permanentes, influenciam na utilização de conceitos no Turismo (e na Geografia do Turismo), como lazer e turismo, ócio e negócios e até turismo e migração. Para Hall (2005), a preocupação maior é a relação de tempo e espaço no turismo, caracterização da mobilidade dos turistas no espaço. Para tanto, esse autor traça esquemas para iniciar a compreensão da mobilidade, que é tão complexa (Figura 9).

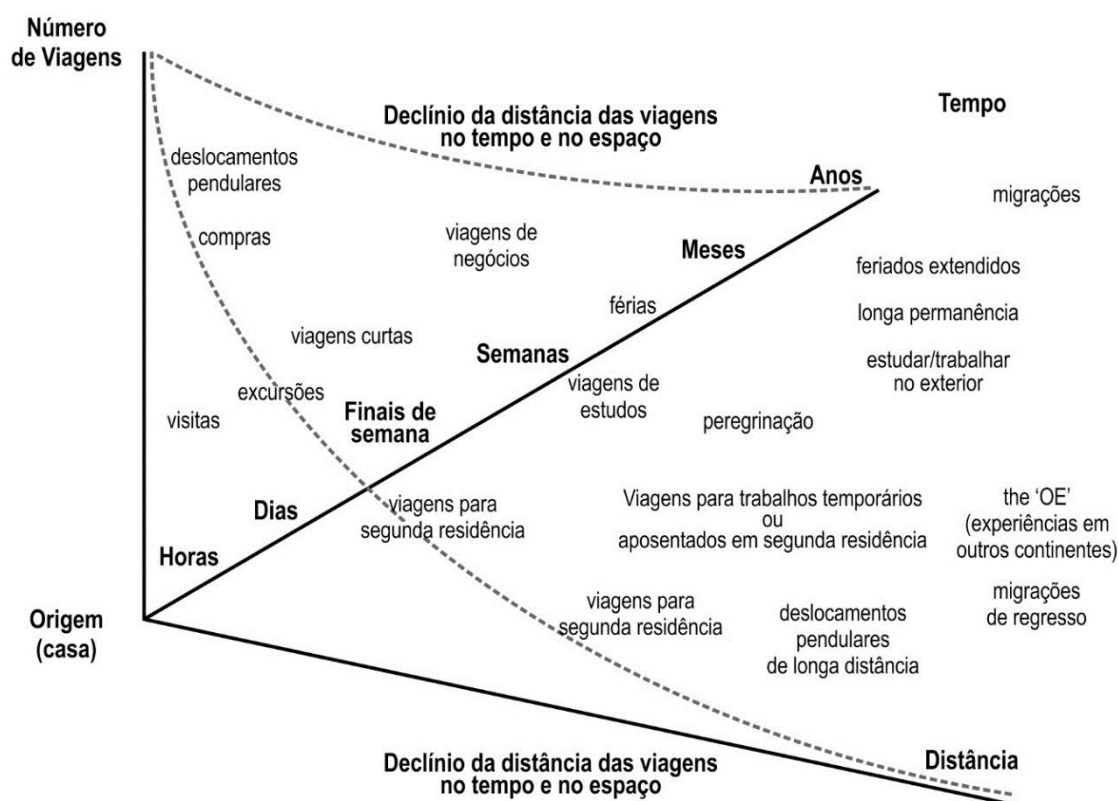


FIGURA 9 – EXTENSÃO DA MOBILIDADE NO TEMPO E NO ESPAÇO
Fonte: adaptado de Hall, 2003, em Hall, 2005.

Williams (2013) buscou compreender se a mobilidade do turismo é criada ou dependente, se o turismo está funcionando em subtrajetórias ideais existentes, ou se há espaço para a sustentabilidade. A Figura 10, ainda sem tradução, ilustra o ensaio de Williams (2013) para essa compreensão completa:

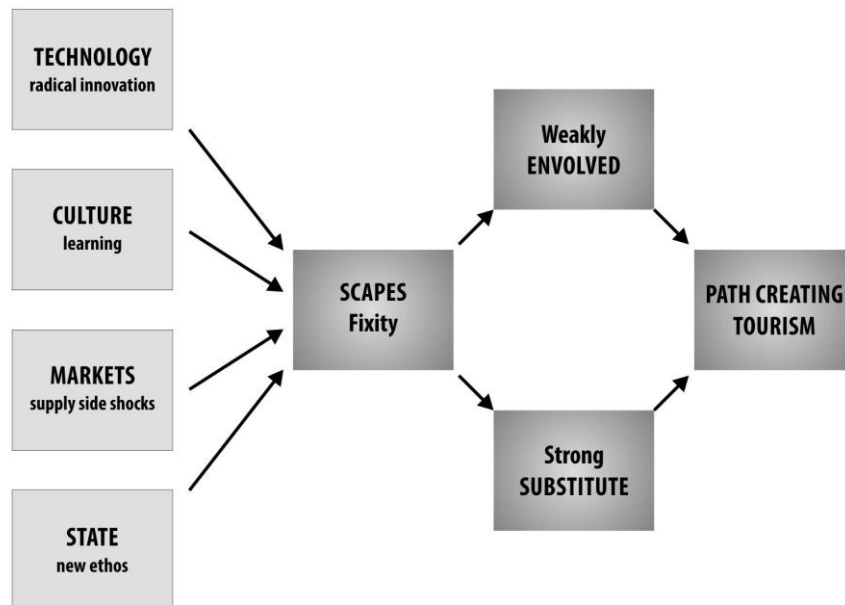


FIGURA 10 - TRAJETÓRIAS DA MOBILIDADE E DO TURISMO: DESAFIOS PARA A SUSTENTABILIDADE²¹

.Fonte: adaptado de WILLIAMS (2013).

Na sequência, outros assuntos destacados na classificação PES, como o ensino e a cartografia.

Diversas abordagens sobre Geografia do Turismo observam seu caráter disciplinar aplicado aos cursos de Geografia e de Turismo. A inclusão da disciplina de Turismo nos cursos de graduação em Geografia pode ser considerada nova. Pode-se relacionar esse momento de inclusão até mesmo com o desenvolvimento dos cursos de Turismo, que são recentes em relação aos cursos de Geografia. Já nos currículos dos cursos de Turismo a disciplina de Geografia - Geografia do Turismo, Geografia Turística, Geografia Aplicada ao Turismo, Abordagens geográficas do Turismo, Espaço Turístico (com enfoque

²¹ Optou-se por apresentar em inglês, pois a simples tradução não definiria a profundidade da concepção de Williams e não se pretende aqui discutir detalhes dos modelos, apenas apresentá-los.

geográfico), dentre outras nomenclaturas – faz parte do tronco-base de formação. O desafio aparente é desenvolver habilidades e difundir conhecimento sobre ambas as áreas em uma disciplina. Observa-se que os conteúdos programáticos são extensos para serem trabalhados em uma disciplina curricular.

Bosque Maurel (2000) apresentou que, desde 1975, aproximadamente, os professores de Geografia na Espanha assumem disciplinas em outros cursos de graduação, dentre tantos, o curso de Turismo. Por consequência, essa relação tende a aproximar as áreas e o interesse mútuo pela temática.

Neste contexto, Castro (2006) analisou programas de disciplinas de Geografia do Turismo presentes em cursos de Geografia de sete países, a saber:

- Estados Unidos (Denver): usam poucos conceitos, a ênfase é na Geografia da recreação, a oferta turística do ponto de vista da recreação (cultural, cassinos, natureza, parques, estações de esqui). Compreende também territórios turísticos: impacto e sustentabilidade. Os conteúdos seguem sugestões orientadas pela União Geográfica Internacional (U.G.I.) na década de 1980.
- Canadá (Quebec): enfatiza o Sistema Turístico (economia, fluxos e países). Possui interface com a História e a Sociologia. Aborda o turismo nos países em vias de desenvolvimento. Os conteúdos apresentam transição da U.G.I. com certo grau de autonomia, adequando-o a uma Geografia do Turismo.
- Itália (Torino): abordagem geral do Turismo. Situa o lugar da Geografia do Turismo em relação à Geografia, ao Turismo e à Recreação. Trabalha a distribuição e diferenciação geográfica, as políticas de turismo. Os conteúdos constituem a interseção da Geografia com o Turismo e a abordagem do Turismo.
- Espanha (Almería): tem o nome de *Geografía del Ocio y del Turismo*. Apresenta abordagens plurais da Geografia. Estrutura conceitual geográfica e turística de sustentação ao planejamento e ordenamento do território turístico. O viés humanista da proposta está no tema Percepção da Paisagem. Os conteúdos são de Turismo e de

Geografia do Turismo, com abordagem crítica e socioambiental apresentando modelos territoriais.

- Costa Rica (San José): não define com clareza a estrutura conceitual. Preocupa-se, como o programa italiano, em situar o lugar da Geografia do Turismo em relação ao Turismo e à recreação. A distinção se dá pela temática Turismo na Costa Rica: caracterização e avaliação.
- Brasil (Curitiba): semelhante ao espanhol nos conceitos estruturantes: dimensão espacial do turismo, impactos, planejamento, políticas públicas etc., mas não oferece a dimensão conceitual de turismo que é apresentada na Espanha. Sustentação teórica ao planejamento e ordenamento do território turístico.

Castro (2006) chegou as seguintes constatações sobre as disciplinas de Geografia e Turismo:

- A disciplina evidencia a dimensão teórico-prática envolvendo planejamento, políticas públicas e ordenamento territorial.
- Tendência de enfoque no planejamento do espaço turístico e em políticas públicas.
- Impactos do turismo com enfoque separados: territoriais, ambientais, econômicos, sociais e ambientais e impactos do turismo.
- Escala geográfica presente nos programas: escala regional e local, escala local, nacional e mundial.
- A Cartografia do Turismo e outras representações apresentam baixa frequência.
- O sistema turístico na abordagem turística e na área de interseção Geografia e Turismo é apresentado em alguns programas.

Cabe observar que diversos cursos de Geografia são de licenciaturas e o ensino de Geografia nas escolas pode favorecer a compreensão do patrimônio e oferecer resultados para atividade turística, como mencionam Soller e Castrogiovanni (2014, p. 198): “O ensino de geografia de qualidade, que estude as paisagens a partir de suas gêneses, favorece a leitura valorativa do patrimônio material e imaterial que compõem os diferentes lugares”. Assim, os estudos

sobre Turismo, na formação do professor geógrafo, poderão influenciar sua prática educacional, principalmente em destinos turísticos.

Bonfim (2007) mencionou a dificuldade da inserção do Turismo e de seus conteúdos às necessidades de um curso de Geografia, faltando referencial teórico-metodológico que indique o melhor caminho para essa adequação. “Isso ocorre porque os paradigmas da Geografia do Turismo foram se modificando com o tempo, e a evolução do campo de análise está tomando um rumo que mostra a existência de diferentes enfoques” (BONFIM, 2007, p. 45).

... a realidade do espaço turístico só pode ser entendida pelo conhecimento e compreensão de determinados conceitos geográficos. Consequentemente, a Geografia do Turismo surge como uma forma de estudar os territórios, os lugares, os espaços, dentre outros aspectos, onde acontece o fenômeno turístico e uma nova dinâmica social e sem dúvida os novos comportamentos turísticos (BONFIM, 2007, p. 45).

A disciplina de Geografia do Turismo é considerada como de fundamental importância na formação superior em Turismo (MOREALES MAYOBRE, 2005; LÓPES JÚNIOR, 2011; CRAVIDÃO; MARUJO, 2013). Os conteúdos podem ser similares aos apresentados por Castro ou específicos às realidades, como Moreales Mayobre (2005) mencionou na disciplina “Geografia Turística”, encarada como sinônimo de Geografia do Turismo, afirmando que esta serve para conhecer o espaço geográfico da região onde se estuda com o objetivo de identificar o patrimônio potencial, com fins de recreação e diversão, por meio de gestão sustentável.

Rodrigues (1997) criticou que as escolas acadêmicas do mundo tendem a ensinar a Geografia Turística que possui base geográfica, locacional e descritiva. Esta vem destacar lugares e recursos turísticos sem a preocupação de explicar a relação sociedade e natureza.

Lópes Júnior (2011) defendeu a importância da formação interdisciplinar do profissional do turismo, relacionando a disciplina de Geografia para uma melhor compreensão do planejamento do turismo, que deve considerar diferentes variáveis e envolvimento de setores distintos da sociedade.

Barrado Timón (2001) afirmou que há déficit de formação dos alunos de Turismo em relação à Geografia e ao próprio Turismo. O que tende a ocorrer na relação inversa, na compreensão de Turismo dos alunos de Geografia. Barrado Timón (2001) aplicou em um curso de Turismo o questionamento: “*¿Qué relaciones existen entre la Geografía como disciplina científico/técnica y la actividad turística?*” e verificou que a compreensão da Geografia nos cursos é descritiva, enciclopédica e até pré-científica, e a visão do Turismo é reduzida a aspectos econômicos e empresariais.

Barrado Timón (2001, p. 11) ressaltou que:

A atual educação em turismo vem enfrentando o desafio da interdisciplinaridade derivada da complexidade do setor, frente à quase exclusiva atenção anterior aos aspectos de gestão empresarial.²²

Castro (2006) defendeu a disciplina sobre abordagem geográfica do Turismo nos cursos superiores de Geografia, porque existe a necessidade de participação do geógrafo na pesquisa da dimensão espacial do turismo, e também porque há um mercado real que demanda pelo geógrafo. Barrado Timón (2001, p. 13) também compartilhou tal opinião:

A incorporação do geógrafo ao mundo profissional não docente é cada vez maior, e neste sentido o turismo é um dos campos mais atrativos e abertos, que não tem sido ocupado tradicionalmente por um grupo poderoso que se converte em obstáculo a entrada de novos técnicos²³.

Castro (2006, p. 21) acredita que os “geógrafos com seus olhares epistêmicos matizados de multiparadigmas, ressignificam a geograficidade do fenômeno turístico com novas leituras”.

²² la actual educación en turismo ha debido enfrentarse al reto de la interdisciplinariedad derivada de la complejidad del sector, frente a la casi exclusiva atención anterior a los aspectos de gestión empresarial intermedia.

²³ La incorporación del geógrafo al mundo profesional no docente es cada vez mayor, y en este sentido el turismo es uno de los campos más atractivo y abierto, al no haber estado tradicionalmente copado por un colectivo poderoso que se convierte en obstáculo a la entrada de nuevos técnicos.

Há estudos que se preocupam com recursos didáticos da disciplina Geografia do Turismo evidenciando, por exemplo, as contribuições da fotografia no processo de ensino-aprendizagem de “Geografia Turística” (LÓPEZ LÚQUEZ *et al.*, 2006). Martínez Puche (2008) sugeriu o cinema como suporte didático da Geografia do Turismo, ócio e recreação, pois é possível por meio dele explicar processos que vêm acontecendo no desenvolvimento do fenômeno turístico. A cartografia e o geoprocessamento, mídias impressas e virtuais, aulas de campo, dentre tantos outros recursos didáticos, são investigados como possibilidades de aplicação.

Os desafios disciplinares da Geografia do Turismo são complexos e Barrado Timón (2001) evidenciou que a ciência geográfica é deficiente em realizar propostas aplicáveis ao Turismo. Criticou que não há comunicação expressiva entre a universidade e o mundo profissional, assim, a Geografia seguirá representando somente um papel de importante consciência crítica, mas de pouca aplicação real.

O caráter pedagógico da prática turística também se insere como ferramenta para o ensino. É o caso que Barretto (1992) apresentou nas áreas de História e Geografia e que Oliveira (2007) denominou turismo geoeducativo, com as visitas técnicas sendo importantes como estratégia educacional e até de integração entre municípios, como em seu estudo de caso no nordeste brasileiro. Sabe-se que as visitas e viagens podem ser estendidas para as mais diferentes disciplinas. Também, o turismo pedagógico ou educativo e o turismo científico podem ser segmentos turísticos.

Na Venezuela, exemplificando, Irma e Ceres (2006) destacaram as possibilidades de uma universidade desenvolver o turismo científico em suas estações de pesquisa pela rica biodiversidade que requer estudos “geoturísticos”, resgatando essas estações, protegendo a natureza e se integrando às comunidades de entorno.

Outra possibilidade de segmentação está no que Pardo Abad (2011) denominou turismo idiomático, com o ensino de idiomas para estrangeiros, ressaltando a possibilidade de mercado na Espanha, principalmente em cidades patrimoniais pelos vínculos entre idioma e cultura, idioma e cidade ou idioma e

turismo. O turismo de intercâmbios com enfoque em aprendizagem de idiomas é prática comum e valorizada.

A cartografia na relação com o Turismo está além de ser um recurso didático ou de apoio às pesquisas científicas como representação de localização. Esta serve para a determinação de potencial turístico (JUAN PEREZ *et al.*, 2009); ao planejamento turístico de forma ampla (BRAGA, F., 2011); para representar e demonstrar a aplicação de modelos e teorias do espaço turístico (DINIZ; VERSIANI, 2006); para especializar fluxos de visitantes (TRAVASSOS; BATELLA, 2010); para cruzar com dados econômicos do Turismo e distribuição territorial (VÁZQUEZ SOLÍS; PROPIN FREJOMIL, 2004; PROPIN FREJOMIL *et al.*, 2004, e outros); para materiais promocionais e de guiamento (BURDA; MARTINELLI, 2012); e, para além do material promocional, contribuir para a construção do imaginário turístico (ALMIRÓN; TRONCOSO; LOIS, 2007). As aplicações parecem infinitas, e são evidenciadas nessa revisão bibliográfica sistemática.

Como cartografia da implantação territorial, La Costa Aragues (2004) compreende a distribuição territorial e sua representação relacionada às empresas especializadas em turismo de aventura, no caso da Espanha, conseguindo identificar novos destinos de interior.

Por meio da cartografia, fotointerpretação e campo se determina o potencial natural e sociocultural de um sistema de barrancos mexicano. Observa-se que os barrancos são impactados por atividades econômicas e extrativistas, mas mediante programa de manejo podem ser utilizados para o ecoturismo (JUAN PEREZ *et al.*, 2009).

Braga, F. (2011) evidenciou a cartografia para o planejamento turístico. Criou projeto cartográfico apropriado para diferentes tipos de informações e futuros usuários dos equipamentos, infraestrutura, instâncias de governança regionais e atrativos turísticos.

Na aplicação da Teoria dos Lugares Centrais com a cartografia, Diniz e Versiani (2006) perceberam os limites do raio de ação do produto turístico em relação a fluxo turístico. Os estudos de Burda e Martinelli (2012) propuseram

uma metodologia de atlas eletrônico para o patrimônio arquitetônico da cidade. Tal atlas serve para protótipo de guias turísticos e de patrimônio cultural.

Almirón, Troncoso e Lois (2007) trabalharam uma forma de pensar a cartografia turística aliada à promoção turística, assim, incluem-se não só os mapas temáticos que organizam dados estatísticos ou informações pontuais, mas também podem atingir potenciais turistas, pensando em sugerir formas de praticar turismo no local e até propor imagens sobre os atrativos e destinos turísticos. A análise da cartografia turística refletiu que o país é dotado de múltiplos atrativos turísticos capazes de atender as expectativas de muitos tipos de turistas. Essa cartografia, além do uso útil para o consumo imediato, ajuda a construir um imaginário turístico sedimentado progressivamente por processos de interpretação e valorização nos destinos.

Travassos e Batella (2010), por exemplo, com cartografia conseguiram demonstrar a espacialização dos fluxos de visitantes ilustres, principalmente nobres, de 1857 a 1945 em uma caverna na Eslovênia. Assim, chamaram a atenção para a importância histórica e cultural das cavernas.

Cabe observar que representações cartográficas bem produzidas podem contribuir sobremaneira para o estudo e planejamento do Turismo independentemente de serem “cartografias turísticas”. De toda forma, a cartografia turística oportuniza um elo entre a Geografia e o Turismo, sendo assim recurso fundamental para a Geografia do Turismo.

As palavras-chave relativas a aspectos de pesquisa e ensino foram classificadas por incidência e compuseram a nuvem de termos que pode ser visualizada na sequência.

4.3.1 Nuvem de termos PES

Na nuvem, a heterogeneidade de termos que se referem aos aspectos de pesquisa e ensino em Geografia do Turismo fica evidenciada, esta área de múltiplas disciplinas e visões, que pode ser observada na Figura 11:



FIGURA 11 - NUVEM DE TERMOS PES
 Fonte: a autora (2015).

Ressaltam-se os termos complexidade, como método em desenvolvimento de discussões na área da Geografia do Turismo. Como as

palavras pouco se repetem nesse aspecto classificado, a história da Geografia e doutorado são termos que apareceram por causa de dois artigos do mesmo autor, que faz uma contextualização desde quando surge o estudo do Turismo na Geografia na Espanha. Há destaque para a bibliografia e o ensino universitário, termos que abrem grandes discussões sobre a relação Geografia e Turismo. A cartografia turística como ferramenta e o turismo científico e o turismo educativo como práticas.

Para fechamento desse aspecto, uma síntese opinativa.

4.3.2 Síntese sobre aspectos de pesquisa e ensino em Geografia do Turismo

A Geografia contemporânea não se restringe a métodos e técnicas, as possibilidades de aplicabilidade para o desenvolvimento de investigações é extensa e vem se aproximando cada vez mais das Ciências Sociais. O estudo do espaço é inter, multi e até transdisciplinar, o que pode gerar diferentes possibilidades metodológicas na tentativa de explicá-lo. Levando à frente, o entendimento desse espaço junto ao fenômeno turístico depende de cada olhar (no caso do pesquisador), que trará uma abordagem impregnada de seus valores culturais e visões de mundo.

Os modelos para verificar as formas e movimentos do espaço turístico não conseguem ser suficientes para compreensões gerais das teias presentes na atividade turística. Mas podem ajudar a compreender recortes importantes para a reflexão, para a incidência de políticas públicas, para tomadas de decisões diversas por parte dos diferentes atores da atividade turística. As abordagens sistêmicas e da complexidade são valorizadas para alertar que há efeitos contínuos e até de infinitudes no espaço geográfico e turístico.

4.4 ASPECTOS SOCIOAMBIENTAIS DA GEOGRAFIA DO TURISMO (AMB)

O pensamento geográfico contemporâneo está alicerçado nas análises da relação sociedade-natureza. A Geografia ligada ao período da modernidade procura integrar natureza e cultura dentro de um mesmo campo de interações

(MENDONÇA, 2004). Assim, a análise geográfica dos aspectos ambientais ligados ao Turismo é assunto recorrente com pontos de vista comumente críticos aos impactos que a atividade causa ou pode causar ao meio ambiente físico, como será apresentado na revisão sistemática.

Para Mendonça (2004, p. 134), uma geografia socioambiental “deve emanar de problemáticas em que situações conflituosas, decorrentes da interação entre a sociedade e a natureza explicitem degradação de uma ou de ambas”. A busca de soluções do problema deverá envolver as duas perspectivas.

Os aspectos socioambientais nos estudos geográficos do Turismo foram classificados pela incidência das palavras-chave desse portfólio de pesquisa, e assim, cercam 3 temas: sustentabilidade - tendo-a como premissa para o planejamento e desenvolvimento dos lugares turísticos; meio ambiente - onde está a própria relação sociedade-natureza e as observações de impactos; áreas naturais protegidas - como atrativos turísticos importantes para os destinos que necessitam de planejamento adequado e governança.

No Quadro 11, a organização dos aspectos ambientais na revisão bibliográfica sistemática:

Temas	Autores ibero-americanos do portfólio
Sustentabilidade Desenvolvimento Sustentável Turismo Sustentável Meio ambiente e Turismo Ecoturismo Turismo Alternativo Turismo Rural Áreas protegidas e Turismo	ANDRÉS, ENCABO (2008)/ BABINGER (2012)/BEDIM (2007)/BRENNER (2009, 2010)/BRINCKMANN, BRINCKMANN e MUELLER (2010)/CÁNOVES, VILLARINO, HERRERA e CUESTA (2004)/CARVALHO e GUZMÁN (2011)/CEBRIÁN ABELLÁN (2003)/CORDEIRO, BENTO e BRITTO (2011)/CÓRDOBA Y ORDÓÑEZ e GARCÍA DE FUENTES (2003)/ CRUZ BÁEZ (2010)/FARIA (2005)/FERNANDES e SOUZA (2011)/ GARCÍA MARÍN (2011)/GONZÁLEZ HERRERA e PALAFOX MUÑOZ (2005)/HUERTA GARCÍA e SÁNCHEZ CRISPÍN (2011)/JUAN PÉREZ, MONROY GAYTÁN, GUTIÉRREZ CEDILLO, NÉMIGA e BALDERAS (2009)/LARRUBIA VARGAS e LUQUE GIL (2002)/LÓPEZ CUQUEJO (2002)/MANOSSO, SALOMÉ e CARVALHO (2010)/NIÑO GUTIÉRREZ (2008)/OBIOL MENERO e CANÓS BELTRÁN (2001)/OROPEZA e CAMARGO (2006)/PANADERO MOYA, NAVARRETE LÓPEZ e JOVER MARTÍ (2002)/PENTEADO (1992)/PORCAL GONZALO (2006)/ROIG i MUNAR (2001, 2003)/ROJAS LEÓN (2008)/SARFATI e SANO (2012)/SCHROEDER e FORMIGA (2011)/ SOUZA (2012)/STIGLIANO, RIBEIRO e CESÁR (2011)/TARLOMBANI (2005)/TELLES e GÂNDARA (2009)/TULIK (1990, 1992)/VARGAS ULATE (2009)/SANTANDER BOTELLO e PROPIN FREJOMIL (2009)/VERA REBOLLO (2000)

continua

continuação

Algumas referências-base:

SACHS (1993) / HALL (1997) / HUNTER (1997) / SWARBROOKE (2000) / LEFF (2000) / OMT (2003) / VERA REBOLLO e IVARS BAIDAL (2003) / SÁNCHEZ RIVERO e PULIDO FERNÁNDEZ (2008) / VERA REBOLLO, LÓPEZ PALOMEQUE, MARCHENA GÓMEZ, ANTON CLAVÉ (1997 e 2001) / RAMOS e CIFUENTES (1981) / MATHIESON e WALL (1982, 1990) / TULIK (1990, 1999, 2001) / CEBALLOS LASCURAIN (2001) / HALL e PAGE (2002) / FENNELL (2003) / BUTLER (2004) / BLÁSQUEZ e VERA REBOLLO (2001) / MOLINA (1984) / BOO (1992) / WERING (2000) / CEBRIÁN ABELLAN (1997) / CANÓVES *et al.* (2004) / CAVACO (1996)

QUADRO 11 - TEMAS E AUTORES DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA AMB

Fonte: elaboração própria.

O tema é vasto e aplicado em diversas abordagens do portfólio. Não é objetivo dessa revisão sistemática a contextualização histórica das abordagens, mas em relação ao termo “sustentável” verificou-se necessária uma breve exposição, haja vista que embasa a construção da classificação proposta e orienta o pensamento dos autores em Geografia do Turismo.

A discussão da sustentabilidade na Geografia do Turismo ultrapassa os aspectos ambientais, preferenciou-se localizá-la nesta seção de aspectos ambientais pela origem do termo surgir da preocupação com os impactos ao ambiente físico, para então se ligar às questões econômicas e sociais.

O termo desenvolvimento sustentável é originário da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), no Relatório de Brundtland de 1987; e se consolida na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente – Rio 92 (SWARBROOKE, 2000). Em resumo, esse desenvolvimento deve satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações satisfazerem suas necessidades.

Cabe observar que a discussão sobre o desenvolvimento sustentável é anterior, Swarbrooke (2000) aponta que desde a época dos romanos existem tentativas de se alcançar o desenvolvimento sustentável no planejamento urbano. A Revolução Industrial levou a iniciativa privada e a pública a tomar algumas iniciativas em relação aos impactos ambientais.

Com a ideia de construção de uma nova ordem mundial após a Segunda Guerra, muitos planos foram elaborados relacionados ao conceito de desenvolvimento sustentável (SWARBROOKE, 2000).

Somente nos anos de 1960 a questão do desenvolvimento sustentável surgiu nos países subdesenvolvidos. Alguns países da Ásia e África recém independentes discutiam perspectivas a longo prazo e como o desenvolvimento poderia ser mais sustentável (SWARBROOKE, 2000).

Os relatórios de crescimento populacional na década de 1970 motivaram debates sobre o futuro do planeta. Neste ambiente, Strong e Sachs propuseram o conceito de ecodesenvolvimento. Sachs (1992)²⁴ reflete que houve um caminhar mundial rumo à democracia e a discussão ambiental começou a fazer parte das agendas políticas; o desafio seria instituir a gestão democrática efetivamente participativa nos níveis locais, nacionais e globais. Esta perspectiva positiva encontrava diferenças essencialmente econômicas entre Norte e Sul, pois os países do Sul não poderiam aceitar que seu desenvolvimento fosse tolhido favorecendo a proteção do meio ambiente global. Assim, vislumbram-se formas alternativas de desenvolvimento com equilíbrio entre as formas de capital “humano, natural, físico e financeiro” (SACHS, 1993, p. 34).

As cinco dimensões do ecodesenvolvimento, para Sachs, que possuem base na sustentabilidade (Quadro 12):

Sustentabilidade social	Maior equidade na distribuição de rendas e bens.
Sustentabilidade econômica	Eficiência econômica avaliada em aspectos macrosociais. Gerenciamento ótimo dos recursos com fluxo constante de investimentos públicos e privados.
Sustentabilidade ecológica	Ampliação da capacidade da Terra. Limitação do uso de combustíveis fósseis e outros recursos esgotáveis, redução de resíduos e poluição, limitação do consumo, tecnologias alternativas, normas para a proteção ambiental.
Sustentabilidade espacial	Configuração rural-urbana mais equilibrada com distribuição territorial dos assentamentos humanos e atividades econômicas (redução de áreas metropolitanas, frear destruição de ecossistemas frágeis, agricultura e exploração florestal regenerativa, industrialização descentralizada, rede de reservas naturais e da biosfera).
Sustentabilidade cultural	Valorização das raízes endógenas de processos agrícolas, soluções para o local, ecossistema, cultura.

QUADRO 12 - DIMENSÕES DO ECODESENVOLVIMENTO, PARA SACHS.
FONTE: adaptado de SACHS (1993).

²⁴ Originalmente publicado pela UNESCO em *Nature and Resources*, vol. 28, n. 1, 1992.

Concluindo a parte histórica do conceito de desenvolvimento sustentável, Swarbrooke (2000) aborda então a negociação ética dentro do assunto. Desde os anos 1980 o padrão ético nos negócios vem sendo cobrado, fazendo com que as empresas assumam responsabilidades em diversas questões importantes. Algumas delas: no impacto de suas atividades no meio ambiente; nas relações com a comunidade local; na política de recursos humanos; na política de preços; na corrupção, entre outros. Vê-se que o conceito de desenvolvimento sustentável está nessas tendências.

Sánchez Rivero e Pulido Fernández (2008) afirmam que quatro princípios básicos podem estar presentes no conceito de sustentabilidade:

- 1) a ideia de planejamento holístico e a formulação de estratégias;
- 2) a importância de se manter processos ecológicos essenciais;
- 3) a necessidade de se manter a herança cultural e a biodiversidade;
- 4) o requerimento-chave: desenvolver de tal forma que a produtividade seja duradoura a longo prazo para as gerações futuras.

Leff (2002) ressalta que a aplicação prática de princípios e estratégias do desenvolvimento sustentável apresenta-se mais complexa e difícil do que a simples incorporação de uma dimensão ambiental dentro dos paradigmas econômicos, dos instrumentos do planejamento e das estruturas institucionais que sustentam o sistema produtivo.

Neste contexto, pode-se verificar a relação do desenvolvimento sustentável com o turismo. Hunter (1997²⁵) tenta organizar quatro possíveis abordagens para um turismo sustentável:

- desenvolvimento sustentável por um “turismo imperativo”: esta abordagem é fortemente viesada em direção à promoção e ao desenvolvimento do turismo e pode ser essencialmente considerada para satisfazer as necessidades e desejos de turistas e de operadoras de turismo;

²⁵ Resumido, adaptado e em tradução nossa, p. 860-863.

- desenvolvimento sustentável por meio de “produtos turísticos”: nesta abordagem, a vertente ambiental do sistema turístico nos destinos pode até receber consideração, mas é secundária em relação às necessidades principais de desenvolver novos (e manter os existentes) produtos turísticos, com todos os seus vínculos em termos de negócios e possibilidades das operadoras de turismo, de modo que o crescimento do setor turístico possa ser praticado até onde seja possível;
- desenvolvimento sustentável por meio do “turismo conduzido ambientalmente”: nesta abordagem, as decisões são tomadas com o viés do sistema turístico em direção a uma consideração primordial no estado do ambiente. Talvez seja aplicável em áreas onde o turismo ainda não existe ou é uma atividade relativamente nova. A finalidade seria promover tipos de turismo (por exemplo ecoturismo) que especificamente e evidentemente contam com a manutenção de uma alta qualidade do ambiente natural e/ou de experiências culturais. Nesta abordagem, ainda há um foco muito forte no produto turístico, mas difere da abordagem anterior por priorizar considerações ambientais sobre as oportunidades mercadológicas.
- desenvolvimento sustentável por meio do “turismo *neotenous*”: esta abordagem muito forte da sustentabilidade é praticada sob a crença de que existem circunstâncias em que o turismo deveria ser ativamente e continuamente desencorajado em espaços ecológicos. Em alguns locais, como reservas naturais de importância nacional ou internacional, o crescimento do turismo deveria ser sacrificado para benefícios e utilidades maiores.

Swarbrooke (2000) atenta que é difícil produzir definições do turismo sustentável, termo utilizado desde o início da década de 1990, pois julgar-se-ia simples um assunto complexo. Outras palavras são ligadas ao turismo sustentável, mas não são sinônimos, como: turismo responsável, ecoturismo, turismo de mínimo impacto, turismo brando, turismo verde, dentre outras.

A Organização Mundial de Turismo (2003, p. 24) aceita a seguinte definição de turismo sustentável:

Um desenvolvimento sustentável do turismo satisfaz as necessidades dos turistas atuais e das regiões receptoras enquanto protege e aumenta oportunidades no futuro. Assuma-se que leva a um manejo de todos os recursos, de uma maneira que necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas enquanto a integridade cultural, processos biológicos essenciais, diversidade biológica e sistemas de suporte da vida são mantidos.

Para Vera Rebollo e Ivars Baidal (2003), o objetivo do turismo sustentável fundamenta-se em critérios de sustentabilidade, ou seja, deve buscar o equilíbrio entre a conservação dos recursos naturais e culturais existentes, a viabilidade econômica do turismo e a equidade social, numa perspectiva ética e direcionada para as comunidades locais. É um processo de mudança qualitativa das iniciativas políticas que incluem a participação indispensável da população local e adaptam as estruturas legais e institucionais para a realização do desenvolvimento sustentável. Em abordagem do portfólio de pesquisa, Vera Rebollo (2000) já indicava necessidade de modelo de desenvolvimento sustentável com qualidade de vida para as populações locais, em área litorânea da Espanha.

Tarlombani da Silveira (2005) criticou o uso do termo turismo sustentável nas políticas públicas porque não condiz com a realidade. Por outro lado, ressaltou algumas boas experiências que podem levar à sustentabilidade.

Córdoba y Ordóñez e García de Fuentes (2003) criticaram os conceitos de influência da Economia e da Ecologia para tratar a sustentabilidade, considerando que houve capitalização do meio natural e de grupos sociais para se compreender o ecodesenvolvimento de Sachs, por exemplo, e que os reflexos sobre o “terceiro mundo” são avassaladores. Analisaram sobre ótica crítica o turismo no Caribe, e verificaram que a expressiva extensão e diversidade ambiental não estavam contendo os impactos do desenvolvimento urbano e turístico, havendo assim desenvolvimento insustentável.

No portfólio organizado percebe-se o extenso uso da palavra sustentável ligada ao turismo, geralmente como finalidade de uma crítica ou proposta em relação ao objeto pesquisado (teórico ou empírico). Poderiam ser elencados vários autores, como Brinckmann W. *et al.* (2010, p. 71) que percebem:

O desenvolvimento do turismo com bases sustentáveis desafia ao planejamento e a reflexão sobre as possibilidades e o impacto (positivos e negativos) do mesmo no território e nas comunidades locais. O turismo, em qualquer de suas modalidades, como alternativa para o desenvolvimento local, requer a análise de suas formas (práticas) e transformações (modelagem espacial) que existem e se espalham no território local, regional e global.

Obiol Menero e Canós Beltrán (2001) traçaram uma proposta para plano de dinamização e excelência turística, e apontaram que a visão desse planejamento é sustentável por meio da Agenda 21. O diagnóstico de González Herrera e Palafox Muñoz (2005) para ambientes insulares sensíveis também enfatizava a sustentabilidade. Também, Carvalho e Guzmán (2011) apontaram para a necessidade de interação entre global e local com maior interação das populações locais nas decisões sobre o desenvolvimento turístico no território, o que caracteriza um processo de desenvolvimento sustentável. Já a insustentabilidade é apontada por Cordeiro, Bento e Britto (2011), que verificaram que o modelo de *resorts* no litoral brasileiro impede a participação da comunidade local no processo de planejamento e gestão do turismo.

Stigliano, Ribeiro e César (2011) indicaram a concepção de paisagem cultural como subsídio a pesquisas e projetos de políticas públicas e planejamento para um turismo mais sustentável. E há propostas para o turismo sustentável, como em Fernandes e Souza, J. (2011), que sugerem o turismo de base comunitária como alternativa de inclusão da comunidade no turismo, na linha de pesquisa e pensamento, por exemplo, de Coriolano (2005).

Vera Rebollo e Ivars Baidal (2003) enfatizaram que a sustentabilidade não pode ser indicada como um estado ideal, praticamente utópico. Deve-se concebê-la como um processo de mudanças qualitativas que oriente o desenvolvimento turístico a objetivos alcançáveis. Mesmo assim, o termo é utilizado como princípio do turismo, do planejamento turístico e algumas vezes é empregado sem contextualização ou posicionamento nos artigos do portfólio de pesquisa.

Para Virgen Aguilar (2014), o turismo deixou de ser atividade complementar em muitas economias o que decorre na necessidade de planejamento do turismo dentro do paradigma da sustentabilidade.

O espaço natural é o suporte para o desenvolvimento de atividades, assim as transformações ocorrem e observa-se, como em Santos (1997, p. 73): “o meio ambiente produzido se diferencia pela carga maior ou menor de ciência, tecnologia e informação, segundo regiões e lugares: o artifício tende a se sobrepor e substituir a natureza”. Bedim (2007, p. 88) em análise crítica enfatiza que “O espaço capitalista da natureza, para continuar existindo enquanto tal, funcionalmente requer, ironicamente, o seu (contra) uso econômico via turismo”.

Tulik (1990, 1992) já analisava que o turismo não pode ser dirigido pelo aspecto econômico unicamente e há necessidade de valorizar o meio ambiente e as comunidades. Em suas discussões apontava a relação ambígua entre turismo e meio ambiente (convivência agressiva ou coexistência pacífica?). Por um lado apresentam-se os impactos irreversíveis em áreas onde o turismo se desenvolveu, como em áreas de montanha, e por outro, as possibilidades de revitalização de áreas de sítios importantes por meio do olhar político que se sobressai com a presença da atividade turística. Penteado (1992), em artigo no portfólio de pesquisa, reforçou o turismo como um importante aliado para a proteção à natureza.

O turismo nos espaços e territórios naturais é tratado na Geografia do Turismo na relação sociedade e natureza. Por exemplo, Andrés e Encabo (2008) buscaram uma redefinição de ANT (área natural turística) que considere não somente os elementos e processos naturais que configuram atrativos, mas também os indivíduos e grupos sociais que vivem e usam essa área com suas problemáticas e atividades diversas.

Roig i Munar (2001) enfatizou que a gestão ineficiente de espaços para fins turísticos – especialmente os insulares – vem provocando impactos negativos em elementos frágeis (morfologia e vegetação). Há necessidade de educação ambiental e políticas integradas (agentes sociais públicos e privados). Em outra abordagem, Roig i Munar (2003) apresentou estudo de capacidade de carga realizado com metodologia própria que considerou a frequência turística,

a capacidade física e a percepção dos usuários; como resultado verificou haver sobrevisitação nas praias pesquisadas.

Brenner (2009 e 2010) valorizou as possibilidades de governança de área natural com enfoque turístico, com análise político-ecológica que tenha enfoque em atores, interesses e conflitos. Apontou problemas e um marco de análise para os conflitos sociais dos atores interessados nos recursos naturais.

A influência dos estudos de Geografia Física é expressiva, com o emprego de técnicas e metodologias próprias para verificar uma situação “ambiental” (do espaço natural) e o relacionamento da atividade turística com tal situação encontrada, como pode ser observado nos estudos dos próximos parágrafos:

- Oropeza e Camargo (2006) verificaram que os aspectos hidrogeomorfológicos podem se caracterizar ameaças naturais para desenvolvimento turístico de certa área junto às restrições jurídicas.
- López Cuquejo (2001) verificou que a insustentabilidade do local provocada pelo turismo e pela agricultura faz urgir a necessidade de um plano de ordenamento. O autor apresentou propostas com viés ambiental considerando o déficit hídrico e a agricultura, fundamentalmente.
- Niño Gutiérrez (2008) fez proposta para manejo sustentável de paisagem insular com o conhecimento integral das características geográficas, da biodiversidade, dos atrativos paisagísticos e da socioeconomia.
- Juan Pérez *et al.* (2009), por meio da cartografia, fotointerpretação e campo, determinaram o potencial natural e sociocultural do sistema de barrancos mexicanos. Observa-se que os barrancos são impactados por atividades econômicas e extrativistas, mas mediante programa de manejo podem ser utilizados para o ecoturismo.
- Santander Botello e Propin Frejomil (2009) identificaram os impactos ambientais do turismo de mergulho em recifes de coral com contexto econômico e análise geográfica detalhada; destacaram que não havia metodologia de capacidade de carga específica para mergulho.
- Cruz Baéz (2010) verificou o clima como potencial turístico em ilha do Caribe, pois as características climáticas (temperaturas altas e

precipitações baixas) são favoráveis ao aumento da visitação, bem como a diversidade ambiental que se comparada a outras ilhas “concorrentes” é maior.

- Babinger (2012) verificou os impactos dos perigos naturais, no caso os furacões, e que, mesmo diante disso, o destino pesquisado continuava sendo divulgado e procurado pelos turistas mesmo na época de furacões. Babinger (2012) ainda ressaltou que a colonização espacial pelo turismo e os impactos dos furacões repercutem diretamente sobre a hotelaria e manutenção da atividade turística no futuro.

Observando esse grupo de artigos anteriormente mencionado, pode-se verificar a riqueza de temáticas que são desenvolvidas ligando aspectos naturais e turismo e que não há estudo sobre o tema que não relacione aspectos sociais, econômicos e culturais para chegar em resultados analíticos. Outros relacionamentos entre a questão ambiental e o turismo podem ser percebidos nas práticas do turismo em áreas naturais, como no ecoturismo e no turismo rural, discutidos em seguida.

Panadero Moya *et al.* (2002) reforça a ideia de que o ecoturismo não é uma modalidade muito bem definida. Não existe consenso quanto à natureza e ao conteúdo do termo ecoturismo nas contribuições dos muitos atores e organizações envolvidos. Em todas as definições aparecem, no entanto, elementos comuns que compartilham a ideia da realização de uma prática turística baseada no conceito de desenvolvimento sustentável.

Qualquer que seja a definição escolhida, sempre se menciona o cenário natural como requisito básico para o exercício do ecoturismo. Porém, há outros elementos igualmente importantes a considerar, especialmente o testemunho da herança cultural. Dentro da linha de pensamento que propõe um desenvolvimento econômico sustentável, compatível com as metas de preservação ambiental se insere o ecoturismo (PANADERO MOYA *et al.*, 2002).

Panadero Moya *et al.* (2002) propuseram um corredor ecoturístico para a América Central, como argumento ao corredor ecológico (mosaico supranacional de espaços naturais), visando sua viabilidade. Consideraram a gestão complexa do corredor, e realçaram que ele poderia oferecer uma

melhoria na prestação de serviços e bens para as comunidades locais carentes da América Central, mas também a conservação ambiental dos recursos naturais para benefício do resto do mundo.

Observando o turismo excludente que ocorre na Amazônia brasileira, advindo de grandes oligarquias regionais e corporações internacionais Faria, (2005) verificou a necessidade de diversificar o conceito de ecoturismo para o etnoturismo nas comunidades. Verificou a necessidade de unir a comunidade, o governo, os empresários do turismo e os pesquisadores como um desafio, bem como tirar as populações nativas da margem do processo do desenvolvimento econômico capitalista. Pensar em ecoturismo nessa área pressupõe o planejamento participativo e comunitário, visando a sustentabilidade (FARIA, 2005), e a educação para o turismo poderia contribuir para a construção de uma civilização para o turismo.

Parte-se do pressuposto, em algumas abordagens, de que o ecoturismo causa impactos negativos. Sarfati e Nanae Sano (2012), que investigaram a prática na Antártica, verificaram que o turismo que ocorre na Antártica é em cruzeiros que não realizam desembarques. Os autores não comprovaram a hipótese do turismo poder provocar a “tragédia dos comuns”. Mas alertaram que é necessário observar os impactos do fluxo de embarcações nos processos ecológicos.

A compreensão do ecoturismo como um segmento de mercado não é reforçada nas abordagens, mas sim como prática turística nos territórios.

Já o termo turismo alternativo surge em abordagens mexicanas. Díaz Carrión (2013) explicou que desde o final dos anos de 1980 o turismo alternativo se desenvolveu no meio rural mexicano e esta atividade se baseia em conceito que transcende o aspecto econômico, tratando com igual importância os objetivos sociais e ambientais.

O turismo alternativo é considerado como uma atividade capaz de potencializar mudanças na divisão tradicional do trabalho. Busca gerar iniciativas que contribuam para melhorar as condições de vida da população rural e tem sido considerado uma ferramenta capaz de gerar oportunidades de trabalho para as mulheres que vivem em ambientes rurais (DÍAZ-CARRIÓN, 2013).

Para Juan Pérez *et al.* (2009), o turismo alternativo é uma modalidade recente que começa a ter importância, consiste na organização de viagens para

lugares desconhecidos, distantes do turismo de massa e que incentivam o desenvolvimento pessoal. Consideram o turismo que se refere a viagens que buscam atividades recreativas em contato direto com a natureza, bem como expressões culturais, com a atitude e o compromisso de conhecer, respeitando, aproveitando e participando dos recursos naturais e culturais. É dividido em vários tipos e pode ser turismo de aventura, turismo rural, turismo científico, turismo de pesca e ecoturismo (JUAN PÉREZ *et al.*, 2009).

Pode ser relacionado ao conceito de turismo de base comunitária, discutido no Brasil, por exemplo, em Coriolano (2003, p. 41), entendido como aquele “[...] desenvolvido pelos próprios moradores de um lugar que passaram a ser os articuladores e os construtores da cadeia produtiva, onde a renda e o lucro ficam na comunidade e contribuem para melhorar a qualidade de vida”.

Também, o turismo rural se apresenta como uma das modalidades turísticas “alternativas”, que poderia se tornar um tipo de turismo sustentável, na visão de Candiotta (2010). O turismo rural pode ser considerado como uma atividade que o homem urbano procura junto às propriedades rurais produtivas, buscando resgatar suas origens culturais, o contato com a natureza e a valorização da cultura local. Já para o produtor significa um meio para aumentar sua renda mensal, de forma harmônica, valorizando sua propriedade e seu estilo de vida (MOLETTA, 2000).

Tulik (2003) ajudou a compreender melhor a contribuição do turismo para o desenvolvimento rural, no caso do Brasil:

O turismo rural surgiu em meio a uma frágil economia [a agricultura] com o intuito de aumentar a renda dos agricultores e também de gerar empregos fazendo com que diminua o êxodo rural, havendo assim, o desenvolvimento local ou até mesmo regional com a atividade turística (TULIK, 2003, p. 77).

Cánoves, Herrera e Villarino (2005) apresentaram esquema da OMT sobre o turismo rural que se desenvolve com a comunidade e valoriza o campo, a vida rural, o patrimônio e atividades que podem ser realizadas pelos visitantes (Figura 12):

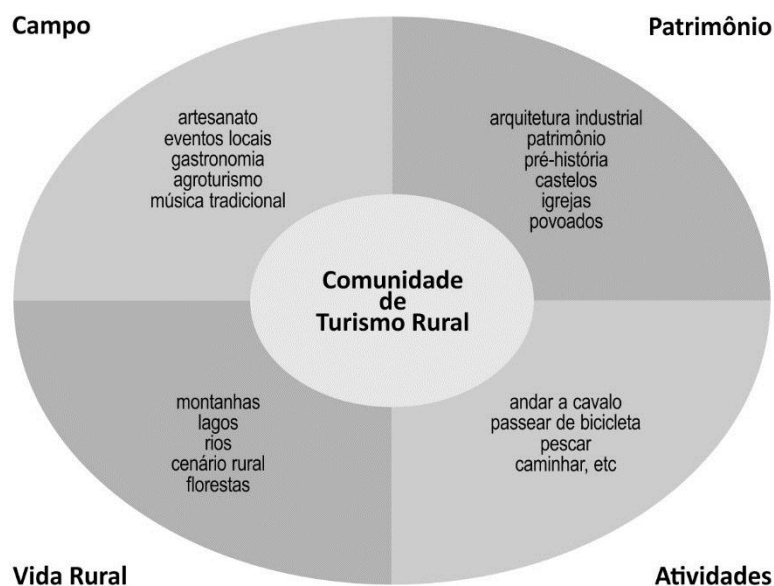


FIGURA 12 - ESQUEMA DE COMPREENSÃO DO TURISMO RURAL

Fonte: OMT, adaptado de Cánoves, Herrera e Villarino (2005).

A comunidade deve estar no centro para o desenvolvimento do turismo rural, entendendo a importância da atividade e da paisagem como fator de atração (CÁNOVES; HERRERA; VILLARINO, 2005).

Porcalo Gonzalo (2011) verificou que o reconhecimento do patrimônio rural como recurso turístico está possibilitando a conscientização e o desenvolvimento de localidades rurais e de montanha. A reutilização de vias férreas, vias pecuárias e caminhos históricos para o turismo são bons exemplos (mudança de função no território – relação patrimônio, turismo e desenvolvimento). Pelo valor paisagístico, ecológico e cultural deve haver proteção dos recursos e adequado comportamento dos visitantes. Schroeder e Formiga (2011) discutiram a “nova ruralidade” e verificaram como oportunidade para comunidades argentinas, dentro de um processo de mudança tecnológica e produtiva com a incorporação de estratégias turístico-recreativas.

García Marín (2011) descreveu ações do programa LEADER nas fases I e II que previu com êxito a criação de novas empresas, revalorização e comercialização de produtos artesanais, inovação e geração de emprego feminino, assistência técnica para investimentos rurais, diversificação e promoção turística (GARCÍA MARÍN, 2011).

O estímulo ao turismo rural pode ser criticado, como em Cebrián Abellán (2003), que, verificando projetos de turismo rural, observou que é uma atividade que não atende as necessidades do turista e é carente de estratégias para combater a sazonalidade, portanto precisa-se de cuidado para estimular seu desenvolvimento.

Cánoves *et al.* (2004), acompanhando o desenvolvimento do turismo rural, verificaram em associação de turismo rural que havia necessidade de melhorar os serviços prestados pelos moradores de uma comunidade, principalmente melhorando a qualidade.

Manosso, Salomé e Carvalho (2010) constataram que o turismo vendido como rural não ocorria em diversas propriedades, pois acreditam que o verdadeiro turista rural só existe quando está em contato com o cotidiano do campo. Diante dessa realidade, as propriedades podem agregar maior valor às características da região na atividade turística (MANOSSO; SALOMÉ; CARVALHO, 2010).

Para Souza (2012), o turismo rural é uma possibilidade no relacionamento cidade-campo e urbanização, que deve ser analisada dentro de suas amplas relações, dentro da sustentabilidade. Ressalta que é uma atividade de mudanças rápidas.

A complementação da importante discussão sobre o turismo rural está posteriormente na revisão sistemática dos aspectos socioeconômicos, onde se apresenta o desenvolvimento rural.

O turismo em áreas naturais é também discutido junto às áreas protegidas, principalmente em relação à governança. A presença de uma área protegida a transforma em ambiente de conservação e preservação, restringindo sua utilização econômica. O turismo em alguns desses territórios é sugerido como alternativa, principalmente para a região de entorno. No Brasil, por exemplo, essas áreas são entendidas como Unidades de Conservação, que na Lei Federal nº 9985, de 2000, são

Espaços territoriais e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção da lei.

Brenner (2010) verificou que o maior problema que enfrenta a governança ambiental é o resultado dos interesses contraditórios que levam a cabo os diferentes atores sociais. O gerenciamento das partes envolvidas interessadas implica uma cuidadosa mediação e gestão de interesses e de conflitos, para deixar satisfeitos, na medida do possível, os interesses dos envolvidos e afetados, sem prejudicar a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais.

Portanto, as instituições encarregadas do manejo têm que necessariamente atuar como coordenadoras e facilitadoras. É preciso perceber a degradação ambiental, não como um problema cuja solução diz respeito a algumas instituições ambientais ou ONGs, que utilizam instrumentos tradicionais de controle, mas como o resultado de um conflito de interesses enraizado entre um grupo amplo e heterogêneo de atores. Incluindo as mesmas instituições e organizações, em medidas desiguais de recursos e poder à disposição, mas também com o potencial de mobilização de diferentes tipos de recursos para impor os seus interesses (BRENNER, 2010).

Existem pelo menos duas questões importantes a serem abordadas. Em primeiro lugar, os atores voltados para o uso estariam dispostos a participar e assumir compromissos apenas se percebessem que isto lhes permitiria alcançar seus objetivos. Segundo, os atores focados na conservação devem estar mais dispostos a abandonar o poder e a responsabilidade (BRENNER, 2010). Exemplo em Telles e Gândara (2009), que a partir de classificação dos principais grupos sociais em entrevistas com os líderes conseguiram observar as opiniões sobre a gestão territorial do entorno de área protegida, em espaço insular e com visitação crescente, e verificaram que havia inconformidades entre as perspectivas da sociedade e as práticas de gestão e planejamento.

O planejamento turístico que leva em conta as áreas protegidas é apresentado por Huerta García e Sánchez Crispín (2011), que destacaram as áreas protegidas em um projeto de corredor de ecoturismo comunitário de

Huatulco, representando uma atividade econômica alternativa para promover o desenvolvimento regional das comunidades. Apontaram que a implantação de projetos alternativos como o corredor ajudam a amortizar os possíveis efeitos negativos sobre o meio ambiente, gerados pelo crescimento urbano e turismo acelerados.

Na Costa Rica, país mais visitado da América Central por causa de suas áreas de conservação, Vargas Ulate (2009) apontou para o dilema presente nas discussões do turismo em áreas protegidas: a atividade turística afeta as iniciativas de conservação *in situ*, e por outro lado gera benefícios econômicos para a população (VARGAS ULATE, 2009). Rojas León (2008) fez análise com resultado semelhante: estudando a legislação da zona marítima terrestre concluiu que o governo é incapaz de oferecer correta proteção ambiental e há situação contraditória, pois a defesa dos recursos naturais compete com a rentabilidade econômica advinda da atividade turística.

A oportunidade econômica das áreas naturais foi ressaltada por Larrubia Vargas e Luque Gil (2002), que verificaram em proposta para o termalismo, termas cercadas de áreas protegidas, que podem ser aproveitadas para ampliar as possibilidades de visitação na região.

O tema é vasto, observa-se que os pesquisadores do portfólio organizado não discutem tanto as características dessas áreas em um contexto socioambiental somente, mas com viés social, econômico, político e de planejamento. Portanto, as áreas protegidas podem surgir como abordagem em qualquer um dos seis aspectos elencados.

4.4.1 Nuvem de termos AMB

No recurso visual, nuvem de termos, o destaque para a palavra sustentabilidade na revisão sistemática se justifica, pois foi a palavra mais utilizada nesse aspecto e complementada por desenvolvimento sustentável. A nuvem de palavras da temática AMB está assim representada a Figura 13:



FIGURA 13 - NUVEM DE TERMOS AMB
 Fonte: a autora (2015).

Também, pode-se perceber que o tipo de turismo mais discutido no portfólio de pesquisa dentro desse aspecto foi o turismo rural com forte ligação com os aspectos socioeconômicos. Meio ambiente e ambiente são termos que servem de base para as discussões. O ecoturismo e o turismo alternativo também surgem como opções de um possível turismo sustentável. Complementa-se com o termo áreas naturais protegidas, haja vista que são ricas em temas de análise para os estudos em Geografia e Turismo. Segue síntese sobre os aspectos socioambientais do Turismo.

4.4.2. Síntese sobre aspectos socioambientais da Geografia do Turismo

O meio ambiente observado como espaço da natureza oferece base para os estudos das relações com o turismo, por exemplo, aspectos geomorfológicos, hidrológicos ou biológicos. A Ecologia traz também elementos para análise. Mas percebe-se que sem as relações da sociedade, as possibilidades da cultura e as implicações econômicas a discussão “ambiental” tende a se esvaír. Assim, a perspectiva da sustentabilidade pode ser o caminho para compreensão das implicações das atividades humanas ao sistema natural.

O desenvolvimento sustentável do turismo tratado como utópico ou como “salvação”, necessita de entendimento prático, como já apontavam diversos autores, como Vera Rebollo *et al.* (1997 e 2001). As ações nas menores escalas, como no desenvolvimento local do turismo, em formas alternativas para o turismo de massa, podem trazer experiências interessantes para serem replicadas em escalas maiores (regionais, nacionais, internacionais). Por outro lado, por meio do turismo, podem transformar, implicando que o local passe a ser internacional rapidamente. Assim, a sustentabilidade necessita ser percebida por todos os atores do turismo, o turista “sustentável” também precisa existir.

Algumas implicações dos sujeitos no fenômeno turístico são retratadas na próxima seção, nos aspectos socioculturais.

4.5 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DA GEOGRAFIA DO TURISMO (SCT)

Os estudos sobre sociedade e cultura que contribuem para a Geografia do Turismo são cada vez mais representativos e cercam principalmente a Geografia Cultural. Os temas ligados ao fenômeno turístico se encontram na percepção, no turismo cultural, no patrimônio, nos aspectos culturais para o turismo, bem como na gastronomia, e as comunidades receptoras se destacam.

O Quadro 13 apresenta as temáticas com os respectivos autores da amostra:

Temas	Autores ibero-americanos do portfólio
Geografia Cultural Percepção Cultura e Turismo Turismo Cultural Comunicação Festas (religiosas) Patrimônio e Turismo Patrimônio cultural Turismo Gastronômico Comunidades	ARMESTO LÓPEZ e GOMÉZ MARTÍN (2004)/ CALLE VAQUERO e GARCÍA HERNÁNDEZ (2008)/CORIOLANO (2005)/ COSTA (2006)/DELGADO VIÑAS, GIL DE ARRIBA, HORTELANO MÍNGUEZ e PLAZA GUTIÉRREZ (2003)/FARIA (2005) / FEO PARRONDO (2005)/FERNANDES e SOUZA (2011)/GARCIA e BAHL (2011)/GARCÍA ZARZA (2002)/GOMES e OLIVEIRA (2013)/GONZÁLEZ PIZARRO (2013)/GUILLAUMON (2011)/HORODYSKI, NITSCHÉ; OLIVEIRA, e BIESEK (2011)/ JUAN PÉREZ, MONROY GAYTÁN, GUTIÉRREZ CEDILLO, NÉMIGA e BALDERAS (2009)/LAGUNAS ARIAS (2006)/LARROSA ROCAMORA (2003)/LOIS GONZÁLEZ, e LOPEZ (2012)/LONDOÑO (2011)/MANERO MIGUEL (2011)/MANERO MIGUEL (2011) MURTA, ARAÚJO, CAMPOS, e GONTIJO (2009)/NAVARRO FLORIA e VEJSBERG (2009)/NEVES (2009)/NITSCHÉ (2011) NITSCHÉ (2011, 2013)/OLIVEIRA (2007 e 2008)/ OLIVEIRA NETO e GARCIA (2006)/PARDO ABAD (2011)/ PASTOR ALFONSO (2003)/PILLÉT CAPDEPÓN (2014)/PISCITELLI (2005)/PORCAL GONZALO (2006)/PRAT FORGA (2010)/PRATS (2011)/RULLAN (2010)/SALINAS CHÁVEZ e SULROCA DOMINGUEZ (2010)/STIGLIANO, RIBEIRO e CÉSAR (2011)/TELLES e GÂNDARA (2009)
Algumas referências-base:	SAUER (1925, 1998) / BERQUE (1997, 1998) / CLAVAL (1999) / UAN (1980, 1983) / LYNCH (1960, 1997) / MACCANNELL (1992, 2003) / URRY (1996, 2000, 2002, 2004, 2005, 2008) / BURNS (1999) / MARTIN BARBERO (2003) / BARRETTO (2009) / TROITIÑO VINUESA, (1998, 2006) / MANERO MIGUEL (2011) / HIERNAUX NICOLÁS (2007, 2008) / SCHLÜTER (2001, 2003, 2008) HALL e RICHARD MITCHELL (2002) / HALL e WILLAMS (2002) / VERA REBOLLO, LÓPEZ PALOMEQUE, MARCHENA GÓMEZ, ANTON CLAVÉ (1997 e 2001) / CASTROGIOVANNI (2000) / YÁZIGI (2001, 2002) / MARTIN BARBERO (2003) / BERTONCELLO, CASTRO e ZUSMAN (2003) /SCHLUTER (2001) / DEL RIO e OLIVEIRA (1996) / TROITIÑO VINUESA, GARCÍA HERNÁNDEZ e CALLE VAQUERO (2006)

QUADRO 13 - TEMAS E AUTORES DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA SCT

Fonte: elaboração própria.

Claval (2009) afirmou que há tempos a Geografia (final do século XIX) se liga aos estudos culturais, mas ao longo de sua trajetória científica foi mudando o enfoque, desde uma perspectiva positivista ou naturalista não estudando a dimensão psicológica da cultura, até uma sistematização metodológica na Nova Geografia (anos de 1960-1970) e sua concepção abrangente e própria após 1970, ganhando *status*, assim como na Geografia Econômica ou na Geografia Política.

Na Geografia Cultural, “Nova Geografia Cultural”, “nova abordagem cultural na Geografia” ou “mais precisamente o interesse dos geógrafos pelos problemas culturais” (CLAVAL, 2009, p. 19), o entendimento da relação Geografia e Cultura pode ser entendido como:

O objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica. (CLAVAL, 2009, p. 20).

Garcia e Bahl (2011), analisando a obra de Claval, destacaram que essa “Nova Geografia Cultural” enfatiza a experiência vivida, os sonhos, aspirações e desejos das pessoas, e também busca descrever a diversidade de comportamentos em relação ao meio ambiente e à vida social, econômica e política.

Corrêa (1995) preocupou-se em orientar temáticas nessa relação de Geografia e Cultura valorizando o espaço e a cultura, a paisagem cultural, a percepção ambiental e cultura, o espaço e simbolismo e a cultura e os lugares centrais. Sugeriu temas aos pesquisadores brasileiros, mas pode-se perceber que eles se aplicam à realidade ibero-americana e diversas investigações foram e são realizadas nesses sentidos: paisagem rural e sua matriz cultural; percepção e avaliação ambiental por diversos grupos sociais (nativos e imigrantes); o caráter simbólico de edificações, praças, ruas, montanhas, vales, dentre outros, para os diversos grupos sociais, étnicos, religiosos; as trocas comerciais em feiras e comércio itinerante; as diversas manifestações religiosas; variação espacial dos modos de falar; cultura popular e sua variação espacial; migração com seus contatos e conflitos culturais e áreas residuais ou enclaves no contexto de difusão cultural na globalização. O fenômeno turístico possui relação com tais temáticas, assim, insere-se nas discussões desde a perspectiva das comunidades receptoras até dos turistas, como nos artigos aqui elencados.

Alguns estudos que se utilizam de abordagens da Geografia Cultural no Turismo foram identificados nessa revisão ibero-americana, como o de Juan Pérez *et al.* (2009), que verificou os sistemas de barrancos (margens) do rio Calderón no sudeste do Estado do México em uma abordagem sociocultural e

ambiental; de Garcia e Bahl (2011), com uma base referencial sobre Geografia Cultural, apontando os estudos geográficos do turismo nessa linha como importantes para o planejamento do turismo em Campo Grande, estado do Mato Grosso do Sul, Brasil. Horodisky *et al.* (2011) relacionaram a obra de Gastón Bachelard “A Poética do Espaço” com contribuições à Geografia e ao Turismo. Lois González e Lopez. (2012) analisaram o caráter polissêmico do Caminho de Santiago desde o início das peregrinações até a compreensão da função turística do mesmo; para tanto utilizaram autores-base da Geografia Cultural traçando os diferentes significados.

Stigliano, Ribeiro e Bittencourt (2011) viram no conceito de paisagem cultural a possibilidade para discussão de formas mais sustentáveis de turismo com políticas de ordenamento e gestão territorial, assim como Neves (2009) atentou para a importância do conceito de paisagem na valorização do patrimônio histórico e que o poder público precisa conhecer as possibilidades patrimoniais do município.

Nitsche (2011, 2013) destacou a importância da compreensão do espaço vivido para as comunidades para um adequado desenvolvimento turístico com estudo de um roteiro turístico em Araucária, município da região metropolitana de Curitiba, estado do Paraná, Brasil. Além de outras abordagens, como as de Oliveira (2007, 2013) sobre festas religiosas, que serão comentadas posteriormente.

Há diversas formas de relacionamento entre cultura e turismo. Em estudo da socioantropologia, Piscitelli (2005) reconheceu características do turismo sexual, que acaba por relacionar cultura e turismo, por meio de observação de grupos virtuais interessados no tema. A autora percebeu processos de racialização que operam no espaço virtual e afetam nos deslocamentos da “geografia mundial do turismo sexual” (grifo nosso). A análise dos espaços obscuros de cidade turística também podem ser observados. Como já apresentado em Costa (2006, p. 96) que considerou impregnação na paisagem de elementos “malditos”, isto é: “os bordéis, casas de strip-tease, pontos de drogas, becos escuros, etc.”. Já Pillét Capdepón (2014), tendo base na Geografia Cultural e na paisagem cultural, verificou a possibilidade da paisagem literária como recurso para o turismo.

A perspectiva do indivíduo vem aparecendo, ainda de forma tímida, nos estudos geográficos do Turismo, vê-se nessa vertente e nos apontamentos de Claval mencionados uma tendência que deve ser observada nos próximos anos. “A ideia de ‘encontros turísticos’ pode representar o próprio encontro do turista consigo mesmo” (GUIMARÃES, 2012, p. 55).

A percepção geográfica é considerada importante para entendimento da conduta do homem no espaço geográfico, conduzindo a esclarecimentos sobre suas relações com a natureza e outros grupos humanos (OLIVEIRA, 1996).

Sob a influência da Fenomenologia são desenvolvidos estudos do que pode se chamar de Geografia da Percepção. Tuan é geógrafo cultural bastante citado nos estudos de percepção, com obras como Topofilia (1980) e Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência (1983).

Lynch em 1960 no livro A Imagem da Cidade contribuiu para a compreensão dos elementos culturais do espaço urbano, organizando elementos que apoiam diversos estudos para a legibilidade no urbano.

No portfólio de pesquisa, estudos de percepção apresentam seus resultados, a saber:

- Mariani (2002) buscou a percepção dos turistas em relação ao lugar. Verificou que “a percepção da paisagem faz parte da experiência dos indivíduos em relação aos lugares e inclui as experiências passadas. É por meio dela que o turista atribui significados e valores à paisagem de Bonito” (MARIANI, 2002, p. 39).
- Em Padilla y Sotelo e Luna Moliner (2003), por meio da percepção ambiental construiu-se uma abordagem de educação ambiental para processo educativo com a participação popular, visando o desenvolvimento turístico. Verificou-se a percepção sobre o estado do meio ambiente na costa de Quintana Roo. As autoras acreditam que “as práticas da vida cotidiana e os vínculos de atividade produtiva e de serviços podem guiar a diferenciação de atitudes que formam a base de

diferentes percepções e diferentes padrões de interação social” (PADILLA Y SOTELO e LUNA MOLINER, 2003, p. 113, tradução nossa²⁶).

- Murta *et al.* (2009) relacionaram a [des]territorialização turística e a percepção ambiental. Entendem que o processo da turistificação acaba por reconfigurar aspectos do cotidiano, refletidos nas percepções dos assuntos ambientais. Concluíram com o estudo que independentemente da idade, os moradores observam aspectos positivos e negativos em maior parte, sobre o crescimento da atividade turística. Os principais aspectos negativos da turistificação encontrados foram: a falta de respeito do turista com a intimidade dos ambientes, o barulho causado pelos turistas e a relação com seus costumes, especialmente no que se refere ao vestuário.
- Pacheco e Oliveira analisaram a paisagem de campo de golfe para o desempenho do turismo esportivo. Utilizaram o método da análise descritiva da paisagem, de Boullón (2002), e o método da percepção da paisagem, de Cullen (1973), relacionado ao conceito de legibilidade do espaço, de Lynch (1997).
- Andrade Suárez (2011), em estudo de percepção sobre o turismo rural, concluiu que para se promover um destino de forma eficaz, a imagem deve enfatizar não somente os recursos naturais e culturais, como também as emoções evocadas pelo mesmo.

O tema da percepção não é aplicado apenas na perspectiva cultural, mas observa-se que esse prisma oferece ricas análises para a compreensão das relações no lugar turístico. Estudos de percepção também podem ser desenvolvidos pensando na gestão do turismo. No caso de Ponce Sánchez (2004), investigando o turismo de sol e praia, chegou à percepção de uma demanda heterogênea que é satisfeita com o modelo de turismo de sol e praia, mesmo com suas disfuncionalidades. E também, para compreensão histórica, como em González Pizarro (2013) que, em estudo de percepção da população, verificou que ao longo dos tempos houve, em deserto no Chile, a negação do

²⁶ Las prácticas cotidianas de vida y vínculos de actividad productiva o de servicios pueden guiar en la diferenciación de actitudes sobre la base de que conforman diferentes percepciones y diferentes patrones de interacción social

mesmo até sua apropriação pelo turismo. Outros temas importantes com abordagem sociocultural são apresentados na sequência.

Da mesma forma, quando uma área protegida é determinada por uma legislação e a essa são conferidas estratégias de proteção, a cultura também é patrimonializada em seus aspectos tangíveis ou intangíveis. O patrimônio turístico, reconhecido em legislação nacional ou mundialmente reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), pode gerar fluxos turísticos que objetivem reconhecê-lo (FUNARI; PINSKY, 2001), e assim se torna objeto de estudo da Geografia do Turismo.

Prats (2011), verificando a viabilidade do patrimônio como atrativo turístico, percebeu 3 situações geográfico-patrimoniais favoráveis: nos patrimônios de grande predicado que por si só atraem fluxos turísticos; em patrimônios que estão próximos a grandes cidades e que essas populações constituíram fluxo contínuo de visitantes, e nos patrimônios localizados em destinos turísticos consolidados. Para os outros destinos turísticos com patrimônios, resta fazer grandes investimentos para atrair fluxos turísticos, ou inverter a lógica e ter os meios de hospedagem e alimentação como principal motivo de venda, e aliar a visita ao patrimônio.

Larrosa Rocamora (2003) apresentou proposta para melhor aproveitamento turístico e de proteção ao Patrimônio da Humanidade *Palmeiral de Elche*. O local apresenta sistema agrícola árabe estruturado em parcelas retangulares onde foram plantadas palmeiras. O patrimônio histórico é protegido por lei desde 1933 e foi reconhecido pela UNESCO em 2000. Entendeu-se que a demanda turística estava buscando por novas possibilidades e que poderia se interessar mais pelo local, que é peculiar. Sobre a área patrimônio das Montanhas Cantábricas, Delgado Viñas *et al.* (2003) retrataram o binômio território/patrimônio verificando formas de desenvolvimento que não se apoiem somente no turismo. Salinas Chávez e Sulroca Dominguez (2010) destacaram em Cuba oportunidades da indústria açucareira como patrimônio e para o turismo.

Sobre conceito de turismo cultural, Guillaumon (2011) apontou que a limitação estaria no fato de que não existiria turismo que não fosse cultural, que não estabeleça o diálogo entre culturas no território. Mesmo assim, há direcionamento sobre determinados aspectos culturais, como García Zarza

(2002) reconheceu no projeto *Las Edades del Hombre* possibilidades ao turismo cultural.

Em local em que a expansão do turismo causou mudanças consideráveis na vida cotidiana e na paisagem, Pastor Alfonso (2003) propôs o turismo cultural em projeto abrangente, e de integração com o meio ambiente, como forma de melhorar a percepção dos moradores sobre seu espaço. Também, Manero Miguel (2011) propôs a revalorização urbana com recuperação de bens patrimoniais e históricos, o que pode permitir a criação de ofertas inovadoras. Pardo Abad (2011), como anteriormente citado, destacou o turismo idiomático nas cidades-patrimônio, uma forma de turismo cultural.

Guillaumon (2011) teve a preocupação de criar um conceito de turismo religioso que atendesse as especificidades de sua área de estudo, a Bahia, que é marcada por forte sincretismo religioso nas disputas de poder sobre o território. O interesse pelas discussões do espaço sagrado e do espaço profano relacionados ao turismo está presente em abordagens do portfólio.

Porcal Gonzalo (2006) trouxe o perfil e as motivações dos peregrinos em Navarra, apresentando os personagens e os marcos de caminho histórico-religioso que é entendido como lugar sagrado e espaço turístico. González. e Lopez (2012) também evidenciaram características de espaço polissêmico, o Caminho de Santiago, e destacaram cinco fatores-chave que vêm promovendo a utilização e renovação do Caminho ao longo dos tempos: 1. vocação militante de impulsionar o caminho; 2. originalidade do caminho - espaço sagrado e cultural patrimonializado e cuidado pelas instituições públicas; 3. reabilitação/restauração em 1990; 4. ideologias nacionalistas e reacionárias dos anos de 1970 - reivindicação de uma unidade europeia, movimentos separatistas; e 5. o retorno à escala humana das coisas que fazem as pessoas buscarem o caminho.

Em Oliveira (2007) e Gomes e Oliveira (2013) as festas religiosas foram discutidas em seus significados culturais e como recurso ao turismo. Contrastou-se a vivência da fé na dinâmica das festas, dentro de um espaço de encontros. Nos ambientes das festas é possível verificar a devoção e os negócios comerciais, há shows e feiras para celebrar os santos. Nestes espaços contraditórios, há interesses diversos, desde midiáticos a políticos. Existe a

espetacularização da religião, a carnavalização, mas que faz sentido aos indivíduos que participam dos eventos. Os autores criticaram a falta de profissionalismo na organização desses eventos no nordeste brasileiro, que pouco são valorizados no turismo regional, perdendo a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento e educação patrimonial da própria comunidade e dos turistas.

No planejamento do turismo cultural, Calle Vaquero e García Hernández (2008) destacaram que as características sociodemográficas de grupos proporcionam informações que podem ajudar na organização de viagens para o turismo cultural, melhorando o aproveitamento dos recursos de destinos de turismo cultural.

Prat Forga (2010) discutiu outro tipo de turismo que se relaciona às questões culturais: o Turismo Naturista, que segundo ele é ignorado pela Geografia do Turismo, pois julga haver preconceito por temas minoritários. O bairro naturista estudado vinha cumprindo função de ócio, passeio e descanso, e vinha sendo visitado pelo seu conteúdo simbólico como em um museu ou em uma exposição. Outro tema em destaque no portfólio de pesquisa foi o turismo gastronômico.

O turismo gastronômico pode ser entendido por aquele deslocamento que ocorre motivado pelas práticas gastronômicas da localidade. "O turismo gastronômico pode ser operacionalizado a partir de atrativos como culinária regional, eventos gastronômicos e oferta de estabelecimentos de alimentos e bebidas diferenciados, bem como roteiros, rotas e circuitos gastronômicos" (GÂNDARA *et al.*, 2009, p. 181).

O interesse da Geografia na gastronomia e sua relação com o turismo é valorizado na necessidade de compreender a articulação entre a natureza e a sociedade nas mais diversas etapas, desde a produção dos alimentos, a comercialização (TRAMONTIN e GÂNDARA, 2010) e a transformação do recurso cultural em atrativo para o turismo.

Armesto López e Gómez Martín (2004) visualizaram que a cultura popular ou tradicional estava começando a despertar o interesse dos centros econômicos, e a oferta turística relacionada a esse tipo de recurso cultural também se tornava frequente. Dentre as possibilidades, a gastronomia teve

destaque por estar associada aos costumes e folclores dos territórios de base rural.

Os autores supracitados complementam que o interesse pela gastronomia, como um recurso turístico, se dá pela permissão dos indivíduos em vivenciarem a cultura (tendência pós-moderna). A gastronomia não é contemplativa, ela permite a participação efetiva no entendimento do cotidiano, por exemplo, nas comunidades de áreas rurais. Pode gerar produtos com alto valor agregado e até exclusivos. Nessa mesma compreensão, Tramontin e Gândara (2010) acreditam que a gastronomia pode ser importante elemento de produção do espaço e de construção social, pois pode contribuir para um grupo social se reconhecer e valorizar suas peculiaridades.

Em 2005, Feo Parrondo apresentou a gastronomia e a relação com o turismo ressaltando que a promoção do turismo gastronômico no exterior ajuda a potencializar um recurso turístico de primeira ordem, muito valorizado pelos turistas.

Londoño (2011a, 2011b) abordou a valorização da comercialização de produtos rurais, ecológicos e orgânicos que podem contribuir para o desenvolvimento do turismo gastronômico. O turismo gastronômico se apresenta como uma alternativa ou complementaridade a outros tipos de turismo, como em caso de turismo de sol e praia (LONDOÑO, 2011a), da mesma forma que pode representar alternativa econômica para as comunidades (LONDOÑO, 2011b).

Londoño (2011b) comparou áreas na Espanha e na Alemanha verificando estratégias de diversificação rural denominadas “*Tienda Granja*” (agroboutiques ou *farms shop*). Constatou que estas podem contribuir para a promoção da gastronomia a partir de produtos comercializados para o turismo. Para tanto, os produtos comercializados são valorizados mediante selos de qualidade como as Denominações de Origem e as Indicações Geográficas Protegidas, proporcionando o desenvolvimento local em sinergia com a atividade turística.

Em seguida, a relação das comunidades com o turismo começa a ser discutida.

Navarro Floria e Vejsberg (2009), analisando processo histórico na formação territorial e a conseqüente turistificação de Bariloche, apontaram para os impactos socioculturais que a levaram à representação da “Suíça Argentina”.

Um destino turístico elitizado e de caracterização europeia, desconectado da realidade local e da proposta inicial de desenvolvimento do turismo dos anos de 1930.

Coriolano (2005) refletiu, em análise dialética, que o turismo gera exclusão, inerente aos processos de acumulação capitalista, e, por outro lado, promove inclusão, com práticas que valorizam as peculiaridades locais, como o turismo de base comunitária. Há uma crítica sobre a exclusão social presente principalmente nos países em desenvolvimento, que é o caso do Brasil.

Oliveira (2007) acredita que o turismo é segregador, mesmo quando planeja a diversificação de tipos e segmentos, pois aponta a “vocaçãõ” (grifo do autor) da comunidade local, o que acaba por demonstrar sua lógica excludente. Para o autor não há assim espaço para “mediações culturais” (termo de Martim Barbero).

Nesse panorama observado de segregação e exploração pelo turismo, há necessidade de envolvimento das comunidades com suas realidades e tomadas de decisões sobre seu espaço - territórios, lugares e paisagens (FARIA 2005; CORIOLANO, 2005; FERNANDES e SOUZA, 2011; TELLES; GÂNDARA, 2009; BRENNER, 2010).

Nitsche (2013) abordou a importância da compreensão do espaço vivido como base ao desenvolvimento turístico, há necessidade da visão dos moradores nos projetos para não serem desconectados da realidade local. Para tanto, deve haver proatividade das comunidades.

Castrogiovanni (2007) valorizou o conceito de comunicação para a compreensão da cultura que leve ao turismo. “É necessária a compreensão, por parte do sujeito, de como o sistema e as organizações produzem em um contexto espaço/temporal, as qualidades fundamentais do espaço geográfico transformando-o em produto turístico” (CASTROGIOVANNI, 2007). Os atores sociais precisam ter acesso ao conhecimento, portanto à comunicação, para compreenderem como seu lugar turístico é representado.

Jurado Almonte (2014) trouxe à tona tema que considera de poucos estudos na Geografia do Turismo, o turismo acessível. O autor reflete que se faz necessária uma nova cultura sobre acessibilidade e deficiências no turismo.

Lagunas Arias (2006) discute que há um discurso na antropologia do turismo repleto de críticas acerca da autenticidade e do exótico no turismo, mas também sobre o imaginário, o hedonismo, o prazer, e a liberdade, assim o turismo surge num processo de reconquista de espaços e lugares.

Alguns pontos que apareceram nos artigos do portfólio e se referem às comunidades foram apresentados na seção de aspectos socioambientais, e continuarão a ser apresentados nos aspectos econômicos e de planejamento e gestão.

4.5.1 Nuvem de termos SCT

Os termos relativos à temática sociocultural estão principalmente relacionados ao patrimônio cultural e sua utilização no turismo cultural. A cultura em espectro amplo com as festas, a comunidade e sua gastronomia. A influência da Geografia Cultural favorece os estudos sobre representações relacionados ao turismo na construção, inclusive de imagens e imaginários e também nas representações sociais. A nuvem de termo da Figura 14 apresenta a orientação da abordagem sobre os aspectos socioculturais em Geografia do Turismo.

4.5.2 Síntese sobre os aspectos socioculturais da Geografia do Turismo

Distinguir sociedade e cultura é tarefa inconsistente. Mas percebe-se que as ditas “questões” sociais são aceitas como “bandeiras” dos estudos em Geografia, influenciados, principalmente, pelas bases da Geografia Crítica. Assim, os impactos tidos como sociais, ambientais, econômicos, políticos do turismo, são valorizados nas abordagens de forma diversa e posicionada, geralmente acusatória. Levando até mesmo a um entendimento simplista de que o turismo é o principal causador de problemas sociais em algumas localidades, e que a participação dos atores-chave nas decisões sobre seus territórios, lugares e paisagens seria a solução para que o turismo deixasse de ser o vilão. Em diferentes discursos pode-se observar que a solução indicada é o turismo deixar de se processar, ou que se desenvolva em nova lógica que não cabe dentro do sistema capitalista. Pouco é apontado como alternativa às problemáticas sociais dentro da Geografia do Turismo, até mesmo pelo posicionamento isento de que outras relações motivadas pela globalização (como a falta de fronteiras no mundo virtual) causam tantos impactos quanto a presença física do “estrangeiro” no local.

Em relação à Cultura, o posicionamento dos autores da Geografia do Turismo é distinto. O movimento da Geografia Cultural tem gerado estudos que valorizam as representações até as mais sutis dos indivíduos e algumas podem se relacionar ao fenômeno turístico. A falta de tangibilidade dos discursos faz com que haja oposição de geógrafos físicos e críticos, por exemplo, Hiernaux Nicolás (2007, 2008) que, mesmo considerando as possibilidades do discurso “cultural” para o turismo, critica o excesso nos textos, chamando-os de verborrágicos, e que para a América Latina há necessidades sociais, pela condição periférica de seus países, que a Geografia precisa estudar e difundir. Parece se iniciar nos estudos culturais da Geografia do Turismo maior interface com as possibilidades socioeconômicas. Transformar a paisagem literária em produto para o turismo foi exemplo encontrado na amostra. O turismo pode aproveitar a compreensão da experiência individual para criar necessidades coletivas e, assim, além de novos fluxos econômicos, pode gerar novo ciclo de debates na Geografia do Turismo.

4.6 ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DA GEOGRAFIA DO TURISMO (ECN)

Os aspectos socioeconômicos da Geografia do Turismo podem estar relacionados às produções de interface com a Geografia Econômica. Compreendendo os aspectos espaciais e/ou locacionais de fenômenos econômicos (CHORINCAS *et al.*, 2001). Essa vem desenvolvendo importância em temas que envolvem o mercado imobiliário, a industrialização, as rotas de transportes, também em estudos com perspectivas socioculturais (CLAVAL, 2008) como influência da cultura no consumo, circuitos econômicos com tendência para os solidários e de redistribuição, estudos da flexibilidade e da metropolização. No quadro 14 os autores com suas temáticas:

Temas	Autores ibero-americanos do portfólio
Globalização e Turismo Desenvolvimento Desenvolvimento local Desenvolvimento turístico Desenvolvimento rural Competitividade	APARICIO GUERRERO (2004)/ARAUJO e PEREIRA (2011)/BARRETTO (2009)/BRINCKMANN, BRINCKMANN e MUELLER (2010)/CÁNOVES, HERRERA e CUESTA (2005)/CROCIA (2002)/CURY e FRAGA (2013)/ DELGADO VIÑAS, GIL DE ARRIBA, HORTELANO MÍNGUEZ e PLAZA GUTIÉRREZ (2003) / DÍAZ CARRIÓN (2013)/FIGUEIREDO, COSTA e PAULA (2011)/ GARCÍA MARÍN (2011)/GIL, OLIVA e SILVA (2009)/HUERTA GARCÍA e SÁNCHEZ CRISPÍN (2011)/MONTAÑO ARANGO, CORONA ARMENTA, GARNICA GONZÁLEZ, NICCOLAS MORALES, MARTÍNEZ CASTELÁN e ORTEGA REYES (2012)/OROZCO ALVARADO e NÚÑEZ MARTÍNEZ (2013)/PAÛL CARRIL e ARAÚJO VILA (2012)/PISCITELLI (2005)/ PROPIN FREJOMIL e SÁNCHEZ CRISPÍN (2005, 2007)/PROPIN FREJOMIL, LÓPEZ LÓPEZ e SÁNCHEZ CRISPÍN (2005)/REYES PÉREZ e SÁNCHEZ CRISPÍN (2005)/ REYES-PÉREZ, VÁZQUEZ-SOLÍS, REYES-HERNÁNDEZ, NICOLÁS-CARETTA e RIVERA GONZÁLEZ (2012)/SALINAS CHÁVEZ e ECHARRI CHÁVEZ (2005)/SALINAS CHÁVEZ, SULROCA DOMINGUEZ (2010)/SÁNCHEZ CRISPÍN, LÓPEZ LÓPEZ e PROPIN FREJOMIL (2004)/SÁNCHEZ CRISPÍN, MOLLINEDO BELTRÁN e PROPIN FREJOMIL (2012)/VÁZQUEZ SOLÍS e PROPIN FREJOMIL (2004)
Algumas referências-base: NAISBITT (1994) / CLAVAL (2004) / PORTER (1999) / BENI (2003) PROPIN FREJOMIL e THÜRMER (1986) / PROPIN FREJOMIL, SÁNCHEZ CRISPÍN e LÓPEZ (1998) / SINGER (2001) / PROPIN FREJOMIL e SÁNCHEZ CRISPÍN (2001) / HALL e LEW (2009) / JUDD (2006) / VALENZUELA RUBIO (1986, 1992, 1998, 1999) / SOLLA (2002) / IVARS BAIDAL (1997, 2000, 2002, 2003) / BOISIER (2001) / MÁRQUEZ (1998) / PROPIN FREJOMIL (2003) / PROPIN FREJOMIL e SÁNCHEZ CRISPÍN (2004) / CAZES (1996) / HARVEY (1994) / BOISIER (2003) / DOUFUS (1997) /GARCÍA CANCLINI (1995, 1998) / CORIOLANO (1996) / BENNI (2004) / PORTER (1999) / MATHIESSON e WALL (1982) / LASH, SCOTT e URRY (1994)	

QUADRO 14 - TEMAS E AUTORES DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA ECN

Fonte: a autora, 2015.

Na sequência, são trabalhados os artigos do portfólio sobre os aspectos socioeconômicos do turismo, iniciando com a globalização.

Santos (1998,2002,2008) oferece bases para a compreensão da globalização:

- unicidade da técnica: tecnologias de informação levam a um subsistema técnico que predomina mundialmente;
- unicidade do tempo ou convergência dos momentos: instantaneidade perceptível e simultaneidade de eventos em lugares longínquos;
- unicidade do motor: mais-valia globalizada através da produtividade, unificada pelo sistema financeiro, território e mercado passam a ser identificados com valores iguais.

Santos refletiu sobre os impactos do capitalismo nos territórios transformando a matriz da vida social, econômica e política. A forma de perceber a globalização é variada, desde “globalização como fábula”, quando a lógica global é aceita e apropriada, ou pela “sua perversidade”, que compreende a pobreza e as desigualdades. Tal pensador, diante das ambiguidades do processo de globalização, apontou para novos rumos, que em bases democráticas reais podem permitir o uso das técnicas e da informação em favor da humanidade.

Naisbitt (1994), no texto “Turismo: A Globalização da Maior Indústria Mundial”, mostrou o quanto a implantação do turismo em algumas regiões poderia contribuir para o desenvolvimento econômico local. Afirmou que o turismo estava mudando o mundo em seus aspectos econômicos e sociais advindos do processo de globalização, pois era o setor que mais crescia e gerava empregos no mundo.

A globalização trouxe desafios à Geografia, como disciplina, pois o papel do espaço é mais evidente que no passado e as ciências sociais adotaram o sentido do espaço na vida dos grupos humanos (CLAVAL, 2004). O progresso técnico modificou as relações no mundo, os custos de transporte diminuíram, assim como as distâncias. O turismo emerge nesse cenário como atividade global, que apresenta distantes relações de mobilidade.

Barretto (2009) ressaltou que houve também a globalização da cultura, há possibilidade de se ter identidade consumindo bens de outros grupos culturais.

As migrações são meios de observar tanto o que turistas quanto imigrantes provocam, por exemplo, processos de xenofobia ou de desvalorização da própria cultura diante do estrangeiro. As fronteiras estão cada vez mais difusas e as relações entre migrações e turismo aparecem intrincadas de complexas relações (BARRETTO, 2009). Os espaços de fronteiras para o turismo são tratados em estudos como o de Cury e Fraga (2013) cujo território urbano torna-se transfronteiriço e de relações sistêmicas na Tríplice Fronteira Brasil-Argentina-Paraguai, que possui importância turística para esses países.

O impacto da globalização nos territórios turísticos pode ser observado em estudo de Rullán (2010), que verificou que as Ilhas Baleares deixaram de ser um “enclave” turístico de férias para ser uma extensão residencial dos europeus cada vez mais frequente, e os estudos que averiguam essas novas migrações são cada vez mais recorrentes (BARRETTO, 2009).

Estudos globais são possíveis dentro de perspectiva geográfica e antropológica, como no caso de Piscitelli (2005), que, criando um personagem dentro do ciberespaço, conseguiu compreender as redes do turismo sexual. Na sequência, perspectivas do desenvolvimento e o turismo são elencadas a partir das discussões presentes no portfólio de pesquisa.

Conforme Crocia (2002, p. 9) “o turismo se expande por áreas onde já existiam assentamentos humanos. Isto quer dizer que quando o desenvolvimento turístico se inicia em uma região inicia-se também, uma interação entre os componentes”.

O desenvolvimento sustentável, anteriormente comentado, é o “tipo” de desenvolvimento mais utilizado nas perspectivas das abordagens do portfólio. Mas outras surgem para complementá-lo ou em oposição a ele. Orozco Alvarado e Núñez Martínez (2013) apresentaram diversas teorias sobre desenvolvimento, aqui resumidas de maneira superficial: perspectiva econômica (desenvolvimento requer crescimento econômico); teoria da modernização (os países acelerariam seu crescimento para chegar aos mais avançados – Rostov, 1969); teoria da dependência (divisão do mundo em países centrais e periféricos onde a especialização da economia favoreceria a todos, um produzindo bens e o outro matérias-primas – CEPAL, década de 1970); teoria dos polos de crescimento (indústrias e atividades aglomeradas gerando benefícios para seus arredores,

Perroux, 1955 e Boudeville, 1968; acumulação flexível com os distritos industriais geridos internamente – Lipietz e Benko, e outros); teorias da nova Geografia Económica (importância dos custos de transporte; base-exportação; relação entre aspectos naturais e económicos; e outras); teoria de desenvolvimento local (opção para que cada local ou região encontre sua lógica de desenvolvimento socioeconómico), além do desenvolvimento sustentável.

Araújo e Pereira (2011, p. 102) analisaram programa de desenvolvimento do turismo no Brasil, financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e observaram a formação de “enclave” que foi estimulada:

O “enclave turístico” não é exclusividade do Ceará ou do Nordeste. Existem vários exemplos em diversos países considerados periféricos. Tal aglomerado socioespacial permite a realização de uma atividade económica capaz de mobilizar, rapidamente, inúmeros fluxos, gerando grande margem de lucro, incentivando assim a presença de “investimentos estrangeiros”. Este foi o modelo concebido pelos investimentos públicos (PRODETUR I, II e NACIONAL) e privados.

Observa-se em geral, nas abordagens de discussão do turismo, uma crítica à teoria da dependência e indicação para o desenvolvimento local e sustentável. Como em Brinckmann, Brinckmann e Mueller (2010, p. 70, tradução nossa)²⁷:

Vivemos uma época de enormes transformações (demográficas, territoriais, ambientais, sociais, culturais, tecnológicas, económicas) motivos que explicariam porquê a comunidade mundial iniciou um processo de redefinição de seu modelo de desenvolvimento e progresso com vistas ao desenvolvimento sustentável.

Orozco Alvarado e Nuñez Martínez (2013, p. 125, tradução nossa)²⁸ destacaram em relação aos países da América Latina e o Turismo:

²⁷

Vivimos una época de enormes transformaciones (demográficas, territoriales, ambientales, sociales, culturales, tecnológicas, económicas) motivos que explicarían porqué la comunidad mundial inició un proceso de redefinición de su modelo de desarrollo y progreso con vistas al desarrollo sostenible.

²⁸

Diseñar un “modelo de desarrollo local territorial”, puede ser una buena alternativa para que nuestros destinos turísticos pudieran transformarse en verdaderos destino turístico sustentables. Los retos son grandes pero con la participación y la responsabilidad de todos

Desenhar um “modelo de desenvolvimento local territorial” pode ser uma boa alternativa para que nossos destinos turísticos pudessem se transformar em verdadeiros destinos turísticos sustentáveis. Os desafios são grandes, mas com participação e responsabilidade de todos os atores sociais envolvidos nas dimensões que propõe a teoria do desenvolvimento local, se poderia aspirar que a atividade turística ganharia benefícios que impactariam de maneira equitativa a sociedade local e a preservação do meio ambiente e do patrimônio natural.

O desenvolvimento local pode ser entendido como “um processo de desenvolvimento econômico que se baseia na autonomia dos agentes locais que, muitas vezes, caminham em oposição ao pensamento dominante” (POLIS, 2015). Nas abordagens do portfólio, ele está atrelado, em alguns estudos, ao desenvolvimento rural, para o qual a citação traz definições:

Os desequilíbrios entre os espaços rurais são notáveis e as oportunidades não são nada homogêneas, mas podemos apontar algumas pautas de comportamento em nível estatal. A análise das diversas ações comunitárias nos permite fazer um relato sobre as mudanças que estão ocorrendo no espaço rural espanhol. Estas mudanças podem se relacionar a três âmbitos distintos: o social, o econômico e o ambiental. Um dos primeiros sinais da necessidade de equilíbrio entre o mundo rural e o urbano tem sido o termo “desenvolvimento rural”, que em si mesmo já responde a necessidade de desenvolvimento que necessitou e necessita o mundo rural. Por desenvolvimento rural entendem-se três aspectos-chave: igualar o nível de vida das zonas rurais e urbanas, favorecer a implantação de atividades produtivas diversificadas potencializando o setor industrial e de serviços, e frear o êxodo rural e a decadência dos espaços rurais (CÁNOVES VALIENTE; VILLARINO PÉREZ; HERRERA, 2006, p. 201, em tradução nossa).

Em García Marín (2011) e em Aparicio Guerrero (2004) o desenvolvimento rural tem o turismo rural como possibilidade, mas é salientado que apesar do favorecimento às regiões não pode ser a única fonte de renda, deve ser integrado a outras atividades para gerar diversificação produtiva.

O turismo como única alternativa econômica ou fator limitante é visto com olhar crítico também por Delgado Viñas *et al.* (2003), que analisaram as relações do desenvolvimento crescente da atividade turística e os seus efeitos sobre o

los actores sociales involucrados en las dimensiones que propone la teoría del desarrollo local, se podría aspirar a que la actividad turística lograra beneficios que impactaran de manera equitativa a la sociedad local y en la preservación del ambiente y el patrimonio natural.

desenvolvimento local em um espaço caracterizado pela dualidade rural — natural. Entendem que o impulso dado ao turismo nos aspectos rurais, nas zonas de montanha (patrimônio Montanhas Cantábricas), tem limitado as alternativas econômicas, representando as principais forças de transformação socioeconômica, paisagística e territorial.

Incrementos para o desenvolvimento local são postos, como o agroturismo (*holeriturismo*, *vegetable tourism*, turismo em hortas), que tem múltiplas possibilidades no entorno periurbano. Paül Carril e Araújo Vila (2012) verificaram que há possibilidades de inovar aproveitando a cultura preservada de se fazer hortas neste local.

Cànoves, Herrera e Cuesta (2005) desenvolveram estudos de amplo contexto geográfico para verificar as possibilidades do desenvolvimento rural por meio do turismo rural. Em estudo comparando o turismo rural com o turismo de sol e praia verificaram padrões de demanda semelhantes na sazonalidade e permanência média, bem como diferenças significativas na proporção de turistas estrangeiros. Há ainda que se fortalecer o meio rural.

Nessas discussões percebe-se a tendência de encontrar opções para o desenvolvimento turístico do interior que saiam da lógica do turismo de sol e praia.

Surgem propostas para diferentes aproveitamentos das atividades produtivas para o turismo. Salinas Chávez e Sulroca Dominguez (2010), como já apresentado, analisaram o redimensionamento do setor açucareiro cubano - que historicamente sempre foi a maior riqueza do país. A partir da década de 1990 vem recebendo maior interesse e estímulo para atividades de visitação vinculadas à agroindústria açucareira. Salinas Chávez e Sulroca Dominguez abordaram as potencialidades turísticas existentes e suas perspectivas de desenvolvimento, especialmente para a população local. Os complexos agroindustriais açucareiros contam em muitos casos com diferentes instalações de alojamento, restaurantes e recreação, que podem ser utilizadas com êxito para o desenvolvimento do turismo.

Mendivelso e Rivas (2011) criticaram a forma como a zona cafeeira vem emergindo para o turismo no país em área com população tradicional em

condições de vulnerabilidade social. Há uma institucionalização do turismo como atividade econômica.

Outras formas de turismo, como o chamado turismo alternativo, são relacionadas ao desenvolvimento local, como em Díaz Carrión (2013), já mencionado, como oportunidade de trabalho para as mulheres da área rural que vivem em condições de pobreza.

Estudos relacionando a Geografia Econômica e o Desenvolvimento Sustentável por meio do Turismo estão presentes no portfólio de pesquisa e se destacam nos modelos econômicos de análise aplicados em diferentes localidades, por:

- Vásquez Solís e Propin Frejomil (2004) - a aplicação cartográfica com cruzamento de dados econômicos pode revelar as dependências regionais e globais da economia turística na Baía de Huatulco em distintas escalas geográficas e magnitudes.
- Propin Frejomil, López López e Sánchez Crispín (2004) - com a verificação da distribuição geográfica dos dez maiores grupos hoteleiros internacionais na América Latina chegou-se à conclusão de que estes estão no México, nas praias no Caribe e em grandes cidades, como São Paulo.
- Reyes Pérez e Sánchez Crispín (2005) - a proposta metodológica relacionou hierarquias de atratividade natural com acesso e equipamentos para determinar a potencialidade turística de diferentes áreas de um Estado. Concluiu-se que a riqueza natural do Estado é mal aproveitada devido à falta de infraestrutura turística adequada.
- Sánchez Crispín, López López e Propin Frejomil (2005) – com aplicação de metodologia com variáveis econômicas identificaram que a região tem potencial para atividades na natureza (de baixo impacto) com formação de produtos turísticos originais, mas que acabam por não atender aos turistas mexicanos acostumados ao turismo de massa. Assim, o turismo de negócios e eventos será mais presente.
- Sánchez Crispín e Propin Frejomil (2005) - a região analisada deve ser organizada como centro turístico de litoral e não apenas de praia,

ofertando maior variedade de produtos para incrementar seu fluxo de turistas e visitantes.

- Propin Frejomil e Sánchez Crispín (2007) - apresentaram critérios metodológicos para tipificação dos destinos turísticos preferenciais do país considerando a dinâmica temporal, o perfil geográfico e a magnitude da preferência turística.
- Huerta García e Sánchez Crispín (2011) - avaliação do potencial ecoturístico com variáveis econômicas sem amplo cenário físico-geográfico e comunitário. O Corredor Ecoturístico Comunitário representa uma alternativa econômica.
- Reyes Pérez *et al.* (2012) - aplicação de metodologia com variáveis econômicas que determinaram potencial turístico da região em estudo. Verificaram que carece de oferta complementar que assegure turismo mais dinâmico.
- Sánchez Crispín, Mollinedo Beltrán e Propin Frejomil (2012) - compreensão da estrutura territorial do turismo no país. A tendência é continuar aumentando seus fluxos turísticos contribuindo com o turismo na região (países vizinhos).

Nos artigos elencados destaca-se a metodologia com técnicas que apresentam contextos geográficos, informações socioeconômicas, cálculos de índices, base cartográfica e outras, que proporcionam os resultados dos diagnósticos e proposições.

Estudos econômicos para o patrimônio cultural também são apresentados, como em Salinas Chávez e Echarri Chávez (2005), que usaram indicadores socioeconômicos e espaciais como o Índice de Centralidade Turística (ICT), de Biagini, 1986, e a Taxa de Frequência Turística (TFT), de Defert, 1967, para, em um estudo holístico, apontar a capacidade de acolhida turística do centro histórico objeto da investigação.

Nos aspectos socioeconômicos o turismo é visto como importante fator de desenvolvimento regional, assim regiões turísticas, *clusters* e polos são determinados (GIL; OLIVA e SILVA, 2009), e quando instituídos tendem a aumentar a competitividade regional. Otero Urieta (2007) afirmou que tem

surgido um novo vocábulo no âmbito da competitividade: a “coopetitividade”, ou seja, a cooperação para competir de forma eficaz. Mais um conceito inscrito em outro de ampla difusão: “glocal”, que tem dimensão global e local.

Um *cluster* é um tipo de aglomerado, em que se consideram as concentrações geográficas de atividades econômicas similares e/ou fortemente relacionadas e interdependentes (COSTA; SOUTO MAIOR, 2005). Nos *clusters* as empresas de grande porte são complementadas por outras menores; existem acordos formais e econômicos. Como exemplo, pode-se observar a realidade norteamericana no Turismo e as empresas metalmeccânicas (COSTA e SOUTO MAIOR, 2005). Teoricamente a configuração de um *cluster* em turismo tende a torná-lo mais competitivo.

A competitividade no turismo pode ser avaliada por diferentes prismas dentro da Geografia, como por exemplo: Márquez Dominguez (2000) verificou que determinada região estudada era deficiente pela falta de articulação interna e externa das empresas, pois poucas assumiam a qualidade total. Ponce Sánchez (2004a) verificou, em estudo de valoração da qualidade ambiental, que a proteção ao meio ambiente é uma medida fundamental de qualificação do destino, para torná-lo mais competitivo. López Bonilla e López Bonilla (2007) atestaram que os principais diferenciais territoriais encontrados no destino estudado foram os atrativos naturais, e que os diferenciais reforçam uma imagem que pode tornar o destino mais competitivo no mercado global.

Considerando que existe um mercado turístico (geomercado), na visão de Portillo (2002) o Turismo deve ser estudado desde a perspectiva da Geografia como ciência, que busca fundamentalmente estabelecer diferenças espaciais da atividade turística em suas variadas manifestações. Esta visão prevê melhor gestão desse geomercado.

As aglomerações ou adensamentos podem ser estratégias para o processo de desenvolvimento regional, que, para acontecer, precisa atender a 5 “capitais”, organizados por autor referenciado em algumas abordagens, apresentadas no quadro 15:

Algumas formas de Capitais Intangíveis	Especificação
1. <i>Capital Institucional</i> <i>Ponto de vista locacional</i> <i>marco territorial</i>	As instituições ou organizações públicas e privadas existentes na região: seu número, o clima de relações interinstitucionais (cooperação, conflito ou neutralidade), o seu grau de modernidade.
2. <i>Capital Humano</i> <i>Ponto de vista econômico</i> <i>marco valórico</i>	O estoque de conhecimentos e habilidades que possuem os indivíduos que residem na região e sua capacidade para exercitá-los.
3. <i>Capital Cívico</i> <i>Ponto de vista técnico</i> <i>marco instrumental</i>	A tradução de práticas de políticas democráticas, de confiança nas instituições, de preocupação pessoal com os assuntos públicos, de associatividade entre as esferas públicas e privadas, etc.
4. <i>Capital Social</i> <i>Ponto de vista ambiental</i> <i>marco material ou instrumental</i>	O que permite aos membros de uma comunidade confiar um no outro e cooperar na formação de novos grupos ou realizar ações em comum.
5. <i>Capital Sinérgico</i> <i>Ponto de vista social</i> <i>marco endógeno</i>	Consiste na capacidade real ou latente de toda a comunidade para articular de forma democrática as diversas formas de capital intangível disponíveis nessa comunidade.

QUADRO 15 - 5 CAPITAIS EM BOISIER

Fonte: Boisier, 2000.

A discussão do desenvolvimento é maior em Geografia do Turismo no que a de aspectos socioeconômicos isolados. O recurso visual da nuvem de termos traz a evidência das temáticas apresentadas.

4.6.1 Nuvem de termos ECN

A nuvem de termos permite a visualização das palavras-chave mais utilizadas pelos autores ibero-americanos na abordagem dos aspectos socioeconômicos em Geografia do Turismo, Figura 15.

foi destacado nos aspectos socioambientais. A compreensão das influências globais e a competitividade no turismo frente aos novos cenários mundiais também são temas que sofrem influência da Geografia Econômica e se caracterizam na Geografia do Turismo.

4.6.2 Síntese sobre os aspectos socioeconômicos do Turismo

O turismo é entendido como fenômeno econômico pelo Estado, no discurso jornalístico, nos números (índices) divulgados mundialmente, nas empresas do setor, setor esse entendido também como “indústria do turismo”, e por outros prismas. À Economia se atribui os primeiros estudos sobre Turismo, e a Geografia Econômica parece estar empenhada em compreender o fenômeno turístico atual aportando perspectivas futuras. Os estudos produzidos são valorizados pela compreensão prática e de utilidade.

Por outro lado, na Geografia do Turismo existe a crítica de estudos tidos como economicistas, pois não tendem a considerar as relações da dimensão espacial. Nas teorias do desenvolvimento sustentável, local e rural podem estar alternativas ao crescimento que ocorre de forma excludente. Percebe-se que a Economia, como ciência, vem ampliando sua visão diante da inevitável globalização e ampliando o debate na Geografia.

4.7 ASPECTOS DE PLANEJAMENTO E GESTÃO EM GEOGRAFIA DO TURISMO (PLG)

O planejamento do espaço turístico é essencial para o desenvolvimento dos destinos turísticos, para compreendê-los e torná-los competitivos no mundo globalizado considerando a tecnologia, os processos econômicos, as questões ambientais e as populações envolvidas. Para sua elaboração são necessárias metodologias ágeis e eficientes.

As temáticas e autores que discutiram o planejamento e gestão dentro do portfólio de pesquisa podem ser visualizados no Quadro 16:

Temas	Autores ibero-americanos do portfólio
Planejamento e Gestão do Turismo em Geografia Potencial turístico Corredor turístico Grandes cidades Segunda residência Impacto do turismo Empresas Estratégias Imagem turística	ARAÚJO (2008)/BARRETEO (2009) / BONET e SALOM (2011)/BRAGA e SHIBAKI (2010) BRENNER (2009, 2010)/DE OLIVEIRA, TRICÁRICO, PIRES e TOMASULO (2012)/FEO PARRONDO (2001, 2003)/GÂNDARA e HACK NETO (2011)/GARCÍA MANRIQUE (2000) GARCÍA MARÍN (2011) /GARCÍA PASCUAL (2004)/RAMOS e LOPES (2012, 2013) /HUERTA GARCÍA e SÁNCHEZ CRISPÍN (2011) /JOVER MARTI (2011)/LARRUBIA VARGAS e LUQUE GIL (2002) /MURTA, ARAÚJO, CAMPOS e GONTIJO (2009) /LÓPES BONILLA e LÓPES BONILLA (2007) /LOPES JUNIOR (2013, 2014)/LÓPEZ PALOMEQUE (2004)/TARLOMBANI DA SILVEIRA (2005)/ROJAS LEÓN (2008) /MARQUEZ DOMINGUEZ (2000)/MASCARENHAS (2004)/OBIOL MENERO e CANÓS BELTRÁN (2001)/PANADERO MOYA, GARCÍA GONZÁLEZ e PANADERO ALARCÓN (2011) /PANADERO MOYA, NAVARRETE LÓPEZ e JOVER MARTÍ (2002)/PAUL CARRIL e PAZOS OTÓN (2009)/PINASSI (2012)/PROPIN FREJOMIL e SÁNCHEZ CRISPÍN (2007) /PUCHE RUIZ e OBIOL MENERO (2011)/MARÍN HERNÁNDEZ e VIALES HURTADO (2012) /REYES PÉREZ e SÁNCHEZ CRISPÍN (2005)/SCHEUER e BAHL (2011)/SAMARCCHI (2001)/SÁNCHEZ CRISPÍN, MOLLINEDO BELTRÁN e PROPIN FREJOMIL (2012)/SANTOS e VILAR (2013)/SANTOS PAVÓN e FERNANDÉZ TABALES (2010)/SICILIA MUÑOZ (2000)/SILVA e FONSECA (2010)/STIGLIANO, RIBEIRO e CÉSAR (2011)/STORINO HOLDERBAUM, OLAGUE DE LA CRUZ e SILVA LEMOS (2012) /STREGLIO e OLIVEIRA (2011)
Algumas referências-base: BOULLÓN (1997) / VERA REBOLLO, LÓPEZ PALOMEQUE, MARCHENA GÓMEZ e ANTON CLAVÉ (1997 e 2001) / HALL (2009) / TROITIÑO VINUESA (1998, 1999) / VERA REBOLLO (2012) / VALLS GIMÉNEZ (2004) / PEARCE (2014) / FLORES E MENDES (2013) / RUSCHMANN (1999) / BIGNÉ ALCANIZ, FONT AULET e ANDREU SIMÓ (2000) /BECKER (1996) / YÁZIGI (2009) / ANTÓN CLAVE e FERNÁNDEZ TABALES (2005) / IVARS BAIDAL (2003) / LÓPES PALOMEQUE (1999) / MARCHENA GÓMEZ (1998, 2000) / PAGE (1994) / HALL (1999)	

QUADRO 16 - TEMAS E AUTORES DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA PLG

Fonte: elaboração própria (2015).

Conforme sintetiza Dias (2003), no planejamento para o turismo a caracterização das etapas pode se dar com:

- **Diagnóstico:** é a primeira tarefa na elaboração de um plano de desenvolvimento, que para ser elaborado necessita de informações da situação atual, que pode ser o Inventário Turístico, com metodologia de organismo oficial ou adaptada. Essa etapa é a base para qualquer plano, programa ou projeto e, portanto, uma aplicação deficiente das técnicas de investigação, bem como distorções na análise das informações disponíveis, pode produzir consequências para a compreensão do fenômeno que se pretende modificar.
- **Prognóstico:** após o diagnóstico, pode-se estabelecer qual o rumo que será tomado pelo desenvolvimento turístico se forem mantidas as condições atuais. O prognóstico projeta uma imagem do futuro. Se a projeção não for aquela desejada pela comunidade, estabelece-se em

linhas gerais qual seria a meta a ser alcançada. Uma vez estabelecidos os objetivos, discutem-se propostas que são avaliadas da mesma forma, fazendo-se um prognóstico de como se desenvolverá o turismo caso sejam implantadas as proposições feitas.

- Propostas: realizadas as discussões, avaliados os caminhos possíveis em função de ações realizadas no presente, descartam-se as propostas inviáveis e escolhem-se as que atendem aos objetivos que se quer alcançar. Estas propostas finais é que constarão no plano e que efetivamente serão implantadas.
- Avaliação contínua: a última etapa do processo é a avaliação permanente e contínua do trabalho realizado. As projeções incluídas no plano poderão ser modificadas em função da dinâmica do turismo, e para que se façam corretamente estas alterações no plano original proposto é necessário que os agentes do processo sejam alimentados com um fluxo permanente de informações confiáveis, para que sejam tomadas decisões antes que o volume de problemas inviabilize a proposta inicial.

Ivars Baidal (2003) salienta que o planejamento do turismo não é um processo exclusivamente técnico, pois há o caráter político e social que não pode ser negado.

Percebe-se que na Geografia do Turismo, anteriormente à aplicação das etapas, há necessidade de posicionamento em relação ao objeto alvo de planejamento, no portfólio de pesquisa constatou-se que o território assume esse protagonismo nas escalas regional e local. Vera Rebollo *et al.* (2011, p. 66) afirmam que “os geógrafos devem abordar os problemas do turismo em sua vertente espacial, e especificar a escala de análise mais adequada ao fenômeno que se estuda”²⁹. Ivars (2003) também corrobora que o estudo das relações escalares é o que diferencia o geógrafo do Turismo em relação às outras Ciências Sociais.

Para Vera Rebollo *et al.* (1997, 2011) a análise da dimensão espacial do turismo tem como centro a escala regional onde se concentra a distribuição das áreas turísticas (localização de atrativos, equipamentos e infraestrutura turística

²⁹ *Los geógrafos han de abordar los problemas del turismo en su vertiente espacial, y concretar la escala de análisis más adecuada al fenómeno que estudie.*

e mobilidade do fluxo turístico), as potencialidades, os impactos, e as implicações no modelo territorial. Ivars (2003) apontou também que a escala regional vem servindo de análise para os processos de desenvolvimento turístico em distintos espaços geográficos, bem como vem sendo utilizada como unidade territorial diferenciada para o planejamento turístico. É o caso do Brasil, que desde 2003 tem como orientação para sua política pública o Programa de Regionalização do Turismo (BRASIL, 2015).

Na escala local estão a identificação e prática dos agentes sociais e os protagonistas do processo de construção do espaço turístico, os aspectos da paisagem, o impacto ambiental, etc. Atribui-se o papel crescente da qualidade territorial como fator de competitividade dos destinos turísticos (VERA REBOLLO *et al.*, 2011).

Ivars Baidal (2003) indicou para o planejamento turístico a análise dos fatores territoriais, as consequências espaciais do desenvolvimento turístico, o conceito de escala reconhecendo as diferentes escalas global, nacional, regional e local e o estudo das relações escalares e seus efeitos. Outros pontos importantes para o planejamento turístico são: compreensão da distribuição geográfica dos fluxos e espaços turísticos em diferentes escalas (modelos de fluxos de origem-destino, em Pearce (2003), podem contribuir); definição de estruturas resultantes do desenvolvimento turístico, que vem originando distintos espaços turísticos; compreensão do caráter dinâmico dos espaços turísticos (exemplo: modelo de Butler).

Tendo como ponto de vista o território, o planejamento turístico consiste em ordenar as ações sobre ele e ocupa-se em direcionar a construção de equipamentos e facilidades de forma adequada, evitando dessa forma os efeitos negativos nos recursos, que destroem ou reduzem sua atratividade. Como Ruschmann (1999) afirma, "o planejamento é fundamental e indispensável para o desenvolvimento turístico equilibrado e em harmonia com os recursos físicos, culturais e sociais das regiões receptoras, evitando assim, que o turismo destrua as bases que o fazem existir". O desafio é evidente e percebe-se que o território não é suficiente para ser referência às ações de planejamento e gestão, o olhar integral, de múltiplas escalas é essencial para garantir a competitividade e a capacidade de atração (VERA REBOLLO, 2012).

A discussão sobre planejamento turístico na Geografia também pode ter base no termo turistificação, pois nesse processo verifica-se a criação de destinos turísticos. Nos destinos turísticos é possível observar as transformações no espaço geográfico e, conseqüentemente, no território, na paisagem e nas relações no lugar. As mudanças espaciais chamam a atenção dos “geógrafos” do turismo.

O termo turistificação é empregado com frequência no portfólio de pesquisa nas discussões socioculturais e do planejamento.. A “turistificação” de lugares tradicionais é, segundo Hiernaux Nicolás (1999) expressão da socióloga francesa Marie-Françoise Lanfant, em obra de 1994, em que menciona a verdadeira criação de novos “destinos” turísticos e, em termos gerais, representa uma forte presença do turismo em todas as suas escalas geográficas. Remy Knafou anteriormente utiliza esse termo para discutir três fontes que turisticam os espaços: os turistas, o mercado e os planejadores e promotores territoriais

Os processos de turistificação permitem abordar conseqüentemente a questão territorial (HIERNAUX NICOLÁS, 2008), mas pode ser abordado com as mais diferentes visões, das econômicas (RULLÀN, 2010) às sociais (NAVARRO FLORIA; VEJSBERG, 2009).

As discussões sobre destino turístico vêm caminhando para a consolidação dele como unidade e até categoria de estudo do Turismo. A incidência de planejamento e gestão faz com que o destino se evidencie.

Flores e Mendes (2014) observam que ainda não há consenso sobre o conceito de destino turístico. “A visão mais comum do destino turístico é a de território ou área geográfica, possuindo diferentes características naturais ou construídas pelo homem, que atraem turistas para uma visita” (FLORES; MENDES, 2014, p. 230). Valls (2006, p. 15) apontou que pela consideração semântica do termo o destino pode ser interpretado como qualquer localidade turística (município, região, área, núcleo ou outra unidade territorial). O termo destinações também acaba sendo usado de forma genérica.

Para Valls (2006, p. 15) os destinos podem englobar uma ou várias unidades territoriais desde que formem uma unidade de gestão turística “de acordo com suas características históricas, geográficas, antropológicas ou sociológicas, ou qualquer outro motivo de integração”.

Vera Rebollo *et al.* (2011) definem que o destino turístico é um lugar com infraestrutura e equipamento turístico aglomerados e interdependentes, que é frequentado pela população residente onde se encontram com os visitantes. O destino é um espaço definido pelos agentes do turismo, com uma imagem estabelecida e percebida pelos mercados potenciais.

Para Valls (2006), os destinos devem ser: territórios que os viajantes tenham como objeto de visita e que contam com oferta estruturada e serviços para satisfação, marca com imagem atrativa que traduz a oferta e facilita sua identificação nos mercados, além de comercialização conjunta.

A visão da necessidade de compreensão e análise integradora dos destinos turísticos vem sendo internacionalmente desenvolvida em publicações recentes. Saraniemi e Kylanen (2010) afirmam que a discussão sobre destinos turísticos podem se dar: orientadas para a gestão do mercado (marketing), orientadas para o cliente ou orientadas para a cultura. Flores e Mendes (2014) apresentam o conceito de destino turístico por diferentes perspectivas: da geografia, da economia, de aspectos socioculturais, da psicologia e de gestão, apenas para mencionar alguns. Sugerem uma visão integradora que parte de limites e fronteiras virtuais ou inexistentes, sendo o sistema onde a experiência turística acontece. Tal experiência é criada pelo turista.

Pearce (2014)³⁰ também abordou a importância de uma visão integradora dos destinos turísticos que parte das dimensões e elementos dos destinos (Figura 16):

³⁰ Conclusões do artigo de Pearce (2014) "Toward an integrative conceptual framework of destinations" em texto adaptado e de tradução nossa, p. 151:

Esta avaliação destacou a vasta gama de estudos que adotaram uma abordagem conceitual explícita aos destinos. Identificou os vários elementos usados, e estabeleceu algumas ligações entre eles. Embora os estudos tenham sido baseados em cinco conceitos principais, e realizados em lugares diferentes para diferentes finalidades, seus fundamentos teóricos foram vistos de forma complementar e acumulativa, ao invés de conflitantes e incompatíveis. Como resultado, a estrutura conceitual integrativa apresentada constitui um conceito mais explícito e abrangente dos destinos, e contribui para preencher uma lacuna significativa na literatura. Particularmente, a avaliação e o desenvolvimento da estrutura chamaram atenção para a percepção dos destinos como modos de produção. Uma perspectiva tratada em estudos individuais, mas que emerge muito mais proeminente, devido à revisão sistemática de vários conceitos. A revisão sistemática lançou luz sobre a natureza geograficamente complexa dos destinos. Sublinhou a sua natureza dinâmica e esboçou a amplitude de fatores que levam a sua evolução. Neste caso, o trabalho demonstra o valor de ir além de uma abordagem descritiva, ou mera definição conceitual de pesquisa sobre destinos. Certamente ainda há muito a ser feito para aperfeiçoar os diferentes elementos. Explorar as relações entre eles e testar os pressupostos adjacentes. Dada a

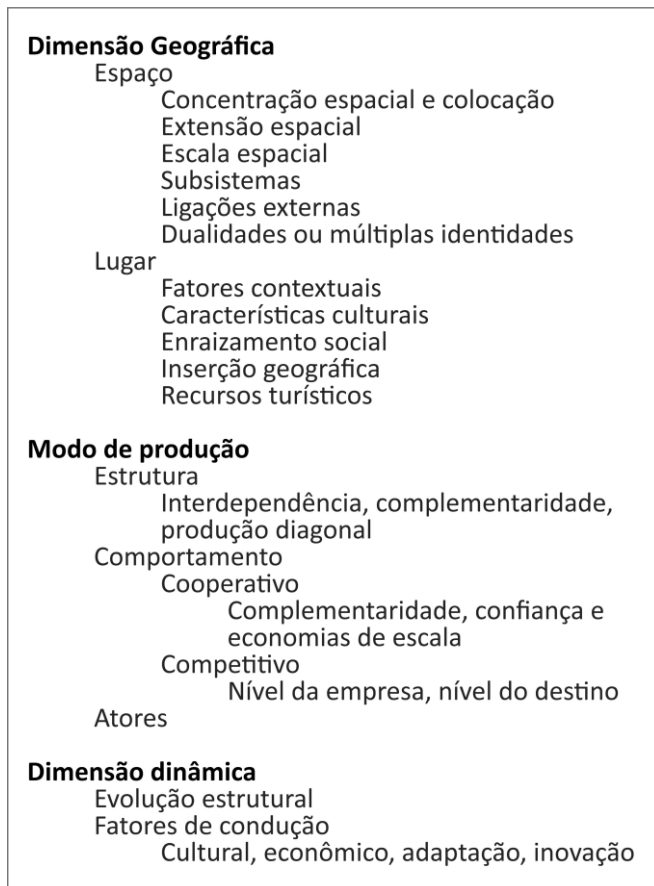


FIGURA 16 - DIMENSÕES E ELEMENTOS DOS DESTINOS TURÍSTICOS

Fonte: PEARCE, 2014.

A visão integradora conceitual de Pearce para os destinos turísticos se dá na relação das dimensões da Figura 19 e que pode ser observada na Figura 17:

multiplicidade de elementos identificados e a gama de relações potenciais existentes, os aspectos da estrutura não podem ser concretizados separadamente em outros estudos. No entanto, o diagrama fornece uma estrutura para orientar novas pesquisas e um contexto, no qual estudos específicos podem ser definidos de forma a mostrar mais diretamente, como elas contribuem para enriquecer nossa compreensão dos destinos. Existe uma margem considerável, por exemplo, para desenvolver técnicas para analisar a estrutura dos destinos, combinando análises funcionais e espaciais, complementando medidas quantitativas de comportamento com abordagens mais qualitativas da construção social e geografia cultural ou para explorar a dinâmica dos destinos através de múltiplas lentes.

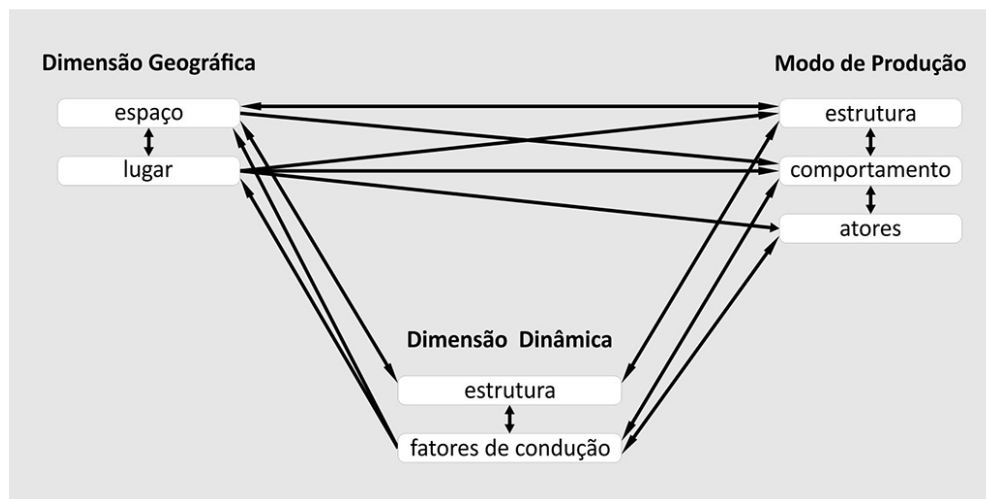


FIGURA 17 – VISÃO CONCEITUAL INTEGRADORA DE DESTINO TURÍSTICO, DE PEARCE
 Fonte: PEARCE, 2014.

Percebe-se que a definição de destino turístico tende a estar ligada ao turismo em fase avançada de desenvolvimento, mas se observa que a escala de análise utilizada nos estudos de destino muda conforme o observador.

Outro assunto nos aspectos de planejamento e gestão é o potencial turístico, que contém subjetividade na sua determinação. Observa-se que principalmente com influência econômica há aplicação de técnicas para se estabelecer a potencialidade e torná-la tangível. Como nos artigos de Reyes Pérez e Sánchez Crispín (2005), Sánchez Crispín, López López e Propin Frejomil (2005) e Reyes-Pérez *et al.* (2012).

Nesta abordagem, para determinar o potencial turístico de uma região Reyes-Pérez *et al.* (2012) utilizaram a seguinte metodologia: descrição da base natural e cultural de um território (inventário turístico); compreensão da evolução do território para o desenvolvimento da atividade turística (relação quantitativa entre os recursos turísticos (atrativos turísticos) e a infraestrutura); ponderação de equipamentos e serviços turísticos disponíveis, para determinar o potencial turístico da região.

Para exemplificação, haja vista, que outras publicações desses autores mexicanos utilizam da mesma estrutura para determinar o potencial turístico, apresenta-se a seguinte estrutura:

- descrição de contexto geográfico, riscos naturais, características histórico-culturais;

- inventário em roteiro proposto pelo organismo oficial de turismo com o uso de cartografia e pesquisa na internet para identificar principalmente: atrativos naturais geológico-geomorfológicos, hidrológicos e áreas especiais, componentes culturais (arquitetônicos, arqueológicos, fazendas, expressões culturais relacionadas aos grupos indígenas, tradições, festas e celebrações religiosas);
- relação quantitativa entre os recursos turísticos e a infraestrutura: 1) hierarquização dos recursos selecionados; 2) estabelecimento de fator de ponderação, de acordo com a categoria em que está integrado o recurso; 3) elaboração final de índice de valor turístico (IVT) de todos os recursos e por unidade territorial (no caso de estudo regional);
- estabelecimento de uma escala das cinco hierarquias dos recursos, considerando o método da Organização de Estados Americanos (OEA) modificado por Álvarez e Leno (1986), que partem de 1 a 5 desde os atrativos com pouco ou nulo interesse, passando pelo interesse local, regional, nacional e internacional;
- hierarquização de atrativos, ponderando-se com metodologia própria para adequar à realidade local e fazer análise numérica, uma vez determinados os parâmetros para cada município determina-se o índice de valor turístico dos componentes naturais e culturais;
- obtenção de informações de institutos de estatísticas para número de hotéis, equipamentos de alimentos e bebidas, agência de viagens e locadoras de automóveis, para assim hierarquizá-los, os hotéis de uma a cinco estrelas, os equipamentos de A e B em sem categoria, com comida rápida, com frutos do mar, com comida mexicana (local) e com comida internacional, das agências se considerou hierarquia 5 (máxima) para os municípios com esses estabelecimentos. Criando o índice de equipamento turístico, também calculando o índice de *Engel* para acessibilidade (vias de acesso) dentro de fórmula matemática;
- ponderação de todos os índices estabelecidos;
- estabelecimento do potencial turístico da região com a combinação dos índices;

- considerações gerais sobre a potencialidade, bem como orientações para a governança.

Observa-se que o raciocínio para o planejamento utilizado segue metodologia comum e utilizam-se indicadores e índices para determinar prioridades para atuação pública e privada visando ao desenvolvimento da região.

Outro artigo no portfólio que abordou a potencialidade turística (STREGLIO; OLIVEIRA, 2011) e serve de comparação, utilizou escala reduzida, um parque urbano. Foi determinado que existe potencial para o turismo considerando análise documental sobre o planejamento urbano e aplicando questionário para a comunidade local sobre aspectos da infraestrutura e uso. Percebe-se que nesta investigação, menos rigorosa do que a de visão econômica, se envolve a comunidade local nessa determinação, pois são os usuários do parque. Em ambos os estudos, fatores de demanda externa não foram considerados, o que ocorre em boa parte dos artigos do portfólio.

Cazes e Portier (1996), observando o crescimento do turismo na região de Paris, constataram que houve mudanças nas questões de organização e funções da cidade, por mais que o poder público estivesse atento. Ressaltaram que para atender as necessidades de planejadores e gestores de turismo, além de transportes devem-se conhecer os novos comportamentos e perfis da população residente e da demanda.

Outros aspectos classificados nessa Revisão abordaram os impactos do turismo, tema recorrente nas abordagens em Geografia do Turismo, nesta seção sobre planejamento e gestão os impactos que se ressaltam são relativos ao ordenamento territorial. Assim, são observadas as mais diferentes relações para compreender os impactos territoriais advindos do turismo ou que podem vir a ocorrer. Outras técnicas são utilizadas para apoiar o ordenamento e o desenvolvimento turístico, como as advindas do planejamento estratégico de empresas. Há uma tendência de utilização da *new public management* (MINTZBERG, 1998), que visa aplicar na gestão pública conceitos e preceitos das iniciativas privadas.

Vera Rebollo (2000) valeu-se da análise SWOT para destino de sol e praia em condições emergenciais de replanejamento; em Londoño (2011), tal

análise foi utilizada para indicar o turismo gastronômico como opção de diversificação do destino turístico Barcelona, como exemplificações.

O turismo de massa e as segundas residências, que causam desordem no ordenamento territorial, foram as principais preocupações dos autores ibero-americanos do portfólio para apontarem rumos ao planejamento. A maior parte incide sobre os territórios litorâneos, na relação com a urbanização, ou com territórios menos urbanizados em algumas ilhas. Vera Rebollo (2012) afirmou que os debates acadêmicos para a redefinição do modelo costeiro, que começaram nos anos de 1990, devem incidir na visão integral do destino, e continuam a existir verificando novos marcos de análise para compreensão da evolução dos destinos turísticos.

Butler (2012) afirmou que a renovação dos destinos de sol e praia é necessária frente à competitividade de destinos. Como resposta aos impulsos da demanda, a adaptação. Há de se compreender as causas do declínio, as políticas de renovação devem apresentar objetivos definidos, estratégias de ações, entender a concorrência e estar apto à competitividade, a imagem precisa ser renovada, compreendendo que o mercado será outro, nova segmentação da demanda.

Em obra organizada por Vera Rebollo e Rodríguez Sánchez (2012) foram apresentadas necessidades de renovação de destinos consolidados de sol e praia. No capítulo de abertura, Richard Butler interrogou em relação aos destinos maduros/consolidados: “podemos recapturar e manter a mágica?”

Novos destinos turísticos de sol e praia são criados e a tendência da demanda é procurá-los. O destino turístico declinante ou prestes a declinar no ciclo de vida deve ter novas estratégias, até mesmo sobre a infraestrutura turística e equipamentos instalados, que precisam corresponder às necessidades dos que investiram na atividade.

Projetos de renovação urbana são propostos, novos zoneamentos, novas projeções para a imagem das destinações. Butler (2012) comentou que o destino depende da imagem gerada e criar nova imagem requer mais do que investimentos. É preciso compreender os conflitos e desafios das escalas de operação, a responsabilidade da comunidade residente, contar com a conservação (não necessariamente preservação) do meio ambiente, ajustar-se

às demandas do mercado sem persegui-las cegamente, entendendo a aptidão do destino. A qualidade de vida dos residentes e visitantes, a sensibilidade sobre os anseios de residentes locais e da comunidade como um todo, são fatores essenciais a serem considerados para o rejuvenescimento e a reorientação de uma destinação em declínio, para ter chance de recuperar sua antiga popularidade para turistas (BUTLER, 2012).

Alguns artigos do portfólio se destacaram no tema ordenamento territorial dos destinos litorâneos, como o de García Manrique (2000), que apontou que há espaços compartilhados e espaços especializados no turismo do litoral da Andaluzia que competem entre si. Feo Parrondo (2001) afirmou que a especulação imobiliária deve ser freada no litoral para um planejamento territorial restrito do golfe (turismo de golfe). Há desequilíbrio territorial (concentração de oferta) causado pelo turismo na Catalunha, esta situação é produto de um processo histórico de exploração dos recursos turísticos e também da própria lógica de organização espacial do capitalismo (GARCÍA PASCUAL, 2004). López Palomeque (2004) criticou a Lei de Turismo da Catalunha, de 2002, que não foi pensada considerando os territórios turísticos em visão integral. Santos Pavón e Fernández Tabales (2010) avaliaram novos modelos turísticos da costa espanhola e verificaram que há intensificação do modelo dominante desde os anos de 1970, constataram que há renovação, mas também continuismo. Bonet e Salom (2012) apresentaram a dualidade entre as ações desreguladoras e reguladoras dos poderes públicos no plano de conversão turístico-imobiliário da Praia de Palma. O poder público oscila entre favorecer interesses privados ou promover seu caráter democrático. Storino Holderbaum, Olague De La Cruz e Silva Lemos (2012) propuseram a reestruturação dos espaços turísticos massificados, principalmente pelo turismo de segunda residência, em cidades turísticas.

No Brasil, há indícios de uma nova ordem territorial fluminense decorrente da prática do veraneio e do turismo causando uma urbanização esgarçada que se estende pelo território (MASCARENHAS, 2004). Grupos hegemônicos nacionais são flexíveis para atender os estrangeiros e a turistificação presente é estimulada pelo governo. Em estudo sobre litoral potiguar, verificou-se que o fenômeno turístico de segunda residência é

importante para a compreensão do ordenamento e uso do território (SILVA; FONSECA, 2010). Scheuer e Bahl (2011) comprovaram a existência da sazonalidade em destino litorâneo, devido principalmente ao clima. Há necessidade de maior interação público-privada, com melhor planejamento e gestão ambiental. Lopes Junior (2013) identificou no litoral fluminense a falta de infraestrutura de hospedagem, alimentícia e de comércio. Exceção ocorreu no período de alta estação com a infraestrutura alimentícia, que aumentou consideravelmente. Aspecto também relevante foi o número de segundas residências utilizadas para hospedagem na alta estação. E complementa 2014 que os temas do turismo no urbano são: novas centralidades urbanas, morfologia urbana e segregação socioespacial. Santos e Vilar (2013) verificaram que o ordenamento territorial do litoral de Sergipe deve ser participativo e com visão de gestão voltada à relação homem-natureza, pois são negativos os impactos e as políticas do turismo de sol e praia.

Barretto (2009) construiu, como já mencionado, uma epistemologia das migrações e turismo, com base em 3 afirmações factuais:

a primeira, que turismo e migrações são duas manifestações de um fenômeno maior, qual seja o da mobilidade ou deslocamento geográfico que inclusive compartilham motivações e objetivos; a segunda, que a mobilidade é um fenômeno crescente; a terceira, que as tecnologias relacionadas à comunicação e à informação propiciam maior mobilidade (BARRETTO, 2009, p. 1).

Observa-se que mesmo os estudos sobre segundas residências pouco se estendem para compreender os fluxos que as geram e as novas possibilidades de mobilidade que irão implicar no ordenamento territorial.

A forma de planejamento regional que mais incidiu no portfólio foi os corredores turísticos, pensando na conformação de rotas, como o corredor Loreto-Nopoló-Puerto Escondido, Baja California Sur (SICILIA MUÑOZ, 2000), para o Ecoturismo na América Central (PANADERO MOYA; NAVARRETE LÓPEZ; JOVER MARTÍ, 2002); Corredor Bético de Alcaraz (PANADERO MOYA; GARCÍA GONZÁLEZ; PANADERO ALARCÓN, 2011), Corredor Ecoturístico Comunitário de Huatulco (HUERTA GARCÍA; SÁNCHEZ CRISPÍN, 2011).

Ramos e Lopes (2012, 2013) verificaram corredor (na visão de Boullón) na rodovia BR 343, no Piauí. De Oliveira *et al.* (2012) apresentaram a análise das transformações da paisagem ocorridas com o desenvolvimento turístico de um corredor (estrada). Os atrativos naturais se destacaram e a estrada-parque foi indicada como alternativa de desenvolvimento.

O envolvimento dos atores-chave (*stakeholders*) no processo de planejamento é importante, chegando se possível à participação. Araújo (2008, p. 93) explica esse relacionamento:

A análise de *stakeholders* como parte do planejamento turístico pode envolver aqueles que são afetados por um determinado projeto e que têm interesse em participar no processo de planejamento. A identificação e envolvimento destes *stakeholders* pode ser de grande importância técnica, política e operacional para o desenvolvimento sustentável da destinação porque, em última instância, o desenvolvimento de uma destinação depende do conjunto de decisões e ações destes *stakeholders*. Incluir ou, se for o caso, não incluir determinados *stakeholders*, consiste em uma primeira e importante decisão que tem repercussões em todo o processo de participação, assim como nos resultados finais do planejamento. Assim, se a intenção é forjar processos de planejamento e gestão que contribuam para o desenvolvimento sustentável de uma determinada destinação turística, é imprescindível que haja ampla participação dos *stakeholders* dessa destinação.

A ideia de gestão empregada no portfólio está ligada mais aos destinos do que a empresas, pensando principalmente na imagem turística e na promoção, mas é assunto que surge de maneira tímida. O autor do portfólio que trabalha esse abordagem é principalmente Obiol Menero.

Obiol Menero e Canós Beltrán (2002) verificaram que existe relação entre as marcas turísticas e os recursos territoriais (marcas geoturísticas) e que é importante cuidar com generalizações dos territórios turísticos para não haver reação negativa com as marcas dos destinos. Puche Ruiz e Obiol Menero (2011) realizaram estudo de marcas turísticas e suas vantagens comparativas ao longo dos tempos. Quando o território e a identidade são oferecidos para venda, a fragilidade é evidente nos slogans e logomarcas. O residente não se identifica com as marcas, e, se houvesse identificação, seria uma oportunidade para o desenvolvimento do turismo doméstico.

Braga e Shibaki (2010) verificaram que o caráter de ícone de um lugar como a Avenida Paulista facilita a difusão da oferta turística da região e proporciona aos turistas de negócios oferta diversa com a facilidade de transporte e concentração de equipamentos e serviços.

Não são expressivas as propostas para o desenvolvimento de produtos turísticos. Um caso apareceu em trabalho de Paul Carril e Pazos Otón (2009) com o aproveitamento do produto transporte para o turismo. Os autores criticam a análise passiva do transporte na Geografia do Turismo e defendem que o uso do transporte como atrativo é importante até mesmo para diminuir o tráfego, passando do uso individual ao coletivo.

O assunto é extenso e aspectos de planejamento e gestão do turismo incidem sobre todos os aspectos classificados na revisão bibliográfica sistemática.

4.7.3 Nuvem de termos PLG

Os termos com maior evidência se relacionam a palavra planejamento e a formas de se desenvolver os destinos turísticos e as potencialidades turísticas. Considera-se que a turistificação é entendida por seu aspecto sociocultural e influência a configuração dos locais turísticos as questões de planejamento ou falta do mesmo. Os impactos do turismo estão presentes nas contextualizações das pesquisas, pois são amplos e duais para os locais de emissão e recepção de turistas. O planejamento ligado os grandes centros é discutido, bem como o fenômeno das segundas residência presente principalmente nos litorais dos países ibero-americanos. Estratégias de promoção e a necessidade de gestão das empresas privadas para o desenvolvimento da atividade turística são abordagens que vem surgindo na Geografia do Turismo. A nuvem de termos apresenta as principais palavras que cercam a temática de planejamento e gestão na Figura 18:



FIGURA 18 - NUVEM DE TERMOS PLG
 Fonte: a autora (2015).

Valorizando as temáticas relacionadas ao planejamento que encerram a classificação dos aspectos da Geografia do Turismo, segue síntese.

4.6.4 Síntese sobre os aspectos de planejamento e gestão em Geografia do Turismo

O planejamento e a gestão estão ligados mais à atividade turística do que ao fenômeno turístico em si. O planejamento como premissa pode ter visão holística, sistêmica, integral, complexa, mas na prática vem atender a necessidades, certas vezes, emergenciais, e o ordenamento, a organização, a revitalização, a reconstrução necessários nos territórios para, e com, o turismo. Também vem atender a criação de produtos, a gestão de serviços e a inovação no setor. O planejamento e a gestão também servem de mercado profissional aos geógrafos do turismo, que necessitam de técnicas que levem a resultados compreensíveis para as mudanças pretendidas.

Esta revisão bibliográfica, realizada não de forma aleatória, mas sim sistemática, mediante a classificação de palavras-chave presentes em amostra de artigos científicos da Geografia do Turismo, e produzidas por autores ibero-americanos, pretendeu trazer os principais temas discutidos nessa região pesquisada. Não se caracteriza como estado da arte da Geografia do Turismo, mas como uma apresentação' de conceitos, definições e estudos de caso que, compreendidos, traduzem uma visão parcial dos interesses de pesquisa na área. No próximo capítulo, a integração do estudo bibliométrico com as informações bibliográficas, que pode trazer ainda mais evidências sobre a produção, e a consequente difusão das pesquisas ibero-americanas em Geografia do Turismo.

5.REVISÃO INTEGRATIVA: DIFUSÃO DA PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO NOS PAÍSES DA IBERO-AMÉRICA

Na revisão integrativa busca-se resumir o passado da literatura para compreensão mais abrangente de um fenômeno particular (BROOME, 2000). Neste sentido, os aspectos classificados são contrastados com os dados bibliográficos e as evidências dos resultados de pesquisa para, assim, chegar-se a um panorama da Geografia do Turismo na Ibero-América. Serão destacados os países com maior produtividade na amostra: Brasil, Espanha e México, além de alguns apontamentos sobre os demais. Picazo Peral e Moreno Gil (2015) apresentam que Brasil, Espanha e Portugal são os países mais representativos nos estudos em turismo ibero-americanos, mas na produção de artigos sobre Geografia do Turismo, Portugal não é tão representativo.

Vale lembrar que a classificação das palavras-chave se deu em: aspectos geográficos do Turismo (GEO); aspectos de pesquisa e ensino em Geografia do Turismo (PES); aspectos socioambientais do Turismo (AMB); aspectos socioculturais do Turismo (SCT); aspectos socioeconômicos do Turismo (ECN) e aspectos de planejamento e gestão do Turismo (PLG).

5.1 A PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO NO BRASIL

Tendo como base as referências e as evidências encontradas em cada um dos artigos pesquisados e organizadas no Apêndice 7, foi possível relacionar com os dados bibliométricos, para se apresentar as características da pesquisa em Geografia do Turismo no Brasil.

As palavras-chave com maior incidência nos estudos brasileiros são (Tabela 17):

TABELA 17 – PALAVRAS-CHAVE: BRASIL

Palavras - Brasil	Incidência	Palavras - Brasil	Incidência
Turismo	37	Desenvolvimento sustentável	2
Geografia	8	Ecoturismo	2
Geografia do turismo	7	Espaço urbano	2
Sustentabilidade	6	Espaço vivido	2
Meio ambiente	5	Festas	2
Espaço	4	Globalização	2
Lugar	4	Identidade	2
Complexidade	3	Patrimônio	2
Cultura	3	Piauí	2
Espaço turístico	3	Planejamento turístico	2
Paisagem	3	Regionalização	2
Planejamento	3	Turismo educativo	2
Comunicação	2	Turismo rural	2
Comunidade	2	Turistificação	2
Corredor turístico	2		

Obs.: as demais são mencionadas uma vez. As palavras relativas a locais pesquisados foram consideradas nesta tabela. A listagem geral das palavras-chave encontra-se no Apêndice 3. Fonte: a autora, 2015.

No portfólio geral as palavras-chave que aparecem mais de 5 vezes são: turismo, geografia do turismo, geografia, sustentabilidade, desenvolvimento local, lugar, patrimônio, território, turismo rural e meio ambiente. Nas palavras-chave dos artigos brasileiros, o termo espaço se sobressai, junto a espaço urbano e espaço vivido. Patrimônio e turismo rural estão no grupo das mais citadas, mas sem destaque. E desenvolvimento local e território foram citadas apenas uma vez e não estão na Tabela 17. Casals *et al.* (2012)³¹ constatam que o uso do termo espaço tem peso pelas publicações dos autores, principalmente brasileiros, considerado “presença doutrinal marcante” nos estudos em Geografia na Ibero-América. Como, por exemplo: Espaço, em Lópes Júnior (2011) e Albach *et al.* (2012); Região, em Gil, Oliva e Silva (2009); Território, em Brinckmann, Brinckmann e Muller (2010) e em Carvalho e Guzmán (2011) Paisagem, em Pacheco e Oliveira (2011), Pires (2011), Kiyotani e Lima (2012); Lugar, em Gonçalves (2013), Gomes e Oliveira (2013), Soller e Castrogiovanni (2014).

³¹ Estudo na revista de Geografia *Scripta Nova* - Espanha

Na amostra geral se pesquisam mais aspectos de planejamento e gestão (25,72%), seguidos de aspectos socioculturais – SCT (19,46%) e aspectos geográficos - GEO (19,12%). Aspectos socioambientais (AMB) são 16,07%, aspectos socioeconômicos (ECN) são 11% e de pesquisa e ensino (PES) 8,63%. Com a classificação das palavras-chave constata-se que no Brasil se pesquisam em maior número os aspectos geográficos do Turismo (GEO), como no Gráfico 3.

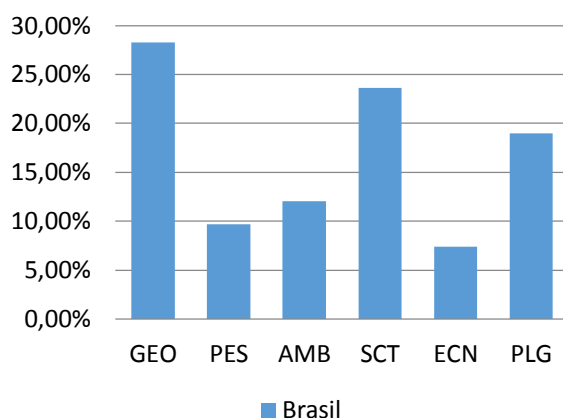


GRÁFICO 3 – ASPECTOS PESQUISADOS NO BRASIL
Fonte: a autora, 2015.

Na distribuição geral dos anos no portfólio (Apêndice 8) cruzando com os aspectos pesquisados, percebe-se que há heterogeneidade, com predomínio dos aspectos de planejamento e gestão do turismo (PLG) e geográficos (GEO). Em 8 de 16 anos observados (2000, 2001, 2004, 2005, 2007, 2010, 2011 e 2012) os aspectos de planejamento e gestão são predominantes. Em 4 dos anos (1992, 2002, 2006 e 2013) os aspectos geográficos se destacam. Na sequência, os aspectos ambientais em 2008 e 2009. Os aspectos socioculturais predominam em 2003. Aspectos de pesquisa e ensino, junto aos econômicos, caracterizam-se como temas apêndices na Geografia do Turismo na Ibero-América.

No Brasil há constância de publicações, e são brasileiros os únicos artigos dos anos de 1990 que apareceram na busca. Há o crescimento do uso das categorias geográficas, diminuição dos estudos socioambientais e de planejamento e gestão dos territórios (Gráfico 4).

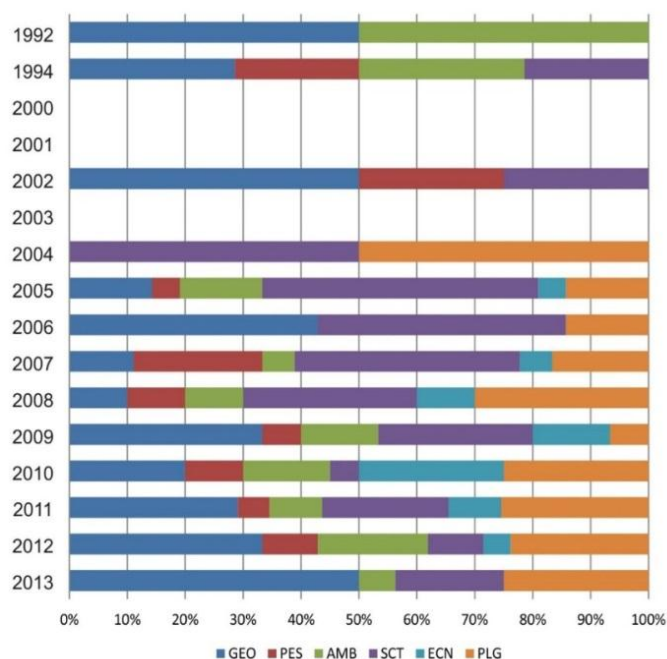


GRÁFICO 4 – DISTRIBUIÇÃO DOS ASPECTOS PESQUISADOS NO BRASIL POR ANOS
 Fonte: a autora, 2015.

Dos 177 artigos que foram analisados, 71 publicações foram de responsabilidade de pesquisadores do Brasil, sendo que 52 artigos foram publicados em revistas brasileiras. A revista brasileira que tem mais artigos na amostra é a *Caderno Virtual de Turismo*, com 12 artigos. Na sequência aparecem: *Ra'e Ga*, com 7; *Turismo, Visão e Ação*, com 6; *Revista Brasileira de Ecoturismo*, com 5; *Turismo em Análise* com cinco 5. A revista *Estudios y Perspectivas en Turismo*, da Argentina, publicou 12 artigos de pesquisadores brasileiros. Foram 7 os artigos publicados em revistas da Espanha, sendo que a *PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural* publicou 5.

O cruzamento dos aspectos classificados com as revistas brasileiras com maior incidência no portfólio pode trazer algumas evidências (Gráfico 5):

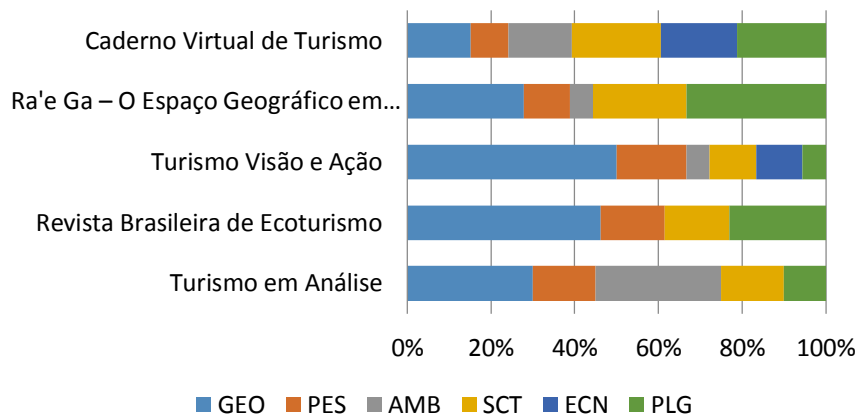


GRÁFICO 5 - REVISTAS BRASILEIRAS COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS

Obs.: A incidência de todas as revistas encontra-se no Apêndice 4.

Fonte: a autora, 2015.

Na brasileira Caderno Virtual de Turismo, aspectos socioculturais se evidenciam junto aos aspectos de planejamento (como em MASCARENHAS, 2004; MANOSSO; MANOSSO; SALOMÉ; CARVALHO, 2010; CORDEIRO; BENTO; BRITO, 2011; COSTA, 2006; NOIA, 2007; OLIVEIRA, 2007), relacionado aos aspectos socioculturais à participação, percepção ou representação das comunidades no desenvolvimento do turismo em seus territórios. Na revista brasileira Ra'e Ga (indexada no SJR, 2015) pode-se perceber a presença de estudos em Geografia do Turismo que enfatizam as categorias da Geografia (HORODYSKI *et al.*, 2011; ARAUJO; PEREIRA, 2011; FIGUEIREDO, 2011), com temáticas diversificadas, e resultados que levam à discussão do planejamento e gestão do Turismo nos espaços e territórios turísticos (SCHEUER; BAHL, 2011; STREGLIO; OLIVEIRA, 2011; BEIDACK, 2011). A revista Turismo Visão e Ação valorizou publicações da Geografia do Turismo que ressaltaram categorias da geografia com o turismo (CROCIA, 2002, 2005; MARIANI, 2002; GIL *et al.*, 2009), além de discussões de base geográfica aplicadas (CROCIA, 2005; TELLES; GÂNDARA, 2009; DINIZ; VERSIANI, 2006).

Pode-se entender que as revistas brasileiras, principalmente as de Turismo, acabam por valorizar marcos teóricos, principalmente quando esses se propõem a apresentar traduções de importância para discussão de temas (como ARAÚJO, 2008).

Os aspectos pesquisados nas universidades dos autores, organizados pela quantidade de palavras-chave dentro de um aspecto classificado, demonstram alguns posicionamentos temáticos, apresentados na Tabela 18:

TABELA 18- UNIVERSIDADES BRASILEIRAS COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS

Brasil	Incidência	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
UFPR	11	12	3	2	5	1	7
USP	8	9	1	7	3	2	5
UFC	5	2	3		7		4
UNIVALI	4	5	1	1	1	1	3
UNICAMP	3	1	3		6		1
UFPE	3	3	3	1		1	
UFRGS	3	5	2		2		

Obs.: a listagem completa encontra-se no Apêndice 2. Foram coloridos os aspectos mais representativos.

Fonte: a autora, 2015.

Na UFPR e na USP os aspectos geográficas evidenciam-se, na UFC são maioria as produções socioculturais, a observação da Tabela 19 complementa essas análises.

Construindo o cruzamento dos autores de instituições brasileiras mais produtoras, é possível reconhecer as características de suas pesquisas na Geografia do Turismo:

TABELA 19 – AUTORES BRASILEIROS COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS

Autores	Instituição	Artigos	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
Christian Dennys M. de Oliveira	UFC	4	1	3		7		3
José Manoel Gonçalves Gândara	UFPR	4	4	2	1	2	1	2
Antônio Carlos Castrogiovanni	UFRGS	3	5	2		2		
Letícia Bartoszeck Nietzsche	UFPR	3	6	1		2		1
Wilson Martins Lopes Junior	UFF/UNICAMP	3	3	1				3
Daniela Sottili Garcia	UEMS	2	2			3		
Eduardo Hack Neto	UNIVALI/UDC	2	3	2		1		1
Josildete Pereira de Oliveira	UNIVALI	2	2		1		1	1
Margarita Barretto	UNICAMP/UFSC	2		3		5		
Miguel Bahl	UFPR	2	1			1		3
Nilson Crocia de Barros	UFPE	2	3	3				
Olga Tulik	USP	2	2		3	1		
Paulo dos Santos Pires	UNIVALI	2	3		1			2
Ricardo Gomes Ramos	UFPI	2	3					1
Wilza Gomes Reis Lopes	UFPI	2	3					1

Obs.: a listagem completa encontra-se no Apêndice 2. Foram coloridos os aspectos mais representativos. Foram coloridos os aspectos mais representativos.

Fonte: a autora, 2015.

Nota-se que a quantidade de palavras-chave que o autor utilizou nas abordagens não é importante, mas sim a localização delas dentro dos aspectos, que tendem a apresentar a característica do pesquisador dentro da Geografia do Turismo da Ibero-América.

Os autores mais produtores são: Christian Dennys Monteiro de Oliveira, da UFC, nos aspectos socioculturais, com enfoque nas reflexões complexas sobre festas religiosas; José Manoel Gonçalves Gândara, com os aspectos geográficos dos trabalhos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR nas dissertações e teses de seus orientandos. Se a análise fosse na área do Turismo, da formação-base de Gândara, provavelmente o posicionamento da produção do autor se daria em aspectos de planejamento e gestão do Turismo, onde difunde nacional e internacionalmente suas abordagens. Antônio Carlos Castrogiovanni é reconhecido como pesquisador da categoria lugar, também na Complexidade, o aspecto geográfico é destacado, junto às discussões de comunicação e ensino da Geografia.

A autora brasileira mais citada da temática é Adyr Balastrieri Rodrigues, nas obras dos anos de 1990 com enfoque crítico do Turismo. Mesmo não considerando necessária a expressão Geografia do Turismo (RODRIGUES, 1997), ela compartilha com outros autores nacionais (CROCIA, 2000; CRUZ, 2003; LOPES JUNIOR, 2013) a necessidade de visões integradoras (inter/transdisciplinares) nesses estudos. Também é desse período o início de produções acadêmicas brasileiras na área de Geografia do Turismo, já que anteriormente poucos estudos são considerados significativos. Castro (2006) indaga se houve comodismo ou desinteresse do geógrafo brasileiro em iniciar estudos em turismo.

Os estudos brasileiros em Geografia do Turismo são de baixa difusão internacional, e até mesmo dentro da Ibero-América. Santos e Rejowski (2013), abordando a produção brasileira em turismo, afirmam que essa é numerosa e diversificada, os títulos ativos colocam o Brasil entre os primeiros países com maior produção na área do Turismo. Pode-se afirmar que na Geografia do Turismo a variedade da produção existe e é também diversa, mas o posicionamento mundial não fica evidente. Mesmo no Turismo, a grande produção não garante a consolidação e reconhecimento internacional, pois se restringe à escala nacional.

A maioria de países de língua hispânica na Ibero-América pode refletir nesse isolamento da produção acadêmica brasileira, bem como as poucas traduções para o espanhol e inglês, mas que vêm aumentando progressivamente. Parece que os demais países da região sabem o que é produzido no país, mas as abordagens dos autores são tratadas superficialmente; vê-se em Hiernaux Nicolás (2007) essa fragilidade.

A tradução de obras importantes que já eram utilizadas, principalmente, em países anglo-saxões, influencia diretamente as produções. Como a “*Tourist Gaze*” (traduzida de forma simplista como O Olhar do Turista, de John Urry) em 1996 e a “*Tourism today: a geographical analysis*”, também em tradução equivocada como Geografia do Turismo: fluxos e regiões no mercado de viagens, de Douglas Pearce, em 2003. Em 2002, a obra editada originalmente no México “*Planificación del Espacio Turístico*”, de Roberto Boullón, é traduzida para o português sobre a 3ª edição do autor, e, mesmo não sendo produzida por

um geógrafo, ganha notoriedade por tratar da categoria espaço, considerada geográfica.

Mesmo assim, tal utilização das categorias de análise não evidencia que os estudos são profundos e que consideram as dimensões e a multiescalaridade das categorias. Prova disso é a utilização do conceito de região, empregado em políticas públicas de turismo e que acaba sendo reduzido em importância (como discute, por exemplo, OLIVEIRA, 2007). Em certas publicações, o espaço, o território, o lugar e a região são palavras que simplesmente indicam uma localização. De outra forma, há estudos com qualidade que discutem e até esboçam propostas para o melhor entendimento das categorias geográficas com o Turismo.

Na amostra reconhecida, o conceito de lugar é trabalhado dentro das abordagens culturais, dentro da Complexidade (CASTROGIOVANNI, 2005, 2007; OLIVEIRA, 2007). E a categoria paisagem visualizada com técnicas de mensuração nos estudos ambientais e de percepção subjetiva em abordagens culturais.

A influência da Geografia Crítica (final dos anos de 1970) nas abordagens brasileiras é evidente, haja vista a consequente produção científica. Um dos maiores expoentes desse “movimento” foi o geógrafo Milton Santos, e percebe-se a recorrente utilização de suas teorizações sobre o espaço para serem relacionadas ao Turismo. Nas publicações brasileiras da área pode-se afirmar que é o autor mais citado. As análises do espaço turístico em Milton Santos são delicadas e certas vezes há equívoco na interpretação. Como em Albach (2010), em dissertação de mestrado, em que se reduziram as possibilidades de análise do espaço turístico em um esquema compreensivo.

A Geografia Crítica surge em oposição ao pensamento da Nova Geografia, que vinha justificar a expansão capitalista e seu poder imperialista, sua base é o materialismo histórico e teorias marxistas³². Diniz (2011) comenta que Lacoste (o primeiro entusiasta da Geografia Crítica), mesmo sendo desta corrente, possuía preocupação sobre a interpretação das ideias de Marx, já que

³² Atribui-se a Marx a abordagem metodológica do materialismo histórico, mesmo ele nunca tendo usado esse termo, que defende que a evolução histórica, desde as sociedades mais remotas até a atual, se dá pelos confrontos entre diferentes classes sociais numa espécie de exploração do homem pelo homem. A teoria de Marx serve também para explicar as relações entre sujeitos (MORAES, 1999).

essas não foram desenvolvidas com base em fenômenos relacionados ao espaço, e assim com base em teoria econômica marxista ou em estudos históricos que não eram, por si só, geográficos.

A corrente crítica não foi apoiada pelo Estado capitalista, já que assim não poderia desempenhar papel de controle. Ao contrário da Nova Geografia, “a Geografia crítica descobre o Estado e os demais agentes da organização espacial: os proprietários fundiários, os industriais, os incorporadores imobiliários, etc.” (CORRÊA, 1991, p. 21). Hiernaux (2007) comenta que a geografia do turismo latino-americana paga um “alto preço” pelo pensamento crítico, que em diversas abordagens apenas critica as manifestações negativas do capitalismo no turismo sem juízo prévio (sem argumentação de base).

As temáticas que tendem a se destacar na Geografia criando nichos dentro desta ciência, além da tradicional visão Geografia Física e Geografia Humana, tendem a ser alvo de críticas. Ainda mais áreas que por si só não são consideradas científicas, como é o caso do Turismo, assim como aquelas que privilegiam o mercado em sua aplicação prática.

O posicionamento de Carlos (2007) destaca a crítica as “novas” temáticas: em um colóquio ela inicia criticando que a Geografia Cultural não se preocupa com as relações espaciais produzidas pelos diferentes conjuntos culturais, mas sim com as experiências dos indivíduos, tendo uma possível sociedade imaginária e não mais factual. Também combate a Geografia Aplicada que se submete às exigências e necessidades do Estado na elaboração, por exemplo, de relatórios de impacto ambiental. E se contrapõe a uma “certa Geografia do Turismo” (grifo de Carlos), discutindo que o turismo vem criar uma lógica competente para vender lugares e que esse fato não faz parte da ideologia dos geógrafos:

A Geografia do turismo produz dois tipos de trabalho, de um lado a produção de uma análise crítica do turismo enquanto nova atividade econômica, produto da extensão preocupada com o desvendamento do momento da reprodução do espaço, onde o turismo como um novo ramo da economia requer uma análise aprofundada sobre seu papel na reprodução social; e de outro lado mostra a preocupação com as necessidades do mercado que encontra no turismo um elemento de reprodução do capital, através da venda de particularidades do espaço.

Nesta direção, coloca-se a tarefa para o pesquisador, de criar as estratégias capazes de tornar atrativos, os lugares para consumo, numa sociedade em que todos os momentos da vida cotidiana se acham penetrados e dominados pela realização da mercadoria. Nesse sentido o turismo e o lazer, enquanto momento da reprodução do espaço suscitados pela extensão do capitalismo – tornam-se mercadoria de desfrute, passíveis de serem consumidos e isto coloca aos geógrafos a preocupação de pensar no potencial de “venda dos lugares” capazes de reunirem atrativos turísticos, através da produção de um “discurso competente” (CARLOS, 2007³³).

Xavier (2007) comenta que é comum alguns geógrafos se apropriarem do turismo como um fenômeno essencialmente geográfico. Ainda se observam alguns aspectos restritivos do turismo no espaço e a preocupação dos geógrafos “sucumbirem” à lógica capitalista para interpretar e promover um espaço turístico, como se esta fosse uma necessidade geral.

A professora geógrafa Luzia Neide Coriolano, fundadora de mestrado em Turismo na Universidade Estadual do Ceará, pelo apeço à Geografia do Turismo não acha correto colocar todo pesquisador que contribui para essa área como sendo um “geógrafo do turismo”, o que é o caso dessa abordagem. E sim, aqueles que se posicionam a favor do Turismo como área do conhecimento.

Saindo do criticismo, na presente produção brasileira em Geografia observam-se temas advindos da influência das Ciências Humanas e Sociais que contribuem para compor a Geografia Cultural. São expressivos os estudos de percepção, lugar, sujeitos, representações, sagrado, identidade e paisagem cultural, ligados ao turismo (MARIANI, 2002; CASTROGIOVANNI, 2005, 2007; COSTA, 2006; OLIVEIRA, 2007, 2008; NOIA, 2007; NEVES, 2009; BEIDACK, 2011; GUILLAUMON, 2011; HORODYSKI *et al.*, 2011; GÂNDARA; HACK, 2011; STIGLIANO; RIBEIRO; CÉSAR, 2011; NITSCHKE, 2011, 2013; GONÇALVES, 2013; SOLLER, 2014), antropológicos (PISCITELLI, 2005; GUIMARÃES, 2012; GOMES; OLIVEIRA, 2013). Também os estudos de turismo e comunidades (FARIA, 2005; FERNANDES, 2011; NITSCHKE, 2011, 2013). Assim, enfatizam-se os aspectos socioculturais da Geografia do Turismo classificados (SCT).

³³ Não há numeração de página:

Os estudos de caráter bibliográfico privilegiam aspectos geográficos e socioculturais, esses advindos em boa parte da Geografia Cultural. Hiernaux Nicolás (2007) comentou que estudos influenciados pela Geografia Cultural (ou pela “virada cultural”) eram poucos na América Latina e considerou isso uma tarefa pendente. Criticou que nessas abordagens o turismo fique em segundo plano nas discussões, e o protagonismo é do autor e de suas leituras sobre o mundo. Na amostra, os estudos nessa linha foram representativos, destacando as contribuições de instituições brasileiras e a crescente produção ibero-americana com tal influência.

Outras relações territoriais e socioculturais no turismo: Barretto (2009), turismo e migrações; Murta *et al.* (2009), relacionando a turistificação, a [des]territorialização e a percepção; gastronomia como atrativo no desenvolvimento regional, fronteiras e turismo (FIGUEIREDO; COSTA; PAULA, 2011; CURY; FRAGA, 2013).

Os estudos críticos ao desenvolvimento do turismo no litoral brasileiro são variados, devido à importância do turismo de sol e praia (ênfase nos litorais do nordeste e fluminense), a problemática das segundas residências, os modelos regionais, urbanização, sazonalidade, dentre outras temáticas referentes (CROCIA, 2005; CORIOLANO, 2005; ARAUJO; PEREIRA, 2011; CORDEIRO; BENTO; BRITTO, 2011; SCHEUER; BAHL, 2011; KIYOTANI; LIMA, 2012; MASCARENHAS, 2004). A aplicação de modelos e teorias também é comum nos estudos regionais: TALC de Butler (CROCIA, 2005); Teoria dos Lugares Centrais (DINIZ; VERSIANI, 2006); zoneamento do espaço turístico de Boullón (RAMOS; LOPES, 2012, 2013).

As características gerais do portfólio de pesquisa dos aspectos metodológicos resultaram como apresentado no capítulo 3, seção 31.6, página 87: 22,03% (39) estão estudos bibliográficos, 44,07% (78) de análises, 22,60%(40) diagnósticos e 11, 30% (20) proposições para territórios turísticos.

A característica brasileira pode ser verificada no Gráfico 6:

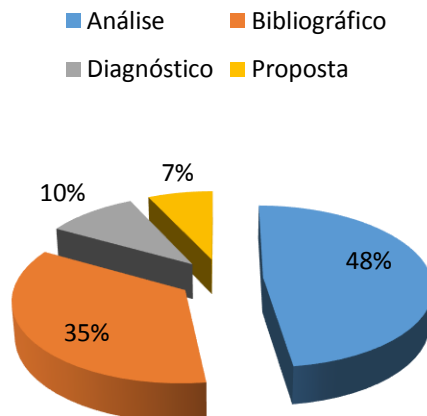


GRÁFICO 6 - ASPECTOS METODOLÓGICOS – BRASIL
 Fonte: a autora, 2015.

Destacando a estratégia metodológica “análises” verifica-se que são 34, a maior parte da amostra brasileira, algumas em: Crocia (2002, 2005), Mariani (2002), Faria (2005), Piscitelli (2005), Costa (2006), Oliveira (2008), Murta *et al.* (2009), Neves (2009), Telles e Gândara (2009), Tramontin e Gândara (2010), Travassos e Batella (2010), Beidack (2011), Guillaumon (2011), Nitsche (2011, 2013), Scheuer e Bahl (2011), Streglio e Oliveira (2011), Guimarães, (2012), Cury e Fraga (2013), Gonçalves (2013).

Os estudos teórico-bibliográficos são 25, em: Tulik (1990, 1992), Barretto (1992, 2009), Penteado (1992), Castrogiovanni (2005, 2007), Coriolano (2005), Tarlombani da Silveira (2005), Bedim (2007), Noia (2007), Araújo (2008), Gil, Oliva e Silva (2009), Araujo e Pereira (2011), Pires (2011), Stigliano, Ribeiro e Bittencourt (2011), Horodyski *et al.* (2011), Souza (2012), Albach *et al.* (2012).

Os diagnósticos são 7, alguns estão em: Mascarenhas (2004), Diniz e Versiani (2006), Gândara e Hack Neto (2011), Carvalho e Guzmán (2011), Kiyotani e Lima (2012), Sarfati e Nanae Sano (2012).

Na estratégia metodológica “propostas” verificou-se 5, sendo algumas em: Pacheco e Oliveira (2011), Garcia e Bahl (2011), Ramos e Lopes (2012, 2013), Burda e Martinelli (2012).

A utilização e discussão das categorias geográficas de análise na pesquisa brasileira, com destaque para o espaço turístico, diferenciam-nas das abordagens de outros países e regiões ibero-americanas, principalmente pela

quantidade de estudos teórico-bibliográficos. Mesmo nos estudos de caso, há preocupação em localizar as categorias da Geografia dentro de parâmetros teóricos.

Constata-se que predominam análises críticas e ocorrem poucas propostas inovadoras para o Turismo, advindas de olhar geográfico. De outra forma, há estudos bibliográficos/teóricos, que se destacam em relação aos dos outros países ibero-americanos, com preocupação epistemológica e de uso das categorias da Geografia. Nessas reflexões, desde que compreendidas pelos atores-chave dos processos espaciais no turismo, podem surgir mudanças significativas.

5.2 A PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO NA ESPANHA

Sobre a pesquisa em Geografia do Turismo na Espanha, Vera Rebollo *et al.* (1997) consideram que os estudos anteriores aos anos de 1970 não eram significativos. Desde então, a produção é crescente e vem se difundindo (VERA REBOLLO *et al.*, 2001), e o país busca publicar em inglês (SJR, 2015).

Para compreensão da produção da Espanha, as evidências estão organizadas no Apêndice 9. Verifica-se que os estudos possuem maior característica de planejamento e gestão dos espaços e territórios turísticos (GEO), seguidos dos aspectos socioculturais (SCT). Diferente do Brasil, mas similar ao resultado geral do portfólio de pesquisa. As palavras-chave (Tabela 20) refletem essa constatação:

TABELA 20 – PALAVRAS-CHAVE ESPANHA

Palavras - Espanha	Incidência	Palavras - Espanha	Incidência
Turismo	15	Destino turístico	2
Geografia do turismo	5	Doutorado	2
Território	5	Empresas	2
Turismo rural	5	Ensino universitário	2
Catalunha	4	Gestão	2
Desenvolvimento local	4	Historia da geografia	2
Espanha	4	Imagem turística	2
Gastronomia	4	Litoral	2
Patrimônio	4	Menorca.	2
Turismo cultural	4	Navarra	2
Andaluzia	3	Ordenamento territorial	2
Desenvolvimento turístico	3	Patrimônio cultural	2
Planejamento turístico	3	Sustentabilidade	2
Bibliografia.	2	Turismo gastronômico	2
Desenvolvimento rural	2		

Obs.: as demais são mencionadas uma vez. As palavras relativas a locais pesquisados foram consideradas nesta tabela. A lista geral das palavras-chave encontra-se no Apêndice 3.

Fonte: a autora, 2015.

Assim como o Gráfico 7 que apresenta a distribuição por aspectos:

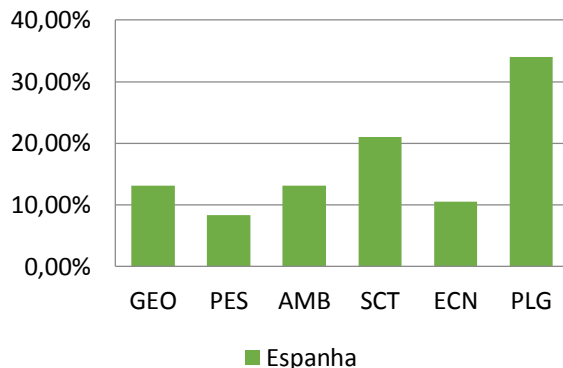


GRÁFICO 7 – ASPECTOS PESQUISADOS NA ESPANHA
 FONTE: a autora, 2015.

Dentre as palavras-chave mais utilizadas na amostra de pesquisa, a categoria de análise geográfica que se destaca é o território. Espaço e Lugar, presentes na amostra geral e no Brasil, não são mencionados. Há destaque para o desenvolvimento local, turístico e rural; patrimônio e turismo cultural. Conformando com Vera Rebollo *et al.* (2011) que destacam, na produção espanhola, o planejamento e a gestão de destinos turísticos, valorização turística

do patrimônio natural e cultural, desenvolvimento local e turismo, dentre outros. Os aspectos socioambientais surgem na sequência.

Casals *et al.* (2012) enfatizam que na Geografia espanhola a relação da Geografia com a História permanece. Na Espanha o conceito espaço não está sendo muito destacado nos artigos e o conceito território vem sendo considerado revitalizante para a disciplina e uma oportunidade profissional para os geógrafos. Entendem que a intervenção no território seria a própria geografia aplicada. Durà Guimerà, Oliveras Gonzàlez e Villanueva Margalef (2007), em estudo bibliométrico sobre a revista *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, verificaram a Geografia do turismo e serviços como temática que entre 1982 e 2007 apareceu 34 vezes na revista, sendo 6,21% do total. As publicações da revista privilegiaram, até meados de 2007, publicações em catalão e castelhano, até abrir oportunidade para a língua inglesa.

A distribuição da produção espanhola pelos anos confirma a constância dos aspectos de SCT desde o destaque em 2002 seguindo com relevância, e os aspectos PLG presentes com maior representatividade, relacionado a estudos ambientais e econômicos, conforme Gráfico 8:

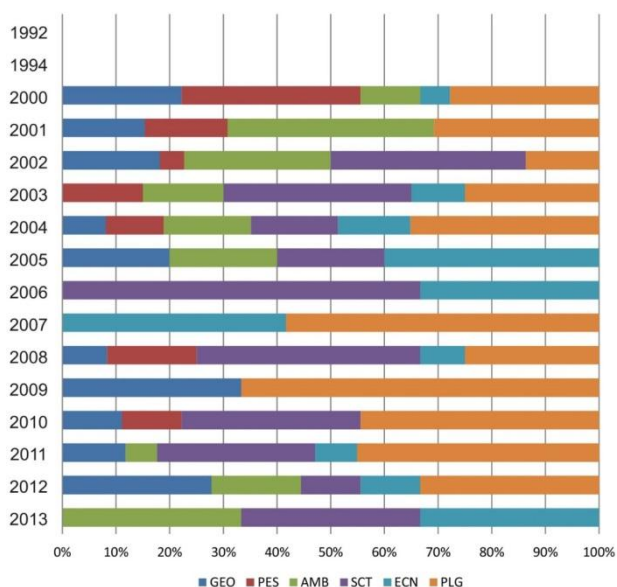


GRÁFICO 8 - DISTRIBUIÇÃO DOS ASPECTOS PESQUISADOS NA ESPANHA POR ANOS
Fonte: a autora, 2015.

A Espanha aparece com 58 publicações nos 177 artigos, sendo 53 deles publicados em revistas espanholas. A revista espanhola que mais publicou artigos de pesquisadores espanhóis foi a *Cuadernos de Turismo*, com 31 artigos. Na sequência destacam-se a *Cuadernos Geográficos*, com sete (7) artigos, além da *Investigaciones Geográficas* (Espanha) com seis (6) artigos. Os pesquisadores espanhóis também publicaram duas vezes na revista *Estudios y Perspectivas em Turismo*, da Argentina, além de 3 publicações em revistas do México.

Albacete Saèz e Fuentes (2010) verificaram que a produção espanhola sobre turismo nas revistas internacionais ocorre em quase 78% nas revistas *Tourism Management*, *Tourism Economics*, *Annals of Tourism Research*, *International Journal of Contemporary Hospitality Management* y *Journal of Travel Research*, que abrigam publicações sobre Geografia do Turismo. A revista *Tourism Geographies*, periódico que teoricamente poderia reunir as publicações da área de estudo, não possui destaque nos artigos espanhóis sobre turismo.

As principais revistas espanholas da amostra estão, com seus devidos aspectos, no Gráfico 9:

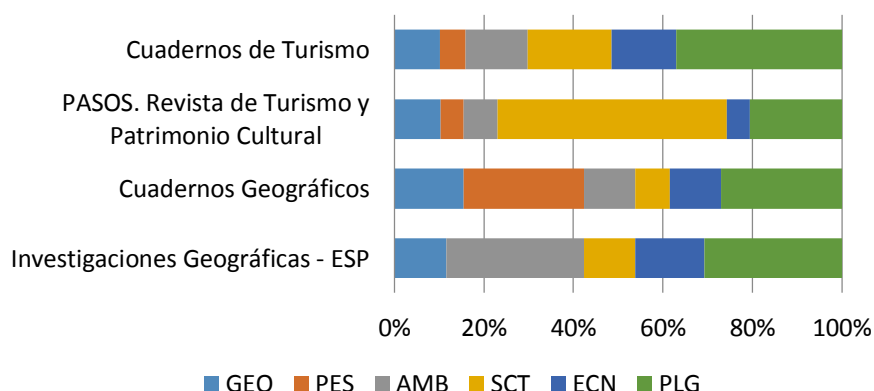


GRÁFICO 9 - REVISTAS ESPANHOLAS COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS

Obs.: A incidência de todas as revistas encontra-se no Apêndice 4. Fonte: a autora, 2015.

A *Cuadernos de Turismo* reflete a área de planejamento e gestão do Turismo, área preferenciada pelos autores espanhóis, que são maioria na revista (como OBIOL MENERO, 2002; PANADERO MOYA; NAVARRETE LÓPEZ; JOVER MARTÍ, 2002; DELGADO VIÑAS *et al.*, 2003; PONCE SÁNCHEZ, 2007; LÓPES BONILLA; LÓPES BONILLA, 2007; SANTOS PAVÓN; FERNANDÉZ TABALES, 2010; PUCHE RUIZ; OBIOL MENERO, 2011; BONET; SALOM, 2012).

A revista *Pasos* apresenta autores de toda a Ibero-América, com enfoque definido em aspectos socioculturais, com destaque para o patrimônio, e abriga publicações da Geografia do Turismo com essa característica, em que a relação do patrimônio com o Turismo é amplamente valorizada (SALINAS CHÁVEZ; ECHARRI CHÁVEZ, 2005; PRATS, 2011; FERNANDES e SOUZA, 2011), bem como a das comunidades com o espaço turístico (FARIA, 2005; CORIOLANO, 2005; FERNANDES e SOUZA, 2011).

Na *Cuadernos Geográficos* há valorização da exposição dos aspectos metodológicos da pesquisa para se discutir o planejamento e a gestão do Turismo, como nas abordagens sobre território de Lopez Palomeque (2004) e García Pascual (2004). Mesmo com artigos só até 2004 na amostra, a revista continua sendo um interessante veículo de difusão para a pesquisa em Geografia do Turismo. As instituições dos autores espanhóis com maior incidência na amostra constam na Tabela 21:

TABELA 21 – UNIVERSIDADES ESPANHOLAS COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS

Espanha	Incidência	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
UCM	5	3	3	4	5	3	1
UB	5	3			8	1	7
UCLM	5	4		2	1	1	5
UM	5	1	5	4	5	7	9
UAM	4	1	2	1	1	1	
UA	4	2	3	2	7	2	4
USC	4	4		2	2	3	6
UAB	3	1		2	3	4	1
UV	3	3		3			8

Obs.: a listagem completa encontra-se no Apêndice 1. Foram coloridos os aspectos mais representativos.

Fonte: a autora, 2015.

Na UCM aspectos socioculturais se destacam, assim como na UB. Na UCLM e na UM os aspectos de planejamento. A tabela 22 de autores contribui com essa análise.

TABELA 22 – AUTORES ESPANHÓIS COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS

Autores	Instituição	Artigos	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
Emilio M. Obiol Menero	UV	3	3		3			8
Francisco Feo Parrondo	UAM	3			1	1	1	
Maria Dolores Ponce Sánchez	UM	3	1	3	2	4	6	7
Francesc Xavier Roig i Munar	CIMe	2			3			3
Francisco Javier Jover Martí	UCLM	2	1		1			2
Gemma Cànoves	UAB	2	1		2		4	1
Lucia Cuesta	UAB	2	1		2		4	1
Luis Herrera	UAB	2	1		2		4	1
Maria Cruz Porcal Gonzalo	UPV	2	1		1	5	2	2
Maria del Pilar Leal Londoño	UB	2	1			5		4
Miguel Panadero Moya	UCLM	2	3		1			
Valeriá Paul Carril	USC	2	2		1		1	5

Obs.: a listagem completa encontra-se no Apêndice 2. Foram coloridos os aspectos mais representativos.

Fonte: a autora, 2015.

O pesquisador Obiol Menero se destaca nas discussões territoriais do turismo, do planejamento e da utilização das marcas turísticas. Há interface com a área de marketing em algumas de suas discussões. Feo Parrondo recentemente vem concentrando suas investigações na Geografia da Saúde, nas publicações sobre Turismo aborda aspectos de distribuição territorial de oferta turística em 2001 e 2005 em aspectos diversos. María Dolores Ponce Sánchez trabalha aspectos de gestão, é pesquisadora da área do Turismo com interface com a Geografia. As abordagens espanholas da Geografia do Turismo são mais heterogêneas e múltiplas do que as brasileiras. Os aspectos de planejamento e gestão são os mais trabalhados na produção espanhola desde 2000 (MÁRQUEZ, 2000; LÓPES BONILLA, 2007). A competitividade é tema de discussões espanholas, assunto que vai atingir a Ibero-América mais tarde.

A característica de gestão territorial é evidenciada, como em modelos para o desenvolvimento visando a sustentabilidade (VERA REBOLLO, 2000; OBIOL MENERO *et al.*, 2001), principalmente em destinos turísticos litorâneos com estudos de percepção, análise de instrumentos políticos de planejamento e ordenamento territorial, segunda residência, e revalorização urbana para novas ofertas (MANERO MIGUEL, 2011).

Há interfaces entre território, turismo e marketing e satisfação (OBIOL MENERO, 2002; PUCHE RUIZ *et al.*; PONCE SÁNCHEZ, 2004a,2004b). Percebe-se maior compreensão, e até aceitação, do que nas abordagens comuns a outros países da Ibero-América, sobre a inserção do turismo como atividade capitalista “lógica de organização espacial do capitalismo” (GARCA PASCUAL, 2004).

Os segmentos turísticos e criação de produtos para o turismo evidenciados: turismo de saúde e de eventos, turismo de aventura, turismo gastronômico (FEO PARRONDO, 2005; LONDOÑO, 2011B), turismo rural, golfe e turismo (FEO PARRONDO, 2001), naturismo (PRAT FORGA, 2010), turismo cultural (GARCÍA ZARZA, 2002; PASTOR ALFONSO, 2003; CALLE VAQUERO *et al.*, 2008), turismo idiomático (PARDO ABAD, 2001), rota turística (PANADERO MOYA *et al.*, 2011), holeriturismo (PAUL CARRIL *et al.*, 2012), turismo acessível (JURADO ALMONTE, 2014), paisagem literária (PILLÉT CAPDEPÓN, 2014); além de *campings* (FEO PARRONDO, 2003) e estudo de transportes (PAUL CARRIL *et al.*, 2009).

Os aspectos socioculturais são refletidos nos estudos sobre patrimônios turísticos e da Humanidade, e possuem destaque para melhor aproveitamento turístico e proteção (LARROSCA ROCAMORA, 2003; DELGADO VINÃS *et al.*, 2003; PRATS, 2011; GONZALO PERCAL, 2011). Lugar Sagrado como espaço turístico (PORCAL GONZALO, 2006; LOIS GONZÁLEZ, 2012).

Necessidades políticas integradas, público e privado para a gestão ambiental e urbana, gestão do território (ROIG I MUNAR, 2001; LOPES PALOMEQUE, 2004; BONET *et al.*, 2011), em que é reconhecida a importância das instituições privadas no desenvolvimento da atividade turística.

A relação de aspectos de planejamento, socioambientais e socioculturais ocorre nos estudos sobre as comunidades em Ilhas espanholas (ROIG I MUNAR, 2003; RULLAN, 2010; SIMANCAS CRUZ, 2011; BONET *et al.*, 2011). As abordagens de impactos insulares causados pelo turismo ou ordenamento territorial em áreas litorâneas são abundantes nos estudos (SANTOS PAVÓN e FERNANDEZ TABALES, 2010, HOLDERBAUM, OLAGUE DE LA CRUZ E SILVA LEMOS, 2012, BONET E SALOM, 2012 são alguns exemplos).

Também no espaço rural é clara a preocupação em gerar alternativa para o turismo no interior do país (LÓPES CUQEJO, 2002; LACOSTA ARAGUES, 2004; CÀNOVES *et al.*, 2005), saindo da lógica do Turismo de Sol e Praia o Turismo Rural é discutido como opção para o desenvolvimento e vários argumentos são tratados: crítica (CEBRIÁN ABELLÁN, 2003), não dependência da atividade (APARICIO GUERRERO, 2004; CÀNOVES *et al.*, 2005; GARCÍA MARÍN, 2011;), promoção da gastronomia rural, (LONDOÑO, 2011^a) percepção do turismo rural patrimônio rural, (PORCAL GONZALO, 2011 ANDRADE SUÁREZ, 2011).

A Espanha estuda outras regiões, como nas propostas de corredor para o Ecoturismo na América Central (PANADERO MOYA, 2002).

Verificando a metodologia, predominam as análises, assim como no Brasil, mas o posicionamento crítico é diferente. Os diagnósticos são mais presentes, assim como as propostas. E os estudos bibliográficos/teóricos são poucos, como pode ser visualizado no Gráfico 10.

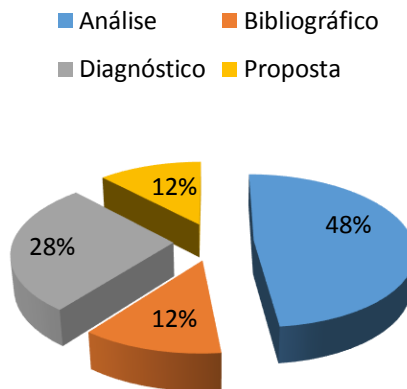


GRÁFICO 10 – ASPECTOS METODOLÓGICOS - ESPANHA

Fonte: autora, 2015.

Análises são 28 e estão algumas em: Timón (2001), Delgado Viñas *et al.* (2003), Aparicio Guerrero (2004), Cánoves *et al.* (2004), Lopez Palomeque (2004), Ponce Sánchez (2004, 2004b e 2007), García Hernández (2008), Prat Forga (2010), Rullan (2010), Santos Pavón e Fernandez Tabales (2010), Andrade Suárez (2011), Panadero Alarcón (2011), Babinger (2012), Bonet e Salom (2012), Jurado Almonte (2014), Pillét Capdepón (2014).

Os estudos teóricos bibliográficos são 7, como em: Martínez Puche (2008), Pardo Abad (2011), Porcal Gonzalo (2011) e Simancas Cruz (2011).

Os diagnósticos em 16, alguns em: Márquez (2000), Vera Rebollo (2000), Feo Parrondo (2001 e 2003), Cebrián Abellán (2003), Lacosta Aragües (2004), García Pascual (2004), Cánoves, Herrera e Cuesta (2005), Paül Carril e Pazos Otón (2009), Paül Carril, Araújo Vila (2012), Holderbaum, Olague de la Cruz e Silva Lemos (2012). E as propostas são 7, em: García Manrique (2000), Obiol Menero e Canós Beltrán (2001), Panadero Moya, Navarrete López, Jover Martí (2002), López Cuquejo (2002), Larrubia Vargas, Luque Gil (2002), Roig i Munar (2001) e Larrosa Rocamora (2003).

As análises possuem caráter mais demonstrativo para o aproveitamento dos recursos turísticos e há maior indicativo de propostas. Não há tanta valorização de teorizações sobre as categorias geográficas, essas se diluem nas discussões, os ensaios bibliográficos e de revisões de literatura também não são tão comuns. Tal motivo poderia ser por não se verificar necessidade de teorizações, o que Vera *et al.* (2011) mencionam, pois acreditam que há

necessidade de suporte teórico para a Geografia do Turismo, principalmente os que venham responder aos novos desafios da globalização. Outro motivo, haja vista a característica de Geografia Aplicada de boa parte da produção, é que não se discutem tanto as categorias e sim as compreendem para apresentar caráter aplicado. Ou pelo desenvolvimento do país como destino turístico que apresenta necessidade de estudos contributivos, principalmente para o ordenamento territorial de áreas turísticas. Vera *et al.* (2011) apontaram que a presença de geógrafos na administração turística cresceu.

5.3 A PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO NO MÉXICO

Visando compreender a produção em Geografia do Turismo do México, as evidências das abordagens foram organizadas no Apêndice 10. Verifica-se que os estudos possuem maior característica nos aspectos socioambientais (AMB) e socioeconômicos (SCT), como na Tabela 23 das palavras-chave e no Gráfico 9, diferenciando-os do Brasil e da Espanha na amostra.

TABELA 23 - PALAVRAS-CHAVE MÉXICO

Palavras - México	Incidência
Turismo	10
México	7
Áreas naturais protegidas	2
Geografia do turismo	2
Grandes cidades	2
Monterrey	2
Sustentabilidade	2

Obs.: as demais são mencionadas uma vez. As palavras relativas a locais pesquisados foram consideradas nesta tabela. A listagem geral das palavras-chave encontra-se no Apêndice 3.

Fonte: a autora, 2015.

Observa-se uma produção mais homogênea em relação ao Brasil e à Espanha e as palavras-chave refletem essa característica. As áreas protegidas, o desafio de organizar o turismo em grandes cidades, e a sustentabilidade estão presentes. Gráfico 11:

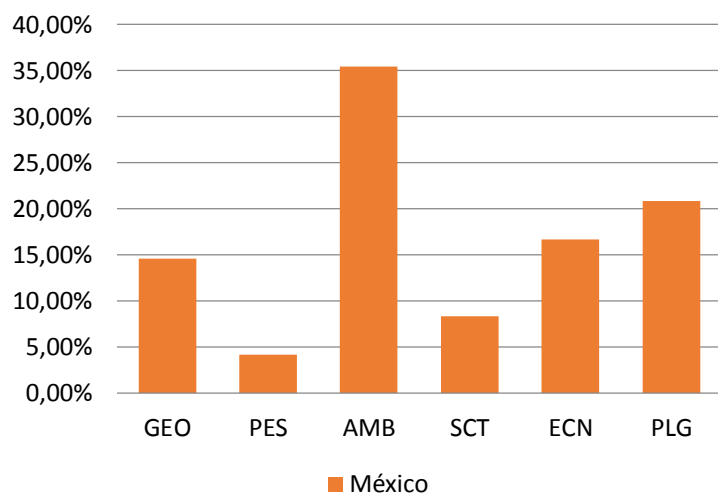


GRÁFICO 11 – ASPECTOS PESQUISADOS NO MÉXICO
Fonte: a autora, 2015.

Na distribuição por anos percebe-se que artigos científicos produzidos por instituições mexicanas aparecem mais tardiamente na amostra, se comparado ao Brasil e à Espanha, e a temática socioambiental (AMB) fica ressaltada no Gráfico 12:

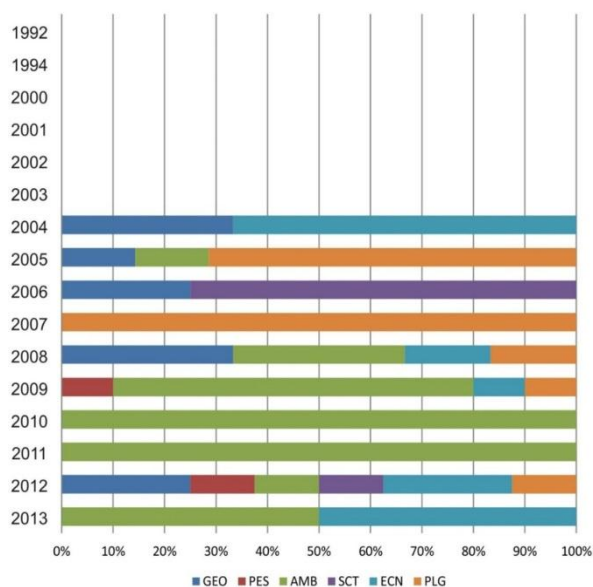


GRÁFICO 12 - DISTRIBUIÇÃO DOS ASPECTOS PESQUISADOS NO MÉXICO POR ANOS
Fonte: a autora, 2015.

Na área do Turismo, depois do Brasil, o México é o país que mais produz artigos na América Latina (PICAZO PERAL; MORENO GIL, 2013), demonstrando o crescimento e visibilidade de suas investigações, o que também ocorre nessa investigação sobre Geografia do Turismo.

Os pesquisadores mexicanos publicaram 22 artigos na relação de 177, sendo que 14 foram em revistas do México. A revista *Investigaciones Geográficas (México)* recebeu 5 artigos, seguida pela *El Periplo Sustentable* com 3 artigos, e a *Economía, Sociedad y Territorio* também com três 3 artigos. O México ainda publicou 7 artigos em revistas da Espanha, sendo 5 na revista *Cuadernos de Turismo* (com destaque para pesquisadores da Geografia do Turismo e Economia da UAM). Também publicaram um 1 artigo na revista *InterSedes: Revista de las Sedes Regionales*, da Costa Rica.

Picazo Peral e Moreno Gil (2013) destacam na pesquisa sobre produção mexicana em Turismo que a revista *El Periplo Sustentable* é onde os autores mexicanos mais publicam. Mas também na *Gestión Turística*, do Chile, e na *Estudios y Perspectivas*, da Argentina. Ao passo que nas revistas brasileiras e internacionais a participação é escassa.

As revistas mexicanas mais relevantes ao estudo da Geografia do Turismo, conforme o Gráfico 13, são:

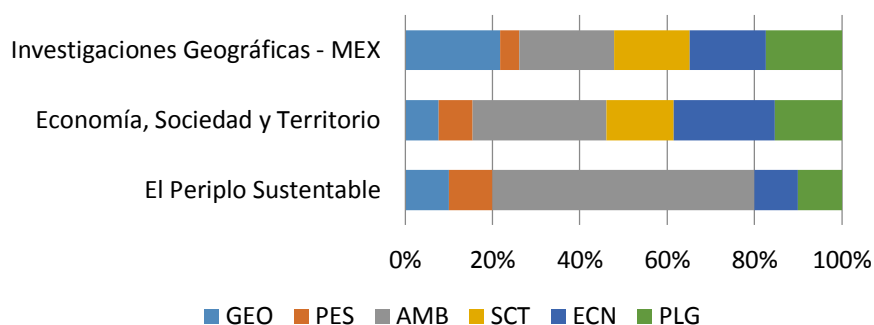


GRÁFICO 13 - REVISTAS MEXICANA COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS

Obs.: A incidência de todas as revistas encontra-se no Apêndice 4.

Fonte: a autora, 2015.

A revista mexicana *Investigaciones Geográficas* reflete a relação dos aspectos socioambientais e socioeconômicos para o planejamento do turismo

nos territórios. O artigo em colaboração entre Espanha e México, de Córdoba Y Ordóñez; García de Fuentes (2003), sobre turismo, meio ambiente e globalização no Caribe mexicano se destaca. A autora Ana García de Fuentes é considerada por Hiernaux Nicolás (2007) como a precursora dos estudos em Geografia do Turismo no México.

Também estão presentes na revista *Investigaciones Geográficas* artigos do grupo de pesquisadores de linhas de pesquisa em Geografia do Turismo e Geografia Econômica do Instituto de Geografia da UAM (PROPIN FREJOMIL; LÓPEZ LÓPEZ; SÁNCHEZ CRISPÍN, 2004; VÁZQUEZ SOLÍS; PROPIN FREJOMIL, 2004; SÁNCHEZ CRISPÍN; LÓPEZ LÓPEZ; PROPIN FREJOMIL, 2005; SÁNCHEZ CRISPÍN; MOLLINEDO BELTRÁN; PROPIN FREJOMIL, 2012).

Na *Economía, Sociedad y Territorio* há discussões relacionadas ao próprio título da revista com análises das Ciências Sociais em Brenner (2009) sobre plataformas de negociação para a conservação ambiental e o turismo, e em Díaz Carrión (2013), sobre o turismo e gênero, no caso do turismo alternativo como emprego para mulheres. Também estudos de base socioeconômica (REYES PÉREZ, 2012; MONTAÑO ARANGO, 2012).

Na *El Periplo Sustentable* a temática é focada em questões socioambientais (NIÑO GUTIÉRREZ, 2008; ANDRÉS; ENCABO, 2008; JUAN PÉREZ *et al.*, 2009).

As universidades dos autores que mais incidiram na amostra possuem as seguintes características temáticas, como na Tabela 24:

TABELA 24 – UNIVERSIDADES MEXICANAS COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS

México	Incidência	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
UNAM	13	4		8	2	3	6
UAEM	4	1	2	3	3	3	
UAM Iztapalapa	3	1		4			3

Obs. Foram coloridos os aspectos mais representativos.

Fonte: a autora, 2015

As universidades mexicanas se destacam com aspectos socioambientais, já que os aspectos socioeconômicos discutidos nas abordagens, que são fortes nas instituições, são orientados para a sustentabilidade.

Dentre os 13 autores mais citados na busca de Picazo Peral e Moreno Gil (2013) na área do turismo encontram-se os quatro autores mais produtores na Geografia do Turismo conforme a presente investigação. A Universidade Autônoma do México (UAM) foi a mais produtora, tanto em Turismo (PICAZO PERAL; MORENO GIL, 2013) quanto em Geografia do Turismo.

A Tabela 25 reflete os autores mais produtores com suas características de pesquisa:

TABELA 25 – AUTORES MEXICANOS COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS

Autores	Instituição	Artigos	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
Álvaro Sánchez Crispin	UNAM	8	1		3		1	5
Enrique Propin Frejomil	UNAM	8	2		3		2	5
Álvaro López López	UNAM	3					1	2
Ludger Brenner	UAM Iztapalapa	2			4			1
Óscar Reyes Pérez	UALSP	2	1		1	1		1
Valente Vázquez Solís	UNAM/UASLP	2	2			1	1	1

Obs.: a listagem completa encontra-se no Apêndice 2. Foram coloridos os aspectos mais representativos.

Fonte: a autora, 2015.

Assim, o grupo de pesquisadores mexicanos da UNAM ligados ao Departamento de Geografia Econômica do Instituto de Geografia desenvolvem estudos que colaboram ao planejamento e à gestão dos territórios turísticos. A figura de Álvaro Sanchez Crispín se destaca, verifica-se que é um pesquisador internacionalizado e de representação na Geografia da América Latina por sua atuação na União de Geógrafos da América Latina. Hiernaux (2007) o mencionou como líder de grupo de pesquisadores de pesquisas aplicadas, que contém qualidade. No grupo de Crispín estão outros pesquisadores mais produtores da amostra, como Enrique Propin Frejomil e Álvaro López López

(ambos pesquisadores maduros), além de diversos pesquisadores emergentes por ele orientados.

As temáticas deste grupo que envolvem a Geografia Econômica e a Geografia do Turismo são aplicadas no território: distribuição geográfica, modelo de análise para orientar o desenvolvimento do potencial turístico, alternativas ao turismo de sol e praia, tipificação de destinos (PROPÍN FREJOMIL *et al.*, 2004; SÁNCHEZ CRISPÍN *et al.*, 2005; SÁNCHEZ CRISPÍN; PROPÍN FREJOMIL, 2005; REYES PÉREZ *et al.*, 2005; PROPÍN FREJOMIL *et al.*, 2007; TRUJILLO RINCÓN, 2008; SÁNCHEZ CRISPÍN *et al.*, 2012; REYES PÉREZ *et al.*, 2012); relacionamento de dados econômicos para revelar dependências globais da economia turística (VÁZQUEZ SOLÍS *et al.*, 2004). Alguns desses estudos se estendem do México para a América Central.

Os estudos socioambientais são construídos ou com interface nas ciências sociais ou com técnicas da Geografia Física (NIÑO GUTIÉRREZ, 2008; JUAN PÉREZ *et al.*, 2009; BRENNER, 2009, 2010), governança (MONTAÑO ARANGO, 2012), *cluster* turismo de natureza (SANTANDER BOTELLO, 2009), visão antropocêntrica, mesmo para discutir a natureza; Turismo alternativo (rural) (DÍAZ CARIÓN, 2013).

Nos aspectos de planejamento e gestão tem-se o corredor turístico (MUÑOZ, 2000; HUERTA GARCÍA *et al.*, 2011) e a discussão sobre segundas residências de Hiernaux Nicolás (2005), o artigo mais difundido da amostra dessa pesquisa. O autor belga, imigrante, não é geógrafo mas assumiu em sua longa carreira importância na Geografia e na Geografia do Turismo. Alicia Lindon, doutora em ciências sociais, é referenciada na área, em publicações junto a Hiernaux.

Quanto à metodologia, o Gráfico 14 demonstra as características da produção mexicana:

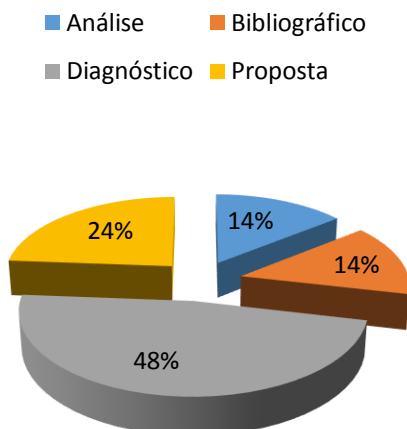


GRÁFICO 14 - ASPECTOS METODOLÓGICOS - MÉXICO
 Fonte: a autora, 2015.

As Análises são 3 (HIERNAUX-NICOLAS, 2005; MOREALES MAYOBRE, 2005; BRENNER, 2010), assim como os estudos bibliográficos são 3 (com destaque para LAGUNAS ARIAS, 2006; OROZCO ALVARADO; NÚÑEZ MARTÍNEZ, 2013). Os diagnósticos, principalmente de potencial turístico, são 11 (PROPIN FREJOMIL; LÓPEZ LÓPEZ; SÁNCHEZ CRISPÍN, 2004, 2005) SÁNCHEZ CRISPÍN; PROPIN FREJOMIL, 2005, 2007; NIÑO GUTIÉRREZ, 2008; JUAN PÉREZ *et al.*, 2009; HUERTA GARCÍA; SÁNCHEZ CRISPÍN, 2011; REYES-PÉREZ *et al.*, 2012). E as proposições para o desenvolvimento turístico são 5 (DE SICILIA MUÑOZ, 2000; REYES PÉREZ; SÁNCHEZ CRISPÍN, 2005; RINCÓN, 2008; MONTAÑO-ARANGO *et al.*, 2012).

No México, diagnósticos e propostas para os territórios turísticos são maioria, elaborados de forma técnica, alguns como relatórios de consultoria. O país teve destinos turísticos planejados nos anos de 1980 (HIERNAUX NICOLÁS, 2007) e observa desde então o crescimento da atividade, sendo em 2014 o 10º país com o maior número de desembarques internacionais (OMT, 2015). A temática da sustentabilidade, das áreas protegidas (patrimônios naturais) também favorece as proposições e chama a atenção dos pesquisadores de instituições mexicanas. Mesmo os estudos socioeconômicos privilegiam aspectos ambientais em suas análises, assim como socioculturais.

5.4 A PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO NOS DEMAIS PAÍSES DA IBERO-AMÉRICA

Os demais países ibero-americanos da amostra têm sua produção detalhada nesta seção. As evidências, que fazem parte do objetivo de uma revisão integrativa estão organizadas no Apêndice 11. Cada um possui sua identidade de pesquisa dentro do portfólio, mas a reunião deles pode apontar para algumas evidências que serão apresentadas a partir das palavras-chave mais utilizadas por esses países, na Tabela 26:

TABELA 26 – PALAVRAS-CHAVE DEMAIS PAÍSES

Palavras - outros países	Incidência
Turismo	10
Desenvolvimento local	3
Geografia	3
Geografia do turismo	3
Ambiente	2
Argentina	2
Costa rica	2
Globalização	2
Imagem	2
Impacto do turismo	2
Turismo científico	2

Obs.: as demais são mencionadas uma vez. As palavras relativas a locais pesquisados foram consideradas nesta tabela. A listagem geral das palavras-chave encontra-se no Apêndice 3.

Fonte: a autora, 2015.

Os principais aspectos classificados das produções em Geografia do Turismo são os de planejamento e gestão do Turismo e os socioambientais (Gráfico 15), diferenciando-se do portfólio geral e se aproximando do resultado do México:

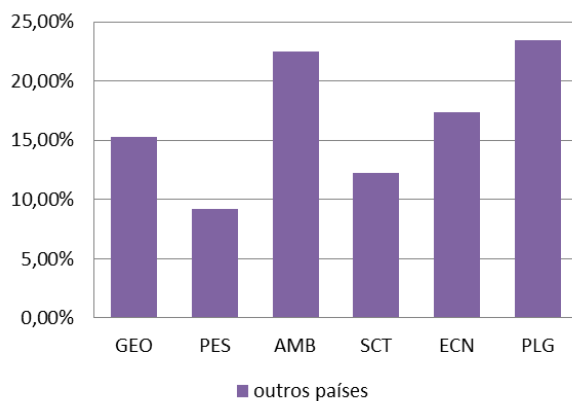


GRÁFICO 15 – ASPECTOS PESQUISADOS NOS DEMAIS PAÍSES
Fonte: a autora, 2015.

Das palavras mais representativas do portfólio geral há similaridades por destacar a geografia do turismo e o desenvolvimento local, as demais se distinguem, pois valorizam a globalização, a imagem, o impacto e o turismo científico.

Na distribuição por anos observa-se que as publicações são mais recentes em relação ao Brasil, Espanha e México e as temáticas heterogêneas, conforme o Gráfico 16.

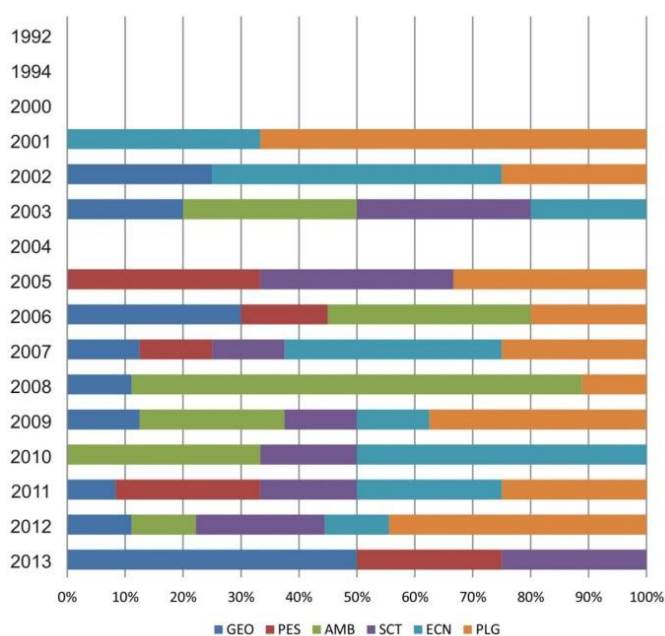


GRÁFICO 16 - DISTRIBUIÇÃO DOS ASPECTOS PESQUISADOS NOS DEMAIS PAÍSES POR ANOS

Fonte: a autora, 2015.

Os artigos de pesquisadores argentinos foram publicados sete (7) vezes, sendo apenas uma (1) publicação em revista da Argentina, na *Estudios y Perspectivas em Turismo*, mas tiveram duas (2) publicações na revista *Cuadernos de Turismo*, da Espanha, além de publicações no Brasil (Revista Rosa dos Ventos) e Colômbia. Apresentam, assim, efetiva estratégia de difusão internacional de sua produção, pois publicaram em 3 países diferentes do seu, índice maior que do Brasil, Espanha e México na amostra. O Brasil e o México publicaram em 2 países diferentes, e a Espanha apenas em um.

Os países de pesquisadores que publicaram em revistas do próprio país são: Venezuela, 4 vezes; Chile, 3 vezes; Costa Rica, 3 vezes; e Colômbia, uma vez.

Cuba publicou na Argentina e na Espanha, até mesmo pela falta de periódico da área editado no país. 2 artigos de Portugal foram publicados na Argentina e na Espanha, uma vez em cada país. Um artigo de um pesquisador de Porto Rico foi publicado na Espanha.

As cooperações foram localizadas nessa seção, e constatou-se que o artigo dos pesquisadores de Chile e França foi publicado no Chile; o artigo de Cuba e México foi publicado na Argentina; o artigo de Espanha e México foi publicado no México; o artigo de México e Cuba foi publicado no México. Cuba, devido às restrições de acesso à informação decorridas da situação político-social, busca cooperações científicas para difusão de pesquisas, no caso em relacionamento com o México, em Padilla y Sotelo e Luna Moliner (2003), e em González Herrera e Palafox Muñoz (2006).

A revista mais relevante no estudo dos artigos de Geografia do Turismo ibero-americanos nesse grupo dos demais países foi a *Estudios y Perspectivas em Turismo*, a única em destaque no portfólio. No Gráfico 16 podem ser observados os aspectos pesquisados:

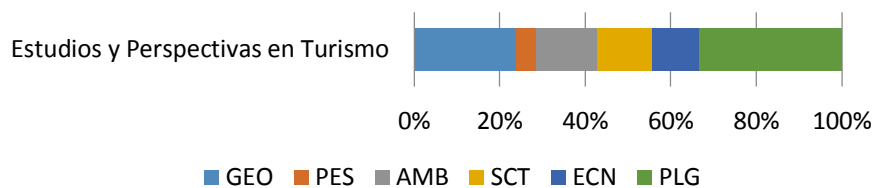


GRÁFICO 17 – REVISTA DE OUTROS PAÍSES COM COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS

Obs.: A incidência de todas as revistas encontra-se no Apêndice 4.

Fonte: a autora, 2015.

A revista *Estudios y Perspectivas en Turismo* desde 1991 publica artigos que analisam o turismo dentro da ótica das ciências sociais e constitui um fórum interdisciplinar “para a expansão das fronteiras do conhecimento” (*ESTUDIOS Y PERSPECTIVAS EN TURISMO*, 2010). A importância dessa publicação é verificada para toda a produção em Geografia do Turismo ibero-americana da amostra. Como anteriormente mencionado, por exemplo, nos artigos de autores de instituições brasileiras 23% da produção se localizou nessa revista. Picazo Peral e Moreno Gil (2013) constataram também que a revista é a mais importante para os estudos ibero-americanos em turismo.

A *Estudios y Perspectivas en Turismo* equilibra discussões da área de planejamento (GONZÁLEZ HERRERA; PALAFOX MUÑOZ, 2006; SALINAS CHÁVEZ; SULROCA DOMINGUEZ, 2010) com maior enfoque em discussões de categorias geográficas nos estudos de Geografia do Turismo. Esta característica se dá pelo perfil dos autores, já que brasileiros (CASTROGIOVANNI, 2007; PIRES, 2011; TARLOMBANI DA SILVEIRA, 2005) e outros latinos (NAVARRO FLORIA; VEJSBERG, 2009) publicam na revista argentina, discutindo questões conceituais e com valorização de teorias.

O periódico chileno *Revista de Geografía Norte Grande* foi o de melhor indexação internacional da amostra, permite o grande alcance das discussões, mas parece que as relativas ao turismo são tímidas, na amostra surgiu apenas um artigo. A *Gestión Turística*, revista chilena destacada por Picazo Peral e Moreno Gil (2012), oferece espaço para a discussão dos estudos geográficos do Turismo.

As universidades desse grupo, mostrando ao menos uma por país, estão na Tabela 27:

TABELA 27 – UNIVERSIDADES DOS DE MAIS PAÍSES E ASPECTOS PESQUISA

Sigla	Incidência	País	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
UNCo	3	Argentina	1		2	1	4	2
UACH	2	Chile	3	3				
UN	1	Colômbia				1	2	1
UCR	3	Costa Rica	2		8		1	3
UH	2	Cuba		1	1	2	3	1
UPR	1	Porto Rico			1			
UC	2	Portugal	2	1		1		1
UE	2	Portugal	2	1		1		1
ULA	2	Venezuela	2	2			2	1

Obs.: a listagem completa encontra-se no Apêndice 1. Foram coloridos os aspectos mais representativos.

Fonte: a autora, 2015.

A Universidade Nacional de Comahue, na Argentina, destacou-se nessa investigação sobre os artigos em Geografia do Turismo, sua representatividade foi confirmada por Picazo Peral e Moreno Gil (2012) em estudo sobre as produções em Turismo, junto à Universidade de Buenos Aires, e à Universidade Nacional de Quilmes, que nesta investigação se somam às Universidades do Sul, de Salvador e de Rio Negro.

Também a Universidade da Costa Rica foi representativa, com três produções. Em 2011 foi sede do Encontro de Geógrafos da América Latina com grupos de trabalho sobre Geografia do Turismo. A temática interessa ao país mais visitado da área continental da América Central (VARGAS ULATE, 2009). A universidade vem editando novos periódicos científicos, o mais recente do portfólio, por exemplo (*Revista de Ciencias Sociales*); também aumentou a indexação em bases que promovem a difusão das pesquisas.

Já os autores com mais de duas incidências na amostra estão em instituições portuguesas, como mostra a Tabela 28:

TABELA 28 – AUTORES DOS DEMAIS PAÍSES COM MAIOR INCIDÊNCIA E ASPECTOS PESQUISADOS

Autores	Instituição	Artigos	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
Fernanda Cravidão	UC	2	2	1		1		1
Maria Noémi Marujo	UÉ	2	2	1		1		1

Obs.: a listagem completa encontra-se no Apêndice 2. Foram coloridos os aspectos mais representativos.

Fonte: a autora, 2015.

As instituições são Universidade de Coimbra e Universidade de Évora. A importante Universidade de Aveiro, por exemplo, não possui curso de graduação e pós-graduação em Geografia, mas possui curso de graduação e pós-graduação em Turismo, no qual Picazo Peral e Moreno Gil (2015), em estudo sobre a produção em Turismo, constataram a maior produção de Portugal no tema, seguida da Universidade de Algarve.

Cravidão e Marujo (2012, 2013) são responsáveis pelas duas incidências de Portugal na amostra. As autoras evidenciam os aspectos geográficos em suas produções, apontando a importância da Geografia na formação superior em Turismo e realizando estudo histórico que apresenta o desenvolvimento do turismo desde as origens, do veraneio chegando ao turismo comercial.

Ressaltam as autoras (2013) que em Portugal nos últimos anos foram produzidas dissertações e teses na área da Geografia do Turismo que têm como principal impulsora Carminda Cavaco (catedrática aposentada da Universidade de Lisboa), com a publicação do artigo Geografia e Turismo em Algarve, na revista *Finisterra*, em 1969. Assim, observa-se que brevemente aumentarão as publicações em periódicos científicos de Portugal nessa área.

Picazo Peral e Moreno Gil (2015) verificaram o crescimento da produção científica portuguesa em Turismo a partir de 2009, tendo a revista Turismo e Desenvolvimento peso para essa colocação. Tal publicação não é indexada nos periódicos CAPES, e brasileiros só acessam os artigos se pagarem por eles, o que restringe a difusão. Vale ressaltar que um estudo estritamente bibliométrico não necessita de acesso completo às publicações. Nesta investigação privilegiou-se a possibilidade qualitativa de análise. Outros periódicos

importantes são: Revista Encontros Científicos, *Tourism & Management Studies* e *Finisterra*, na Geografia.

O autor cubano Eduardo Salinas Chávez é autor com expressividade de citações na Geografia e na Geografia do Turismo em verificação no *Google Acadêmico* (2015). Apareceu uma vez no portfólio (SALINAS CHÁVEZ; ECHARRI CHÁVEZ, 2005). Também publicou estudos de base epistemológica para a Geografia do Turismo (SALINAS, 2002, 2003).

Outros pesquisadores ibero-americanos importantes nesse grupo dos demais países merecem menção. José Manuel Henrique Simões é uma referência da Geografia do Turismo de Portugal que não apareceu no portfólio de pesquisa; geógrafo e urbanista, dedica-se, além da Universidade, a importantes consultorias. Na sua vasta produção acadêmica costuma discutir o urbano e o turismo pelo olhar geográfico, como em Baily, Scariati e Simões (2009), obra de colaboração entre Suíça e Portugal.

O expoente pesquisador argentino Rodolfo Bertoncello (2008) também não apareceu como autor no portfólio dessa pesquisa, mas apareceu como referência. Ele comenta que poucos geógrafos latino-americanos investigam a construção sociocultural e econômica dos atrativos turísticos. O que reforça a pouca representatividade dos estudos de seu país de origem (a Argentina) na amostra. O autor publica mais em livros e tem difundido em periódicos seus estudos sobre migração, que eventualmente se relacionam com o turismo. Outra referência que aborda Turismo na Argentina é a geógrafa Emilce Beatriz Cammarata, da Universidade Nacional de Misiones. O uruguaio Álvaro López Gallero (Universidade da República) também pode entrar nesse grupo, pois possui livros sobre a temática e atua no Ministério do Turismo do Uruguai.

A heterogeneidade de temas dificulta estabelecer evidências sobre os artigos em Geografia do Turismo desse grupo nos demais países. Mas algumas observações podem ser realizadas.

Na Argentina são abordados: o turismo receptivo (SAMMARCHI, 2001); a promoção turística por meio da cartografia turística (ALMIRÓN; TRONCOSO; LOIS, 2007); o conceito de área natural turística (ANDRÉS; ENCABO, 2008); a turistificação de Bariloche (NAVARRO FLORIA; VEJSBERG, 2009); a

importância do território para a competitividade (OTERO URIETA, 2007); Plano de Marketing (PINASSI, 2012); “nova ruralidade” e estratégias turístico-recreativas (SCHROEDER; FORMIGA, 2011).

No Chile, a produção difundida reduzida não permite compreender expressivas evidências. Bourlon e Mao (2011) fazem discussão teórica sobre turismo científico e sua importância para o local pesquisado. Os autores definem quatro tipos de turismo científico: o turismo de exploração e aventura com enfoque científico; o turismo cultural com enfoque científico; o ecovoluntariado científico e o turismo de pesquisa científica. González Pizarro (2013) apresenta desde a negação do deserto até sua apropriação pelo turismo e Muñoz *et al.* (2006) relacionam a valoração da paisagem da água para contribuir com a visitação.

Na Costa Rica, mesmo com a baixa difusão, o aspecto mais pesquisado é o socioambiental, por ser um destino reconhecido para o Ecoturismo. Marín Hernández e Viales Hurtado (2012) analisam a importância do lugar para a atividade turística. Rojas León (2008) verifica legislação marítimo-terrestre em análise socioambiental em que se contrapõem a defesa dos recursos naturais e a rentabilidade econômica advinda da atividade turística; Vargas Ulate (2009) reforça que os turistas no país se interessam principalmente pelas áreas de conservação e que a atividade turística afeta as iniciativas de conservação *in situ*, e, por outro lado, gera benefícios econômicos para a população.

A Venezuela vem aumentando sua produção na área da Geografia (SJR, 2015) e alguns temas envolvem o turismo. A geografia turística está presente como recurso educacional e para o turismo científico em Lúquez *et al.* (2006) e Irma e Ceres (2006). Também em Oropeza e Camargo (2006), em estudo socioambiental, e em Portillo (2002), o geomercado turístico.

Colômbia (MENDIVELSO; RIVAS, 2011) e Porto Rico (CRUZ BÁEZ, 2010) surgem uma vez cada, com estudo crítico e ambiental.

Quanto aos aspectos metodológicos, o Gráfico 18 apresenta as características desse grupo nos demais países:

Outros

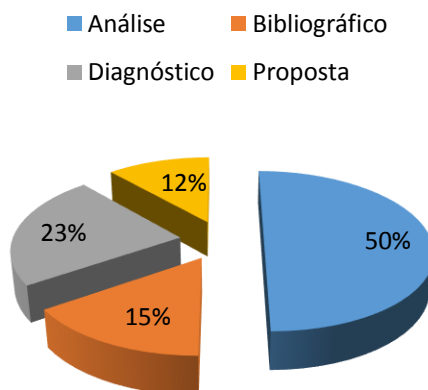


GRÁFICO 18 - ASPECTOS METODOLÓGICOS – DEMAIS PAÍSES
Fonte: a autora, 2015.

A característica metodológica dos demais países é bastante similar à característica da Espanha.

Os trabalhos de análises foram maioria, são 13 (CÓRDOBA y ORDÓÑEZ; GARCÍA DE FUENTES, 2003; MUÑOZ *et al.*, 2006; IRMA; CERES, 2006; LÚQUEZ *et al.*, 2006; ALMIRÓN; TRONCOSO; LOIS, 2007; ROJAS LEÓN, 2008; NAVARRO FLORIA; LAILA VEJSBERG, 2009; SALINAS CHÁVEZ; SULROCA DOMINGUEZ, 2010; SCHROEDER; FORMIGA, 2011; MENDIVELSO; RIVAS, 2011; MARUJO; CRAVIDÃO, 2012, 2013; GONZÁLEZ PIZARRO, 2013).

Os estudos teórico-bibliográficos são 4 e estão em Portillo (2002), Otero Urieta (2007), Andrés e Encabo (2008), Bourlon e Mao (2011). Os diagnósticos são 23% (6), em segundo lugar nos artigos científicos em Geografia do Turismo nos demais países ibero-americanos (SAMARCCHI, 2001; PADILLA Y SOTELO; LUNA MOLINER, 2003; SALINAS CHÁVEZ; ECHARRI CHÁVEZ, 2005; CRUZ BÁEZ, 2010; MARÍN HERNÁNDEZ; VIALES HURTADO, 2012; PINASSI, 2012). As proposições são 3: em González Herrera e Palafox Muñoz (2006), Oropeza e Camargo (2006) e Vargas Ulate (2009).

Diversos países ibero-americanos não aparecem na amostra como o Uruguai, o Paraguai, a Bolívia, o Panamá, a Nicarágua, a Guatemala e os outros. O Peru não aparece e observa-se que foi sede do Encontro de Geógrafos da

América Latina (EGAL) em 2013, e que pode estar em ascensão na produção científica. Alguns estudos nos países latino-americanos que não surgiram na amostra produziram pesquisas geográficas mais descritivas, como foi possível verificar na produção da Venezuela. A abordagem tende a ser descritiva, da Geografia Física ou sobre a situação de país periférico latino-americano. Os processos ditatoriais que se instalaram nos países da região podem ter dificultado o livre pensar e, desse modo, abordagens culturais e temas como o turismo podem ter ficado distantes dos cursos de Geografia. A demanda pela Geografia pode ter se reduzido para a alimentação de informações sobre características geográficas (físicas, demográficas, sociais, etc.).

Desde 1967, o Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais (CLACSO), associado à UNESCO, vem trabalhando por diversas pautas, uma delas o acesso aberto e democrático ao conhecimento. A Geografia possui interface com as Ciências Sociais e se faz presente na Rede CLACSO de Pós-Graduação com 15 instituições e 24 programas de pós-graduação em 7 países: Argentina, Brasil, Colômbia, México, Nicarágua, Peru e Venezuela (CLACSO, 2015). Existem oportunidades para o aumento da difusão das pesquisas ibero-americanas dessas instituições e na região.

6 CONCLUSÃO

A difusão da pesquisa em Geografia do Turismo na Ibero-América está em fase inicial até mesmo dentro de sua escala regional, há tendência de se utilizar autores da mesma língua, assim na região predominam os textos em espanhol. Há mais análises do que propostas e corpo teórico com reflexões sobre as categorias geográficas e o fenômeno turístico, bem como alguns modelos e orientações para planejamento turístico.

Brasileiros procuram publicar em espanhol para terem seus resultados de pesquisas difundidos na Ibero-América e apareceram na amostra os autores que se evidenciam. Examinando as referências, pode-se perceber que alguns autores em Geografia do Turismo espanhóis se mostram dedicados com a difusão internacional, como por exemplo, Salvador Antón, Vera Rebollo, López Palomequ e Ivars Baidal.

A pesquisa da temática na Ibero-América é tardia em relação a países europeus e anglo-saxões (VERA REBOLLO *et al.*, 1997; HIERNAUX-NICOLÁS, 2007). Castro (2006) questionou o desinteresse ou alienação do geógrafo brasileiro por iniciar a pesquisa no turismo, que já provocava interesse em departamentos de Geografia pelo mundo. Hiernaux-Nicolás considera que na Latinoamérica não houve, antes dos anos de 1970, publicações significativas sobre Geografia do Turismo, o que pode ser associado ao baixo desenvolvimento da atividade turística na região. Pode-se perceber que houve desinteresse semelhante por parte dos geógrafos ibero-americanos em geral.

Constatou-se a falta de visibilidade nas bases de dados internacionais da produção ibero-americana da temática analisada, pois publica-se em inglês. Na pesquisa brasileira em turismo, Solha e Jacón (2010) chegaram a mesma conclusão, afirmando que há desconhecimento técnico da forma de edição das revistas e falta de recursos financeiros para a internacionalização. Observações estas que podem ser estendidas à pesquisa ibero-americana. Assim, a pesquisa ibero-americana em Geografia do Turismo aparece nas bases ibero-americanas

de consulta e desaparece nas bases internacionais que valorizam o inglês. Hall (2013) constatou que 10% das publicações em Geografia do Turismo na base SCOPUS são de instituições da China (incluindo Hong Kong), na maioria com textos em inglês, vê-se um esforço para difundir internacionalmente suas descobertas.

As publicações na área possuem características resultantes do produtivismo acadêmico ligado a quantidade, e nem sempre a qualidade. Em estudo sobre a difusão da pesquisa em Turismo, Picazo Peral e Moreno Gil (2013) comentam que, de forma geral, as universidades aumentaram o grau de exigência para promoção dos docentes (“publica ou perece”). Bowen (2005), professor atuante nos Estados Unidos, afirma que pode ocorrer obrigação de 12 a 16 publicações para promoção docente, geralmente em um triênio. Há sistema de avaliação com menor número de publicações, mas em periódicos de maior impacto. Assim, os pesquisadores criam estratégias procurando revistas com menores barreiras para publicar, e também as de maior impacto. Hall (2011) também faz críticas ao produtivismo e as formas como as métricas são estabelecidas no contexto público que incidem na carreira do pesquisador, e no contexto privado pelas editoras que determinam a qualidade dos periódicos.

Nesta situação, os geógrafos do Turismo tendem, para difusão de suas investigações, a publicar nos periódicos de Turismo mais do que nos de Geografia, pois naqueles há maior aceitação e valorização das discussões. Mckercher (2008) afirmou que a Geografia do Turismo é mais bem recebida em estudos de Turismo do que de Geografia. Por exemplo, 15 dos 58 autores mais citados em turismo de 1970 a 2007 são doutores em Geografia, incluindo quatro dos dez mais citados.

Os índices e indicadores de impacto bibliométrico são comuns às diferentes áreas do conhecimento, tal constatação incentiva os pesquisadores a atentarem para temas e formas para que as revistas internacionais aceitem publicá-los. Além das temáticas, há posicionamento político-institucional em relação a abordagens, assim como em processos de seleção para entrada em programas de pós-graduação. Guetos de pesquisas são estabelecidos e limitam avanços com pontos de vista paradigmáticos distintos. Até serem estabelecidas “novas escolas” as publicações com “novas abordagens” podem ficar à margem

dos periódicos científicos. Observa-se que nos eventos científicos o rigor de seleção de exposições é menor do que nas revistas, o que, por um prisma, pode conferir menor qualidade, mas por outro, oferece maior liberdade de apresentação de novidades, além de permitir discussão aberta junto aos pares.

Internacionalmente, há um pré-julgamento em relação à qualidade das produções acadêmicas ibero-americanas. Para Casals *et al.* (2012), as universidades ibero-americanas são melhores do que o público em geral (incluindo o acadêmico) costuma reconhecer. As publicações em inglês costumam divulgar artigos e livros somente nessa língua e desconhecem outros fundamentais escritos em outros idiomas. Casals *et al.* (2012), junto à equipe da revista *Scripta Nova*, acreditam que as línguas espanhola e portuguesa devem ser impostas na comunidade científica, pois são faladas por milhões. Situação pouco provável, pois há cada vez maior reconhecimento da língua inglesa como língua internacional no mundo acadêmico. Hall (2013) afirmou que não importa o quão importante nacionalmente é o conhecimento de um contexto espacial, a menos que seja transmitido em inglês tem pouca chance de entrar no mercado global e ser difundido.

Percebe-se na produção ibero-americana que certos assuntos (temas, autores, referências, procedimentos metodológicos) quando traduzidos se tornam importantes e até são tratados como novidade, mesmo que já tenham sido trabalhados anteriormente, pois não foram difundidos de forma global. Fato que se reforça na utilização de métodos e técnicas de pesquisas e pode se relacionar com a estrutura elaborada para o desenvolvimento desta tese. O uso de revisões bibliográficas sistematizadas e métricas de pesquisas são mais comuns em países anglo-saxões do que em países ibero-americanos, a título de exemplificação.

O “empréstimo” dos métodos e técnicas de pesquisas de outras áreas afins é cada vez mais evidente na “nova” Geografia do Turismo. Não se discutem tantos assuntos inéditos, mas formas de pesquisar originais. Tanto há correntes de pensamentos como há modismos nas formas de fazer investigação científica. A necessidade de inovações e as oportunidades de interdisciplinaridade resultam em trocas de construção de reflexões e aplicações entre áreas. Claval (2004) já afirmava que as novas abordagens na Geografia acabavam por não

ser estruturadas de forma muito diferente das geografias vernaculares. Em relação às duas concepções da Geografia na modernidade (sociedade e natureza ou papel do espaço no funcionamento dos grupos humanos), Claval (2004, p. 11) aponta:

O que se critica hoje são os procedimentos utilizados para adquirir esses conhecimentos: os pressupostos nos quais se baseavam estão sendo contestados por um movimento de desconstrução das bases tradicionais da ciência, em geral, e das ciências humanas, em particular.

Nesse sentido, pode-se observar uma tendência à ampliação do pensamento complexo nos estudos em Geografia do Turismo. A formação em Geografia, em cursos, muitas vezes, de licenciatura, tem alicerces na Educação e nas Ciências Sociais, o que pode refletir na necessidade de trazer contribuição social, reverter a lógica, reordenar e repensar as problemáticas sociais. Este caráter se reflete nas produções da Geografia do Turismo.

Existe uma Geografia do Turismo que não é desenvolvida apenas por geógrafos. Há uma gama de profissionais com graduações diversas (Turismo, Antropologia, Sociologia, História, Economia, dentre outras) que buscam a pós-graduação na área e realizam discussões do espaço turístico tendo enfoque geográfico. Coles e Hall (2006) afirmavam que a Geografia do Turismo estava morta, devido aos problemas do espaço serem de cada vez maior interesse de várias disciplinas, afirmam que aos assuntos da Geografia do Turismo e da mobilidade necessitam do interesse de muitos.

Os principais resultados encontrados que se relacionam aos objetivos da tese são:

- 1) A Bibliometria com a Revisão Bibliográfica Sistemática e a Revisão Integrativa oferecem evidências suficientes para compreensão das informações sobre a difusão da pesquisa em Geografia do Turismo na Ibero-América. A difusão é baixa dentro da região e internacionalmente, mas existe corpo teórico e de pesquisadores para ampliação.
- 2) Pela diversidade de abordagens e posicionamentos não há, observando a produção da Ibero-América, um corpo de temáticas comum à Geografia do

Turismo, além da constatação da análise espacial do fenômeno turístico em micro e macro escalas.

3) Os aspectos classificados trazem alguns apontamentos sobre os artigos científicos analisados em Geografia do Turismo:

- aspectos geográficos do turismo: valoriza-se o conceito do espaço turístico, o fenômeno turístico está sob análise;
- aspectos socioambientais em Geografia do Turismo: verifica-se que o estudo não se desenvolve sem contextualização sociocultural e econômica para estudar a paisagem, a sustentabilidade, a governança ambiental de áreas protegidas, práticas de turismo em áreas naturais ou impactos do turismo nas comunidades. As perspectivas de análise são geralmente dialéticas abordando os impactos negativos (socioambientais) acusando a falta de planejamento e salientando benefícios socioeconômicos.
- aspectos socioculturais em Geografia do Turismo: há relação conceitual e de método com a Geografia Cultural, a Antropologia e a Sociologia fundamentalmente. Nos aspectos socioculturais em Geografia do Turismo são discutidos o protagonismo do sujeito (residente ou turista) no lugar, as vivências, experiências e representações. É a que apresenta maior crescimento de abordagens e até de novidades (HIERNAUX NICOLÁS, 2008). As perspectivas de análise são vão desde a valorização cultural, do patrimônio, o turismo como alternativa até aos impactos negativos da turistificação e da segregação causada pelo turismo.
- aspectos socioeconômicos em Geografia do Turismo: relaciona-se com a Geografia Econômica e salienta as formas de desenvolvimento do turismo nos territórios, são criticadas as relações de dependência da atividade turística e valorizada a competitividade dos destinos turísticos. Serve ao planejamento;
- aspectos de planejamento e gestão em Geografia do Turismo: apresenta estudos de caso com descrições geográficas, utiliza cartografia e georreferenciamento, e outras ferramentas técnicas para diagnosticar e propor formas de desenvolver, gerir e/ou recuperar territórios e regiões;

- Em abordagens eficientes do fenômeno turístico, a visão integral sobre os aspectos contribui para os resultados.

4) Os países ibero-americanos mais representativos na difusão de seus artigos científicos sobre Geografia do Turismo foram: o Brasil, principalmente com relação às categorias de análise geográfica e o fenômeno turístico; a Espanha, com destaque para aspectos de planejamento e gestão para o turismo nos territórios, além de aspectos socioculturais; e o México, principalmente em estudos socioeconômicos e socioambientais.

Sobre a forma como o acesso ao conhecimento é realizado, Moreira³⁴ (2009) reflete a respeito da distância existente das literaturas originais da Geografia, a área se baseia na pequena teoria geográfica e acaba desvirtuando a teoria e a prática. Assim, é um grande desafio determinar um arcabouço de análises para uma Geografia do Turismo que estuda um fenômeno crescente e de rápida transformação espacial. Rodrigues (1997) afirma ser até mesmo retrocesso determinar uma Geografia do Turismo. Por outro lado, tal disciplinarização contribui para espaços de discussão e desenvolvimento de pesquisas que vêm trazendo resultados ao estudo do Turismo, sua formação disciplinar e seu planejamento. Linhas de pesquisa, grupos de trabalho em eventos, produções científicas difundidas, precisam desse caráter disciplinar para ampliar o ambiente de difusão do conhecimento, bem como o geógrafo do Turismo pode oferecer subsídios para políticas públicas e apresentar técnicas úteis aos organismos de gestão da atividade turística em ambiente público e privado.

Visando dirimir uma restrição da pesquisa que encerrou as buscas por publicações na Ibero-América em março de 2014, apresentam-se alguns

34

A confusão, então se instala, tanto maior quanto mais o olhar formal identifica a presença na grande teoria das “mesmas” categorias - a exemplo hoje do espaço e do território - da pequena teoria geográfica. Assim, se há claro liame do relevo com o substrato e com as teorias geológicas do Planeta, no lugar de uma geografia do relevo acabamos fazendo Geologia; do clima com os elementos físicos da atmosfera e a teoria da termodinâmica, no lugar de uma geografia do clima acabamos fazendo Meteorologia; do espaço com a ação temporal do homem e a teoria da evolução das sociedades no tempo, no lugar de uma geografia da organização espaço-temporal das sociedades acabamos fazendo História. O mesmo equívoco que a muitos tem levado a fazer marxismo no lugar de uma geografia da ação, crítica literária no lugar de uma geografia da cultura, e assim por diante (MOREIRA, 2009, p. 135).

estudos recentes sobre Geografia do Turismo presentes na Redalyc. Nas instituições brasileiras: Alves e Dantas (2015) discutem a utilização da metodologia de culturas de ordenamento territorial para os estudos geográficos em turismo. Domareski Ruiz, Miki e Gândara (2014) apresentam a geografia econômica evolutiva como perspectiva de análise da dinâmica dos destinos turísticos. Vilar. (2014) faz a aplicação do TALC, de Butler, no Litoral Sul de Sergipe e verifica que o destino turístico se encontra na fase de desenvolvimento e que predomina o turismo de segunda residência. Arruda, Mariani e Caleman (2014) apontam a necessidade de coordenação de governança para o turismo em Bonito.

Nas Espanha, Mínguez Garcia *et al.* (2014) apresentam o Banco de Imagens da Geografia do Turismo (BIG), na Universidade Complutense de Madri, como uma ferramenta para o ensino de geografia na graduação em turismo. Também Ivars Baidal *et al.* (2014) discutem novo enfoque para a gestão turística com os agrupamentos empresariais inovadores que vêm se conformando na Espanha.

No México, Sánchez Jasso e Cebrián Abellán (2015) discutem proposta de conservação e desenvolvimento local na área protegida Nevado de Toluca. Moo Canul e Santander Botello (2014) em análise documental apresentam as “*ecoetiquetas*” (grifo nosso) no turismo sustentável. Na Argentina, Pinassi e Ercolani (2014) evidenciam que a pesquisa em Geografia do Turismo em quatro revistas argentinas de turismo está situada na geografia tradicional do turismo, sendo mais descritiva do que analítica e crítica.

Estudos em cooperações Brasil-Portugal são publicados: Körössy, Cordeiro e Henriques Simões (2014) refletem sobre a urbanização turística influenciando o processo de produção espacial das cidades, no caso de Portimão, Portugal. Rocha Neto e Cravidão (2015) apresentam as disputas territoriais em Porto de Galinhas, decorrentes da substituição do turismo por outras atividades relacionadas ao Porto Industrial de SUAPE. Outra contribuição portuguesa, de Santos (2014), reflete sobre o território na gestão das atividades turísticas com suas variadas inter-relações.

Indicam-se novos estudos para compreensão da produção ibero-americana da Geografia do Turismo, um deles é observando a difusão das pesquisas e temáticas relativas à Ibero-América na revista *Tourism Geographies*, que possui indexação internacional, e, segundo Gill (2012), suporta e incentiva as contribuições de pesquisadores variados para a Geografia do Turismo. Discussão importante como a de Sanz Ibáñez e Anton Clavé (2014), provenientes de universidades espanholas, sobre evolução de destinos na perspectiva da Geografia Econômica foi publicada recentemente nessa revista.

Tendo em vista que os geógrafos buscam os periódicos da área do Turismo para publicação de suas investigações, indica-se também estudo relativo à produção ibero-americana de Geografia do Turismo nas seis principais revistas da área indicadas por Park *et al.* (2011): *Journal of Hospitality & Tourism Research*, *International Journal of Hospitality Management*, *Cornell Hospitality Quarterly*, *Tourism Management*, *Annals of Tourism Research* e *Journal of Travel Research*.

Novos *rankings*, com outros recortes, haja vista que há crescimento das produções e os dados se desatualizam rapidamente, após curto período, servem como informação histórica, portanto toda atualização melhora a qualidade informacional.

Finalizando, sugere-se aos pesquisadores ibero-americanos que, além de difundir suas pesquisas em língua inglesa, abordem temáticas que já vêm sendo tratadas em outras regiões e que merecem atenção no contexto da América Latina e da Península Ibérica. Mobilidade e Turismo envolvendo as migrações é tema de difícil apreensão, mas de grande importância. Barretto em 2009 afirmou que estudos brasileiros, por exemplo, envolvendo migração e turismo não eram desenvolvidos e levados a sério, inclusive na Geografia. O tema migração teria outras implicações sociais, distantes do Turismo. Observa-se que a temática vem conquistando novos pesquisadores, é o caso de Leonilton Assis, orientado de Adyr Rodrigues que em 2012 defendeu tese onde em parte, relaciona as segundas residências e as migrações.

Destaca-se também a necessidade de discussões que demonstrem e analisem a implicação das novas tecnologias na relação espaço-tempo no turismo (como no estudo sobre o uso dos telefones celulares para compreensão

do deslocamento dos turistas, AHAS *et al.*, 2007 e 2008, de HUANG e BIAN, 2009 que verificam as possibilidades de recomendações personalizadas para os turistas através de sistemas online). Também é interessante atentar para relação espaço-tempo no turismo, e a compreensão do interesse dos turistas pelo cotidiano. Os modelos explicativos para interpretar uma realidade cada vez mais complexa são insuficientes, frente as crises econômicas e dinâmicas globais (LÓPEZ OLIVARES *et al.*, 2010). O turismo, frente às mudanças velozes dos tempos globais, necessita do olhar múltiplo, dimensional, espacial, para evoluir como área do conhecimento e como prática social, e a Geografia só tem a contribuir para isso.

REFERÊNCIAS

- ACERENZA, M. A. **Administración del Turismo**: conceptualización y organización. Vol 1. México: Trillas, 1991.
- AHAS, R. et al. **Evaluating passive mobile positioning data for tourism surveys**: An Estonian case study. *Tourism Management*, v. 29, n. 3, p. 469–486, 2008.
- AHAS, R. et al. **Seasonal tourism spaces in Estonia**: Case study with mobile positioning data. *Tourism Management*, v. 28, n. 3, p. 898–910, 2007.
- ALBACETE SÁEZ, Carlos Antonio; FUENTES FUENTES, María del Mar. Difusión de la investigación española sobre turismo en revistas internacionales. **Revista de Análisis Turístico**, n. 9, 2011.
- ALBACH, V. M. Panorama da pesquisa em Turismo nos mestrados em Geografia do Brasil: o caso do mestrado em Geografia da UFPR. **Dissertação de mestrado** do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, 2010.
- ALBACH, V. M., GÂNDARA, J. M. G., HACK NETO, E. e VIEIRA, V. B. O pensamento de Lefebvre e os usos e consumos dos espaços turísticos..*Revista Hospitalidade*, 9 (1), 2012.
- ALMIRÓN, A.; TRONCOSO, C.; LOIS, C. Promoción turística y cartografía: La Argentina turística en los mapas de la Secretaría de Turismo de la Nación (1996-2004). **Investigaciones geográficas**, n. 62, p. 138–154, 2007.
- ALVARENGA, L. **Bibliometria e arqueologia do saber de Michel Foucault – traços de identidade teórico-metodológica**. *Ciência da Informação*, Vol. 27, No 3, 1998.
- ALVES, L da S. F; DANTAS, E W . Las culturas de ordenamiento territorial como metodología de análisis para estudios geográficos de turismo. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 24, n. 1, p. 135-152, 2015.
- ANDRADE, J. V. **Turismo – Fundamentos e Dimensões**. 8 ed. São Paulo: Ática, 1998.
- ANDRÉS, J. M; ENCABO, M. E. Concepto de Área Natural Turística como aporte teórico para la planificación sustentable del Turismo. **El Periplo Sustentable**, n. 13, p. 91–111, 2008.
- APARICIO GUERRERO, A. E. El turismo rural: una de las alternativas al desarrollo rural en la Serranía de Cuenca. **Cuadernos de turismo**, n. 13, p. 73–90, 2004.
- ARAUJO, E. F.; PEREIRA, A. Q. O turismo e a valorização do litoral metropolitano: espacialidade turística em Caucaia-CE. **RA'E GA-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 21, 2011.

- ARAUJO, L. M. Análise de stakeholders para o turismo sustentável. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 8, n. 1, p. 91–99, 2008.
- ARMESTO LÓPEZ, X. A. A.; GOMÉZ MARTÍN, B. Productos agroalimentarios de calidad, turismo y desarrollo local: el caso de Priorat. **Cuadernos geográficos**, n. 34, p. 83–94, 2004.
- BABINGER, F. El turismo ante el reto de peligros naturales recurrentes: una visión desde Cancún. **Investigaciones geográficas**, n. 78, p. 75–88, 2012
- BAILLY, A., SCARIATI, R., e SIMÕES, J. M. Viagem à geografia. *Uma geografia para o mundo, uma geografia para todos*. Mirandela, João Azevedo Editor, 2009.
- BANCO MUNDIAL. **Turismo Internacional número de arribos**. Disponível em: <http://datos.bancomundial.org/indicador/ST.INT.ARVL>> Acesso em mai 2015.
- BARRADO TIMÓN, D. A. B. Ordenación territorial y desarrollo turístico: Posibilidades, modelos y esquemas de ordenación territorial del turismo en la España de las autonomías. **Estudios turísticos**, n. 149, p. 3-22, 2001.
- BARRADO TIMÓN, D. A.. El papel de la Geografía en la formación de técnicos en turismo. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, n. 7, p. 7–22, 2001.
- BARRETTO, M. História, educação, e cidadania. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 34-43, 1992.
- BARRETTO, M. Interfaces entre turismo e migrações: uma abordagem epistemológica. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 7, p. 1, 2009.
- BARTHÈS, R. "A atividade estruturalista", In: HEUSH, Luc de. **O método estruturalista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- BEDIM, B. P. O espaço capitalista da natureza e seu (contra)uso turístico: a dialética da visitação pública em áreas protegidas – um ensaio teórico. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 75-89, 2007.
- BEIDACK, A. R. S. O Olhar do turista da zona Norte de Londrina—PR. **RA'E GA-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 21, p.139(27), 2011
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 8ª ed. São Paulo: Editora SENAC, 2003.
- BIGNÉ ALCAÑIZ, E., FONT AULET, X., ANDREU SIMÓ, L. **Marketing de destinos turísticos**: análisis y estrategias de desarrollo. Madrid: ESIC, 2000.
- BOISIER, S. **Conversaciones Sociales y Desarrollo Regional**. Editorial de la Universidad de Talca, 2000.
- BONET, A. A. A.; SALOM, M. B. ?Reconversión o desregulación? Análisis de planes de reconversión turístico-inmobiliaria de la playa de Palma (Mallorca). **Cuadernos de Turismo**, v. 29, n. 29, p. 11–34, 2012.
- BOSQUE MARUEL, J. En torno a la Geografía en Andalucía. **Cuadernos Geográficos**, Granada, n. 30, p.11-42 2000.

- BOULLÓN, R. C. **Planejamento do Espaço Turístico**; tradução Joseli Baptista. EDUCS, 2002.
- BOURLON, F.; MAO, P. Las formas del Turismo Científico en Aysén, Chile. **Gestión turística** (Valdivia), n. 15, p. 74–98, 2011.
- BOWEN, J. T. Managing a research career. **International journal of contemporary hospitality management**, v. 17, n. 7, p. 633-637, 2005.
- BRAGA, D. C.; SHIBAKI, V. V. La Avenida Paulista como ícono turístico: su relación con el turismo de negocios de São Paulo (Brasil). **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 19, n. 4, p. 500–515, 2010.
- BRAGA, F. O. A Cartografia Temática para o Turismo no circuito “Águas do Cerrado” - Pontal do Triângulo Mineiro, Brasil. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, v. 2, n. 1, 2011.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. Programa de Regionalização do Turismo. Diretrizes. Brasília: 2013. Disponível em:< [http://www.turismo.gov.br/images/programas_acoes_home/PROGRAMA_DE_REGIONALIZACAO_DO_TURISMO - DIRETRIZES.pdf](http://www.turismo.gov.br/images/programas_acoes_home/PROGRAMA_DE_REGIONALIZACAO_DO_TURISMO_-_DIRETRIZES.pdf)> Acesso em 12 mar 2015.
- BRENNER, L. Aceptación de políticas de conservación ambiental: el caso de la Reserva de la Biosfera Mariposa Monarca. *Economía, Sociedad y Territorio*, v. 9, n. 30, p. 259-295, 2009.
- BRENNER, L. Gobernanza ambiental, actores sociales y conflictos en las Áreas Naturales Protegidas mexicanas. **Revista mexicana de sociología**, v. 72, n. 2, p. 283–310, 2010.
- BRINCKMANN, W. E.; BRINCKMANN, M. N.; MUELLER, D. C. Desarrollo, complejidad y turismo sostenible: el uso del territorio frente a los retos del Siglo XXI. **Papeles de geografía**, n. 51, p. 65–73, 2010.
- BRITTON, S. Tourism, capital, and place: towards a critical geography of tourism. **Environment and planning D: society and space**, v. 9, n. 4, p. 451-478, 1991.
- BROOME, M. E. Integrative literature reviews for the development of concepts. **Concept development in nursing: foundations, techniques and applications**. Philadelphia: WB Saunders Company, p. 231-50, 2000.
- BUHALIS, D, LAW, R. "Progress in information technology and tourism management: 20 years on and 10 years after the Internet—The state of Tourism research." *Tourism management* 29.4 609-62, 2008.
- BURDA, N. A.; MARTINELLI, M. Cartografia e patrimônio arquitetônico: a elaboração do atlas eletrônico do sítio histórico urbano da Lapa (PR). *Ambiência*, v. 8, n. Especial+1, 2012.
- BUTLER, R. (1980). “The Concept of a Tourist Area Cycle of Evolution: Implications for Management of Resources”. *Canadian Geographer*, (24), 5-12.

_____ (Eds) (2011). "Tourism Area Life Cycle". Goodfellow Publishers Limited, Oxford

BUTLER, R. W. Mature tourist destinations: can we recapture and retian the magic? In: VERA REBOLLO, J. F. V. e SÀNCHEZ RODRÍGUEZ, I. (eds). **Renovación y reestructuración de destinos turísticos en áreas costeras: Marco de análisis, procesos, instrumentos y realidades**. Universitat de València, 2012, p.135-162.

BUTLER, R. W. The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources. **The tourism area life cycle**, v. 1, p. 3-12, 2006.

BUTLER. **The concept of a tourist area cycle of evolution**: implications for management of resources. *The Canadian Geographer*, 24, n1, p-5-12, 1980.

CALLE VAQUERO, M. de LA; GARCÍA HERNÁNDEZ, M. Turismo cultural en viaje de grupo organizado: Medina Azahara/Madinat Al-Zahra como referente. **Cuadernos de turismo**, n. 22, p. 79–99, 2008.

CAMARGO, L. H. R. **A ruptura do meio ambiente**: conhecendo as mudanças ambientais do planeta através de uma percepção da ciência: a geografia da complexidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CANDIOTTO, L. P. Elementos para o debate acerca do conceito de turismo rural. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 3-24, 2010.

CÁNOVES, G.; HERRERA, L. e VILLARINO, M. Turismo rural en España: paisajes y usuarios, nuevos usos y nuevas visiones. **Cuadernos de Turismo**, (15), Murcia, 63-76, 2005.

CÁNOVES, G.; HERRERA, L.; CUESTA, L. Turismo rural en Cataluña: condicionantes de la oferta y la demanda. **Investigaciones geográficas**, n. 37, p. 5–26, 2005.

CÁNOVES, G.; VILLARINO, M.; HERRERA, L.; CUESTA, L. Turismo rural en Cataluña y Galicia: algunos problemas sin resolver. *Cuadernos Geográficos*, v. 34, n. 1, p. 111-128, 2004.

CAPES. Documento de Área 2013. Geografia. Disponível em:< http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Geografia_doc_area_e_comiss%C3%A3o_21out.pdf> Acesso em 14 dez 2014.

CAPES. PORTAL DE PERIÓDICOS CAPES. Disponível em: < <http://www.periodicos.capes.gov.br/>> Acesso desde jan. 2013.

CARUSO, Paulo. **Coversaciones con Lévi-Strauss, Foucault y Lacan**. Barcelona: Anagrama, 1969.

CARVALHO, K. D.; GUZMÁN, S. J. M. El turismo en la dinámica territorial ¿ Lógica global, desarrollo local?. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 20, n. 2, p. 441-461, 2011.

CASALS et. al. Scripta Nova em 2012, la edición de revistas científicas y el productivismo em la universidad. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, 2012.

CASTRO, N. A. R. **O lugar do turismo na ciência geográfica**: contribuições teórico-metodológicas à ação educativa. Tese de Doutorado Programa de Pós-

CASTROGIOVANNI, A. C. Lugar, no-lugar y entre-lugar: Los ángulos del espacio turístico. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 16, n. 1, p. 5–25, 2007.

CASTROGIOVANNI, A. C. O Lugar Da Geografia No Entre-Lugar Do Espaço Turístico-Uma Viagem Complexa. IX Coloquio Internacional de Geocrítica, Los problemas del mundo actual. Soluciones y Alternativas desde la Geografía y las Ciencias Sociales. **Scripta Nova**. Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, v. 11, n. 245, 2005

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. O lugar da geografia no entre-lugar do espaço turístico: uma viagem complexa que ainda continua. **Revista Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul (RS), v. 1, 2009.

CAZES, G.; POTIER, F. **Le tourisme urbain**. Paris: Presses universitaires de France, 1996.

CEBRIÁN ABELLÁN, A. El turista rural en Castilla-La Mancha y el sureste: tipología frente a infradotación de servicios en las sierras de Murcia y Albacete. **Cuadernos de turismo**, n. 11, p. 59–81, 2003.

CEBRIÁN ABELLÁN, F. Las aportaciones de las revistas españolas a la Geografía Iberoamericana em el siglo XXI. **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles**. n. 63, p. 519-533, 2013.

CLAVAL, P A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. En: Mendonça, F. y Kozel, S.(Org). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Paraná: EdUfpr, p. 11-43, 2004.

CLAVAL, P. “A volta do cultural” na Geografia. **Revista Mercator**, v. 1, n. 1, 2009.

CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. Tradução Maragareth de C. Afeche Pimenta e Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2011.

CLAVAL, P. Geografia econômica e economia. **GeoTextos**, v. 1, n. 1, 2008.

CNPQ. Plataforma Lattes. Disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/>>.

COLES, T; HALL, M. Editorial: The geography of tourism is dead. Long live geographies of tourism and mobility. **Current Issues in Tourism**, v. 9, n. 4-5, p. 289-292, 2006.

COOK, D. J.; MULROW, C. D.; HAYNES, R. B.. Systematic reviews: synthesis of best evidence for clinical decisions. **Annals of internal medicine**, v. 126, n. 5, p. 376-380, 1997.

- COOPER, C; HALL, C.; TRIGO, L G G. Turismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- CORDEIRO, I.; BENTO, E.; BRITTO, C. Turismo e desenvolvimento sustentável. sustentável: considerações sobre o modelo de resorts no litoral nordeste do Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p.355-369, dez. 2011
- CÓRDOBA Y ORDÓÑEZ, J.; GARCÍA DE FUENTES, A. Turismo, globalización y medio ambiente en el Caribe mexicano. **Investigaciones Geográficas**, Boletín del Instituto de Geografía, UNAM, n. 52, 2003.
- CORRIOLANO, L. N. A exclusão e a inclusão social e o turismo. PASOS. Revista de Turismo y Patrimônio Cultural, v. 3, n. 2, p. 295–304, 2005.
- CORRIOLANO, L. N. M. ; MELLO E SILVA, S. C. B. **Turismo e Geografia: abordagens críticas**. Fortaleza: Ed.UECE, 2005.
- CORRAL MARFIL, J A.; CÀNOVES VALIENTE, G . La investigación turística publicada en revistas turísticas y no turísticas: análisis bibliométrico de la producción de las universidades catalanas. **Cuadernos de Turismo**, 2013.
- CORRAL MARFIL, J A.; CÀNOVES VALIENTE, G La colaboración científica en turismo: grupos y redes de investigación en Cataluña. **Documents d'Anàlisi Geogràfica** 60, 1, 57-86, 2014.
- CORRAL MARFIL, J. A. 2013. Estudio bibliométrico de las actas del Congreso de la Asociación Española de Expertos Científicos en Turismo (AECIT, 1994-2012). **Revista de Análisis Turístico**, 2013.
- CORRAL MARFIL, J. A., SAN EUGENIO VELA, J. D. La investigación de la geografía del turismo en España a través del análisis bibliométrico de las actas del coloquio de geografía del turismo, ocio y recreación (1990-2012). **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles**. n. 63, p. 535-549, 2013.
- CORRAL, J. A. Estudio bibliométrico de las actas del Congreso de la Asociación Española de Expertos Científicos en Turismo (AECIT, 1994-2012). **Revista de Análisis Turístico** 2013.
- CORRÊA, R. L. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. **Espaço e cultura**, n. 1, p. 1-22, 2012.
- CORRÊA, R. L. **Análise crítica de textos geográficos**: breves notas. GEO UERJ Revista do Departamento de Geografia, UERJ, RJ, n. 14, p. 7-18, 2º semestre de 2003.
- CORRÊA, R. L. Entrevista com o prof. Dr. Roberto Lobato Corrêa – UFRJ. Revista Discente Expressões Geográficas. Florianópolis - SC, Nº01, p. 01-14, jun/2005.
- CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná (org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSTA, J. H. Os espaços obscuros da cidade turística: um estudo preliminar na Praia de Ponta Negra em Natal/RN. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 90-97, 2006.

CRAVIDÃO, F.; MARUJO, N. La Geografía En Las Carreras Superiores De Turismo En Portugal. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 22, p. 357–368, 2013.

CROCIA DE BARROS, N. Expansão turística, dinâmica espacial e sustentabilidade das destinações no litoral do Nordeste do Brasil. **Turismo Visão e Ação**, Balneário Camboriú (SC), v. 7, n. 2, p. 241-256, 2005.

CROCIA, N. Análise regional e destinações turísticas: possibilidades teóricas e situações empíricas em geografia do turismo. **Turismo Visão e Ação**, Balneário Camboriú (SC), v. 4, n. 11, p. 9-32, 2002.

CRUZ BÁEZ, Á. D. El clima como recurso turístico de Vieques (Puerto Rico). **Cuadernos de Turismo**, n. 26, p. 91–110, 2010.

CURY, M. J. F.; FRAGA, N. C. Conurbação Transfronteiriça eo Turismo na Tríplice Fronteira: Foz Do Iguaçu (Br), Ciudad Del Este (Py) e Puerto Iguazú (Ar). **Rosa dos Ventos**, v. 5, n. 3, 2013

CHORINCAS, J; MARQUES, I; RIBEIRO, J F. Clusters e políticas de inovação— conceitos, experiências europeias e perspectivas de aplicação a Portugal. **Prospectiva e planeamento**, v. 7, p. 43-104, 2001

DA ROCHA NETO, J Ms; CRAVIDÃO, F D. As disputas territoriais entre distintas atividades econômicas: o processo de “desturistificação” de Porto de Galinhas frente ao Complexo Portuário de SUAPE/PE. **PASOS**, v. 13, p. 113, 2015.

DAVENPORT, T. H., PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial**. Rio de Janeiro: Campus: 1998.

DE MASI, D. **O futuro do trabalho**: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. Brasília: José Olímpio, 2000.

DE OLIVEIRA, J. P., TRICÁRIO L. T., PIRES, P.S. E TOMASULO, S. Estrada-Parque, Paisagem e Turismo: um estudo do litoral sul de Balneário Camboriú–SC, Brasil1. **PASOS**. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, v. 10, p. 3, 2012.

DE OLIVEIRA, Lívía. **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. Studio Nobel, 1996.

DELGADO VIÑAS, C.; GIL DE ARRIBA, C.; HORTELANO MÍNGUEZ, L. A.; PLAZA GUTIÉRREZ, J. I. Turismo y desarrollo local en algunas comarcas de la montaña cantábrica: recursos y planificación. **Cuadernos de Turismo**, n. 12, p. 7–34, 2003.

DIAS, R. **Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.

DÍAZ-CARRIÓN, I. A. Mujeres y mercado de trabajo del turismo alternativo en Veracruz. **Economía, Sociedad y Territorio**, v. 13, n. 42, p. 351–380, 2013.

DINIZ, A. M. A.; VERSIANI, L. B. A demanda doméstica e internacional do produto turístico Ouro Preto e seus limites temporais e espaciais. **Turismo Visão e Ação**, Balneário Camboriú (SC), v. 8, n. 1, p. 91-104, 2006.

DOMARESKI RUIZ, T. C.; MIKI, A F C; GÂNDARA, J M.G. A geografia econômica evolutiva como perspectiva de análise da dinâmica dos destinos turísticos. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 14, n. 3, p. 315-336, 2014.

DOS SANTOS, N P. Turismo, gestão e território. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 14, 1, 66-86, 2014.

DURÀ GUIMERÀ, A. ; OLIVERAS GONZÀLEZ, Xavier; VILLANUEVA MARGALEF, Maria. Vint-i-cinc anys de difusió de la recerca geogràfica: anàlisi bibliomètrica de la revista Documents d'Anàlisi Geogràfica. **Doc. Anàl. Geogr**, v. 50, p. 29-50, 2007.

ETNOLOGUE. **Language size. 2015**. Disponível em:<
<https://www.ethnologue.com/statistics/size>> Acesso em

FARIA, I. F. Ecoturismo: etnodesenvolvimento e inclusão social no Amazonas. PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, v.3., n.1, p. 63-77, 2005.

FEO PARRONDO, F. Los campings en España. **Cuadernos de Turismo**, n. 11, p. 83–96, 2003.

FEO PARRONDO, F. Los campos de golf en España y sus repercusiones en el sector turístico. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, enero-junio, n.7, 2001.

FEO PARRONDO, F. Turismo gastronómico en Asturias. **Cuadernos de Turismo**, n. 15, p. 77–96, 2005.

FERNANDES, D. S.; SOUZA, J. A. A. Entre trapiches, trilhas e vilas: organização comunitária e práticas sustentáveis no Distrito de Mosqueiro, PA, Brasil. Special Issue-Número Especial Tradition and Modernity in Tourism Issues Tradición y Modernidad en Turismo, **PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural** v. 9, n. 3, 2011.

FIGUEIREDO, N. P.; COSTA, E. A.; PAULA, B. L. Os elementos do espaço turístico da fronteira Brasil-Bolívia. **RA'E GA-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 21, p. 105-138, 2011.

FLORES, L. C. S.; MENDES, J. C.. Perspectivas do destino turístico: repensando o sentido do conceito. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 8, n. 2, p. 222-237, 2014.

FRATUCCI, A. C. Refletindo sobre a gestão dos espaços turísticos: perspectivas para as redes regionais de turismo. **Revista Turismo em Análise**, v. 20, n. 3, p. 391-408, 2009.

FUNARI, P.; PINSKY, J. **Turismo e patrimônio cultural**. Contexto, 2001.

- GALVÃO, C. M.; SAWADA, N. O.; TREVIZAN, M. A. REVISÃO SISTEMÁTICA. *Rev Latino-am enfermagem*, v. 12, n. 3, p. 549-56, 2004.
- GÂNDARA, J. M.; HACK N, E. [Re] vista: ?` Como nos mostramos? Como nos mostram? Un estudio de caso sobre la difusión mediática del turismo en Brasil y en Foz do Iguazu (Brasil). **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 20, n. 3, p. 658–672, 2011.
- GÂNDARA, J.M.G. Reflexões sobre o turismo gastronômico na perspectiva da sociedade dos sonhos. In: PANOSSO NETTO, A.; ANSARAH, M. G. R. **Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspeftivas**. São Pualo: Manole, 2009.
- GARCÍA MANRIQUE, E. Los espacios turísticos del litoral andaluz. **Cuadernos geográficos**, Granada, n. 30, p. 43–76, 2000.
- GARCÍA MARÍN, R. Turismo y desarrollo rural en la comarca del Noroeste de la Región de Murcia: los programas europeos LEADER. **Cuadernos de Turismo**, n. 27, p. 419–435, 2011.
- GARCÍA PASCUAL, F. Los desequilibrios territoriales del turismo en la Cataluña de inicios del siglo XXI. *Cuadernos Geográficos*, n. 34, p. 55-81, 2004.
- GARCÍA ZARZA, E. El Turismo Cultural en Castilla y León: el caso singular de “Las Edades del Hombre”. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, n. 10, p. 23–68, 2002.
- GIBSON, C. Geographies of Tourism: Internationalizing Geography?. **Progress in Human Geography**, v. 32, n3, pp.407-422, 2008.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4^o ed. São Paulo, Atlas, 2007.
- GIL, A. C.; OLIVA, E. C; SILVA, E. C. Turismo e regionalidade. **Turismo Visão e Ação**, Balneário Camboriú (SC), v. 11, n. 1, p. 92-111, 2009.
- GILL, A. Travelling down the road to postdisciplinarity? Reflections of a tourism geographer. **The Canadian Geographer/Le Géographe canadien**, v. 56, n. 1, p. 3-17, 2012.
- GOELDNER, C R.; RITCHIE, JR B; MCINTOSH, R W. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. Trad. Roberto Cataldo Costa, v. 8. Porto Alegre: Bookman,2002.
- GOMES RAMOS, R.; REIS LOPES, W. G. Proposta metodológica de avaliação qualitativa de corredores turísticos: considerações sobre o trecho da rodovia BR 343 entre Teresina e o litoral do Piauí, Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 13, n. 1, 2013
- GOMES RAMOS, R.; REIS LOPES, W.G. Zonificación turística de la región centro-norte del estado de Piauí (Brasil): Aplicación de la teoría del espacio turístico de Roberto Boullón. *Estudios y perspectivas en turismo*, v. 21, n. 2, p. 417–435, 2012.

GOMES, P. da C. **Geografia e modernidade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GÓMEZ SCHETTINI, M.; ALMIRÓN, A.; GONZÁLEZ BRACCO, M. La cultura como recurso turístico de las ciudades: El caso de la patrimonialización del tango en Buenos Aires, Argentina. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 20, n. 5, p. 1027-1046, 2011.

GONZÁLEZ HERRERA, M.; PALAFOX MUÑOZ, A. Producción del espacio turístico en ambientes sensibles. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 15, p. 149–178, 2006.

GONZÁLEZ PIZARRO, J. A. Geografía del desierto y turismo de la naturaleza. La revista En Viaje y la mirada sobre el paisaje nortino. **Revista de Geografía Norte Grande**, v. 54, p. 219–239, 2013.

GONZÁLEZ, R. C. L.; LOPEZ, L. El Camino de Santiago: una aproximación a su carácter polisémico desde la geografía cultural y el turismo. *Documents d'anàlisi geogràfica*, v. 58, n. 3, p. 459–479, 2012.

GRIZIO, E. V.. O turismo na ótica geográfica. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 33, n. 1, p. 97-105, 2011.

GUILLAUMON, S. Gestão de turismo, cultura e identidades religiosas: ensaio de um novo conceito com base na compreensão do território. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 2011.

GUIMARÃES, V. M. Encontros turísticos: reflexões sobre o turismo através da subjetividade do turista. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, Juiz de Fora (MG), v. 2, n.1, p.55-64, 2012.

HAESBAERT, R. Definindo Território para entender a Desterritorialização. Em: **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade**. p.35-98. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. **Regional-global**: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HALL, C. . Reconsidering the geography of tourism and contemporary mobility. **Geographical Research**, v. 43, n. 2, p. 125-139, 2005.

HALL, C. M. Framing tourism geography: Notes from the underground. **Annals of Tourism Research**, v. 43, p. 601-623, 2013.

HALL, C. M. Publish and perish? Bibliometric analysis, journal ranking and the assessment of research quality in tourism. **Tourism Management**, v. 32, n. 1, p. 16-27, 2011.

HALL, C. M.; PAGE, S. J. Progress in Tourism Management: From the geography of tourism to geographies of tourism—A review. **Tourism Management**, v. 30, n. 1, p. 3-16, 2009.

- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. Edições Loyola, 1994.
- HIERNAUX NICOLAS, D. Geografía del Turismo. In: HIERNAUX, D e LINDÓN, A. (eds.). Tratado de Geografía Humana. Barcelona: Antropos, 2007., p. 401-432.
- HIERNAUX NICOLAS, D. La promoción inmobiliaria y el turismo residencial: el caso mexicano. **Scripta Nova. Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 9, n. 194, p. 05, 2005.
- HIERNAUX NICOLAS, D; LINDON, A. Desterritorialización y reterritorialización metropolitana. In: **Documents d'analisi geografic**ap. 071-88. 2004.
- HIERNAUX. NICOLAS, D. El giro cultural y las nuevas interpretaciones geográficas del turismo. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, n. 23, p. 177-187, 2008.
- HOLDERBAUM, B. S.; OLAGUE DE LA CRUZ, J. T.; SILVA LEMOS, A. El nivel de calidad de núcleos turísticos urbanizados del turismo de masa y la propuesta de ciudad turística: El Caso de la Urbanización El Veril (Gran Canaria) España. *Estudios y perspectivas en turismo*, v. 21, n. 6, p. 0–0, 2012.
- HORODYSKI, G. S.; NITSCHKE, L. B. ; OLIVEIRA, D. M. ; BIESEK, A. S. Gaston bachelard e o espaço poético: contribuições para a geografia e o turismo. **Ra'e Ga O Espaço Geográfico em Análise**, Junho, 22, p.74, 2011
- HUERTA GARCÍA, M. A.; SÁNCHEZ CRISPÍN, Á. Evaluación del potencial ecoturístico en áreas naturales protegidas del municipio de Santa María Huatulco, México. **Cuadernos de Turismo**, n. 27, p. 541–560, 2011.
- HUNTER, C. Sustainable Tourism as an Adaptive Paradigm. *Annals of Tourism Research*, V. 24, N. 4, p. 850-867, 1997.
informacional. São Paulo: Hucitec, 1997.
- IRMA, G.; CERES, B. Turismo, biodiversidad y academia ?` Una opción para la extensión universitaria? el caso de la Universidad de Los Andes, Mérida-Venezuela. **Revista Geográfica Venezolana**, v. 47, n. 1, p. 119–136, 2006.
- IVARS BAIDAL, J A et al. Nuevos enfoques en gestión turística: el Programa de Agrupaciones Empresariales Innovadoras en España. **Boletín de la Asociación de Géógrafos Españoles**, n. 66. P-369-395, 2014.
- IVARS BAIDAL, J A. ; SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, I.; VERA REBOLLO, J. F.. The evolution of mass tourism destinations: New approaches beyond deterministic models in Benidorm (Spain). **Tourism Management**, v. 34, p. 184-195, 2013.
- IVARS, BAIDAL, J. A. **Planificación turística de los espacios regionales en España**. Valência: Editora Síntesis, 2003.
- JAMAL, T; SMITH, B; WATSON, El. Ranking, rating and scoring of tourism journals: Interdisciplinary challenges and innovations.**Tourism Management**, v. 29, n. 1, p. 66-78, 2008.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Imago Editora, 1976.

JASSO, Jessica Mariana Sánchez; ABELLÁN, Francisco Cebrián. nature tourism in protected areas of mexico; a proposal for conservation, use and local development in the Nevado De Toluca. **Cuadernos de Turismo**, n. 36, p. 491, 2015.

JOVER MARTÍ, F. J. Turismo en El Salvador: el reto de la consolidación de un destino emergente. **Cuadernos de Turismo**, n. 27, p. 561–583, 2011.

JUAN PÉREZ, J. I., MONROY GAYTÁN, J. F., GUTIÉRREZ CEDILLO, J. G., NÉMIGA, X. A. e BALDERAS, M. Á. P. Los sistemas de barrancos mexicanos, un recurso potencial para el turismo alternativo. El caso de los Barrancos del río Calderón, Estado de México. *El Periplo Sustentable*. n. 17, p.31-54, 2009.

JURADO ALMONTE, J. M. El turismo accesible en Andalucía y Portugal. **Cuadernos de Turismo**, v. 33, p. 121-150, 2014.

KIYOTANI, I. B.;LIMA, E.R.V. Paisaje y medioambiente: Las transformaciones ocasionadas por el turismo de segundas residencias en las playas de Jacumã, Carapibus y Tabatinga (Conde/PB, Brasil). *Estudios y perspectivas en turismo*, v. 21, n. 1, p. 141–158, 2012.

KNAFOU, R. Turismo e território. Por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, A. B. (org.) **Turismo e Geografia** – reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1999.

KÖRÖSSY, N; DIAS E CORDEIRO, I; SIMÕES, J. M. La génesis de las ciudades turísticas: Un Análisis del proceso de urbanización turística de Portimão (Portugal). *Estudios y perspectivas en turismo*, v. 23, n. 1, p. 176-189, 2014.

LACOSTA ARAGÜES, A. J. La configuración de nuevos destinos turísticos de interior en España a partir del turismo activo. *Cuadernos Geográficos*, v. 34, n. 1, p. 11–31, 2004.

LAGUNAS ARIAS, D. El espacio del turismo. **Alteridades**, v. 16, n. 31, p. 119–129, 2006.

LANGRIDGE, D. **Classificação**: abordagem para estudantes de biblioteconomia. *Interciência*, 1977.

LARROSA ROCAMORA, J. A. El palmeral de Elche: patrimonio, gestión y turismo. **Investigaciones geográficas**, nº 30, 2003; pp. 77-96, 2003.

LARRUBIA VARGAS, R. L.; LUQUE GIL, A. M. Las estaciones termales en andalucía: de la explotación tradicional a la configuración de un nuevo producto turístico integral. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, n. 10, p. 101–122, 2002.

LEFEBVRE, H. **A cidade do capital**. Tradução Maria Helena Rauta Ramos e Marilene Jamur. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**; tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2000.

- LEFF, E. “**Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder”. Vozes, Rio de Janeiro, 2001.
- LEIS, H. R. **Sobre o conceito de interdisciplinaridade**. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*. Florianópolis, n.º. 73, agosto, 2005.
- LONDOÑO, M. del P. L. La diversificación del destino turístico a través del turismo gastronómico: el caso de Vilanova i la Geltrú (Barcelona). **Pasos Revista de Turismo e Patrimônio Cultural**, v. 9, p. 15, 2011a.
- LONDOÑO, M. Del P. L. Las “Tienda Granja” como escenarios de promoción de la gastronomía local y sus posibilidades asociadas al turismo. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 20, p. 908–928, 2011b.
- LÓPES BONILLA, J. M.; LÓPES BONILLA, L. M. Diferencias territoriales en la planificación y la gestión del destino turístico. **Cuadernos de Turismo**, v. 19, p. 71–90, 2007.
- LÓPES CUQUEJO, Á. Agricultura, turismo y recursos hídricos en el Levante almeriense. **Papeles de geografía**, Murcia, n. 35, p. 211–226, 2002.
- LÓPES JÚNIOR, W. M. Contribuição Geográfica Ao Estudo Do Turismo. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, v. 10, n. 22, p. 137–145, 2011.
- LOPES JUNIOR, W. M. Estudo preliminar da modalidade de turismo e da infraestrutura instalada no litoral da região norte fluminense como subsídio ao planejamento turístico. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 384-399, 2013.
- LOPES JUNIOR, W. M. Geografia urbana e as novas centralidades como subsídio as pesquisas em cidades turísticas. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 168-177, 2014.
- LÓPEZ OLIVARES, F. et al. La investigación de la Geografía del Turismo en las comunidades autónomas españolas. Orígenes, desarrollo y perspectivas de una disciplina en el horizonte de la Geografía. 2010.
- LÓPEZ PALOMEQUE, F. La ley del turismo de Cataluña, un nuevo instrumento en la evolución de la política turística. *Cuadernos Geográficos*, v. 34, n. 1, p. 33–53, 2004.
- LOPEZ PALOMQUE, CÂNOVES VALIENTE, G. (eds). **Turismo y Territorio** Innovación, renovación y desafíos. Valência: Tirant Humanidades, 2014.
- LOZOYA, J. A. Diez años del CIDEU. *In: 10 años de Planificación Estratégica en Iberoamérica*. Barcelona: CIDEU, 2010.
- LÚQUEZ, P.; LÓPEZ, L.; BLANCHARD, R.; SÁNCHEZ, M. La fotografía: una experiencia para el aprendizaje de la geografía turística y la promoción del turismo en el Zulia. **Revista de Artes y Humanidades UNICA/Año**, v. 7, n. 16, 2006.
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- MANERO MIGUEL, F. En defensa de la identidad difuminada: estrategias de creatividad y promoción turística en ciudades medias. El caso de Castilla y León. **Investigaciones Geográficas** (Esp), n. 56, p. 31-47, 2011.
- MANOSSO, F. C.; SALOMÉ, M. V.; CARVALHO, A. T. Turismo rural na região norte do Estado do Paraná: conceito e prática. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 10, n. 1, p. 24-35, 2010.
- MARIANI, M. A. P. Percepção dos turistas e moradores do município de Bonito: o lugar, os sujeitos e o turismo. **Turismo Visão e Ação**, Balneário Camboriú (SC), v. 4, n. 11, p. 47-60, 2002.
- MARÍN HERNÁNDEZ, J. J.; VIALES HURTADO, R. Turismo y ambiente en la “Perla” del Pacífico. Una relación de ansias y desencuentros. 1946-1980 **Diálogos Revista Electrónica de Historia**,. 151-205 ,2012
- MARQUES, F. Os limites do índice-h. **Pesquisa Fapesp**, n.207, p.35-39, 2013. Disponível em:<<http://revistapesquisa.fapesp.br/2013/05/14/os-limites-do-índice-h/>>. Acesso em: ..06 jan 2014.
- MÁRQUEZ, J. A. El turismo de la región Onubense-Algavi. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, n. 5, enero-junio, p. 69-86, 2000.
- MARTÍNEZ PUCHE, A. El cine como soporte didáctico para explicar la evolución del viaje y la actividad turística. **Cuadernos de Turismo**, n. 22, p. 145-163, 2008.
- MARUJO, M.; CRAVIDÃO, F. Turismo e Lugares: uma visão geográfica. **PASOS–Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 10, n. 3, p. 281–288, 2012.
- MASCARENHAS, G. Cenários contemporâneos da urbanização turística. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 4, n. 4, p. 1–11, 2004.
- MCKERCHER, Bob. A citation analysis of tourism scholars. **Tourism Management**, v. 29, n. 6, p. 1226-1232, 2008.
- MENDIVELSO, J. C.; RIVAS, D. S. Institucionalización del turismo internacional en la zona cafetera del departamento de Quindío, Colombia (2000-2010): aspectos político-económicos, actores centrales y mercado laboral. **Cuadernos de Geografía-Revista Colombiana de Geografía**, v. 20, n. 1, p. 65-84, 2011.
- MENDONÇA, F. Geografia socioambiental. In: MENDONÇA, F e KOZEL, S. (orgs.) **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Editora UFPR, 2004.
- MINGUEZ GARCÍA, M^a del C *et al.* BIG-Turismo: una herramienta para la enseñanza de la geografía en el grado de turismo. **RED-Revista de Educación a Distancia**, v. 15, n. 44, 2014.
- MINTZBERG, H. **Administrando governos, governando administrações**. **Revista do Serviço Público**, v. 49, n. 4, p. 148-164, Out-Dez 1998.

MITCHELL, L. S.; MURPHY, P. E. Geography and tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 18, n. 1, p. 57–70, 1991.

MONTAÑO ARANGO, O., CORONA ARMENTA, J. R., GARNICA GONZÁLEZ, J., NICCOLAS MORALES, H., MARTÍNEZ CASTELÁN, P. e ORTEGA REYES, A.O. Modelo sistémico para la conformación de un cluster turístico regional de naturaleza sustentable. *Economía, Sociedad y Territorio*, v. XII, n. 39, p. 493-525, 2012.

MOO CANUL, M de L ; SANTANDER BOTELLO, L C S. Las Ecoetiquetas en el Turismo Sustentable. **El Periplo Sustentable**, n. 26, p. 102-125, 2014.

MOREALES MAYOBRE, M. B. La importancia de la enseñanza de la Geografía en las carreras de Turismo. **El Periplo Sustentable**, n. 10, p. 45–57, 2005.

MORENO GIL, S.; PICAZO PERAL, P.; Difusión de la investigación científica en revistas de turismo realizada por instituciones españolas. **Revista de Análisis Turístico**, n. 14, p. 33-52, 2012.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MOURA GOMES, M.; OLIVEIRA, C. D.M. As festas de Nossa Senhora da Conceição ea encenação da paixão de Cristo: desafios ao lugar do patrimônio imaterial e turístico em Pacatuba (CE). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.6, n.3, ago/out-2013, pp.674-691.

MUGNAINI, R; JANUZZI, P. M; QUONIAM, L. **Indicadores bibliométricos da produção científica brasileira: uma análise a partir da base Pascal**. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 123-131, maio/ago. 2004.

MUÑOZ, M.; PÉREZ, L.; SANHUEZA, R.; URRUTIA, R; ROVIRA, A. Los paisajes del agua en la cuenca del río Baker: bases conceptuales para su valoración integral. **Revista de Geografía Norte Grande**, n. 36, p. 31–48, 2006.

MURTA, I.B.D.; ARAÚJO, L. C. D.; CAMPOS, J.G.; GONTIJO, B. M. Nueva territorialidad: Caso São Bartolomeu (Mina Gerais)-Brasil. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 18, n. 4, p. 362–380, 2009.

NAISBITT, John. **Paradoxo global quanto maior a economia mundial, mais poderosos são os seus protagonistas menores: nações, empresas e indivíduos**. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

NAVARRO FLORIA, P.; VEJSBERG, L. El proyecto turístico bariloicense antes de Bustillo: entre la pre historia del Parque Nacional Nahuel Huapi y el desarrollo local. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 18, n. 4, p. 414–433, 2009.

NEVES, K.F.T.V. De cabaré a espaço cultural: um olhar geográfico sobre o patrimônio histórico de Ilhéus-BA a partir do estudo do caso Bataclan. **GeoTextos**, v. 5, n. 1, 2009.

- NIÑO GUTIÉRREZ, N. S. N. Ambiente de la Isla Roqueta de Acapulco, Guerrero, México. n. 14. **El Periplo Sustentable**, p.5-25, 2008.
- NITSCHKE, L. B. Compreendendo a comunidade do Guajuvira, em Araucária, Paraná (PR), Brasil e sua interação com o turismo, sob uma perspectiva cultural. *Turismo e Sociedade*, Curitiba, v. 4, n.1, p. 32-50, 2011.
- NITSCHKE, L. B. Por um turismo para as comunidades locais. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 713-717, 2013.
- NOIA, A. C. História, Identidade Local e Turismo: Reflexões sobre a cidade de Ilhéus-BA a partir da segunda metade do século XIX. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 7, n. 2, p. 2007.
- OBIOL MENERO, E. M. Marcas turísticas y territorio. Un análisis geográfico del turismo valenciano. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, n. 9, p. 85–101, 2002.
- OBIOL MENERO, E. M. O.; CANÓS BELTRÁN, H. Turismo, territorio y medio ambiente en Morella. Del PGOU (1986) a la Agenda 21 local (2000). **Investigaciones geográficas**, Alicante, n. 26, p. 81–100, 2001.
- OLIVEIRA NETO, A. F.; GARCIA, D. S. Cidade imaginárias: a imagem da cidade e seus elementos. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 5, n. 10, p. 7–13, 2006.
- OLIVEIRA SILVA, K.; DA FONSECA, M. A. P. A produção de residência secundária no litoral oriental Potiguar-turismo e capital imobiliário. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 10, n. 1, p. 50–63, 2010.
- OLIVEIRA, C. D.M. Carnavalização e complexidade turística: Formação de paisagens rituais em Eventos no Estado do Ceará. **RA'E GA-O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 16, p.37-46, 2008.
- OLIVEIRA, C. D.M. Festas populares religiosas e suas dinâmicas espaciais. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, v. 6, n. 11, p. 23-32, 2007.
- OLIVEIRA, C. D.M. Turismo geoeducativo e integração municipal no Ceará. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 41-51, 2007.
- OMT – Organização Mundial do Turismo. *Turismo en Iberoamérica: Panorama Actual*, Uruguay, 2006.
- OMT – Organização Mundial do Turismo. *Turismo en Iberoamérica: Panorama Actual*, 2010.
- OMT – Tourism Highligts. 2015 Edition. Disponível em:< <http://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284416899>> Acesso em mai 2015.
- OMT. **Educando os educadores em turismo**. São Paulo: Roca, 2001.
- OMT. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**, trad. Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2003.

OMT. **Introdução à metodologia da pesquisa em turismo**. São Paulo: Roca, 2005.

OROPEZA, M.; CAMARGO, C. A. Determinación de las potencialidades y restricciones en el aprovechamiento de los recursos turísticos en la Parroquia Diego de Lozada, Municipio Florencio Jiménez, Estado Lara, Venezuela. *Terra Nueva Etapa*, v. 22, n. 31, 2006.

OROZCO ALVARADO, J.; NÚÑEZ MARTÍNEZ, P. Las teorías del desarrollo. En el análisis del turismo sustentable. **InterSedes**, v. 14, n. 27, 2013.

OTERO URIETA, A. La Importancia de la Visión de Territorio para La Construcción de Desarrollo Competitivo de los Destinos Turísticos. **Cuadernos de Turismo**, n. 19, pp. 91-104, 2007.

PACHECO, L. D. N.; OLIVEIRA, J. P. A percepção da paisagem no turismo do campo de golfe Comandatuba Ocean Course na ilha de Comandatuba, BA. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 11, n. 3, p. 341–354, 2011.

PADILLA Y SOTELO, L. S.; LUNA MOLINER, A. M. Percepción y conocimiento ambiental en la costa de Quintana Roo: una caracterización a través de encuestas. **Investigaciones Geográficas**, Boletín del Instituto de Geografía, UNAM, n. 52, 2003.

PALMER, A. L.; SESÉ, A.; MONTANO, J. J. Tourism and statistics: Bibliometric study 1998–2002. **Annals of Tourism Research**, v. 32, n. 1, p. 167-178, 2005.

PALOMEQUE, F. L. et al. **Turismo y territorio: innovación, renovación y desafíos**. Tirant Humanidades, 2014.

PANADERO MOYA, M.; GARCÍA GONZÁLEZ, J. A.; PANADERO ALARCÓN, J. D. Paisaje y turismo. El corredor bético de Alcaraz (Albacete). **Cuadernos de Turismo**, v. 27, n. 27, p. 679–700, 2011.

PANADERO MOYA, M.; NAVARRETE LÓPEZ, G. N.; JOVER MARTÍ, F. J. Turismo en espacios naturales: oportunidades en el corredor biológico mesoamericano. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, n. 10, p. 69–83, 2002.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph: 2005.

PAPATHEODOROU, A. Exploring the evolution of tourism resorts. **Annals of Tourism Research**, v. 31, n. 1, p. 219–237, 2004.

PARDO ABAD, C. J. El turismo idiomático en España como potenciador cultural en ciudades patrimoniales: el caso de Salamanca y Alcalá de Henares. **Cuadernos de Turismo**, n. 27, p. 701–723, 2011.

PARK, K *et al.* Hospitality and Tourism Research Rankings by Author, University, and Country Using Six Major Journals The First Decade of the New Millennium. **Journal of Hospitality & Tourism Research**, v. 35, n. 3, p. 381-416, 2011.

PASTOR ALFONSO, M. J. Turismo, cultura y medio ambiente. **Pasos. Revista de Turismo y Patrimônio Cultural**, v. 1, n. 2, p. 145-153, 2003.

PAUL CARRIL, V. ; PAZOS OTÓN, M. O transporte como produto turístico en Galiza: unha análise da oferta actual. **Revista galega de economía: Publicación Interdisciplinar da Facultade de Ciencias Económicas e Empresariais**, v. 18, n. 2, p. 21–48, 2009.

PAÜL CARRIL, V.; ARAÚJO VILA, N. Agroturismo en entornos periurbanos: enseñanzas de la iniciativa holeriturismo en el Parc Agrari del Baix Llobregat (Cataluña). *Cuadernos de Turismo*, n. 29, p. 183–208, 2012.

PEARCE, D G. Toward an integrative conceptual framework of destinations. **Journal of Travel Research**, v. 53, n. 2, p. 141-153, 2014.

PEARCE, D. G. **Geografia do turismo: fluxos e regiões no mercado de viagens**. São Paulo: Aleph, 2003.

PENTEADO, A. R. Turismo e meio ambiente: Uma síntese geográfica. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 12-20, 1992.

PEREIRA SANTOS, P.; CARVALHO VILAR, J. W. Ordenamiento territorial turístico del litoral sergipano (Brasil). **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 22, n. 1, p. 84–101, 2013.

PICAZO PERAL, P. ; MORENO GIL, S. M.; SANTANA, A. A.. Difusão de Pesquisa Científica do Turismo em Portugal. **Revista Turismo em Análise**, v. 26, n. 2, p. 426-450, 2015.

PICAZO PERAL, P. ;MORENO GIL, S. M. Difusión de la investigación científica en turismo. El caso de México. **El Periplo Sustentable: revista de turismo, desarrollo y competitividad**, n. 24, p. 7-40, 2013.

PICAZO PERAL, P.; MORENO GIL, S. Difusión de la investigación científica iberoamericana en turismo. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 22, n. 5, p. 828-853, 2013.

PICAZO PERAL, P.; MORENO GIL, S.; LEÓN-GONZÁLEZ, C. J. Difusión de la investigación científica de turismo en Brasil. **Cultur: Revista de Cultura e Turismo**, v. 6, n. 4, p. 4-36, 2012.

PICAZO PERAL, P; MORENO GIL, S.. Difusión De La Investigación Científica De Turismo En Chile Y Argentina. **Gest. tur.(Valdivia)**, n. 18, p. 9-45, 2012.

PILLÉT CAPDEPÓN, F. P. El paisaje literario y su relación con el turismo cultural. **Cuadernos de Turismo**, v. 33, p. 297-309, 2014.

PINASSI, A. El Marketing Turístico del Patrimonio Cultural como Alternativa de Desarrollo del Centro Histórico de Bahía Blanca (Argentina). Diagnóstico de Situación. *Revista Rosa dos Ventos, Caxias do Sul (RS)*, v. 4, n. 1, p. 59-76, 2012.

PINASSI, A.; ERCOLANI, P. Geografía del turismo: análisis de las publicaciones científicas en revistas turísticas. El caso de

Argentina. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, v. 24, n. 1, p. 213-230, 2014.

PIRES, P. S. Marco teórico-metodológico de los estudios del paisaje: Perspectivas de aplicación en la planificación del turismo. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 20, n. 3, p. 522–541, 2011.

PISCITELLI, A. Viagens e sexo on-line. **Cadernos Pagu**, v. 25, p. 281–326, 2005.

PONCE SÁNCHEZ, M. D. La calidad ambiental como factor competitivo de los destinos tradicionales de sol y playa. **Cuadernos de Turismo**, v. 13, p. 91-105, 2004a.

PONCE SÁNCHEZ, M. D. Percepción del modelo turístico de sol y playa. El caso del Mar Menor. **Papeles de geografía**, n. 39, p. 173-186, 2004b.

PONCE SÁNCHEZ, M. D. Turismo de reuniones en la ciudad de Murcia. Un enfoque desde el tejido empresarial involucrado. **Cuadernos de turismo**, v. 19, p. 105–131, 2007.

PORCAL GONZALO, M. C. Turismo cultural, turismo religioso y peregrinaciones en Navarra. Las Javieradas como caso de estudio. **Cuadernos de Turismo**, v. 18, p. 103–134, 2006.

PORCAL GONZALO; M. C.. El patrimonio rural como recurso turístico. La puesta en valor turístico de infraestructuras territoriales (rutas y caminos) en las áreas de montaña del País Vasco y de Navarra. **Cuadernos de Turismo**, n. 27, p. 759–784, 2011.

PORTILLO, A. Una estrecha relación entre el turismo, la geografía y el mercadeo. **Geoenseñanza**, Venezuela, v. 7, n. 1-2, p. 109–113, 2002.

PRAT FORGA, J. M. Turismo naturista: una apuesta por el turismo marginal. El caso del barrio naturista de Cap D Agde en Francia. **Cuadernos de turismo**, n. 26, p. 201–216, 2010.

PRATS, L. La viabilidad turística del patrimonio. **PASOS–Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 9, p. 249, 2011

PROPÍN FREJOMIL, E. P.; CRISPÍN, Á. S. Tipología de los destinos turísticos preferenciales en México. **Cuadernos de Turismo**, v. 19, p. 147–166, 2007.

PROPIN-FREJOMIL, E.; LÓPEZ-LÓPEZ, Á.; SÁNCHEZ-CRISPÍN, A. Territorios preferenciales de los grupos hoteleros internacionales en América Latina y el Caribe, a principios del siglo XXI. **Investigaciones geográficas**, n. 53, p. 122–140, 2004.

PUBLICAÇÕES DE TURISMO. Disponível em<:<http://www.publicacoesdeturismo.com.br/>> Acesso desde jan 2013.

PUCHE RUIZ, M.; OBIOL MENERO, E. M. Procesos de «re-imageneering» turístico: el eclipse de la identidad local de Valencia. **Cuadernos de Turismo**, n. 28, p. 191–214, 2011.

RANGEL GONÇALVES, P. M. Entre novas matizes e permanências: a emergência do turismo e os simbolismos do Morro da Conceição (RJ). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 29-40, 2013.

REBOLLO, J. F Vera; BAIDAL, J A. I. Measuring sustainability in a mass tourist destination: pressures, perceptions and policy responses in Torre Vieja, Spain. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 11, n. 2-3, p. 181-203, 2003.

REDALYC. Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal Scientific Information System. Disponível em:<
<http://www.redalyc.org/>> Acesso desde jan de 2013.

REINA, D. R. M. *et al.* . Seleção e Análise do Perfil da Produção Científica sobre o tema Seleção de Projetos. **REGE Revista de Gestão**, 21(1), 3-25, 2014.

REJOWSKI, M; KOBASHI, N Y. Subsídios para elaboração de um Tesouro Brasileiro de Turismo. **Revista Turismo em Análise**, v. 22, n. 3, p. 579-598, 2011.

REYES PÉREZ, Ó., VÁZQUEZ SOLÍS, V., REYES HERNÁNDEZ, H., NICOLÁS CARETTA, M. E RIVERA GONZÁLEZ, J. G. Potencial turístico de la región Huasteca del estado de San Luis Potosí, México. *Economía, sociedad y territorio*, 12(38), 249-275, 2012.

REYES PÉREZ, Ó.; SÁNCHEZ CRISPÍN, Á. Metodología para determinar el potencial de los recursos turísticos naturales en el Estado de Oaxaca, México. **Cuadernos de Turismo**, n. 16, p. 153–174, 2005.

REZENDE, D. A.; CASTOR, B. V. J. **Planejamento estratégico municipal: empreendedorismo participativo nas cidades, prefeituras e organizações públicas**. Rio de Janeiro: Brasport, 2005.

RINCÓN, J. H. T. El Territorio Como Factor De Competitividad De Un Destino Turístico. El Caso De La Capital Del Estado De México. **Quivera**, v. 10, n. 2, p. 131–152, 2008.

RIVERA, M. A. & UPCHURCH, R. The role of research in the hospitality industry: a content analysis of the IJHM between 2000 and 2005. *International Journal of Hospitality Management*, vol. 27, n. 4, p. 632-640, 2008.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1997.

ROIG i MUNAR, F. X. Análisis de la relación entre capacidad de carga física y capacidad de carga perceptual en playas naturales de la Isla de Menorca. **Investigaciones geográficas (Esp)**, Alicante, n. 31, p. 107-118, 2003.

- ROIG i MUNAR, F. X. El conocimiento de la Posidonia oceanica y sus funciones ecológicas como herramienta de gestión litoral. La realización de encuestas a los usuarios de playas y calas de la isla de Menorca. **Papeles de geografía**, Murcia, n. 34, p. 271–280, 2001.
- ROJAS LEÓN, A. Sitio y situación de la zona marítimo terrestre del pacífico y caribe costarricense. **Reflexiones**, v. 87, n. 1, 2008, p. 163-176, 2008.
- RULLÁN, O. Los efectos territoriales de las dinámicas globales en unas islas turísticas mediterráneas: las Baleares. **Periplo Sustentable**, núm. 18, enero-junio, pp. 119-160, 2010.
- RUSCHMANN, D. van de M. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. 10ª ed. Campinas-SP: Papyrus, 2003.
- SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI. In: BURSZTYN, M. et al. **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Brasiliense, p. 29-56, 1993.
- SALINAS CHÁVEZ, E. ; ECHARRI CHÁVEZ, M. Turismo y desarrollo sostenible: el caso del centro histórico de la Habana–Cuba. PASOS. Revista de Turismo y Patrimônio Cultural, v. 3, n.1, p. 171-188, 2005.
- SALINAS CHÁVEZ, E.; SULROCA DOMINGUEZ, F. Potencial turístico-recreativo de la agroindustria azucarera cubana. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 19, n. 1, p. 123–138, 2010.
- SAMMARCHI, M. Situación actual del turismo en la Argentina. Cuadernos de Turismo, Murcia, n. 8, p.129-144, 2001.
- SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C.. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Braz. J. Phys. Ther.(Impr.)**, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.
- SÁNCHEZ CRISPÍN, Á. ; PROPIN FREJOMIL, E. Potencial regional del turismo en la zona metropolitana de Tampico, México. **Cuadernos geográficos**, n. 37, p. 153–184, 2005.
- SÁNCHEZ CRISPÍN, Á.; LÓPEZ LÓPEZ, Á.; PROPIN FREJOMIL, E. Estructura territorial del turismo en la Zona Metropolitana de Monterrey, México. **Investigaciones geográficas**, n. 58, p. 80–105, 2005.
- SÁNCHEZ CRISPÍN, Á.; LÓPEZ LÓPEZ, Á.; PROPIN FREJOMIL, E. Estructura territorial del turismo en la Zona Metropolitana de Monterrey, México (parte B). **Investigaciones geográficas**, n. 58, p. 80–105, 2005.
- SÁNCHEZ CRISPÍN, Á.; MOLLINEDO BELTRÁN, G.; PROPIN FREJOMIL, E. Estructura territorial del turismo en Guatemala. **Investigaciones geográficas (Mx)**, n. 78, p. 104–121, 2012
- SANTANDER BOTELLO, L. C. ; PROPIN FREJOMIL, E. Impacto ambiental del turismo de buceo en arrecifes de coral. **Cuadernos de Turismo**, v. 24, p. 207-227, 2009.

SANTOS PAVÓN, E. L. ; FERNANDÉZ TABALES, A. El litoral turístico español en la encrucijada: entre la renovación y el continuismo. **Cuadernos de turismo**, v. 25, p. 185–206, 2010.

SANTOS, C. O planejamento do espaço turístico na escala local. **Patrimônio: Lazer e Turismo**, Santos (SP), v. 5, n. 1, 2008.

SANTOS, G. E. de O.; REJOWSKI, M. Comunicação científica em turismo no Brasil: Análises descritivas de periódicos nacionais entre 1990 e 2012. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 7, n. 1, p. 149-167, 2013.

SANTOS, L. J. C. Pesquisa em Turismo na Geografia. UFPR. Curitiba, 12 mar 2010. Entrevista.

SANTOS, M. **A Natureza do espaço** – Técnica e tempo razão e emoção. ISBN: 978-85-314-0713-0. 4ª Edição, 4ª Reimpressão (1996). São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, M. Por uma outra globalização—do pensamento único ao pensamento universal. **Rio de Janeiro, Record**, 2002.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 4ª ed. São Paulo: Hucitec: 1998.

SANZ-IBÁÑEZ, Cinta; ANTON CLAVÉ, Salvador. The evolution of destinations: towards an evolutionary and relational economic geography approach. **Tourism Geographies**, v. 16, n. 4, p. 563-579, 2014.

SARANIEMI, S; KYLÄNEN, M. Problematizing the concept of tourism destination: An analysis of different theoretical approaches. **Journal of Travel Research**, 2010.

SARFATI, G.; NANAE SANO, N. O turismo antártico e a ameaça da tragédia dos comuns. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 12, n. 3, p. 364–383, 2012.

SCHEUER, L.; BAHL, M. Sazonalidade do turismo no município de Guaratuba, Paraná, Brasil. **RA'E GA-O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 23, p.289-316, 2011.

SCHROEDER, R. V.; FORMIGA, N.. Oportunidades para el desarrollo local: el caso del Sudoeste Bonaerense (Argentina). **Cuadernos de Geografía**, v. 20, [s.d.]. 2011

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª edição revista e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

SICILIA MUÑOZ, R. A. El corredor turístico Loreto-Nopoló-Puerto Escondido, Baja California Sur, en el contexto de los centros integralmente planeados. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, n. 5, p. 53–68, 2000.

SIMANCAS CRUZ, M. El fracaso de la renovación de áreas turísticas consolidadas de litoral a través de la sustitución de la oferta de alojamiento obsoleta: la experiencia de las Islas Canarias. **Cuadernos de Turismo**, n. 27, p. 875–906, 2011.

- SOLHA, K. T.; JACON, M. do C. M. Evaluación de revistas científicas electrónicas brasileñas de turismo: Desafíos en la búsqueda de calidad. **Estudios y perspectivas en turismo**, Buenos Aires, v. 19, n. 2, p. 182-200, 2010.
- SOLLER, J. M.; CASTROGIOVANNI, A. C. Geografia e turismo: caminhos e desafios para a complexa leitura do patrimônio de Garopaba (SC). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 198-214, 2014.
- SOTILLI GARCIA, D. S.; BAHL, M. As contribuições da nova geografia cultural na atividade turística. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 23-44, 2011.
- SOUZA, E. A. L. Relación ciudad-campo y turismo rural: Ensayos teórico-metodológicos. *Estudios y perspectivas en turismo*, v. 21, n. 1, p. 1–19, 2012.
- SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D da; CARVALHO, Rachel de. Integrative review: what is it? How to do it?; Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein* (São Paulo), v. 8, n. 1, 2010
- STIGLIANO, B V.; RIBEIRO, H.; BITTENCOURT CÉSAR, P. A. Paisagem Cultural e Sustentabilidade: Subsídios para Políticas Públicas e Planejamento do Turismo. *Turismo em Análise*, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 632-650, 2011.
- STREGLIO, C. F. C.; OLIVEIRA, I. J. Parques urbanos de Goiânia-GO: papel social e potencial turístico. *Ra'e Ga – O Espaço Geográfico em Análise*, Curitiba, v. 23, p.317-339, 2011.
- SUCHET, A.; JORAND, D.; TUPPEN, J. La diversificación de la oferta turística en las estaciones de media montaña: el caso de la Chapelle en los Alpes franceses del Norte. **Cuadernos de Turismo**, n. 28, p. 215–226, 2011.
- SWARBROOKE, J. Turismo sustentável, vol.1. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Aleph:2000.
- TARLOMBANI DA SILVEIRA, M. A. Turismo y sustentabilidad: Entre el discurso y la acción. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 14, n. 3, p. 222–238, 2005.
- TELLES, D. H. Q.; GÂNDARA, J. M. G. Desenvolvimento do turismo e questões socioambientais na Vila de Encantadas, Ilha do Mel-PR: uma análise a partir da perspectiva da sociedade local. **Turismo Visão e Ação, Balneário Camboriú** (SC), v. 11, n. 1, p. 23-40, 2009.
- TELLES, D. H. Q; VALDUGA, V. Revisitando o espaço turístico a partir da multiescalaridade territorial. XI Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo. **Anais**. Fortaleza: 2014.
- TRAMONTIN, R. G. M.; GÂNDARA, J. M.G. Producción y transformación territorial: La gastronomía como atractivo turístico. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 19, n. 5, p. 776–791, 2010.

- TRAVASSOS, L. E. P.; BATELLA, W.B. Espacializando a importância da caverna de Postojna (Postojnska Jama) para o turismo ao longo da história Eslovena. *Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas*, Campinas (SP), v. 3, n. 1, p. 11-19, 2010.
- TRESSERAS, J. J. Rutas e Itinerários Culturales en Iberoamérica. *Patrimonio Cultural y Turismo*, vol. 15, 20_.
- TRIGO, L. G. G. A sociedade pós-industrial e o profissional do turismo. Campinas: Papirus, 1998.
- TUAN, Y. F. Espaço e lugar. São Paulo: Difel, 1983.
- TULIK, O. Turismo e meio ambiente: Identificação e possibilidades da oferta alternativa. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 21-30, 1992
- TULIK, O. Turismo e repercussões no espaço geográfico. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 63-77, 1990.
- URRY, J. **O olhar do turista**: viagens e lazer na sociedade contemporânea. São Paulo: Studio Nobel/Sesc, 1996.
- VALLS, J-F. **Gestão integral de destinos turísticos sustentáveis**; trad. Cristiano Vasques e Liana Wang. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- VARGAS ULATE, G. Turismo y espacios naturales protegidos en Costa Rica: enfrentamiento o concertación. **Revista de ciencias sociales**, n. 123, p. 49–78, 2009.
- VÁZQUEZ SOLÍS, V.; PROPIN FREJOMIL, E. Las relaciones regionales de la economía turística en Bahías de Huatulco, Oaxaca. **Investigaciones geográficas**, n. 55, p. 43–163, 2004
- VERA REBOLLO, J. F (coord.). et. al. **Análisis territorial del turismo**. Barcelona: Ariel, 1997.
- VERA REBOLLO, J. F (coord.). et. al. **Análisis territorial del turismo y planificación de destinos turísticos**. Valencia: Tirant Lo Blanch, 2011.
- VERA REBOLLO, J. F V. e SÀNCHEZ RODRÍGUEZ, I. (eds). **Renovación y reestructuración de destinos turísticos en áreas costeras: Marco de análisis, procesos, instrumentos y realidades**. Universitat de València, 2012, p.135-162.
- VERA REBOLLO, J. F. El modelo Turístico de la Marina Alta: apuntes para una nueva etapa desde la sostenibilidad como referencia. **Investigaciones geográficas**, Alicante, n.24, p. 133-141, 2000.
- VILAR, J. W. C. "A aplicação do TALC no destino turístico de sol e praia no litoral sul de Sergipe, Brasil." *Caderno Virtual de Turismo*14.3 (2014): 219-233
- VIRGEN AGUILLAR, C. R. **Turismo y desarrollo sustentable**: um acercamiento al estudio del turismo. UFPR.AMESTUR, México, 2014.
- WEBQUALIS.Disponível em:
<http://qualis.capes.gov.br/webqualis/principal.seam> Acesso desde jan. 2013

WILLIAMS, A M. Mobilities and sustainable tourism: path-creating or path-dependent relationships?. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 21, n. 4, p. 511-531, 2013.

WILLIAMS, A M.; HALL, C. Michael. **Tourism, migration, circulation and mobility**. Springer Netherlands, 2002.

XIAO, H; SMITH, S L. J. Case studies in tourism research: A state-of-the-art analysis. **Tourism Management**, v. 27, n. 5, p. 738-749, 2006

YÁZIGI, E. **Saudades do Futuro: por uma teoria do planejamento territorial do turismo**. São Paulo: CNPq/Plêiade, 2009.

YAZIGI, E.. **A Alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas**. São Paulo: Contexto, 2002.

YOUELL, R. **Turismo uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – INCIDÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES NO PORTFÓLIO DE PESQUISA

Sigla	Incidência	% / 210	País	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
UNAM	13	6,19%	México	4		8	2	3	6
UFPR	11	5,24%	Brasil	12	3	2	5	1	7
USP	8	3,81%	Brasil	9	1	7	3	2	5
UCM	5	2,38%	Espanha	3	3	4	5	3	1
UB	5	2,38%	Espanha	3			8	1	7
UCLM	5	2,38%	Espanha	4		2	1	1	5
UM	5	2,38%	Espanha	1	5	4	5	7	9
UFC	5	2,38%	Brasil	2	3		7		4
UAM	4	1,90%	Espanha	1	2	1	1	1	
UAEM	4	1,90%	México	1	2	3	3	3	
UA	4	1,90%	Espanha	2	3	2	7	2	4
USC	4	1,90%	Espanha	4		2	2	3	6
UNIVALI	4	1,90%	Brasil	5	1	1	1	1	3
UAB	3	1,43%	Espanha	1		2	3	4	1
UAM Iztapalapa	3	1,43%	México	1		4			3
UCR	3	1,43%	Costa Rica	2		8		1	3
UV	3	1,43%	Espanha	3		3			8
UNICAMP	3	1,43%	Brasil	1	3		6		1
UFPE	3	1,43%	Brasil	3	3	1		1	
UFRGS	3	1,43%	Brasil	5	2		2		
UNCo	3	1,43%	Argentina	1		2	1	4	2
UDC	2	0,95%	Brasil	5	2				
CIMe	2	0,95%	Espanha			3			3
PUC-MG	2	0,95%	Brasil	2	1	1			1
UACH	2	0,95%	Chile	3	3				
UASLP	2	0,95%	México	1		1	1		1
UIB	2	0,95%	Espanha	2				1	2
UC	2	0,95%	Portugal	2	1		1		1
UÉ	2	0,95%	Portugal	2	1		1		1
UH	2	0,95%	Cuba		1	1	2	3	1
UHU	2	0,95%	Espanha	1			3		4
ULA	2	0,95%	Venezuela	2	2			2	1
UMA	2	0,95%	Espanha	2	3	3			1
UQROO	2	0,95%	México	1		6			3
USAL	2	0,95%	Espanha		1		3	1	1
US	2	0,95%	Espanha		1				9
UPV	2	0,95%	Espanha	1		1	5	2	2
UEM	2	0,95%	Brasil			2	1	2	
UEPG	2	0,95%	Brasil	4	1		1		1
UECE	2	0,95%	Brasil	1			3	1	3

Sigla	Incidência	% / 210	País	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
UERJ	2	0,95%	Brasil	1			1		2
UFBA	2	0,95%	Brasil	2	1		3		1
UFMG	2	0,95%	Brasil	1	1	2		1	1
UFMS	2	0,95%	Brasil	2			2		1
UFPI	2	0,95%	Brasil	3					1
UFRN	2	0,95%	Brasil	2			1	1	1
UFF	2	0,95%	Brasil	2	1				2
UNS	2	0,95%	Argentina	1			2	1	4
Arq. Nacional de Cuba	1	0,48%	Cuba		1		1		1
CUFSA	1	0,48%	Brasil	1		1		1	1
UNINTER	1	0,48%	Brasil	2	1				
Divisão de Ambiente	1	0,48%	Venezuela			4			
Ipiranga	1	0,48%	Brasil				4	1	
FESP	1	0,48%	Brasil	3				1	
FGV	1	0,48%	Brasil			1	1		
IBGE	1	0,48%	Brasil	1	1				1
IFC	1	0,48%	Cuba	1		2	2		
IPN	1	0,48%	México	1		1	1	2	
ISULPAR	1	0,48%	Brasil						3
TURESPAÑA	1	0,48%	Espanha	1					4
Anhembí Morumbi	1	0,48%	Brasil	3				1	
UAGro	1	0,48%	México	1		2			
UCN	1	0,48%	Chile	1			1		
UCDB	1	0,48%	Brasil	2			2		
UCLV	1	0,48%	Cuba	1		3			3
UCV	1	0,48%	Venezuela			4			
UDC	1	0,48%	Espanha			1	2	1	1
UAL	1	0,48%	Espanha	1		2			
UBA	1	0,48%	Argentina		1		1		2
UC	1	0,48%	Espanha				1	1	1
UCS	1	0,48%	Brasil	1		1			2
UdeC	1	0,48%	Chile	3					
UDG	1	0,48%	México			2		2	
ULL	1	0,48%	Espanha						6
ULPGC	1	0,48%	Espanha	1					3
UdL	1	0,48%	Espanha	1					
UPR-Rio Piedras	1	0,48%	Porto Rico			1			
UNISC	1	0,48%	Brasil	1	1	1		1	
UVA	1	0,48%	Espanha				1	1	3
Uvigo	1	0,48%	Espanha			1		1	1
UNIZAR	1	0,48%	Espanha		1	2			3
LUZ	1	0,48%	Venezuela	1	1				1

Sigla	Incidência	% / 210	País	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
USAL	1	0,48%	Argentina					2	4
UNICENTRO	1	0,48%	Brasil		1		1		
UEL	1	0,48%	Brasil				2		
UEMS	1	0,48%	Brasil	1			1		
UESC	1	0,48%	Brasil	1			3		
UESC	1	0,48%	Brasil	1		1		2	
UNIOESTE	1	0,48%	Brasil	1					
UNESP PP	1	0,48%	Brasil	1	1	1			
UFPB	1	0,48%	Brasil	1		1			1
UFAL	1	0,48%	Brasil				1	1	2
UFG	1	0,48%	Brasil				1		1
UFSC	1	0,48%	Brasil				3		
UFSE	1	0,48%	Brasil	1		1			1
UNIFAP	1	0,48%	Brasil	1					1
UFAM	1	0,48%	Brasil				2	2	1
UNIPAMPA	1	0,48%	Brasil				1	1	1
UJI	1	0,48%	Espanha	1		3			2
UJF	1	0,48%	França		3				
UN	1	0,48%	Colombia				1	2	1
UNED Espanha	1	0,48%	Espanha				3		
UNRN	1	0,48%	Argentina				1	1	1
Total	210	100,00%							

103 instituições de 12 países com 210 incidências na pesquisa.

APÊNDICE 2 – INCIDÊNCIA DOS AUTORES NO PORTFÓLIO DE PESQUISA

Autor	Instituição	País	Artigos	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
Álvaro Sánchez Crispin	UNAM	México	8	1		3		1	5
Enrique Propin Frejomil	UNAM	México	8	2		3		2	5
Christian Dennys M. de Oliveira	UFC	Brasil	4	1	3		7		3
José M. Gonçalves Gândara	UFPR	Brasil	4	4	2	1	2	1	2
Álvaro López López	UNAM	México	3					1	2
Antonio Carlos Castrogiovanni	UFRGS	Brasil	3	5	2		2		
Emilio M. Obiol Menero	UV	Espanha	3	3		3			8
Francisco Feo Parrondo	UAM	Espanha	3			1	1	1	
Letícia Bartoszeck Nietzsche	UFPR	Brasil	3	6	1		2		1
Maria Dolores Ponce Sánchez	UM	Espanha	3	1	3	2	4	6	7
Wilson Martins Lopes Junior	UNICAMP	Brasil	3	3	1				3
Daniela Sottili Garcia	UEMS	Brasil	2	2			3		
Eduardo Hack Neto	UDC	Brasil	2	3	2		1		1
Fernanda Cravidão	UC	Portugal	2	2	1		1		1
Francesc Xavier Roig i Munar	CIME	Espanha	2			3			3
Francisco Javier Jover Martí	UCLM	Espanha	2	1		1			2
Gemma Cànoves	UAB	Espanha	2	1		2		4	1
Josildete Pereira de Oliveira	UNIVALI	Brasil	2	2		1		1	1
Lucia Cuesta	UAB	Espanha	2	1		2		4	1
Ludger Brenner	UAM Iztapalapa	México	2			4			1
Luis Herrera	UAB	Espanha	2	1		2		4	1
Margarita Barretto	UFSC	Brasil	2		3		5		
Maria Cruz Porcal Gonzalo	UPV	Espanha	2	1		1	5	2	2
Maria del Pilar Leal Londoño	UB	Espanha	2	1			5		4
Maria Noémi Marujo	UÉ	Portugal	2	2	1		1		1
Miguel Bahl	UFPR	Brasil	2	1			1		3
Miguel Panadero Moya	UCLM	Espanha	2	3		1			
Nilson Crocia de Barros	UFPE	Brasil	2	3	3				
Olga Tulik	USP	Brasil	2	2		3	1		
Óscar Reyes Pérez	UASLP	México	2	1		1	1		1
Paulo dos Santos Pires	UNIVALI	Brasil	2	3		1			2
Ricardo Gomes Ramos	UFPI	Brasil	2	3					1
Valente Vázquez Solís	UASLP	México	2	2			1	1	1
Valeria Paul Carril	USC	Espanha	2	2		1		1	5
Wilza Gomes Reis Lopes	UFPI	Brasil	2	3					1
Adriana Otero Urieta	UNCo	Argentina	1	1				3	
Adriana Pisticelli	UNICAMP	Brasil	1				4		
Adriano Rovira	UACH	Chile	1	3					
Alejandro Palafox Muñoz	UQROO	México	1	1		3			3
Alexandre M. A. Diniz	PUC-MG	Brasil	1	1					1

Autor	Instituição	País	Artigos	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
Alexandre Queiroz Pereira	UFC	Brasil	1	1					1
Alexis Rojas León	UCR	Costa Rica	1	1		5			
Alfonso Fernández Tabales	US	Espanha	1		1				4
Alfredo Portillo	ULA	Venezuela	1	1				2	1
Ana Eulalia Aparicio Guerrero	UCLM	Espanha	1			1		1	2
Ana García de Fuentes	IPN	México	1	1		1	1	2	
Ana María Luna Moliner	IFC	Cuba	1	1		2	2		
Ana Maria Luque Gil	UMA	Espanha	1	1		3			1
Ana Solange Biesek	UDC	Brasil	1	3	1				
Analía Almirón	UBA	Argentina	1		1		1		2
Andréa R. dos Santos Beidack	UEL	Brasil	1				2		
Andréia da Silva Lemos	ULPGC	Espanha	1	1					3
Andrés Pinassi	UNS	Argentina	1				1		2
Ángel David Cruz Báez	UPR-Rio Piedras	Porto Rico	1			1			
Ángel López Cuquejo	UAL	Espanha	1	1		2			
Angye Cássia Noia	UESC	Brasil	1	1			3		
Antoni Albert Artigues Bonet	UIB	Espanha	1	1				1	2
Antonio Carlos Gil	FESP	Brasil	1	3				1	
Antonio F. de Oliveira Neto	UFMS	Brasil	1	1			2		
Antonio José Lacosta	UNIZAR	Espanha	1		1	2			3
Antonio Martínez Puche	UA	Espanha	1	1	2		2	1	2
Antonio Oswaldo Ortega-Reyes	UAEH	México	1		1	1		2	
Antonio Rocha Penteado	USP	Brasil	1	3		2			
Aurelio Cebrián Abellán	UM	Espanha	1		2	1	1		2
Ayrton Tomilheiro de Carvalho	UEM	Brasil	1			1		2	
Beatriz Lima de Paula	UNIFAP	Brasil	1	1					1
Beatriz Veroneze Stigliano	USP	Brasil	1	1		1			2
Belén Gómez Martín	UB	Espanha	1				2	1	
Bernardo Machado Gontijo	UFMG	Brasil	1	1		1			1
Boada Ceres	ULA	Venezuela	1	1	2				
Breno Storino Holderbaum	ULPGC	Espanha	1	1					3
Bruno Pereira Bedim	UFMG	Brasil	1		1	1		1	
Carla Lois	UBA	Argentina	1		1		1		2
Carlos Arturo Camargo	Divisão de Ambiente	Venezuela	1			4			
Carlos Britto	UFPE	Brasil	1			1		1	
Carlos J. Pardo Abad	UNED Espanha	Espanha	1				3		
Carmen Delgado Viñas	UC	Espanha	1				1	1	1
Carmen Gil de Arriba	UC	Espanha	1				1	1	1
Carolina F. da Costa Streglio	UFG	Brasil	1			1			1
Claudia Troncoso	UBA	Argentina	1		1		1		2
Clézio Santos	CUFSA	Brasil	1	1		1		1	1
Daniel dos Santos Fernandes	Ipiranga	Brasil	1				4	1	

Autor	Instituição	País	Artigos	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
Daniel Hauer Queiroz Telles	UFPR	Brasil	1			1		1	
Daniel Hiernaux-Nicolas	UAM Iztapalapa	México	1	1					2
Daniel Santana Rivas	UN	Colômbia	1				1	2	1
David Laguna Arias	UAEH	México	1	1			3		
Debora Cordeiro Braga	USP	Brasil	1					1	3
Débora Cristina Mueller	UNISC	Brasil	1	1	1	1		1	
Diego A. Barrado Timón	UAM	Espanha	1	1	2				
Dircelia M. Soares De Oliveira	UFPR	Brasil	1	3	1				
Edgar Aparecido da Costa	UFMS	Brasil	1	1					1
Edinéia Vilanova Grizio,	UEM	Brasil	1			1	1		
Edson Coutinho Silva	Anhembi Morumbi	Brasil	1	3				1	
Eduardo de Camargo Oliva	USP	Brasil	1	3				1	
Eduardo R. Viana de Lima	UFPB	Brasil	1	1		1			1
Eduardo Salinas Chávez	UH	Cuba	1		1		1		1
Eloíza Bento	UFPE	Brasil	1			1		1	
Enos Feitosa de Araujo	UFC	Brasil	1	1					1
Enrique Luis Santos Pavón	US	Espanha	1		1				4
Eros Salinas Chávez	UH	Cuba	1			1	1	3	
Eudes A. Leopoldo de Souza	UECE	Brasil	1	1					2
Eugenio García Zarza	USAL	Espanha	1		1		2		
Eusebio García	UMA	Espanha	1	1	3				
Fabien Bourlon	UACh	Chile	1		3				
Fausto Oliveira Braga	IBGE	Brasil	1	1	1				1
Federico Sulroca Dominguez	UH	Cuba	1			1	1	3	
Félix Pillet Capdepón	UCLM	Espanha	1	1			1		1
Fernando César Manosso	UEM	Brasil	1			1		2	
Fernando Manero Miguel	UVA	Espanha	1				1	1	3
Francisco García	UdL	Espanha	1	1					
Francisco López Palomeque	UB	Espanha	1	1					2
Frank Babinger	UCM	Espanha	1	1		2			
Gerardo Mollinedo Beltrán	UNAM	México	1	1					
Gilbert Vargas Ulate	UCR	Costa Rica	1	1		2			2
Gilberto Sarfati	FGV	Brasil	1			1	1		
Gilmar Mascarenhas	UERJ	Brasil	1				1		1
Graziela Scalise Horodyski	UEPG	Brasil	1	3	1				
Guillén Irma	ULA	Venezuela	1	1	2				
Guillermo Navarrete López	UCLM	Espanha	1	1		1			
Helena Ribeiro	USP	Brasil	1	1		1			2
Heriberto Niccolas-Morales	UAEH	México	1		1	1		2	
Hernán Canós Beltrán	UJI	Espanha	1	1		3			2
Humberto Reyes-Hernández	UASLP	México	1	1			1		1
Ilana Barreto Kiyotani	UFPB	Brasil	1	1		1			1

Autor	Instituição	País	Artigos	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
Isis Arlene Díaz-Carrión	UCM	Espanha	1			1	1	1	
Itamar Cordeiro	UFPE	Brasil	1			1		1	
Ivana Benevides Dutra Murta	UFMG	Brasil	1	1		1			1
Ivani Ferreira	UFAM	Brasil	1			2	2		1
Ivanilton José de Oliveira	UFG	Brasil	1			1			1
Jaime Garnica-González	UAEH	México	1		1	1		2	
Javier David Panadero Alarcón	UCLM	Espanha	1	2					
Javier Orozco Alvarad	UDG	México	1			2		2	
Jean Henrique Costa	UFRN	Brasil	1	1			1		
Jeffer Chaparro Mendivelso	UN	Colômbia	1				1	2	1
Jesús Gastón Gutiérrez Cedillo	UAEM	México	1		1	2		1	
Jesús Manuel López Bonilla	US	Espanha	1						5
Joaquín Bosque	UCM	Espanha	1	1	3				
Jorge Alex A. Souza	Ipiranga	Brasil	1				4	1	
Jorge Humberto Trujillo Rincón	UNAM	México	1	1				1	1
José Antonio González Pizarro	UCN	Chile	1	1			1		
José A. Larrosa Rocamora	UA	Espanha	1				2		1
Jose Fernando Vera Rebollo	UA	Espanha	1	1		2		1	1
José F. Monroy Gaytán	UAEM	México	1		1	2		1	
José G. Rivera-González	UASLP	México	1	1			1		1
José Isabel Juan Pérez	UAEM	México	1		1	2		1	
José Manuel Jurado Almonte	UHU	Espanha	1				3		
José María Prat Forga	UAB	Espanha	1				3		
José Ramón Corona-Armenta	UAEH	México	1		1	1		2	
José T. Olague de la Cruz	ULPGC	Espanha	1	1					3
José Wellington Carvalho Vilar	UFSE	Brasil	1	1		1			1
Juan Antonio García González	UCLM	Espanha	1	2					
Juan A. Márquez Dominguez	UHU	Espanha	1	1					4
Juan Córdoba y Ordóñez	UCM	Espanha	1	1		1	1	2	
Juan Ignacio Plaza Gutiérrez	USAL	Espanha	1				1	1	1
Juan José Marín Hernández	UCR	Costa Rica	1			1		1	1
Juan Manuel Andrés	UNCo	Argentina	1			2			1
Juliane Magagnin da Soller	UFRGS	Brasil	1	2	1				
Julio Goncalves Campos	UFMG	Brasil	1	1		1			1
Karina Fernanda T. V. Neves	UFBA	Brasil	1	1	1		1		
Karoliny Diniz Carvalho	UESC	Brasil	1	1		1		2	
Kelson de Oliveira Silva	UFRN	Brasil	1	1				1	1
Laila Vejsberg	UNCo	Argentina	1						
Leia Deiques Nunes Pacheco	UNIVALI	Brasil	1	1				1	
Leonel Pérez	UdeC	Chile	1	3					
Ligia Cristina Domingos Araújo	UFMG	Brasil	1	1		1			1
Lilia Susana Padilla y Sotelo	UNAM	México	1	1		2	2		

Autor	Instituição	País	Artigos	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
Lindemberg M. de Araujo	UFAL	Brasil	1			1	1		2
Llorenç Prats	UB	Espanha	1	1			1		1
Luciana Barbi Versiani	PUC-MG	Brasil	1	1					1
Luciane Scheuer	ISULPAR	Brasil	1						3
Luciano Torres Tricárico	UNIVALI	Brasil	1	1		1			1
Lucrezia Lopes	USC	Espanha	1	2			2		
Luis A. Hortelano Mínguez	USAL	Espanha	1				1	1	1
Luis Carlos Santander Botello	UQROO	México	1			3			
Luis López	LUZ	Venezuela	1	1	1				1
Luis Miguel López Bonilla	US	Espanha	1						5
Luiz E. Panisset Travassos	PUC-MG	Brasil	1	1	1	1			
Luzia Neide M. T. Coriolano	UECE	Brasil	1				3	1	1
Macià Blázquez Salom	UIB	Espanha	1	1				1	2
Maite Echarrí Chávez	Arq. Nac. de Cuba	Cuba	1		1		1		1
Manuel de la Calle Vaquero	UCM	Espanha	1				3		1
Manuel González Herrera	UCLV	Cuba	1	1		3			3
Marcelo Martinelli	USP	Brasil	1		1		1		
Marcelo Vinícius Salomé	UEM	Brasil	1			1		2	
Marco Antonio Huerta García	UNAM	México	1			2			
Marcos A. Tarlombani da Silveira	UFPR	Brasil	1			1			1
Margarita Sánchez	LUZ	Venezuela	1	1	1				1
Maria A. Pontes da Fonseca	UFRN	Brasil	1	1				1	1
María Dolores Muñoz	UdeC	Chile	1	3					
María García Hernández	UCM	Espanha	1				3		1
María José Andrade Suárez	UDC	Espanha	1			1	2	1	1
María José Pastor Alfonso	UA	Espanha	1		1		3		
Marita B. Morales Mayobre	UAEM	México	1						
Marta Sammarchi	USAL	Argentina	1					2	4
Maryvone Moura Gomes	UFC	Brasil	1	1			2		
Matilde Elisabeth Encabo	UNCo	Argentina	1			2			1
Mauricio Neison Brinckmann	UNISC	Brasil	1	1	1	1		1	
Mauro José Ferreira Cury	UNIOESTE	Brasil	1	1					
Mayka Puche Ruiz	TURESPAÑA	Espanha	1	1					4
Miguel Ángel Balderas Plata	UAEM	México	1		1	2		1	
Miguel Nicolás-Caretta	UASLP	México	1	1			1		1
Miguel Pazos Otón	USC	Espanha	1	2					4
Milton A. Pasquotto Mariani	UCDB	Brasil	1	2			2		
Moisés R. Simancas Cruz	ULL	Espanha	1						6
Mónica Oropeza	UCV	Venezuela	1			4			
Montserrat Villarino	USC	Espanha	1			1		2	1
Naomi Anaue Burda	UNICENTRO	Brasil	1		1		1		
Nara Nanae Sano	USP	Brasil	1			1	1		

Autor	Instituição	País	Artigos	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
Naú Silverio Niño Gutiérrez	UAGro	México	1	1		2			
Nidia Formiga	UNS	Argentina	1	1			1	1	2
Nilson Cesar Fraga	UFPR	Brasil	1	1					
Nilze de Paula Figueiredo	UFMS	Brasil	1	1					1
Noelia Araújo Vila	Uvigo	Espanha	1			1		1	1
Onofre Rullan	UIB	Espanha	1	1					
Oscar Montaña-Arango	UAEH	México	1		1	1		2	
Pablo Martínez-Castelán	UAEH	México	1		1	1		2	
Pascal Mao	UJF	França	1		3				
Patricia Núñez Martínez Patricia	UDG	México	1			2		2	
Paulo M. Rangel Gonçalves	UERJ	Brasil	1	1					1
Pedro de A. Bittencourt César	UCS	Brasil	1	1		1			2
Pedro Navarro Floria	UNRN	Argentina	1						
Petra Lúquez	LUZ	Venezuela	1	1	1				1
Priscila Pereira Santos	UFSE	Brasil	1	1		1			1
Ramón García Marín	UM	Espanha	1			1		1	
Remedios Larrubia Vargas	UMA	Espanha	1	1		3			1
Roberto Urrutia	UdeC	Chile	1	3					
Rodrigo Sanhueza	UdeC	Chile	1	3					
Romina Valeria Schroeder	UNS	Argentina	1	1			1	1	2
Ronny Viales Hurtado	UCR	Costa Rica	1			1		1	1
Rosa A. De Sicilia Muñoz	UNAM	México	1						
Rosalinda Blanchard	LUZ	Venezuela	1	1	1				1
Ruben Lois González	USC	Espanha	1	2			2		
Rúbia Gisele M. Tramontin	UEPG	Brasil	1	1			1		1
Siegrid Guillaumon	UFBA	Brasil	1	1			2		1
Simone Tomasulo	UNIVALI	Brasil	1	1		1			1
Sócrates J. Moquete Guzmán	UESC	Brasil	1	1		1		2	
Valéria de Meira Albach	UNINTER	Brasil	1	2	1				
Vera Maria Guimarães	UNIPAMPA	Brasil	1			1		1	1
Vinicius Bonelli Vieira	UFPR	Brasil	1	2	1				
Viviane Veiga Shibaki	USP	Brasil	1					1	3
Wagner Barbosa Batella	UNESP PP	Brasil	1	1	1	1			
Wanderléia E. Brinckmann	UNISC	Brasil	1	1	1	1		1	
Xanat Antonio Némiga	UAEM	México	1		1	2		1	
Xosé Antón Armesto	UB	Espanha	1				2	1	

244 Autores

244 autores de 12 países com 302 incidências na pesquisa.

APÊNDICE 3 – INCIDÊNCIA DAS PALAVRAS-CHAVE EM ORDEM ALFABÉTICA

Palavra-chave	Incidência	Aspecto	Palavra-chave	Incidência	Aspecto
1857-1945	1	PES	capital imobiliário	1	ECN
acessibilidade	1	SCT	capitalismo	1	ECN
acumulação capitalista	1	ECN	cartografia turística	2	PES
administração pública	1	PLG	casas rurais	1	AMB
agenda 21	1	AMB	causas	1	PLG
agentes de trabalho	1	SCT	cavernas	1	AMB
agricultura periurbana	1	ECN	centros receptores de turismo	1	PLG
agroindústria	1	ECN	ciberespaço	1	SCT
agronegócios	1	ECN	cidade patrimonial	1	SCT
agroturismo	1	AMB	cidade turística	1	PLG
alimentos de qualidade	1	SCT	idades médias	1	PLG
alternativas econômicas	1	ECN	idades sede	1	PLG
ambiente	4	AMB	circuitos turísticos	1	PLG
ambientes costeiros	1	AMB	clima	1	AMB
ambientes sensíveis	1	AMB	cluster	1	ECN
análise espacial	1	GEO	clusters turísticos	1	ECN
áreas naturais de especial interesse	1	AMB	comercialização do turismo rural	1	ECN
antropologia das peregrinações	1	PES	competitividade	3	ECN
área natural turística	1	AMB	complexidade	3	PES
áreas de Montanha	1	AMB	comunicação	2	SCT
áreas naturais protegidas	2	AMB	comunidade	2	SCT
áreas turísticas consolidadas de litoral	1	PLG	configurações geográficas	1	PLG
arrecifes de coral	1	AMB	conflito	1	SCT
atividade turística X atividade imobiliária	1	PLG	conhecimento dos usuários	1	SCT
atividades recreacionais	1	SCT	conjuntos arqueológicos	1	SCT
atlas eletrônico	1	PES	conservação	1	AMB
atrativo turístico	2	PLG	conservação da natureza	1	AMB
autenticidade	1	SCT	consolidação	1	PLG
bachelard	1	PES	consumidor turístico	1	ECN
base comunitária	1	SCT	convention bureau	1	ECN
belle époque	1	SCT	corredor turístico	2	PLG
bibliografia	2	PES	costas	1	AMB
borboleta Monarca	1	AMB	crescimento econômico	1	ECN
cacaucultura e turismo	1	SCT	cultura	5	SCT
caminhos históricos	1	SCT	cultura e identidade	1	SCT
campings	1	ECN	déficit hídrico	1	AMB
campos de golfe	1	AMB	demanda	1	ECN
cana-de-açúcar	1	AMB	dependências econômicas	1	ECN
capital econômico	1	ECN	descapacidade	1	SCT
capital imagem	1	ECN	desenvolvimento	2	ECN

Palavra-chave	Incidência	Aspecto	Palavra-chave	Incidência	Aspecto
desenvolvimento do turismo	1	ECN	espaço geográfico	2	GEO
desenvolvimento econômico	1	ECN	espaço natural protegido	1	GEO
desenvolvimento humano	1	SCT	espaço sagrado	1	GEO
desenvolvimento local	9	ECN	espaço turístico	4	GEO
desenvolvimento regional	1	ECN	espaço urbano	2	GEO
desenvolvimento rural	3	ECN	espaço vivido	2	GEO
desenvolvimento sustentável	4	AMB	espaços litorâneos	1	GEO
desenvolvimento territorial	1	GEO	espetáculo	1	SCT
desenvolvimento turístico	4	ECN	estandarização	1	SCT
desequilíbrios territoriais	1	GEO	estrada-parque	1	AMB
desregulação	1	PLG	estratégia (s)	2	PLG
desterritorialização	1	GEO	estratégia turístico recreativa	1	PLG
destino	1	PLG	estratégias turísticas	1	PLG
destino emergente	1	PLG	estrutura territorial	1	GEO
destino turístico	2	PLG	estudo ambiental	1	PES
destinos especializados	1	PLG	estudos da paisagem	1	GEO
destinos turísticos preferenciais	1	PLG	evolução da imagem	1	SCT
diagnóstico de situação	1	PES	evolução turística	1	SCT
disfuncionalidades	1	PLG	exclusão	1	SCT
distribuição territorial	1	GEO	experiências	1	SCT
diversificação	1	PLG	fator competitivo	1	PLG
diversificação rural	1	PLG	festas	2	SCT
diversificação turística	1	PLG	fluxos geográficos	1	GEO
doutorado	2	PES	fontes (FITUR)	1	PES
ecologia	1	AMB	fordismo	1	PES
ecologia humana	1	PES	formação	1	PES
ecoturismo	4	AMB	formação do espaço	1	GEO
edades del hombre	1	SCT	fortalezas e obstáculos	1	PLG
educação	1	PES	fotografia turística	1	PES
educação ambiental	1	AMB	fronteira	1	PLG
educação em turismo	1	PES	fuga do cotidiano	1	SCT
efeitos	1	PLG	furacões	1	AMB
elementos microsociais	1	SCT	gastronomia	5	SCT
empreendimentos rurais	1	ECN	gênero	1	SCT
emprego rural	1	ECN	geografia	12	GEO
empresas	2	PLG	geografia cultural	2	GEO
ensino de geografia	1	PES	geografia do turismo	17	GEO
ensino universitario	2	PES	geografia dos transportes	1	GEO
entre-lugar	1	GEO	geografia turística	1	GEO
entrevista pessoal	1	PES	geografia urbana	1	GEO
espaço	5	GEO	geomercado turístico	1	ECN
espaço comarcal	1	GEO	gestão	3	PLG

Palavra-chave	Incidência	Aspecto	Palavra-chave	Incidência	Aspecto
gestão de recursos naturais e culturais	1	PLG	Jorge Amado	1	SCT
gestão do turismo	1	PLG	lazer	1	SCT
gestão turística	1	PLG	Lefebvre	1	PES
globalização	5	ECN	legislação - zona marítimo terrestre	1	AMB
golfe	1	ECN	legislação ambiental	1	AMB
governança ambiental	1	AMB	lei	1	SCT
grandes cidades	2	PLG	litoral	3	PLG
grupos hoteleiros internacionais	1	ECN	lugar	7	GEO
grupos organizados	1	SCT	macro-espacos	1	GEO
hábitos de consumo	1	ECN	macro-paisagens	1	GEO
história	1	SCT	manejo ambiental	1	AMB
historia da geografia	2	PES	marca cidade	1	PLG
história local	1	SCT	marca lugar	1	PLG
ícone turístico	1	PLG	marca turística	1	PLG
idealização	1	SCT	marketing de cidades	1	PLG
identidade	1	SCT	marketing turístico	1	PLG
idioma	1	SCT	materialismo dialético	1	PES
imagem	1	SCT	meio ambiente	6	AMB
imagem da marca	1	PLG	meios (mídias)	1	PLG
imagem turística	2	PLG	memória	1	SCT
imagens	2	SCT	mercado	2	ECN
imaginário	1	SCT	mercado de trabalho	1	ECN
imaginário social	1	SCT	metrópole	1	PLG
imaginários	1	SCT	migrações	1	PLG
impacto do turismo	2	PLG	modelo cíclico	1	PES
impactos	1	AMB	modelo de butler	1	PES
impactos territoriais	1	GEO	modelo sistêmico	1	PES
implantação municipal	1	PLG	modelo subjetivo	1	PES
inchaço urbano	1	PLG	modelo turístico	1	PES
inclusão	1	SCT	modelos de desenvolvimento turístico	1	PES
inclusão social	1	SCT	modelos territoriais	1	GEO
indicadores turísticos	1	PES	mudança cultural	1	SCT
índice de bares e restaurantes	1	PES	nichos de mercado	1	PLG
índice turístico	1	PES	nova geografia cultural	1	GEO
infraestruturas territoriais	1	GEO	nova ruralidade	1	PES
iniciativas públicas e privadas	1	PLG	novas centralidades	1	PLG
institutos de pesquisa	1	PES	novo turista	1	SCT
integração	1	SCT	nudismo	1	SCT
integração regional	1	PLG	obsolescência turística	1	PLG
investigação	1	PES	ocupação do território	1	GEO
irrigação	1	AMB	oferta	1	ECN
Itinerário turístico	1	PLG	oferta alternativa	1	ECN

Palavra-chave	Incidência	Aspecto	Palavra-chave	Incidência	Aspecto
oferta hoteleira	1	ECN	pressão turística	1	PLG
ordenação e gestão do litoral	1	PLG	problemas socioambientais	1	AMB
ordenamento supramunicipal	1	PLG	prodetur I e II	1	PLG
ordenamento territorial	3	GEO	produção e transformação territorial	1	GEO
padrões de interação social	1	SCT	produto local	1	PLG
padrões de ocupação do território	1	GEO	produto turístico	2	PLG
paisagem	5	GEO	projeto docente	1	PES
paisagem cultural	1	GEO	promoção	3	PLG
paisagem literária	1	GEO	promoção imobiliária	1	PLG
paisagens culturais	1	GEO	promoção turística	1	PLG
paisagens da água	1	GEO	qualidade ambiental	1	AMB
paradigma da complexidade	1	PES	qualidade total	1	PLG
parques urbanos	1	AMB	racialização	1	SCT
patrimônio	7	SCT	reconversão	1	PLG
patrimônio cultural	5	SCT	recurso	1	AMB
patrimônio da Humanidade	1	SCT	recurso turístico	1	PLG
patrimônio rural	1	SCT	recursos humanos	1	PLG
patrimônio turístico	1	SCT	recursos naturais	1	AMB
pequenos sistemas insulares tropicais	1	AMB	recursos protegidos	1	AMB
percepção	1	SCT	região	2	GEO
percepção ambiental	2	AMB	regiões de turismo	1	GEO
percepções	1	SCT	regionalidade	1	GEO
peregrinações	1	SCT	regionalismo	1	GEO
planejamento	5	PLG	regionalização	2	GEO
planejamento ambiental	1	PLG	relação cidade campo	1	PLG
planejamento do turismo	2	PLG	religião	1	SCT
planejamento participativo	1	PLG	religiosidade	1	SCT
planejamento público estadual	1	PLG	renovação turística	1	SCT
planejamento territorial participativo	1	PLG	representações	1	SCT
planejamento turístico	3	PLG	representações sociais	1	SCT
planos de estudo	1	PES	requalificação de destinos turísticos	1	PLG
planos estratégicos	1	PLG	residência secundária	1	PLG
plataformas de negociação	1	PLG	resorts	1	ECN
política turística	1	PLG	restrição (ambiental)	1	AMB
políticas de conservação	1	AMB	revalorização patrimonial	1	PLG
políticas públicas	1	PLG	revisão literária	1	PES
políticas urbanas	1	PLG	revista	1	PES
população residente	1	SCT	revolução nos transportes	1	PLG
população tradicional	1	SCT	risco	1	AMB
pós-fordismo	1	PES	riscos naturais	1	AMB
potencial turístico	2	PLG	saberes	1	SCT
praças hoteleiras	1	ECN	sagrado	1	SCT

Palavra-chave	Incidência	Aspecto	Palavra-chave	Incidência	Aspecto
santuário	1	SCT	turismo de interior	1	PLG
satisfação turística	1	PLG	turismo de massas	1	SCT
sazonalidade	1	PLG	turismo de mergulho	1	AMB
segmentação	1	PLG	turismo de negócios	1	ECN
segmentação de visitantes	1	PLG	turismo de patrimônio	1	SCT
segregação sócioespacial	1	SCT	turismo de praia	1	PLG
segunda residência	2	PLG	turismo de segundas residências	1	PLG
serviços básicos	1	PLG	turismo de verão	1	PLG
serviços complementares	1	PLG	turismo e espaço urbano	1	GEO
setores funcionais	1	PLG	turismo e ocio periurbanos	1	PLG
sexualidade	1	SCT	turismo e tegião	1	GEO
sociedade	1	SCT	turismo e urbanização	1	PLG
sol e praia	1	PLG	turismo educativo	2	PES
stakeholders	1	SCT	turismo gastronômico	2	SCT
substituição de edifício	1	PLG	turismo histórico	1	SCT
sustentabilidade	10	AMB	turismo industrial	1	ECN
swingers	1	SCT	turismo interno	1	PLG
teoria em geografia e turismo	1	PES	turismo litoral	1	PLG
teoria geral de sistemas	1	PES	turismo metropolitano	1	PLG
termalismo	1	AMB	turismo naturista	1	SCT
termalismo social	1	AMB	turismo receptivo	1	PLG
territorialidade	1	GEO	turismo religioso	1	SCT
território	7	GEO	turismo responsável	1	PLG
território e cinema	1	GEO	turismo rural	7	AMB
território rural	1	GEO	turismo sexual	1	SCT
tiendas granja	1	ECN	turismo Sustentável	2	AMB
tipo de turista	1	SCT	turismo territorial	1	PLG
tipos de destinos turísticos	1	PLG	turismo urbano	1	PLG
trabalho	1	SCT	turistificação	3	PLG
tragédia dos comuns	1	SCT	unidades de conservação	1	AMB
transferência	1	PLG	urbanismo	1	PLG
transformação da paisagem	1	GEO	urbanização	1	PLG
transformação territorial	1	GEO	urbanização turística	1	PLG
transporte como turismo	1	PLG	uso público	1	AMB
transporte para o turismo	1	PLG	usuários	1	SCT
turismo acessível	1	SCT	valor global	1	SCT
turismo alternativo	2	SCT	valoração	1	SCT
turismo ativo e de aventura	1	AMB	valoração da paisagem	1	GEO
turismo científico	2	PES	viabilidade	1	PLG
turismo comercial	1	ECN	vias férreas	1	PLG
turismo cultural	5	SCT	vias pecuárias	1	PLG
turismo de eventos	1	ECN	visitação	1	PLG
			zona cafeeira	1	ECN

417 palavras-chave com 591 incidências na pesquisa.

APÊNDICE 4 – INCIDÊNCIA DAS REVISTAS NO PORTFÓLIO DA PESQUISA

Revistas	Incidência	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
Cuadernos de Turismo	39	14	8	19	26	20	51
Estudios y Perspectivas en Turismo	18	15	3	9	8	7	21
Caderno Virtual de Turismo	12	5	3	5	7	6	7
PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural	10	4	2	3	20	2	8
Investigaciones Geográficas - MEX	9	5	1	5	4	4	4
Cuadernos Geográficos	8	4	7	3	2	3	7
Ra'e Ga – O Espaço Geográfico em Análise	7	5	2	1	4		6
Investigaciones Geográficas - ESP	6	3		8	3	4	8
Turismo Visão e Ação	6	9	3	1	2	2	1
El Periplo Sustentable	5	2	1	6		1	1
Revista Brasileira de Ecoturismo	5	6	2		2		3
Turismo em Análise	5	6	3	6	3		2
Economía, Sociedad y Territorio	4	1	1	4	2	3	2
Papeles de Geografía	4	2	4	4	3	1	6
Mercator	3	2			5		2
Revista de Geografía Norte Grande	2	4			1		
Revista Rosa dos Ventos	2	1			1		2
Scripta Nova	2	3			1		2
Turismo e Sociedade	2	3			2		1
Acta Scientiarum. Human and Social Sciences	1			1	1		
Alteridades	1	1			3		
Ambiência	1		1		1		
Anais Brasileiros de Estudos Turísticos	1			1		1	1
Brazilian Geographical Journal	1	1	1				1
Cadernos Pagu	1				4		
Cuadernos de Geografía - Revista Colombiana de Geografía	1	1			2	3	3
Diálogos Revista Electrónica de Historia	1			1		1	1
Documents d'Anàlisi Geogràfica	1	2			2		
Geoenseñanza	1	1				2	1
GeoTextos	1	1	1		1		
Gestión Turística	1		3				
InterSedes: Revista de las Sedes Regionales	1			2		2	
Patrimônio: Lazer e Turismo	1	1		1		1	1
Periplo Sustentable	1	1					
Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas	1	1	1	1			
Quivera	1	1				1	1
Reflexiones	1	1		5			
Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo	1	1			2		1
Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo	1	1			1		
Revista de Artes y Humanidades ÚNICA	1	1	1				1

Revistas	Incidência	GEO	PES	AMB	SCT	ECN	PLG
Revista de Ciencias Sociales	1	1		2			2
Revista Galega de Economía	1	2					4
Revista Geográfica Venezolana	1	1	2				
Revista Hospitalidade	1	2	1				
Revista Mexicana de Sociología	1			2			
RIPS. Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas	1			1	2	1	1
Terra Nueva Etapa	1			4			
47 revistas	177	115	51	95	115	65	152

47 revistas de 8 países com 177 incidências na pesquisa.

APÊNDICE 5 – LOCAIS EFETIVAMENTE PESQUISADOS

Locais Efetivamente Pesquisados	Quantidade
Acapulco	1
Acaxochitlán	1
Amazonas	1
América Latina e Caribe	1
Andalucía	2
Andalucía (litoral)	1
Andalucía e Portugal	1
Antártica	1
Áreas de Montanha País Vasco e Navarra	1
Argentina	1
Asturias	1
Avenida Paulista	1
Aysén	1
Bacia do Rio Baker	1
Bahia	1
Bahía Blanca	1
Baía de Huatulco	1
Balneário Camboriú	1
Barrancos do río Calderón	1
Bonito	1
Buenos Aires	2
Caminho de Santiago de Compostela	1
Caminhos do Guajuvira - Araucária	1
Campinas	1
Campo Grande	2
Cancun	1
Cap d'Agde	1
Caribe mexicano	1
Castilla-La Mancha	1
Castilla y León	2
Castro	1
Cataluña	4
Cataluña e Galícia	1
Caucaia	1
Caverna da Postojna	1
Ceará	3
Centro-norte do Piauí	1
Conde (praias)	1
Corredor Bético de Alcaraz	1
Corredor ecológico da Mesoamérica	1

Locais Efetivamente Pesquisados	Quantidade
Corredor Loreto-Nopolo-Porto Escondido	1
Costa Rica	2
Cozumel	1
Cozumel / Cayo las Brujas	1
Cuba	1
Cuenca	1
El Salvador	1
El Veril	1
Espanha	5
Florencio Jimenez	1
Foz do Iguaçu	1
Fronteira Brasil-Bolívia (Corumbá e Ladário / Puerto Quijarro e Puerto Suárez)	1
Galícia	1
Garopaba	1
Goiânia - parques urbanos	1
Guaratuba	1
Guatemala	1
Havana	1
Ilha de Comandatuba	1
Ilha do Mel	1
Ilhas Canárias	1
Ilhéus	2
Interior Fluminense	1
Iraí	1
Islas Baleares	1
Lapa	1
Levante de Almería	1
Litoral da Espanha	1
Litoral norte do Rio de Janeiro	1
Londrina	1
Madri	1
Mar Menor (San Javier e San Pedro del Pinatar)	2
Marina Alta	1
Mecklenburg / Catalunã	1
Medina Azahara / Madinat al-Zahra - Córdoba	1
Menorca	2
México	2
Montanha Cantábricas	1
Monterrey	2
Morella	1
Morro da Conceição	1
Mosqueiro	1

Locais Efetivamente Pesquisados	Quantidade
Mundial (internet)	1
Murcia	1
Navarra	1
Nordeste do Brasil	1
Noroeste de Murcia	1
Norte do Chile	1
Norte do Paraná	1
Oaxaca	1
Onubense-Algarve	1
Ouro Preto	1
Pacatuba	1
Palmeral de Elche	1
Parc Agrari del Baix Llobregat	1
Piauí (rodovia)	1
Playa de Palma	1
Pontal do Triângulo Mineiro	1
Portugal	1
Praia da Pipa	1
Praia da Ponta Negra - Natal	1
Praia do Góis e Prainha Branca	1
Priorat	1
Puntarenas	1
Quindío	1
Quintana Roo	1
Reserva da Biosfera Sian Ka'na	1
Reserva da Borboleta Monarca	1
Rio Grande do Norte	1
Rio Grande do Sul	1
Salamanca/ Alcalá de Henares	1
San Carlos de Bariloche	1
San Luís Potosí (região asteca)	1
Santa Maria Huatulco	1
São Bartolomeu	1
São Simão - São Paulo	1
Sergipe (litoral)	1
Sudoeste de Buenos Aires (Bahía Blanca)	1
Tampico	1
Tibau do Sul - Praia da Pipa	1
Toluca	1
Torrevieja	1
Tríplice Fronteira: Foz do Iguaçu, Ciudad del Leste, Puerto Iguazú	1
Universidade de Los Andes	1

Locais Efetivamente Pesquisados	Quantidade
Vale do Juá	1
Valencia	2
Veracruz	1
Vieques	1
Vila Nova i La Gertru	1
Zulia	1
Total	150

APÊNDICE 6 – PALAVRAS-CHAVE RELATIVAS A LOCAIS PESQUISADOS

Locais mencionados nas Palavras-chave	Quantidade
Espanha	5
Catalunha	4
México	4
Andalucia	3
Argentina	3
Bahías de Huatulco / Huatulco	2
Canárias / Ilhas Canárias	2
Galícia	2
Menorca	2
Piauí	2
Navarra	2
“Suíca argentina”	1
Acapulco	1
Albacete	1
Alcaraz	1
Alpes	1
América Latina	1
Antártica e tragédia dos comuns	1
Asturias	1
Avenida Paulista	1
Aysén	1
Barrancos	1
Brasil	1
Caminho de Santiago	1
Campo Grande	1
Cancún	1
Caribe	1
Castilla y León	1
Castillo de Javier	1
Centro histórico de Bahía Blanca - Argentina	1
Centro Histórico de Havana	1
Comandatuba.	1
Costa de Quintana Roo	1
Costa Rica	1
El Salvador	1
Eslovênia	1
França	1
Garopaba	1
Goiânia	1
Guadalupe	1
Guaratuba	1

Locais mencionados nas Palavras-chave	Quantidade
Guatemala	1
Huasteca Potosina	1
Ilha La Roqueta	1
Ilhas Baleares	1
Ilhéus	1
Interior Fluminense	1
Javierada	1
Lapa	1
Latinoamérica	1
Levante de Almería	1
Litoral sul paraibano	1
Mar Menor	1
Medina Azahara	1
Mediterrâneo	1
Monterrey, México	1
Morro da Conceição	1
Nordeste do Brasil	1
Noroeste da região de Murcia	1
Norte de Chile	1
Norte do Paraná	1
Norte Fluminense	1
Oaxaca	1
Ouro Preto	1
Pacatuba (CE)	1
País Basco	1
Palmeiral de Elche	1
Parc Agrari del Baix Llobregat (Cataluña)	1
Patagonia	1
Porto Rico	1
Portugal	1
Posidonia Oceânica	1
Praia de Palma	1
Priorat	1
Quíndio	1
Rio de Janeiro	1
Rodovia Interpraias	1
São Paulo	1
Tampico, México.	1
Tríplice Fronteira Brasil, Argentina, Paraguai	1
Universidade de Los Andes	1
Veracruz	1
Vieques	1
Vila de Encantadas	1
Zona norte de Londrina	1
Total	104

APÊNDICE 7 - EVIDÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA GEOGRAFIA DO TURISMO NO BRASIL

1990

TULIK, O. Turismo e repercussões no espaço geográfico. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 63-77, 1990.

Palavras-chave: Geografia, turismo, meio ambiente.

Evidência: O turismo não pode ser dirigido pelo aspecto econômico unicamente, é necessário valorizar meio ambiente e comunidades. Relação ambígua entre turismo e meio ambiente (convivência agressiva ou coexistência pacífica?)

1992

BARRETTO, M. História, educação, e cidadania. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 34-43, 1992.

Palavras-chave: educação, história, turismo cultural, turismo educativo, turismo histórico.

Evidência: O turismo pode ser uma ferramenta pedagógica para o ensino da História e da Geografia.

PENTEADO, A. R. Turismo e meio ambiente: Uma síntese geográfica. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 12-20, 1992

Palavras-chave: Geografia, macro-espacos, macro-paisagens, turismo, meio ambiente, ecologia.

Evidência: O turismo é um importante aliado para a proteção à natureza.

TULIK, O. Turismo e meio ambiente: Identificação e possibilidades da oferta alternativa. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 21-30, 1992.

Palavras-chave: turismo, meio ambiente, geografia, oferta alternativa, atividades recreacionais.

Evidência: O turismo não pode ser dirigido pelo aspecto econômico unicamente, é necessário valorizar O meio ambiente e comunidades. Relação ambígua entre turismo e meio ambiente (convivência agressiva ou coexistência pacífica?)

2002

CROCIA DE BARROS, N. Análise regional e destinações turísticas: possibilidades teóricas e situações empíricas em geografia do turismo. **Turismo Visão e Ação**, Balneário Camboriú (SC), v. 4, n. 11, p. 9-32, 2002.

Palavras-chave: Geografia do Turismo; Teoria em Geografia do Turismo; Modelo de Butler, Turismo e Região.

Evidência: *O caminho para o fortalecimento da Geografia do Turismo é o seu desenvolvimento como ramo 'sistemático' ou 'tópico' dentro do amplo leque 'geral' da Geografia, leque no qual se alimenta e ao mesmo tempo nutre, e o seu afastamento do formato regional descritivo e embrionário (p.. 28).*

MARIANI, M. A. P. Percepção dos turistas e moradores do município de Bonito: o lugar, os sujeitos e o turismo. **Turismo Visão e Ação**, Balneário Camboriú (SC), v. 4, n. 11, p. 47-60, 2002.

Palavras-chave: Geografia, Turismo, experiências, lugar, memória.

Evidência: Tem-se um estudo de percepção dos turistas sobre o lugar, no caso, Bonito. *Os relatos orais têm a possibilidade de devolver a palavra aos que não têm outros espaços, dando o poder e dizer, sendo constitutivo de novas imagens. Possibilita ver como percebem a auto-imagem sobre a qual poderão refletir suas ações.*

2004

MASCARENHAS, G. Cenários contemporâneos da urbanização turística. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 4, n. 4, p. 1–11, 2004.

Palavras-chave: Urbanização turística - Interior Fluminense - Segregação sócioespacial

Evidência: Há indícios de uma nova ordem territorial fluminense decorrente da prática do veraneio e do turismo. Uma urbanização esgarçada que se estende pelo território.

2005

CASTROGIOVANNI, A. C. O Lugar Da Geografia No Entre-Lugar Do Espaço Turístico-Uma Viagem Complexa. **Scripta Nova. Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona**, v. 11, n. 245, 2005

Palavras-chave: turismo, Geografia, comunicação, Paradigma da Complexidade.

Evidência: *O espaço turístico que parece ser resultante da densidade comunicacional, inserido num tempo e num espaço, tende a existir a partir da apropriação do espaço geográfico (p.1).*

CORIOLOANO, L. N. A exclusão e a inclusão social e o turismo. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 3, n. 2, p. 295–304, 2005.

Palavras-chave: Turismo; Inclusão; Exclusão; Acumulação capitalista; Configurações geográficas; Conflito.

Evidência: Construção dialética sobre o turismo que gera exclusão, inerente aos processos de acumulação capitalista, e que por outro lado promove inclusão com práticas que valorizam as peculiaridades locais. Há uma crítica sobre a exclusão social presente principalmente nos países em desenvolvimento, que é o caso do Brasil.

CROCIA DE BARROS, N. Expansão turística, dinâmica espacial e sustentabilidade das destinações no litoral do Nordeste do Brasil. **Turismo Visão e Ação**, Balneário Camboriú (SC), v. 7, n. 2, p. 241-256, 2005.

Palavras-chave: Geografia do Turismo; Modelo Cíclico; Nordeste do Brasil.

Evidências: Aplicando o modelo de Butler verificou-se que *a ampla disponibilidade de capital natural oferece sobrevida à destinação turística retardando sua estagnação ou declínio, ao mesmo tempo em que revela um predatório sistema de uso hiper-extensivo de recursos. Situações deste tipo exigem rápidas intervenções regionais e urbanas para imprimir sustentabilidade às destinações (p.241).*

FARIA, I. F. Ecoturismo: etnodesenvolvimento e inclusão social no Amasonas. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v.3 n.1, p. 63-77, 2005.

Palavras-chave: Planejamento participativo, ecoturismo, inclusão social, sustentabilidade, população tradicional.

Evidência: Estudo que reflete sobre formas de inserção da população ribeirinha e indígena nas atividades ecoturísticas da Amazônia.

PISCITELLI, A. Viagens e sexo on-line. **Cadernos Pagu**, v. 25, p. 281–326, 2005

Palavras-chave: Ciberespaço, sexualidade, turismo sexual, racialização

Evidência: Por meio de observação de grupos virtuais interessados em turismo sexual chega-se a conclusão que os processos de racialização que operam no espaço virtual participam nos deslocamentos na geografia mundial do turismo sexual. (estudo sócio-antropológico)

2006

COSTA, J. H. Os espaços obscuros da cidade turística: um estudo preliminar na Praia de Ponta Negra em Natal/RN. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 90-97, 2006.

Palavras-chave: Espaço; Turismo; Representações Sociais.

Evidência: A cidade turística tem impregnação na paisagem de elementos “malditos”, isto é: “os bordeis, casas de strip-tease, pontos de drogas, becos escuros, etc.” (p.96).

DINIZ, A. M. A.; VERSIANI, L. B. A demanda doméstica e internacional do produto turístico Ouro Preto e seus limites temporais e espaciais. **Turismo Visão e Ação**, Balneário Camboriú (SC), v. 8, n. 1, p. 91-104, 2006.

Palavras-chave: Produto Turístico, Ouro Preto, Geografia do Turismo.

Evidência: Com aplicação da Teoria dos Lugares Centrais e cartografia do objeto de estudo percebe-se os limites do raio de ação do produto turístico em relação ao fluxo turístico.

OLIVEIRA NETO, A. F.; GARCIA, D. S. Cidade imaginárias: a imagem da cidade e seus elementos. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 5, n. 10, p. 7–13, 2006.

Palavras-chave:

Evidência: O turismo também faz parte do mundo dos sonhos, símbolos e imaginários e se tornam imprescindíveis na construção, ou reconstrução das cidades e que se preocupem primeiramente com sua identidade cultural.

2007

BEDIM, B. P. O espaço capitalista da natureza e seu (contra)uso turístico: a dialética da visitação pública em áreas protegidas – um ensaio teórico. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 75-89, 2007.

Palavras-chave: Turismo; Unidades de Conservação; Materialismo Dialético; Capitalismo.

Evidência: *O espaço capitalista da natureza, para continuar existindo enquanto tal, funcionalmente requer, ironicamente, o seu (contra)uso econômico via turismo (p.88).*

CASTROGIOVANNI, A. C. Lugar, no-lugar y entre-lugar: Los ángulos del espacio turístico. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 16, n. 1, p. 5–25, 2007.

Palavras-chave: turismo, geografia, comunicação, Paradigma da Complexidade.

Evidência: Discussão complexa sobre lugar, não-lugar e entre-lugar no turismo.

MONTEIRO OLIVEIRA, C. D. Turismo geoespacial e integração municipal no Ceará. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 41-51, 2007.

Palavras-chave: Turismo Educativo; Visitação; Integração Regional; Complexidade.

Evidência: O turismo geoespacial (visitas técnicas) são importantes como estratégia educacional e de integração de municípios

OLIVEIRA, C. D.M. Festas populares religiosas e suas dinâmicas espaciais. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, v. 6, n. 11, p. 23-32, 2007.

Palavras-chave: Festas, Metrópole, Sagrado, Santuário, Turismo.

Evidência: Festas populares, mesmo as religiosas, são festas de massa. Não há resistência religiosa como combate aos valores mundanos em se tratando da realização das festas populares religiosas. Falta profissionalismo dos agentes que se dizem do turismo (eventos) na organização dessas festas.

NOIA, A. C. História, Identidade Local e Turismo: Reflexões sobre a cidade de Ilhéus-BA a partir da segunda metade do século XIX. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 7, n. 2, p. 2007.

Palavras-chave:

Evidência: Foram identificados elementos históricos da segunda metade do século XIX até o XX que podem influenciar o desenvolvimento do turismo na cidade.

2008

ARAÚJO, L. M. Análise de stakeholders para o turismo sustentável. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 8, n. 1, p. 91-99, 2008

Palavras-chave: Turismo; stakeholders; planejamento; gestão; sustentabilidade.

Evidência: Ferramentas metodológicas para análise dos stakeholders são praticamente inexistentes na literatura brasileira. Assim, o autor traduz e traz cinco abordagens para a análise de stakeholders para fins de planejamento e gestão participativa no Turismo.

MONTEIRO OLIVEIRA, C. D. Carnavalização e complexidade turística: Formação de paisagens rituais em Eventos no Estado do Ceará. **RA'E GA-O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 16, p.37-46, 2008.

Palavras-chave: Complexidade; Espetáculo; Religiosidade; Turismo

Evidência: Eventos religiosos estão se tornando espetaculares. É importante interpretar a representação cultural dessa prática turística com ferramentas teóricas inovadoras. O poder público desconhece a produção dos novos santuários "carnavalescos", assim há falta de planejamento e esses não são considerados pelo turismo,

SANTOS, C. O planejamento do espaço turístico na escala local. **Patrimônio: Lazer e Turismo**, Santos (SP), v. 5, n. 1, 2008.

Palavras-chave: Turismo, planejamento, globalização, meio ambiente, espaço turístico

Evidência: Há necessidade de se investir na divulgação e conscientização do Turismo enquanto atividade auxiliadora na economia e na qualidade de vida da população.

2009

BARRETTO, M. Interfaces entre turismo e migrações: uma abordagem epistemológica. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 7, p. 1, 2009.

Palavras-chave: Turismo; Migrações; Sociedade; Cultura.

Evidência: Constrói uma epistemologia das migrações e turismo. Tem base em três afirmações factuais: “a primeira, que turismo e migrações são duas manifestações de um fenômeno maior, qual seja o da mobilidade ou deslocamento geográfico que inclusive compartilham motivações e objetivos; a segunda, que a mobilidade é um fenômeno crescente; a terceira, que as tecnologias relacionadas à comunicação e a informação propiciam maior mobilidade” (p. 01)

GIL, A. C.; OLIVA, E. C.; SILVA, E. C. Turismo e regionalidade. **Turismo Visão e Ação**, Balneário Camboriú (SC), v. 11, n. 1, p. 92-111, 2009

Palavras-chave: Regiões de turismo, Clusters turísticos, Regionalismo, Regionalidade.

Evidência: As questões regionais assumem maior evidência no campo do turismo, pois esse é considerado um propulsor do desenvolvimento regional

MURTA, I..B.D.; ARAÚJO, L. C. D.; CAMPOS, J.G.; GONTIJO, B. M. Nueva territorialidad: Caso São Bartolomeu (Mina Gerais)-Brasil. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 18, n. 4, p. 362–380, 2009.

Palavras-chave: turistificação, [des]territorialização, percepção ambiental.

Evidência: O processo de turistificação pode ser reconhecido nas percepções ambientais dos sujeitos envolvidos no cotidiano. Esses sujeitos ressaltam aspectos positivos e negativos, os autores enfatizam os negativos e sugerem maior educação dos turistas no relacionamento com a comunidade.

NEVES, K.F.T.V. De cabaré a espaço cultural: um olhar geográfico sobre o patrimônio histórico de Ilhéus-BA a partir do estudo do caso Bataclan. **GeoTextos**, v. 5, n. 1, 2009

Palavras-chave: Ilhéus, Patrimônio, Geografia do Turismo, Jorge Amado.

Evidência: Destaca a importância do conceito de paisagem para valorização do patrimônio histórico. O poder público precisa conhecer as possibilidades patrimoniais do município

TELLES, D. H. Q.; GÂNDARA, J. M. G. Desenvolvimento do turismo e questões socioambientais na Vila de Encantadas, Ilha do Mel-PR: uma análise a partir da perspectiva da sociedade local. **Turismo Visão e Ação, Balneário Camboriú (SC)**, v. 11, n. 1, p. 23-40, 2009.

Palavras-chave: Desenvolvimento turístico, problemas socioambientais, vila de Encantadas.

Evidência: Há inconformidades entre as perspectivas da sociedade e as práticas de gestão e planejamento da Ilha. *Planejar parece estar sendo há muitos anos uma difícil obrigação burocrática por parte dos órgãos regulatórios na Ilha do Mel* (p. 38).

2010

BRAGA, D. C.; SHIBAKI, V. V. La Avenida Paulista como ícono turístico: su relación con el turismo de negocios de São Paulo (Brasil). **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 19, n. 4, p. 500–515, 2010.

Palavras-chave: ícone turístico, Avenida Paulista, turismo metropolitano, turismo de negócios, São Paulo, marketing de cidades.

Evidência: O caráter de ícone da Avenida facilita a difusão da oferta turística da região e proporciona aos turistas de negócios oferta diversa com a facilidade de transporte e concentração de equipamentos e serviços.

BRINCKMANN, W. E.; BRINCKMANN, M. N.; MUELLER, D. C. Desarrollo, complejidad y turismo sostenible: el uso del territorio frente a los retos del Siglo XXI. **Papeles de geografía**, n. 51, p. 65–73, 2010.

Palavras-chave: Território, Desenvolvimento, Complexidade, Turismo Sustentável.

Evidência: A compreensão da re-organização e re-funcionalização do território pode se dar a partir do desenvolvimento sustentável e do turismo sustentável dentro da Complexidade.

MANOSSO, F. C.; SALOMÉ, M. V.; CARVALHO, A. T. Turismo rural na região norte do Estado do Paraná: conceito e prática. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 10, n. 1, p. 24-35, 2010.

Palavras-chave: Turismo rural; norte do Paraná; agronegócios e empreendimentos rurais.

Evidência: Diversas propriedades estudadas não apresentam atividades características do turismo rural, somente em parte das propriedades existe real contato do visitante com o cotidiano do campo. Diante dessa realidade, sugere-se que as propriedades podem agregar maior valor às características da região na atividade turística.

OLIVEIRA SILVA, K.; DA FONSECA, M. A. P. A produção de residência secundária no litoral oriental Potiguar-turismo e capital imobiliário. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 10, n. 1, p. 50–63, 2010.

Palavras-chave: Espaço geográfico; residência secundária; turismo; capital imobiliário.

Evidência: Grupos hegemônicos nacionais são flexíveis para atender os estrangeiros. A turistificação presente é estimulada pelo governo. O fenômeno turístico de segunda residência é importante para a compreensão do ordenamento e uso do território.

TRAMONTIN, R. G. M.; GÂNDARA, J. M.G. Producción y transformación territorial: La gastronomía como atractivo turístico. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 19, n. 5, p. 776–791, 2010.

Palavras-chave: gastronomia, atrativo turístico, produção e transformação territorial.

Evidência: A gastronomia regional se apresenta como um agente transformador do espaço e da atividade turística. A valorização da diversidade gastronômica da região pode ser utilizada pela atividade turística como um diferencial ou atrativo importante, considerando aspectos históricos e culturais

TRAVASSOS, L. E. P.; BATELLA, W.B. Espacializando a importância da caverna de Postojna (Postojnska Jama) para o turismo ao longo da história Eslovena. *Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas*, Campinas (SP), v. 3, n. 1, p. 11-19, 2010.

Palavras-chave: Análise espacial, cavernas, Eslovênia, 1857-1945.

Evidência: Com cartografia mostra-se a espacialização dos fluxos de visitantes ilustres, principalmente nobres, de 1857-1945 na caverna. Assim, chama-se a atenção para a importância histórica e cultural das cavernas

2011

ARAUJO, E. F.; PEREIRA, A. Q. O turismo e a valorização do litoral metropolitano: espacialidade turística em Caucaia-CE. **RA'E GA-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 21, 2011.

Palavras-chave: Turismo. Espaços Litorâneos. Prodetur I e II.

Evidência: Nova configuração territorial nas localidades que surgem da produção do espaço litorâneo turístico. Analisa local que está se tornando um enclave turístico. Aponta que “*lugares não precisam ser eminentemente turísticos, mas sim, lugares para uso e para a vida*” (p. 130)

BEIDACK, A. R. S. O Olhar do turista da zona Norte de Londrina—PR. **RA'E GA-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 21, p.139(27), 2011

Palavras-chave: turismo, fuga do cotidiano, população residente e zona norte de Londrina.

Evidência: Apresenta a prática de turismo de uma população analisando a evolução econômica da área no contexto da urbanização. Constatou-se que a população faz turismo e o acha importante. No olhar do turista inúmeros lugares exercem atratividade. O âmbito econômico vem permitindo o envolvimento de maior número de pessoas com a atividade turística

BRAGA, F. O. A Cartografia Temática para o Turismo no circuito “Águas do Cerrado” - Pontal do Triângulo Mineiro, Brasil. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, v. 2, n. 1, 2011.

Palavras-chave: cartografia turística, circuitos turísticos, Geografia do Turismo.

Evidência: Evidencia a cartografia para o planejamento turístico. Cria projeto cartográfico apropriado para diferentes tipos de informações e futuros usuários dos equipamentos, infraestrutura, instâncias de governança regionais e atrativos turísticos.

CARVALHO, K. D.; GUZMÁN, S. J. M. El turismo en la dinámica territorial¿ Lógica global, desarrollo local?. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 20, n. 2, p. 441-461, 2011.

Palavras-chave: globalização, turismo, territorialidade, sustentabilidade, desenvolvimento local.

Evidência: O turismo produz novas configurações espaciais e novas formas de sociabilidade que devem ser consideradas no âmbito do planejamento dessa atividade.

CORDEIRO, I., BENTO, E.; BRITTO, C. Turismo e desenvolvimento sustentável. sustentável: considerações sobre o modelo de resorts no litoral nordeste do Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p.355-369, dez. 2011.

Palavras-chave: Turismo; Resorts; Desenvolvimento sustentável.

Evidência: O modelo de resort não contribui com a sustentabilidade local, sobretudo porque impede a participação da comunidade local no processo de planejamento e gestão do turismo.

FERNANDES, D. S.; SOUZA, J. A. A. Entre trapiches, trilhas e vilas: organização comunitária e práticas sustentáveis no Distrito de Mosqueiro, PA, Brasil. Special Issue-Número Especial

Tradition and Modernity in Tourism Issues Tradición y Modernidad en Turismo, **PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural** v. 9, n. 3, 2011.

Palavras-chave: Saberes; Cultura; Sustentabilidade; Base Comunitária; Alternativas Econômicas; Turismo.

Evidência: O turismo de base comunitária como proposta de oferta e ampliação das alternativas econômicas da comunidade e sustentabilidade dos recursos naturais.

FIGUEIREDO, N. P.; COSTA, E. A.; PAULA, B. L. Os elementos do espaço turístico da fronteira Brasil-Bolívia. **RA'E GA-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 21, p. 105-138, 2011.

Palavras-chave: Fronteira. Espaço. Turismo.

Evidência: Elementos do espaço turístico fronteiro são apresentados em sua relação complexa. Utiliza de teoria do espaço geográfico de Milton Santos para distinguir os homens, as firmas, as instituições, o meio ecológico e as infraestruturas do espaço turístico de fronteira. Existe potencial turístico que carece de planejamento integrado e redes de cooperação socioeconômicas.

GANDARA, J. M.; HACK N, E. [Re] vista: ¿Cómo nos mostramos? ¿Cómo nos muestran? Un estudio de caso sobre la difusión mediática del turismo en Brasil y en Foz do Iguazú (Brasil). **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 20, n. 3, p. 658-672, 2011.

Palavras-chave: meios, turismo, geografia, revista, percepções.

Evidência: Sugere o repensar na forma como as revistas divulgam o destino turístico, pois há uma imagem estereotipada e o destino deve ser comunicado de forma que seja reconhecido com seus vários elementos (todo).

GARCIA, D. S.; BAHL, M. As contribuições da nova geografia cultural na atividade turística. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 23-44, 2011.

Palavras-chave: Turismo. Cultura. Nova Geografia Cultural. Campo Grande. Brasil.

Evidência: A Nova Geografia Cultural vem contribuir para vários campos científicos o que é o caso do turismo.

GRIZIO, E. V.. O turismo na ótica geográfica. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 33, n. 1, p. 97-105, 2011.

Palavras-chave: turismo, lazer, ambiente.

Evidência: Estudo teórico sobre a relação entre Turismo e Geografia e percebeu-se carência de bibliografia adequada que fundamente tal relação. A autora conclui que é necessária política global de desenvolvimento social para o desenvolvimento positivo do turismo.

GUILLAUMON, S. Gestão de turismo, cultura e identidades religiosas: ensaio de um novo conceito com base na compreensão do território. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 2011.

Palavras-chave: gestão do turismo, religião, cultura e identidade, desenvolvimento territorial.

Evidência: Gestão do turismo no contexto que articula cultura, religião e desenvolvimento territorial. O Turismo estaria se desenvolvendo de forma desvinculada da riqueza cultural traduzida no território. O autor apresenta conceito próprio de turismo religioso.

HORODYSKI, G. S.; NITSCHKE, L. B. ; OLIVEIRA, D. M. ; BIESEK, A. S. Gaston bachelard e o espaço poético: contribuições para a geografia e o turismo. **Ra'e Ga O Espaço Geográfico em Análise**, Junho, 22, p.74, 2011

Palavras-chave: Bachelard, geografia, turismo, espaço e lugar.

Evidência: Sobre a obra a Poética do Espaço de Bachelard, 1957, foi analisado que a mesma permite olhares da Geografia e do Turismo investigando o homem, seus pensamentos, sonhos e devaneios no espaço e lugar. Relação da análise dos chamados “espaços íntimos” com os espaços utilizados na experiência turística.

LÓPES JÚNIOR, W. M. Contribuição Geográfica Ao Estudo Do Turismo. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, v. 10, n. 22, p. 137–145, 2011

Palavras-chave: Turismo, planejamento turístico, geografia do turismo.

Evidência: Contribuições consequentes da prática docente em Geografia do Turismo. O autor comenta que o profissional do turismo deve ter formação interdisciplinar. O planejamento do turismo deve considerar diferentes variáveis e envolvimento de setores distintos da sociedade.

NITSCHKE, L. B. Compreendendo a comunidade do Guajuvira, em Araucária, Paraná (PR). Brasil e sua interação com o turismo, sob uma perspectiva cultural. *Turismo e Sociedade*, Curitiba, v. 4, n. 1, p 32-50, 2011.

Palavras-chave: Espaço vivido; Comunidade; Itinerário turístico.

Evidência: A concepção de espaço vivido na Geografia Cultural é utilizada para entender a dinâmica da vida de pequenas comunidades. É necessário conhecer as relações da comunidade rural com o lugar e a maneira como se inserem nos projetos em turismo.

PACHECO, L. D. N.; OLIVEIRA, J. P. A percepção da paisagem no turismo do campo de golfe Comandatuba Ocean Course na ilha de Comandatuba, BA. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 11, n. 3, p. 341–354, 2011.

Palavras-chave: Paisagem; Golfe; Turismo; Comandatuba.

Evidência: A abordagem utiliza o método da análise descritiva da paisagem de Boullón (2002) e método da percepção da paisagem de Cullen (1973), relacionado ao conceito de legibilidade do espaço de Lynch (1997). Assim, é analisada a paisagem do campo de golfe para o desempenho do turismo esportivo.

PIRES, P. S. Marco teórico-metodológico de los estudios del paisaje: Perspectivas de aplicación en la planificación del turismo. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 20, n. 3, p. 522–541, 2011.

Palavras-chave: turismo, paisagem, planejamento do turismo; estudos de paisagem

Evidência: Apresenta marco teórico, com síntese de ideias em modelos, sobre paisagem considerando sua aplicação no planejamento turístico. Destaca a utilidade da avaliação da paisagem para identificação de potencial turístico. Reflete que não há método universal para avaliação da paisagem.

SCHEUER, L.; BAHL, M. Sazonalidade do turismo no município de Guaratuba, Paraná, Brasil. **RA'E GA-O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 23, p.289-316, 2011.

Palavras-chave: Turismo; Guaratuba; causas; efeitos; sazonalidade.

Evidência: Comprova a existência da sazonalidade em destino litorâneo, devido principalmente ao clima. Há necessidade de maior interação público-privado, com melhor planejamento e gestão ambiental.

STIGLIANO, B. V.; RIBEIRO, H.; BITTENCOURT CÉSAR, P. A. Paisagem Cultural e Sustentabilidade: Subsídios para Políticas Públicas e Planejamento do Turismo. Turismo em Análise, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 632-650, 2011.

Palavras-chave: paisagem cultural; sustentabilidade; turismo; planejamento; políticas públicas.

Evidência: A paisagem cultural subsidiando pesquisas e projetos de políticas públicas e planejamento do turismo sustentável. Na paisagem cultural são valorizados aspectos espirituais, afetivos e memórias úteis para se conceber ações para uso e fruição do espaço.

STREGLIO, C. F. C., OLIVEIRA, I. J. Parques urbanos de Goiânia – GO: papel social e potencial turístico, Ra'e Ga – O Espaço Geográfico em Análise, Curitiba, v. 23, p.317, 2011.

Palavras-chave: Parques Urbanos; Goiânia; Potencial turístico.

Evidência: Foi analisado o desempenho dos parques urbanos na dinâmica da cidade verificando seu potencial turístico. Conclui-se que para o desenvolvimento do potencial são necessárias inúmeras medidas.

2012

ALBACH, V. M., GÂNDARA, J. M. G., HACK NETO, E. e VIEIRA, V. B. O pensamento de Lefebvre e os usos e consumos dos espaços turísticos. Revista Hospitalidade, 9 (1), 2012.

Palavras-chave: Espaço Turístico; Espaço Urbano; Lefebvre.

Evidência: Tendo base à obra de Henri Lefebvre com a visão do espaço urbano repressivo, se discute o uso e consumo dos espaços turísticos. *O uso dos espaços turísticos pode ter tanto a função de valorização cultural dotado pelas práticas sociais do turismo quanto por uma divisão social e territorial do trabalho, porém o que ainda prevalece e determina o consumo destes espaços é a preferência dos fluxos turísticos dominantes, caracterizados por diferentes tipos de capitais, informações e pessoas* (p.116)

BURDA, N. A.; MARTINELLI, M. Cartografia e patrimônio arquitetônico: a elaboração do atlas eletrônico do sítio histórico urbano da Lapa (PR). Ambiência, v. 8, n, Especial+1, 2012.

Palavras-chave: atlas eletrônico; Lapa; patrimônio cultural.

Evidência: Proposição de uma metodologia de atlas eletrônico para o patrimônio arquitetônico da cidade. Servem para protótipo de guias turísticos e de patrimônio cultural.

DE OLIVEIRA, J. P., TRICÁRIO L. T., PIRES, P.S. E TOMASULO, S. Estrada-Parque, Paisagem e Turismo: um estudo do litoral sul de Balneário Camboriú–SC, Brasil. PASOS. Revista de Turismo y Patrimônio Cultural, v. 10, p. 3, 2012.

Palavras-chave: Turismo; Rodovia Interpraias; Corredor Turístico; Estrada-Parque; Transformação da Paisagem.

Evidência: Apresenta a análise das transformações da paisagem ocorridas com o desenvolvimento turístico de um corredor. Os atrativos naturais se destacam e a estrada-parque é indicada como alternativa de desenvolvimento.

GOMES RAMOS, R.; REIS LOPES, W.G. Zonificación turística de la región centro-norte del estado de Piauí (Brasil): Aplicación de la teoría del espacio turístico de Roberto Boullón. *Estudios y perspectivas en turismo*, v. 21, n. 2, p. 417–435, 2012.

Palavras-chave: espaço turístico, Piauí, regionalização.

Evidência: Utiliza a compreensão de zoneamento (organização territorial) turístico proposta por Boullón para compreensão da região turística objeto de estudo, um corredor turístico. Os resultados servem de suporte para possíveis intervenções na região. A oferta da região está desarticulada necessitando de roteiros, promoção e comercialização.

GUIMARÃES, V. M. Encontros turísticos: reflexões sobre o turismo através da subjetividade do turista. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, Juiz de Fora (MG), v. 2, n.1, p.55-64, 2012.

Palavras-chave: Desenvolvimento do Turismo. Planejamento Público Estadual. Sustentabilidade.

Evidência: *A ideia de “encontros turísticos” pode representar o próprio encontro do turista consigo mesmo* (p. 55).

KIYOTANI, I. B.; LIMA, E.R.V. Paisaje y medioambiente: Las transformaciones ocasionadas por el turismo de segundas residencias en las playas de Jacumã, Carapibus y Tabatinga (Conde/PB, Brasil). *Estudios y perspectivas en turismo*, v. 21, n. 1, p. 141–158, 2012.

Palavras-chave: paisagem, meio ambiente, turismo de segundas residências, litoral sul paraibano.

Evidência: Transformações que o turismo de segunda residência provocou nas praias pesquisadas. Há necessidade de plano de desenvolvimento do turismo sustentável

SARFATI, G.; NANAE SANO, N. O turismo antártico e a ameaça da tragédia dos comuns. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 12, n. 3, p. 364–383, 2012.

Palavras-chave: Ecoturismo; Antártica e tragédia dos comuns.

Evidência: O turismo que ocorre na Antártica é em cruzeiros que não realizam desembarques. Os autores não comprovaram a hipótese do turismo poder provocar a tragédia dos comuns. Mas alerta que é necessário observar os impactos do fluxo de embarcações nos processos ecológicos.

SOUZA, E. A. L. Relación ciudad-campo y turismo rural: Ensayos teórico-metodológicos. *Estudios y perspectivas en turismo*, v. 21, n. 1, p. 1–19, 2012.

Palavras-chave: relação cidade-campo, turismo rural, urbanização, espaço.

Evidência: Proposta de um esquema metodológico para o turismo rural no contexto cidade-campo e urbanização. O autor parte de que há pouca metodologia para o desenvolvimento sustentável do turismo rural.

2013

CURY, M. J. F.; FRAGA, N. C. Conurbação Transfronteiriça eo Turismo na Tríplice Fronteira: Foz Do Iguaçu (Br), Ciudad Del Este (Py) e Puerto Iguazú (Ar). *Rosa dos Ventos*, v. 5, n. 3, 2013.

Palavras-chave: Turismo. Geografia. Tríplice Fronteira Brasil, Argentina, Paraguai.

Evidência: Apresenta o desenvolvimento urbano e o turismo na Tríplice Fronteira e as relações sistêmicas - socioambientais, culturais e econômicas - que fazem as Territorialidades Transfronteiriças em Iguassu

GOMES RAMOS, R.; REIS LOPES, W. G. Proposta metodológica de avaliação qualitativa de corredores turísticos: considerações sobre o trecho da rodovia BR 343 entre Teresina e o litoral do Piauí, Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 13, n. 1, 2013

Palavras-chave: Regionalização; Corredor turístico; Piauí.

Evidência: Proposta metodológica para avaliar corredor turístico. A região necessita de integração.

LOPES JUNIOR, Wilson Martins. Estudo preliminar da modalidade de turismo e da infraestrutura instalada no litoral da região norte fluminense como subsídio ao planejamento turístico. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 384-399, 2013.

Palavras-chave: Geografia do Turismo; Turismo Litorâneo; Norte Fluminense.

Evidência: Identificou-se, no espaço turístico pesquisado, a falta de infraestrutura de hospedagem, alimentícia e de comércio. Exceção ocorreu no período de alta estação com a infraestrutura alimentícia que aumentou consideravelmente. Aspecto também relevante foi o número de segundas residências utilizadas para hospedagem na alta estação.

NITSCHKE, L. B. Por um turismo para as comunidades locais. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 713-717, 2013.

Palavras-chave: Turismo; Comunidade; Espaço vivido; Geografia cultural.

Evidência: É necessário conhecer a constituição de uma comunidade como grupo cultural e as suas relações com o lugar para indicar caminhos pelos quais o turismo poderia ter o protagonismo dos moradores.

MOURA GOMES, M.; MONTEIRO DE OLIVEIRA, C. D. As festas de Nossa Senhora da Conceição ea encenação da paixão de Cristo: desafios ao lugar do patrimônio imaterial e turístico em Pacatuba (CE). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.6, n.3, ago/out-2013, pp.674-691.

Palavras-chave: Festas; Lugar; Patrimônio; Turismo; Pacatuba (CE)

Evidência: A alter identidade das duas festas diante da espetacularização midiática. Cabe integrar outras atividades no município para integração e agregar na promoção do destino.

PEREIRA SANTOS, P.; CARVALHO VILAR, J. W. Ordenamiento territorial turístico del litoral sergipano (Brasil). **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 22, n. 1, p. 84-101, 2013.

Palavras-chave: ordenamento territorial, planejamento territorial participativo, ambientes costeiros.

Evidência: O ordenamento territorial do litoral (turismo de sol e praia) deve ser participativo e com visão de gestão voltado à relação homem-natureza. São negativos das políticas para o turismo de sol e praia.

RANGEL GONÇALVES, P. M. Entre novas matizes e permanências: a emergência do turismo e os simbolismos do Morro da Conceição (RJ). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 29-40, 2013.

Palavras-chave: Lugar. Turistificação. Morro da Conceição. Rio de Janeiro.

Evidência: *Lugar que traz em seu bojo relações identitárias que podem tanto se retrair como se intensificar, face o atual processo de turistificação do Morro da Conceição* (p. 38).

2014

LOPES JUNIOR, W. M. Geografia urbana e as novas centralidades como subsídio as pesquisas em cidades turísticas. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 168-177, 2014.

Palavras-chave: Turismo e Urbanização; Turismo e Espaço Urbano; Novas centralidades

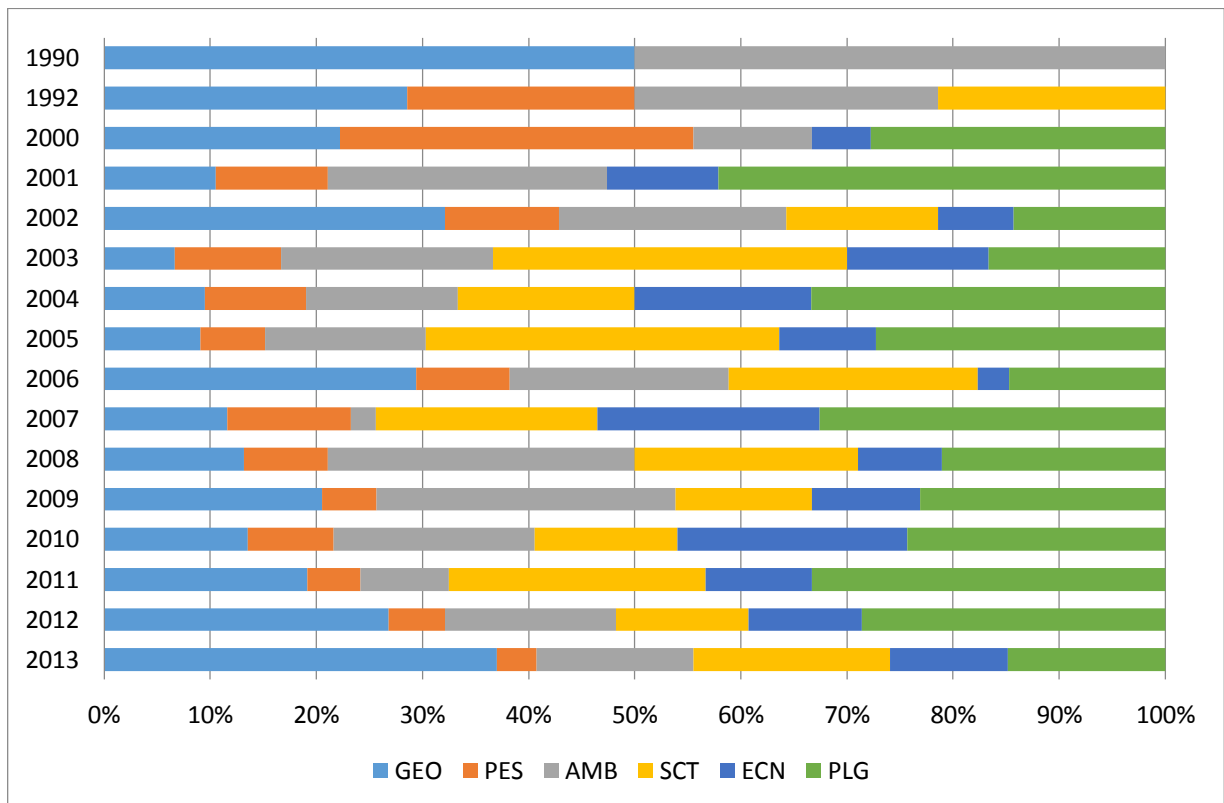
Evidência: Novas centralidades urbanas, morfologia urbana, segregação socioespacial como temas para o turismo urbano.

SOLLER, J. M.; CASTROGIOVANNI, A. C. Geografia e turismo: caminhos e desafios para a complexa leitura do patrimônio de Garopaba (SC). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 198-214, 2014.

Palavras-chave: Turismo; Ensino de Geografia; Garopaba; Paisagem e Lugar.

Evidência: *O ensino de geografia de qualidade, que estude as paisagens a partir de suas gênese, favorece a leitura valorativa do patrimônio material e imaterial que compõem os diferentes lugares* (p. 198).

APÊNDICE 8 – DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS ASPECTOS DE PESQUISA EM GEOGRAFIA DO TURISMO POR ANOS



Fonte: a autora (2015).

APÊNDICE 9- EVIDÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA GEOGRAFIA DO TURISMO NA ESPANHA

2000

BOSQUE MARUEL, J. En torno a la Geografía en Andalucía. **Cuadernos Geográficos**, Granada, n. 30, p.11-42 2000,

Palavras-chave: Historia da Geografia. Espanha. Andalucía. Ensino Universitario. Doutorado. Bibliografia.

Evidência: A Geografia veio crescendo como área de estudo na Espanha, bem como a temática do Turismo neste contexto.

GARCÍA MANRIQUE, E. Los espacios turísticos del litoral andaluz. **Cuadernos geográficos**, Granada, n. 30, p. 43–76, 2000.

Palavras-chave: Historia da Geografia. Espanha. Andalucía. Ensino Universitario. Doutorado. Bibliografia.

Evidência: Há espaços compartilhados e espaços especializados no turismo do litoral da Andalucía.

MÁRQUEZ, J. A. El turismo de la región Onubense-Algavi. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, n. 5, enero-junio, p. 69-86, 2000.

Palavras-chave: Modelos territoriais, nichos de mercado, empresas, qualidade total, fortalezas e obstáculos.

Evidência: A competitividade da região estudada é deficiente pela falta de articulação interna e externa das empresas. Poucas assumem a qualidade total.

VERA REBOLLO, J. F. El modelo Turístico de la Marina Alta: apuntes para una nueva etapa desde la sostenibilidad como referencia. **Investigaciones geográficas**, Alicante, n. 24, p. 133-141, 2000.

Palavras-chave: desenvolvimento turístico, sustentabilidade, gestão de recursos naturais e culturais, ordenamento supramunicipal, espaço comarcal.

Evidência: Indica modelo de desenvolvimento sustentável com qualidade de vida para as populações locais.

2001

FEO PARRONDO, F. Los campos de golf en España y sus repercusiones en el sector turístico. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, enero-junio, n.7, 2001.

Palavras-chave: campos de golfe, Espanha, turismo.

Evidência: A especulação imobiliária deve ser freada para um planeamento territorial restrito do golfe.

OBIOL MENERO, E. M. O.; CANÓS BELTRÁN, H. Turismo, territorio y medio ambiente en Morella. Del PGOU (1986) a la Agenda 21 local (2000). **Investigaciones geográficas**, Alicante, n. 26, p. 81–100, 2001.

Palavras-chave: turismo, território, meio ambiente, sustentabilidade, urbanismo, revalorização patrimonial, Agenda 21.

Evidência: Proposta para plano de dinamização do território e excelência turística com visão sustentável (agenda 21).

ROIG i MUNAR, F. X. El conocimiento de la Posidonia oceanica y sus funciones ecológicas como herramienta de gestión litoral. La realización de encuestas a los usuarios de playas y calas de la isla de Menorca. **Papeles de geografía**, Murcia, n. 34, p. 271–280, 2001a.

Palavras-chave: Posidonia oceânica, litoral, conhecimento dos usuários, gestão, Menorca.

Evidência: A gestão ineficiente de espaços para fins turísticos – especialmente os insulares – vem provocando impactos negativos em elementos frágeis (morfologia e vegetação). Há necessidade de educação ambiental e políticas integradas (agentes sociais públicos e privados)

TIMÓN, D. A. B. El papel de la Geografía en la formación de técnicos en turismo. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, n. 7, p. 7–22, 2001

Palavras-chave: Geografia do Turismo, formação, planos de estudo

Evidência: Há déficit de formação dos alunos de Turismo em relação à Geografia e ao próprio Turismo.

2002

GARCÍA ZARZA, E. El Turismo Cultural en Castilla y León: el caso singular de “Las Edades del Hombre”. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, n. 10, p. 23–68, 2002.

Palavras-chave: Idades do Homem, Turismo Cultural, projeto docente, Castilla y León.

Evidência: Estudar o projeto Las Edades del Hombre, na perspectiva da Geografia do Turismo, é colaborar para seu efeito favorável como impulsionador do turismo cultural com resultados para o setor turístico.

LARRUBIA VARGAS, R. L.; LUQUE GIL, A. M. Las estaciones termales en andalucía: de la explotación tradicional a la configuración de un nuevo producto turístico integral. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, n. 10, p. 101–122, 2002.

Palavras-chave: Termalismo, planeamento turístico, espaço natural protegido, uso público, termalismo social.

Evidência: Estratégias e Plano de Ação para o Termalismo na Andaluzia.

LÓPES CUQUEJO, Á. Agricultura, turismo y recursos hídricos en el Levante almeriense. **Papeles de geografía**, Murcia, n. 35, p. 211–226, 2002.

Palavras-chave: Levante de Almería, irrigação, turismo, déficit hídrico, ordenamento territorial.

Evidência: A insustentabilidade do local provocada pelo turismo e pela agricultura faz urgir a necessidade de um plano de ordenamento. Propostas com viés ambiental considerando o déficit hídrico e a agricultura, fundamentalmente.

OBIOL MENERO, E. M. Marcas turísticas y territorio. Un análisis geográfico del turismo valenciano. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, n. 9, p. 85–101, 2002.

Palavras-chave: imagem da marca, turismo, território, promoção, mediterrâneo.

Evidência: Existe relação entre as marcas turísticas e os recursos territoriais (marcas geoturísticas). Importante cuidar com generalizações dos territórios turísticos para não haver reação negativa com as marcas dos destinos.

PANADERO MOYA, M.; NAVARRETE LÓPEZ, G. N.; JOVER MARTÍ, F. J. Turismo en espacios naturales: oportunidades en el corredor biológico mesoamericano. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, n. 10, p. 69–83, 2002.

Palavras-chave: Ecoturismo, Latinoamérica, Geografía do Turismo.

Evidência: Proposta de um corredor biológico da Mesoamérica tendo o ecoturismo como alternativa para alcançar a sustentabilidade social e ambiental.

2003

CEBRIÁN ABELLÁN, A. El turista rural en Castilla-La Mancha y el sureste: tipología frente a infradotación de servicios en las sierras de Murcia y Albacete. **Cuadernos de turismo**, n. 11, p. 59–81, 2003.

Palavras-chave: tipo de turista, serviços básicos, serviços complementarios, casas rurais, índice turístico, índice de bares e restaurantes.

Evidência: O turismo rural é uma atividade que não atende as necessidades do turista e é carente de estratégias para combater a sazonalidade.

DELGADO VIÑAS, C.; GIL DE ARRIBA, C.; HORTELANO MÍNGUEZ, L. A.; PLAZA GUTIÉRREZ, J. I. Turismo y desarrollo local en algunas comarcas de la montaña cantábrica: recursos y planificación. **Cuadernos de Turismo**, n. 12, p. 7–34, 2003.

Palavras-chave: Patrimônio; Desenvolvimento Local; Estratégias e planejamento do turismo.

Evidência: Apresentação de políticas públicas de turismo direcionadas para um território singular (patrimônio em região de montanhas).

FEO PARRONDO, F. Los campings en España. **Cuadernos de Turismo**, n. 11, p. 83–96, 2003.

Palavras-chave: campings, Espanha, turismo.

Evidência: Aponta necessidade de planejamento dos campings na Espanha.

LARROSA ROCAMORA, J. A. El palmeral de Elche: patrimonio, gestión y turismo. **Investigaciones geográficas**, nº 30, 2003; pp. 77-96, 2003.

Palavras-chave: Palmeiral de Elche, patrimônio, gestão, turismo, Patrimônio da Humanidade.

Evidência: Proposta para melhor aproveitamento turístico e de proteção ao Patrimônio da Humanidade.

ROIG I MUNAR, F. X. Análisis de la relación entre capacidad de carga física y capacidad de carga perceptual en playas naturales de la Isla de Menorca. **Investigaciones geográficas (Esp)**, Alicante, n. 31, p. 107-118, 2003.

Palavras-chave: litoral, ANEI, pressão turística, Menorca.

Evidência: Estudo de capacidade de carga que verifica que há sobrevisitação nas praias pesquisadas.

PASTOR ALFONSO, M. J. Turismo, cultura y medio ambiente. **Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 1, n. 2, p. 145-153, 2003.

Palavras-chave: Turismo Cultural; Ecologia Humana; Patrimônio Cultural; Mudança Cultural.

Evidência: Um projeto de Turismo Cultural aliado a questões ambientais pode favorecer a compreensão e valorização do lugar.

2004

APARICIO GUERRERO, A. E. El turismo rural: una de las alternativas al desarrollo rural en la Serranía de Cuenca. **Cuadernos de turismo**, n. 13, p. 73–90, 2004.

Palavras-chave:

Evidência: Analisando o Programa LEADER de Iniciativa Comunitária destaca-se que o turismo não pode ser a única forma de desenvolvimento rural. O turismo deve-se integrar a outras atividades econômicas para diversificação produtiva da localidade.

ARMESTO LÓPEZ, X. A. A.; GOMÉZ MARTÍN, B. Productos agroalimentarios de calidad, turismo y desarrollo local: el caso de Priorat. **Cuadernos geográficos**, n. 34, p. 83–94, 2004.

Palavras-chave: gastronomia, turismo, alimentos de qualidade, desenvolvimento local, Priorat.

Evidência: Em uma área marginal ao desenvolvimento turístico, o turismo cultural com foco na gastronomia parece ser um pilar para o desenvolvimento turístico e agrário.

CÁNOVES, G.; VILLARINO, M.; HERRERA, L.; CUESTA, L. Turismo rural en Cataluña y Galicia: algunos problemas sin resolver. **Cuadernos Geográficos**, v. 34, n. 1, p. 111-128, 2004.

Palavras-chave: Turismo Rural, desenvolvimento local, emprego rural, comercialização do turismo rural, Catalunha, Galícia, Espanha.

Evidência: Com entrevistas pode-se perceber a visão de futuro de usuários e proprietários de casas que pertencem a uma associação de turismo rural, assim, percebeu-se que há o que melhorar, principalmente em termos de qualidade.

LACOSTA ARAGÜES, A. J. La configuración de nuevos destinos turísticos de interior en España a partir del turismo activo. **Cuadernos Geográficos**, v. 34, n. 1, p. 11–31, 2004.

Palavras-chave: Turismo ativo e de aventura, destinos especializados, empresas, implantação municipal, fontes (FITUR).

Evidência: Com a cartografia da implantação territorial de empresas especializadas em turismo de aventura na Espanha o autor consegue identificar novos destinos de interior.

GARCÍA PASCUAL, F. Los desequilibrios territoriales del turismo en la Cataluña de inicios del siglo XXI. **Cuadernos Geográficos**, n. 34, p. 55-81, 2004.

Palavras-chave: turismo, desequilíbrios territoriais, Catalunha.

Evidência: Há desequilíbrio territorial (concentração de oferta) causado pelo turismo na Cataluña, esta situação é produto de um processo histórico de exploração dos recursos turísticos e também da própria lógica de organização espacial do capitalismo.

LÓPEZ PALOMEQUE, F. La ley del turismo de Cataluña, un nuevo instrumento en la evolución de la política turística. **Cuadernos Geográficos**, v. 34, n. 1, p. 33–53, 2004.

Palavras-chave:

Evidência: Crítica a Lei de Turismo da Cataluña, de 2002, que não serve aos territórios turísticos.

PONCE SÁNCHEZ, M. D. La calidad ambiental como factor competitivo de los destinos tradicionales de sol y playa. *Cuadernos de Turismo*, v. 13, p. 91-105, 2004a.

Palavras-chave: qualidade ambiental, fator competitivo, desenvolvimento sustentável, novo turista, valor global, impactos territoriais.

Evidência: Estudo de valoração da qualidade ambiental onde veranistas e residentes estão satisfeitos com a localidade, mas apontam melhorias. A proteção ao meio ambiente é uma medida fundamental de qualificação do destino, para torná-lo mais competitivo.

PONCE SÁNCHEZ, M. D. Percepción del modelo turístico de sol y playa. El caso del Mar Menor. *Papeles de geografía*, n. 39, p. 173-186, 2004b.

Palavras-chave: turismo, lei, território, administração pública, política turística, Catalunha.

Evidência: A análise de percepção revela um perfil de demanda heterogêneo que acaba sendo satisfeito com o modelo de turismo de sol e praia, mesmo com suas disfuncionalidades

2005

CÀNOVES, G.; HERRERA, L.; CUESTA, L. Turismo rural en Cataluña: condicionantes de la oferta y la demanda. **Investigaciones geográficas**, n. 37, p. 5–26, 2005.

Palavras-chave: turismo rural, distribuição territorial, oferta, demanda, Catalunha.

Evidência: Estudo detalhado no contexto geográfico. Comparando o turismo rural com o sol e praia verificam-se padrões de demanda semelhantes na sazonalidade e permanência média, bem como diferenças significativas na proporção de turistas estrangeiros. Há ainda que se fortalecer meio rural.

FEO PARRONDO, F. Turismo gastronómico en Asturias. **Cuadernos de Turismo**, n. 15, p. 77–96, 2005.

Palavras-chave: Turismo, gastronomia, Asturias.

Evidência: Apresenta a gastronomia e a relação com o turismo e evidência que a promoção da gastronomia no exterior ajuda a potencializar um recurso turístico de primeira ordem, muito valorizado pelos turistas.

2006

PORCAL GONZALO, M. C. Turismo cultural, turismo religioso y peregrinaciones en Navarra. Las Javieradas como caso de estudio. **Cuadernos de Turismo**, v. 18, p. 103–134, 2006.

Palavras-chave: desenvolvimento turístico, turismo religioso, peregrinações, Javierada, Castillo de Javier, Navarra.

Evidência: A abordagem traz o perfil e as motivações dos peregrinos, os personagens e os marcos do caminho, as peculiaridades do destino, entendido como lugar sagrado e espaço turístico.

2007

LÓPES BONILLA, J. M.; LÓPES BONILLA, L. M. Diferencias territoriales en la planificación y la gestión del destino turístico. **Cuadernos de Turismo**, v. 19, p. 71–90, 2007.

Palavras-chave: destino turístico, planejamento turístico, gestão turística, imagem turística, satisfação turística.

Evidência: Os principais diferenciais territoriais encontrados no destino estudado foram os atrativos naturais. Os diferenciais reforçam uma imagem que pode tornar o destino mais competitivo no mercado global.

PONCE SÁNCHEZ, M. D. Turismo de reuniones en la ciudad de Murcia. Un enfoque desde el tejido empresarial involucrado. **Cuadernos de turismo**, v. 19, p. 105–131, 2007.

Palavras-chave: Turismo de eventos, Convention Bureau, cidades sede, competitividade, capital imagem, capital econômico, planos estratégicos.

Evidência: O destino aposta por um posicionamento no turismo urbano qualificando e diversificando o turismo de eventos. A autora em amplo diagnóstico verifica algumas necessidades para o destino chegar ao seu objetivo.

2008

CALLE VAQUERO, M. de LA; GARCÍA HERNÁNDEZ, M. Turismo cultural en viaje de grupo organizado: Medina Azahara/Madinat Al-Zahra como referente. **Cuadernos de turismo**, n. 22, p. 79–99, 2008.

Palavras-chave: turismo cultural, segmentação de visitantes, grupos organizados, conjuntos arqueológicos, Medina Azahara.

Evidência: Características sócio-demográficas dos grupos proporcionam informações que podem ajudar na organização de viagens em grupo para o turismo cultural. Para assim, haver melhor aproveitamento dos recursos de destinos de turismo cultural.

MARTÍNEZ PUCHE, A. El cine como soporte didáctico para explicar la evolución del viaje y la actividad turística. **Cuadernos de Turismo**, n. 22, p. 145-163, 2008.

Palavras-chave: evolução turística, fordismo, posfordismo, sol e praia, belle époque, território e cinema, revolução dos transportes, hábitos de consumo.

Evidência: Sugere o cinema como suporte didático da Geografia do Turismo, ócio e recreação, pois é possível por meio desse explicar processos que vem acontecendo no desenvolvimento do fenômeno turístico.

2009

PAUL CARRIL, V. ; PAZOS OTÓN, M. O transporte como produto turístico en Galiza: unha análise da oferta actual. **Revista galega de economía: Publicación Interdisciplinar da Facultade de Ciencias Económicas e Empresariais**, v. 18, n. 2, p. 21–48, 2009.

Palavras-chave: Transporte para o turismo, transporte como turismo, produtos turísticos, destinos turísticos, Geografia do Turismo, Geografia dos Transportes, Galicia.

Evidência: Propostas para o aproveitamento do produto transporte para o turismo. Crítica a análise passiva do transporte na Geografia do Turismo. O uso do transporte como atrativo é importante até mesmo para diminuir o tráfego, passando do uso individual ao coletivo.

2010

PRAT FORGA, J. M. Turismo naturista: una apuesta por el turismo marginal. El caso del barrio naturista de Cap D Agde en Francia. **Cuadernos de turismo**, n. 26, p. 201–216, 2010

Palavras-chave: turismo naturista, Francia, nudismo, swingers.

Evidência: O autor apresenta que o Turismo Naturista é ignorado pela Geografia do Turismo, pois julga haver preconceito por temas minoritários. O bairro naturista vem cumprindo função de ócio, passeio e descanso, e vem sendo visitado pelo seu conteúdo simbólico como em um museu ou em uma exposição.

RULLÁN, O. Los efectos territoriales de las dinámicas globales en unas islas turísticas mediterráneas: las Baleares. **Periplo Sustentable**, núm. 18, enero-junio, pp. 119-160, 2010.

Palavras-chave: Islas Baleares, turismo, transformação territorial.

Evidência: As Ilhas estudadas deixaram de ser um “enclave” turístico de férias para ser uma extensão residencial dos europeus cada vez mais frequente. Afirma não ser estudo da Geografia do Turismo. É um estudo de contribuição à Geografia do Turismo.

SANTOS PAVÓN, E. L. ; FERNANDÉZ TABALES, A. El litoral turístico español en la encrucijada: entre la renovación y el continuismo. **Cuadernos de turismo**, v. 25, p. 185–206, 2010.

Palavras-chave: turismo litoral, modelos de desenvolvimento turístico, requalificação de destinos turísticos, ordenamento e gestão do litoral, atividade turística versus actividad inmobiliaria.

Evidência: Avaliação dos novos modelos turísticos da costa e a intensificação do modelo dominante desde os anos 70. Há renovação e continuísmo.

2011

ANDRADE SUÁREZ, M. J. La construcción social de la imagen de los espacios-destinos rurales: Aproximación teóricometodológica RIPS. *Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas*, Santiago de Compostela, vol. 10, núm. 3, 2011, pp. 57-7.

Palavras-chave: imagem turística, imaginário social, idealização, consumidor turístico, turismo rural.

Evidência: Em estudo de percepção sobre o turismo rural a autora conclui que para se promover um destino de forma eficaz, a imagem deve enfatizar não somente os recursos naturais e culturais, como também as emoções evocadas pelo mesmo

GARCÍA MARÍN, R. Turismo y desarrollo rural en la comarca del Noroeste de la Región de Murcia: los programas europeos LEADER. **Cuadernos de Turismo**, n. 27, p. 419–435, 2011.

Palavras-chave: Turismo rural, desenvolvimento rural, Noroeste de la Región de Murcia.

Evidência: Descreve ações do programa LEADER nas fases I e II que previu com êxito a criação de novas empresas, revalorização e comercialização de produtos artesanais, inovação e geração de emprego feminino, assistência técnica para investimentos rurais, diversificação e promoção turística. O turismo rural apesar do favorecimento na região não pode ser a única fonte de renda, deve ser integrado à outras atividades para gerar diversificação produtiva.

JOVER MARTÍ, F. J. Turismo en El Salvador: el reto de la consolidación de un destino emergente. **Cuadernos de Turismo**, n. 27, p. 561–583, 2011.

Palavras-chave: destino emergente, consolidação, El Salvador.

Evidência: O turismo é emergente no país devido aos esforços públicos e privados. A consolidação do turismo está atrelada a vários fatores de vulnerabilidade física, ambiental, econômica, política e social.

LONDOÑO, M. del P. L. La diversificación del destino turístico a través del turismo gastronómico: el caso de Vilanova i la Geltrú (Barcelona). **Pasos Revista de Turismo e Patrimônio Cultural**, v. 9, p. 15, 2011a.

Palavras-chave: Turismo gastronômico; Gastronomía; Territorio; Diversificación turística; Recurso turístico.

Evidência: Análise do recurso gastronômico, trabalhado com qualidade, como opção de diversificação da oferta turística em uma região de turismo de Sol e Praia. Apresenta o Plano Gastronômico da Cidade que sugere que haja grande envolvimento público e privado, principalmente do privado para o turismo gastronômico se desenvolver.

LONDOÑO, M. del P. L. Las “Tienda Granja” como escenarios de promoción de la gastronomía local y sus posibilidades asociadas al turismo. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 20, p. 908–928, 2011d.

Palavras-chave: gastronomía, produto local, tiendas granja, diversificación rural, turismo gastronômico.

Evidência: Comparação de estratégias de diversificação rural denominadas “*Tienda Granja*” (*agroboutiques* ou *farms shops*). Verificando que estas podem contribuir para a promoção da gastronomía a partir de produtos comercializados para o turismo. Para tanto, os produtos comercializados são valorizados mediante selos de qualidade como as Denominações de Origem e as Indicações Geográficas Protegidas. É um a possibilidade de desenvolvimento local em sinergia com a atividade turística.

MANERO MIGUEL, F. En defensa de la identidad difuminada: estrategias de creatividad y promoción turística en ciudades medias. El caso de Castilla y León. **Investigaciones Geográficas** (Esp), n. 56, p. 31-47, 2011.

Palavras-chave: Patrimônio cultural, Turismo Urbano, Cidades Médias, Desarrollo Local, Políticas Urbanas.

Evidência: Revalorização urbana com recuperação de bens patrimoniais e históricas pode permitir a criação de ofertas inovadoras. É uma tendência para cidades médias, projetando a imagem identitária de seus atrativos em grande escala, o que ainda não ocorre totalmente no destino pesquisado.

PANADERO MOYA, M.; GARCÍA GONZÁLEZ, J. A.; PANADERO ALARCÓN, J. D. Paisaje y turismo. El corredor bético de Alcaraz (Albacete). **Cuadernos de Turismo**, v. 27, n. 27, p. 679–700, 2011.

Palavras-chave: Paisagem, Geografia do turismo, Albacete, Alcaraz, Guadalmena.

Evidência: As características biogeográficas e culturais facilitam o desenvolvimento de uma rota turística paisagística que tem a história da cidade como ponto de partida.

PARDO ABAD, C. J. El turismo idiomático en España como potenciador cultural en ciudades patrimoniales: el caso de Salamanca y Alcalá de Henares. **Cuadernos de Turismo**, n. 27, p. 701–723, 2011

Palavras-chave: Turismo, idioma, cultura, cidade patrimonial.

Evidência: Turismo idiomático como potencializador cultural em cidades patrimoniais pelos vínculos entre idioma e cultura, idioma e cidade ou idioma e turismo. Reforça a oportunidade deste mercado na Espanha (o ensino de espanhol para estrangeiros).

PUCHE RUIZ, M.; OBIOL MENERO, E. M. Procesos de «re-imageneering» turístico: el eclipse de la identidad local de Valencia. **Cuadernos de Turismo**, n. 28, p. 191–214, 2011.

Palavras-chave: marca turística, marca lugar, marca cidade, identidade, território.

Evidência: Estudo de marcas turísticas e suas vantagens comparativas ao longo dos tempos. Quando o território e identidade oferecidos para venda, a fragilidade é evidente nos slogans e logotipos. O residente não se identifica com as marcas e essa seria uma oportunidade para o desenvolvimento do turismo doméstico.

PORCAL GONZALO; M. C.. El patrimonio rural como recurso turístico. La puesta en valor turístico de infraestructuras territoriales (rutas y caminos) en las áreas de montaña del País Vasco y de Navarra. **Cuadernos de Turismo**, n. 27, p. 759–784, 2011.

Palavras-chave: Patrimônio, Patrimônio Rural, Desenvolvimento Turístico, Infraestruturas Territoriais, Vias Férreas, Caminhos Históricos, Vias Pecuárias, Áreas de Montanha, País Vasco, Navarra

Evidência: O reconhecimento do patrimônio rural como recurso turístico está possibilitando a conscientização e o desenvolvimento de localidades rurais e de montanha. A reutilização de vias férreas, vias pecuárias e caminhos históricos para o turismo são bons exemplos (mudança de função no território – relação patrimônio, turismo e desenvolvimento). Pelo valor paisagístico, ecológico e cultural deve haver proteção dos recursos e adequado comportamento dos visitantes.

PRATS, L. La viabilidad turística del patrimonio. **PASOS–Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 9, p. 249, 2011.

Palavras-chave: Patrimônio; Turismo; Viabilidade; Fluxos geográficos; Estratégias turísticas.

Evidência: Verifica-se a viabilidade ou inviabilidade do patrimônio como atrativo turístico. Em três situações geográfico-patrimoniais o autor destaca que há viabilidade: patrimônios de grande predicado que por si só atraem fluxos turísticos, patrimônios que estão próximos a grandes cidades e que essas populações constituíram fluxo contínuo de visitantes e os patrimônios localizados em destinos turísticos consolidados, de êxito. Para os outros destinos turísticos com patrimônios, resta fazer grandes investimentos nos patrimônios para atrair fluxos turísticos ou inverter a lógica e ter os meios de hospedagem e alimentação como principal motivo de venda e aliar a visita ao patrimônio.

SIMANCAS CRUZ, M. El fracaso de la renovación de áreas turísticas consolidadas de litoral a través de la sustitución de la oferta de alojamiento obsoleta: la experiencia de las Islas Canarias. **Cuadernos de Turismo**, n. 27, p. 875–906, 2011.

Palavras-chave: áreas turísticas consolidadas de litoral, inchaço urbanístico, Islas Canarias, obsolescência turística, renovação turística, substituição de edifício, transferência.

Evidência: A estratégia de renovação dos edifícios de hospedagem foi inserida na política de ordenamento territorial das Ilhas Canárias, mas não foi colocada em prática. As razões para o insucesso são econômico-financeiras, vinculadas aos instrumentos de ordenação territorial do turismo e decisões privadas.

2012

BABINGER, F. El turismo ante el reto de peligros naturales recurrentes: una visión desde Cancún. *Investigaciones geográficas*, n. 78, p. 75–88, 2012

Palavras-chave: Turismo, Cancún, ocupação do território, riscos naturais, furacões.

Evidência: A colonização espacial pelo turismo e os impactos dos furacões repercutem diretamente sobre a hotelaria e manutenção da atividade turística no futuro. O destino continua sendo divulgado e procurado pelos turistas mesmo na época de furacões.

BONET, A. A. A.; SALOM, M. B. ¿Reconversión o desregulación? Análisis de planes de reconversión turístico-inmobiliaria de la playa de Palma (Mallorca). *Cuadernos de Turismo*, v. 29, n. 29, p. 11–34, 2012.

Palavras-chave: globalização, desregulação, reconversão, geografia urbana, turismo, Playa de Palma.

Evidência: Apresenta a dualidade entre as ações desreguladoras e reguladoras dos poderes públicos no plano de conversão turístico-imobiliário da Praia de Palma. O poder público fica na tensão entre favorecer interesses privados ou promover seu caráter democrático.

GONZÁLEZ, R. C. L.; LOPEZ, L. El Camino de Santiago: una aproximación a su carácter polisémico desde la geografía cultural y el turismo. *Documents d'anàlisi geogràfica*, v. 58, n. 3, p. 459–479, 2012.

Palavras-chave: Caminho de Santiago. Antropologia das Peregrinações. Espaço Sagrado. Geografia Cultural. Geografia do Turismo.

Evidência: O caráter polissêmico do Caminho de Santiago é apresentado destacando cinco fatores chave que vem promovendo a utilização e renovação ao longo dos tempos: 1. vocação militante de impulsionar o caminho; 2. originalidade do caminho - espaço sagrado e cultural patrimonializado e cuidado pelas instituições públicas; 3. reabilitação/restauração em 1990; 4. ideologias nacionalistas e reacionárias dos anos de 1970 - reivindicação de uma unidade europeia, movimentos separatistas; e 5. O retorno a escala humana das coisas que faz as pessoas buscarem o caminho.

HOLDERBAUM, B. S.; OLAGUE DE LA CRUZ, J. T.; SILVA LEMOS, A. El nivel de calidad de núcleos turísticos urbanizados del turismo de masa y la propuesta de ciudad turística: El Caso de la Urbanización El Veril (Gran Canaria) España. *Estudios y perspectivas en turismo*, v. 21, n. 6, p. 0–0, 2012.

Palavras-chave: segunda residência, turismo de massas, ordenamento territorial, cidade turística, Canarias.

Evidência: Propõe a reestruturação dos espaços turísticos massificados, principalmente pelo turismo de segunda residência, em cidades turísticas.

PAÛL CARRIL, V.; ARAÚJO VILA, N. Agroturismo en entornos periurbanos: enseñanzas de la iniciativa holeriturismo en el Parc Agrari del Baix Llobregat (Cataluña). *Cuadernos de Turismo*, n. 29, p. 183–208, 2012.

Palavras-chave: turismo e ócio periurbanos, agroturismo, agricultura periurbana, Parc Agrari del Baix Llobregat (Cataluña).

Evidência: O Agroturismo (holeriturismo, *vegetable tourism*, turismo em hortas) tem múltiplas possibilidades no entorno periurbano. Como está no início, possui possibilidade de inovar aproveitando a cultura de se fazer hortas preservadas no local.

2013

DÍAZ-CARRIÓN, I. A. Mujeres y mercado de trabajo del turismo alternativo en Veracruz. *Economía, Sociedad y Territorio*, v. 13, n. 42, p. 351–380, 2013.

Palavras-chave: Gênero, trabalho, turismo alternativo, Veracruz.

Evidência: Geografia de gênero - o trabalho das mulheres no turismo alternativo (rural).

2014

JURADO ALMONTE, J. M. El turismo accesible en Andalucía y Portugal. *Cuadernos de Turismo*, v. 33, p. 121-150, 2014.

Palavras-chave: turismo acessível, acesibilidade, discapacidade, Andalucía, Portugal.

Evidência: Poucos estudos da Geografia sobre turismo acessível. Se faz necessária uma nova cultura sobre acessibilidade e deficiências no turismo.

PILLÉT CAPDEPÓN, F. P. El paisaje literario y su relación con el turismo cultural. *Cuadernos de Turismo*, v. 33, p. 297-309, 2014.

Palavras-chave: turismo de interior, turismo cultural, paisagem literária.

Evidência: A paisagem literária pode ser um autêntico guia turístico e cultural.

APÊNDICE 10 - EVIDÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA GEOGRAFIA DO TURISMO NO MÉXICO

2000

SICILIA MUÑOZ, R. A. El corredor turístico Loreto-Nopoló-Puerto Escondido, Baja California Sur, en el contexto de los centros integralmente planeados. **Cuadernos de Turismo**, Murcia, n. 5, p. 53–68, 2000.

Palavras-chave: não menciona.

Evidência: O corredor-turístico na Baixa Califórnia deve preferir o ecoturismo e o turismo cultural ao turismo de massa (Sol e Praia) presente. O projeto do corredor não possui sucesso

2004

PROPIN-FREJOMIL, E.; LÓPEZ-LÓPEZ, Á.; SÁNCHEZ-CRISPÍN, A. Territorios preferenciales de los grupos hoteleros internacionales en América Latina y el Caribe, a principios del siglo XXI. **Investigaciones geográficas**, n. 53, p. 122–140, 2004

Palavras-chave: Grupos hoteleiros internacionais, turismo, América Latina, Caribe.

Evidência: Com a verificação da distribuição geográfica dos dez maiores grupos hoteleiros internacionais na América Latina chegou-se à conclusão de que estes estão no México, nas praias no Caribe e em grandes cidades como São Paulo.

VÁZQUEZ SOLÍS, V.; PROPIN FREJOMIL, E. Las relaciones regionales de la economía turística en Bahías de Huatulco, Oaxaca. **Investigaciones geográficas**, n. 55, p. 43–163, 2004

Palavras-chave: Turismo, região, dependências econômicas, Bahías de Huatulco.

Evidência: A aplicação cartográfica com cruzamento de dados econômicos pode revelar as dependências regionais e globais da economia turística na Bahía de Huatulco em distintas escalas geográficas e magnitudes.

2005

HIERNAUX NICOLAS, D. La promoción inmobiliaria y el turismo residencial: el caso mexicano. **Scripta Nova. Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 9, n. 194, p. 05, 2005.

Palavras-chave: Turismo, segunda residência, promoção imobiliária, Geografia do turismo.

Evidência: A finalidade especulativa da segunda residência se torna cada vez mais evidente apoiada no modelo americano devastador. Se tornam marcas das classes dominantes do capitalismo globalizado. Percebe-se no caso estudado mais turismo residencial embora menor qualidade social.

MOREALES MAYOBRE, M. B. La importancia de la enseñanza de la Geografía en las carreras de Turismo. **El Periplo Sustentable**, n. 10, p. 45–57, 2005.

Palavras-chave: não menciona.

Evidência: Usa o termo Geografia Turística sinônimo de Geografia do Turismo. Aborda que a disciplina na formação do curso superior em turismo é fundamental. Esta disciplina serve para conhecer o espaço geográfico da região onde se estuda com o objetivo de identificar o patrimônio potencial com fins de recreação e diversão por meio de gestão sustentável.

REYES PÉREZ, Ó.; SÁNCHEZ CRISPÍN, Á. Metodología para determinar el potencial de los recursos turísticos naturales en el Estado de Oaxaca, México. **Cuadernos de Turismo**, n. 16, p. 153–174, 2005.

Palavras-chave: Turismo, recursos naturais, Oaxaca, México

Evidência: A proposta metodológica vêm relacionar hierarquias de atratividade natural com acesso e equipamentos para determinar a potencialidade turística de diferentes áreas de um Estado. Conclui-se que a riqueza natural do Estado é mal aproveitada devido à falta de infraestrutura turística adequada.

SÁNCHEZ CRISPÍN, Á.; LÓPEZ LÓPEZ, Á.; PROPIN FREJOMIL, E. Estructura territorial del turismo en la Zona Metropolitana de Monterrey, México. **Investigaciones geográficas**, n. 58, p. 80–105, 2005.

Palavras-chave: Grandes cidades, turismo, Monterrey, México.

Evidência: Modelo econômico de análise aplicado em Geografia do Turismo em diferentes localidades. PARTE A. A região tem potencial para atividades na natureza (de baixo impacto) com formação de produtos turísticos originais, mas que acabam por não atender aos turistas mexicanos acostumados ao turismo de massa. Assim, o turismo de negócios e eventos será mais presente.

SÁNCHEZ CRISPÍN, Á.; LÓPEZ LÓPEZ, Á.; PROPIN FREJOMIL, E. Estructura territorial del turismo en la Zona Metropolitana de Monterrey, México (parte B). **Investigaciones geográficas**, n. 58, p. 80–105, 2005.

Palavras-chave: Grandes cidades, turismo, Monterrey, México.

Evidência: Modelo econômico de análise aplicado em Geografia do Turismo em diferentes localidades. PARTE B. A região tem potencial para atividades na natureza (de baixo impacto) com formação de produtos turísticos originais, mas que acabam por não atender aos turistas mexicanos acostumados ao turismo de massa. Assim, o turismo de negócios e eventos será mais presente.

SÁNCHEZ CRISPÍN, Á. ; PROPIN FREJOMIL, E. Potencial regional del turismo en la zona metropolitana de Tampico, México. **Cuadernos geográficos**, n. 37, p. 153–184, 2005.

Palavras-chave: Turismo, turismo de praia, Tampico, México.

Evidência: Modelo econômico de análise aplicado em Geografia do Turismo em diferentes localidades.

A região analisada deve ser organizada como centro turístico de litoral e não apenas de praia, ofertando maior variedade produtos para incrementar seu fluxo de turistas e visitantes

2006

LAGUNAS ARIAS, D. El espacio del turismo. **Alteridades**, v. 16, n. 31, p. 119–129, 2006.

Palavras-chave: turismo, espaço, imaginários, autenticidade, standardização.

Evidência: Há um discurso na antropologia do turismo repleto de críticas acerca da autenticidade e do exótico no turismo, mas também sobre o hedonismo, o prazer, e a liberdade, assim o turismo surge num processo de reconquista de espaços e lugares.

2007

PROPÍN FREJOMIL, E. P.; CRISPÍN, Á. S. Tipología de los destinos turísticos preferenciales en México. **Cuadernos de Turismo**, v. 19, p. 147–166, 2007.

Palavras-chave: México, destinos turísticos preferenciais, tipos de destinos turísticos.

Evidência: Apresenta critérios metodológicos para tipificação dos destinos turísticos preferenciais do país considerando a dinâmica temporal, o perfil geográfico e a magnitude da preferência turística. Estudo de geografia econômica

2008

NIÑO GUTIÉRREZ, N. S. N. Ambiente de la Isla Roqueta de Acapulco, Guerrero, México. n. 14. **El Periplo Sustentable**, p.5-25, 2008.

Palavras-chave: Geografia, Ambiente, Manejo ambiental, Isla La Roqueta, Acapulco.

Evidência: Proposta para manejo sustentável da paisagem insular com o conhecimento integral das características geográficas, da biodiversidade, dos atrativos paisagísticos e da socioeconomia.

RINCÓN, J. H. T. El Territorio Como Factor De Competitividad De Un Destino Turístico. El Caso De La Capital Del Estado De México. **Quivera**, v. 10, n. 2, p. 131–152, 2008.

Palavras-chave: Território, competitividade, destino.

Evidência: O baixo valor turístico das cidades da área estudada está relacionado com a falta do reconhecimento da estrutura territorial sobre a qual se tenta desenvolver o turismo. Compreender a articulação do território com a distribuição dos fluxos turísticos é importante. Deve-se ter bases geográficas para melhor desenvolvimento territorial do turismo.

2009

BRENNER, L. Aceptación de políticas de conservación ambiental: el caso de la Reserva de la Biosfera Mariposa Monarca. **Economía, Sociedad y Territorio**, v. 9, n. 30, p. 259-295, 2009.

Palavras-chave: Políticas de conservação, plataformas de negociação, mariposa monarca.

Evidência: Análise político-ecológica com enfoque em atores, interesses e conflitos. Aponta problemas e um marco de análise para os conflitos sociais dos atores interessados nos recursos naturais. Apresenta uma avaliação de intenções para se estabelecer plataformas de coordenação e negociação que integrem mais atores e promovam maior aceitação da área protegida.

JUAN PÉREZ, J. I., MONROY GAYTÁN, J. F., GUTIÉRREZ CEDILLO, J. G., NÉMIGA, X. A. e BALDERAS, M. Á. P. Los sistemas de barrancos mexicanos, un recurso potencial para el turismo alternativo. El caso de los Barrancos del río Calderón, Estado de México. **El Periplo Sustentable**. n. 17, p.31-54, 2009.

Palavras-chave: Políticas de conservação, plataformas de negociação, mariposa monarca.

Evidência: Por meio da cartografia, fotointerpretação e campo se determina o potencial natural e sociocultural do sistema de barrancos. Observa-se que os barrancos são impactados por atividades econômicas e extrativistas, mas mediante programa de manejo podem ser utilizados para o ecoturismo.

SANTANDER BOTELLO, L. C.; PROPIN FREJOMIL, E. Impacto ambiental del turismo de buceo en arrecifes de coral. **Cuadernos de Turismo**, v. 24, p. 207-227, 2009

Palavras-chave: turismo de mergulho, arrecifes de coral, impactos.

Evidência: Identificação dos impactos ambientais do turismo de mergulho em recifes de coral com contexto econômico e análise geográfica detalhada. Destacam que não há metodologia de capacidade de carga específica para mergulho.

2010

BRENNER, L. Gobernanza ambiental, actores sociales y conflictos en las Áreas Naturales Protegidas mexicanas. **Revista mexicana de sociología**, v. 72, n. 2, p. 283–310, 2010.

Palavras-chave: governança ambiental, Áreas Naturais Protegidas, México.

Evidência: O maior problema que enfrenta a governança ambiental são os interesses e ações contraditórias dos diferentes atores sociais. Criam-se conflitos socioambientais e há necessidade de mais estudos dessa temática para contribuir com a mediação de conflitos.

2011

HUERTA GARCÍA, M. A.; SÁNCHEZ CRISPÍN, Á. Evaluación del potencial ecoturístico en áreas naturales protegidas del municipio de Santa María Huatulco, México. **Cuadernos de Turismo**, n. 27, p. 541–560, 2011.

Palavras-chave: governança ambiental, Áreas Naturais Protegidas, México.

Evidência: Avaliação do potencial ecoturístico com variáveis econômica sem amplo cenário físico-geográfico e comunitário. O Corredor Ecoturístico Comunitário representa uma alternativa econômica.

2012

MONTAÑO ARANGO, O., CORONA ARMENTA, J. R., GARNICA GONZÁLEZ, J., NICCOLAS MORALES, H., MARTÍNEZ CASTELÁN, P. e ORTEGA REYES, A.O. Modelo sistémico para la conformación de un cluster turístico regional de naturaleza sustentable. *Economía, Sociedad y Territorio*, v. XII, n. 39, p. 493-525, 2012.

Palavras-chave: modelo sistémico, sustentabilidade, cluster, turismo, desenvolvimento regional.

Evidência: Apresenta modelo sistémico para a conformação de um cluster turístico de natureza sustentável. O sentido é haver integração entre os atores.

REYES PÉREZ, Ó., VÁZQUEZ SOLÍS, V., REYES HERNÁNDEZ, H., NICOLÁS CARETTA, M. E RIVERA GONZÁLEZ, J. G. Potencial turístico de la región Huasteca del estado de San Luis Potosí, México. *Economía, sociedad y territorio*, 12(38), 249-275, 2012.

Palavras-chave: geografia do turismo, potencial turístico, patrimônio cultural, Huasteca Potosina.

Evidência: Aplicação de metodologia que determina potencial turístico da zona em estudo. Verifica-se que carece de oferta complementar que assegure turismo mais dinâmico.

SÁNCHEZ CRISPÍN, Á.; MOLLINEDO BELTRÁN, G.; PROPIN FREJOMIL, E. Estructura territorial del turismo en Guatemala. *Investigaciones geográficas (Mx)*, n. 78, p. 104–121, 2012

Palavras-chave: Estrutura territorial, turismo, Guatemala.

Evidência: Compreensão da estrutura territorial do turismo no país. A tendência é continuar aumentando seus fluxos turísticos contribuindo com o turismo na região (países vizinhos).

2013

OROZCO ALVARADO, J.; NÚÑEZ MARTÍNEZ, P. Las teorías del desarrollo. En el análisis del turismo sustentable. **InterSedes**, v. 14, n. 27, 2013.

Palavras-chave: Crescimento Econômico, Desenvolvimento Econômico, Sustentabilidade, Turismo Sustentável

Evidência: Um modelo local de desenvolvimento territorial é uma boa alternativa para os destinos turísticos da Costa Rica, para assim se tornar um destino turístico sustentável.

APÊNDICE 11- EVIDÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA GEOGRAFIA TURISMO NOS DEMAIS PAÍSES DA IBERO-AMÉRICA

2001

SAMMARCHI, M. Situación actual del turismo en la Argentina. Cuadernos de Turismo, Murcia, n. 8, p.129-144, 2001.

Palavras-chave: Argentina, turismo receptivo, turismo interno, oferta hoteleira, praças hoteleiras, centros receptores de turismo, recursos humanos.

Evidência: O turismo receptivo na Argentina foi inferior à tendência observada no resto do mundo, mas obteve crescimento no período estudado. Os locais que cresceram tiveram políticas públicas que contribuíram.

2002

PORTILLO, A. Una estrecha relación entre el turismo, la geografía y el mercadeo. **Geoenseñanza**, Venezuela, v. 7, n. 1-2, p. 109–113, 2002.

Palavras-chave: turismo, Geografia, mercado, geomercado turístico, segmentação

Evidências: O Turismo deve ser estudado desde a perspectiva da Geografia como ciência que busca fundamentalmente estabelecer diferenças espaciais da atividade turística em suas variadas manifestações. Esta visão prevê melhor gestão do mercado turístico (geomercado).

2003

CÓRDOBA Y ORDÓÑEZ, J.; GARCÍA DE FUENTES, A. Turismo, globalización y medio ambiente en el Caribe mexicano. **Investigaciones Geográficas**, Boletín del Instituto de Geografía, UNAM, n. 52, 2003.

Palavras-chave: Turismo, desenvolvimento, desenvolvimento humano, globalização, sustentabilidade, padrões de ocupação do território.

Evidências: A expressiva extensão e diversidade ambiental não está contendo os impactos do desenvolvimento urbano e turístico.

PADILLA Y SOTELO, L. S.; LUNA MOLINER, A. M. Percepción y conocimiento ambiental en la costa de Quintana Roo: una caracterización a través de encuestas. **Investigaciones Geográficas**, Boletín del Instituto de Geografía, UNAM, n. 52, 2003.

Palavras-chave: Percepção ambiental, costa de Quintana Roo, elementos microsociais, espaço geográfico, padrões de interação social, educação ambiental.

Evidências: Análise que facilita a construção de abordagem de educação ambiental como processo educativo para a participação popular no desenvolvimento turístico.

2005

SALINAS CHÁVEZ, E. ; ECHARRI CHÁVEZ, M. Turismo y desarrollo sostenible: el caso del centro histórico de la Habana–Cuba. PASOS. Revista de Turismo y Patrimônio Cultural, v. 3, n.1, p. 171-188, 2005.

Palavras-chave: Turismo de Patrimônio; Centro Histórico de Havana; Setores funcionais; Indicadores turísticos.

Evidência: Usa indicadores socioeconômicos e espaciais como o índice de centralidade turística (ICT) de Biagini, 1986 e a Taxa de frequência turística (TFT) de Defert, 1967 para, em um estudo holístico, chegar a apontar capacidade de acolhida turística do centro histórico objeto da investigação.

2006

GONZÁLEZ HERRERA, M.; PALAFOX MUÑOZ, A. Producción del espacio turístico en ambientes sensibles. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 15, p. 149–178, 2006.

Palavras-chave: espaço turístico, pequenos sistemas insulares tropicais, ambientes sensíveis, desenvolvimento sustentável, turismo de litoral, destino turístico, impacto do turismo.

Evidência: Há necessidade de se estruturar uma projeção estratégica do destino dentro de uma perspectiva participativa para avançar na gestão responsável (modelo turístico sustentável) a médio e longo prazo considerando o espaço litorâneo.

IRMA, G.; CERES, B. Turismo, biodiversidad y academia ?` Una opción para la extensión universitaria? el caso de la Universidad de Los Andes, Mérida-Venezuela. **Revista Geográfica Venezolana**, v. 47, n. 1, p. 119–136, 2006.

Palavras-chave:

Evidência: A Universidade pesquisada tem possibilidades de desenvolver o turismo científico em suas estações de pesquisa pela rica biodiversidade que requer estudos “geoturísticos”, resgatando essas estações, protegendo a natureza e se integrando as comunidades de entorno

LÚQUEZ, P.; LÓPEZ, L.; BLANCHARD, R.; SÁNCHEZ, M. La fotografía: una experiencia para el aprendizaje de la geografía turística y la promoción del turismo en el Zulia. Revista de Artes y Humanidades UNICA/Año, v. 7, n. 16, 2006.

Palavras-chave:

Evidência: aprendizagem de Geografia Turística. Contribuições da fotografia no processo de ensino.

MUÑOZ, M.; PÉREZ, L.; SANHUEZA, R.; URRUTIA, R; ROVIRA, A. Los paisajes del agua en la cuenca del río Baker: bases conceptuales para su valoración integral. **Revista de Geografía Norte Grande**, n. 36, p. 31–48, 2006.

Palavras-chave:

Evidência: Diagnóstico que permite criação de um método para valoração de paisagens da água que pode contribuir com a gestão. Entende a paisagem com quatro valores: espacial-estético, social, ambiental e territorial.

OROPEZA, M.; CAMARGO, C. A. Determinación de las potencialidades y restricciones en el aprovechamiento de los recursos turísticos en la Parroquia Diego de Lozada, Municipio Florencio Jiménez, Estado Lara, Venezuela. *Terra. Nueva Etapa*, v. 22, n. 31, 2006.

Palavras-chave: Estudo ambiental, restrição (ambiental), risco, recurso, turismo.

Evidência: Verificando a potencialidade turística observa-se que há restrições jurídicas e ameaças naturais (hidrogeomorfológicas) na área estudada, mas reforçando os serviços de recepção dos visitantes a atividade turística pode se desenvolver consolidando também, a qualidade de vida dos habitantes.

2007

ALMIRÓN, A.; TRONCOSO, C.; LOIS, C. Promoción turística y cartografía: La Argentina turística en los mapas de la Secretaría de Turismo de la Nación (1996-2004). *Investigaciones geográficas*, n. 62, p. 138–154, 2007.

Palavras-chave: Promoção turística, cartografia turística, atrativos turísticos, imagens, Argentina.

Evidência: A análise da cartografia turística refletiu que o país é dotado de múltiplos atrativos turísticos capazes de atender as expectativas de muitos tipos de turistas. Essa cartografia, além do uso útil para o consumo imediato, ajuda a construir um imaginário turístico sedimentado progressivamente por processos de interpretação e valorização nos destinos.

OTERO URIETA, A. La Importancia de la Visión de Territorio para La Construcción de Desarrollo Competitivo de los Destinos Turísticos. *Cuadernos de Turismo*, n. 19, pp. 91-104, 2007.

Palavras-chava: Globalização, competitividade, território e desenvolvimento local.

Evidência: O território adquire a função de "integrador versátil", é capaz de ligar culturas da sociedade local com as mudanças no contexto econômico global. As dimensões sociais, econômicas e territoriais são parte da competitividade destinos turísticos. O autor enfatiza a oportunidade integrativa do setores sociais menos favorecidos com turismo e que a universidade pode contribuir com esse processo.

2008

ANDRÉS, J. M; ENCABO, M. E. Concepto de Área Natural Turística como aporte teórico para la planificación sustentable del Turismo. *El Periplo Sustentable*, n. 13, p. 91–111, 2008.

Palavras-chave: Área Natural Turística, Conservação, Planejamento.

Evidência: Busca uma redefinição de ANT (área natural turística) que considere não somente os elementos e processos naturais que configuram atrativos, mas também os indivíduos e grupos sociais que vivem e usam essa área com suas problemáticas e atividades diversas.

ROJAS LEÓN, A. Sitio y situación de la zona marítimo terrestre del pacífico y caribe costarricense. *Reflexiones*, v. 87, n. 1, 2008, p. 163-176, 2008.

Palavras-chava: ambiente, legislação ambiental, legislação Zona Marítimo Terrestre, turismo, geografia, litoral, costas, Costa Rica.

Evidência: Tendo como base o estudo da zona marítima terrestre chega-se a conclusão de que o governo é incapaz de oferecer correta proteção ambiental. Há situação contraditória, pois a defesa dos recursos naturais compete com a rentabilidade econômica advinda da atividade turística.

2009

NAVARRO FLORIA, P.; VEJSBERG, L. El proyecto turístico barilocheño antes de Bustillo: entre la pre historia del Parque Nacional Nahuel Huapi y el desarrollo local. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 18, n. 4, p. 414–433, 2009.

Palavras-chave: “Suiza argentina”, desenvolvimento local, representações, turistificação.

Evidência: Análise histórica da formação territorial e turistificação de Bariloche. Estilo de arquitetura europeia, política turística elitista e um projeto de desenvolvimento local que se transformou em uma monoprodução

VARGAS ULATE, G. Turismo y espacios naturales protegidos en Costa Rica: enfrentamiento o concertación. **Revista de ciencias sociales**, n. 123, p. 49–78, 2009.

Palavras-chave: Costa Rica, turismo, conservação da natureza, recursos protegidos, impacto do turismo, turismo responsável, Geografia do Turismo.

Evidência: Os turistas no país se interessam principalmente pelas áreas de conservação. A atividade turística afeta as iniciativas de conservação in situ, e por outro lado gera benefícios econômicos para a população. O autor aponta que é preciso se chegar em um equilíbrio no país mais visitado da América Central.

2010

CRUZ BÁEZ, Á. D. El clima como recurso turístico de Vieques (Puerto Rico). **Cuadernos de Turismo**, n. 26, p. 91–110, 2010.

Palavras-chave: Vieques, turismo, clima, Puerto Rico.

Evidência: A Ilha pesquisada tem um grande potencial turístico proveniente de suas características climáticas (temperaturas altas e precipitações baixas) que é pouco aproveitado. Há diversidade ambiental até maior que de outras ilhas do Caribe, tranquilidade e boas praias.

SALINAS CHÁVEZ, E.; SULROCA DOMINGUEZ, F. Potencial turístico-recreativo de la agroindustria azucarera cubana. **Estudios y perspectivas en turismo**, v. 19, n. 1, p. 123–138, 2010.

Palavras-chave: agroindústria, cana de açúcar, patrimônio turístico, turismo industrial; desenvolvimento rural.

Evidência: Potencialidades turísticas-recreativas da agroindústria açucareira com propostas de aproveitamento

2011

BOURLON, F.; MAO, P. Las formas del Turismo Científico en Aysén, Chile. **Gestión turística** (Valdivia), n. 15, p. 74–98, 2011.

Palavras-chave: turismo científico, revisão literária, investigação, Patagonia, Aysén.

Evidência: Discussão teórica sobre turismo científico e sua importância para o local pesquisado. Os autores definem quatro tipos de turismo científico: o turismo de exploração e aventura com enfoque científico; o turismo cultural com enfoque científico; o eco-voluntariado científico e o turismo de pesquisa científica.

MENDIVELSO, J. C.; RIVAS, D. S. Institucionalización del turismo internacional en la zona cafetera del departamento de Quindío, Colombia (2000-2010): aspectos político-económicos, actores centrales y mercado laboral. **Cuadernos de Geografía-Revista Colombiana de Geografía**, v. 20, n. 1, p. 65-84, 2011

Palavras-chave: agentes de trabalho, mercado de trabalho, Quindío, turismo territorial, zona cafeeira.

Evidência: Visão crítica sobre a zona cafeeira emergindo para o turismo no país em área com população em condições de vulnerabilidade social.

SCHROEDER, R. V.; FORMIGA, N.. Oportunidades para el desarrollo local: el caso del Sudoeste Bonaerense (Argentina). **Cuadernos de Geografía**, v. 20, [s.d.]. 2011

Palavras-chave: desenvolvimento local, estratégia turístico-recreativa, iniciativas públicas e privadas, “nova ruralidade”, território rural.

Evidência: Discute a “nova ruralidade” num processo de mudança tecnológica e produtiva com a incorporação de estratégias turístico-recreativas. Verifica que há processo de transformação no território e os diferentes atores estão envolvidos para os desafios e oportunidades do turismo rural.

2012

MARÍN HERNÁNDEZ, J. J.; VIALES HURTADO, R. Turismo y ambiente en la “Perla” del Pacífico. Una relación de ansias y desencuentros. 1946-1980 Diálogos Revista Electrónica de Historia, 151-205, 2012

Palavras-chave: Turismo, ambiente, turismo de verão, turismo comercial.

Evidência: Analisa a importância do lugar para a atividade turística. As novas formas de turismo “cativam novos públicos, reinventam territórios, onde o lugar assume novos significados: pela singularidade, pela identidade, pela ligação afetiva e pelo modo como ele é vivido”. p.218 Se por um lado os lugares se mundializam, por outro se tornam únicos. Várias identidades espaciais (Yázigi)

MARUJO, M.; CRAVIDÃO, F. Turismo e Lugares: uma visão geográfica. PASOS—Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, v. 10, n. 3, p. 281–288, 2012.

Palavras-chave: Turismo; Lugar; Imagem; Promoção e Cultura.

Evidência: Estudo histórico que apresenta o desenvolvimento do turismo desde as origens, ao veraneio chegando no turismo comercial.

PINASSI, A. El Marketing Turístico del Patrimonio Cultural como Alternativa de Desarrollo del Centro Histórico de Bahía Blanca (Argentina). Diagnóstico de Situación. Revista Rosa dos Ventos, Caxias do Sul (RS), v. 4, n. 1, p. 59-76, 2012.

Palavras-chave: marketing turístico, patrimônio cultural, diagnóstico de situação, centro histórico de Bahía Blanca- Argentina

Evidência: Diagnóstico de subsídio a um Plano de Marketing para dotar o destino de maior dinamismo e consolidação para residentes e visitantes.

2013

CRAVIDÃO, F.; MARUJO, N. La Geografía En Las Carreras Superiores De Turismo En Portugal. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 22, p. 357–368, 2013.

Palavras-chave: turismo, geografia do turismo, educação em turismo.

Evidência: A Geografia aportou novos recursos e tem fundamental importância na formação superior em Turismo.

GONZÁLEZ PIZARRO, J. A. Geografía del desierto y turismo de la naturaleza. La revista En Viaje y la mirada sobre el paisaje nortino. **Revista de Geografía Norte Grande**, v. 54, p. 219–239, 2013.

Palavras-chave: norte de Chile, Geografia, Patrimônio.

Evidência: Apresenta desde a negação do deserto até sua apropriação pelo turismo.